

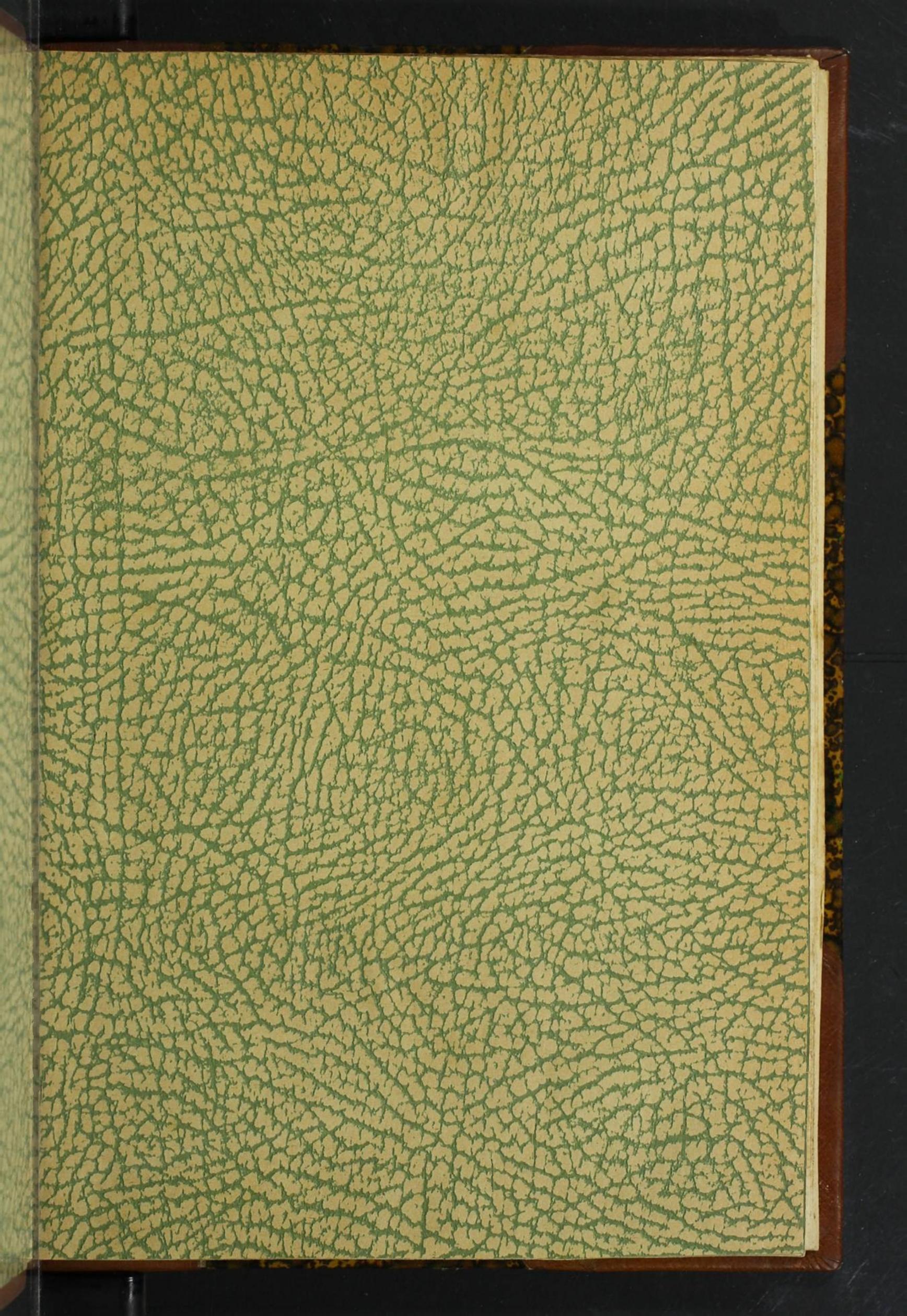


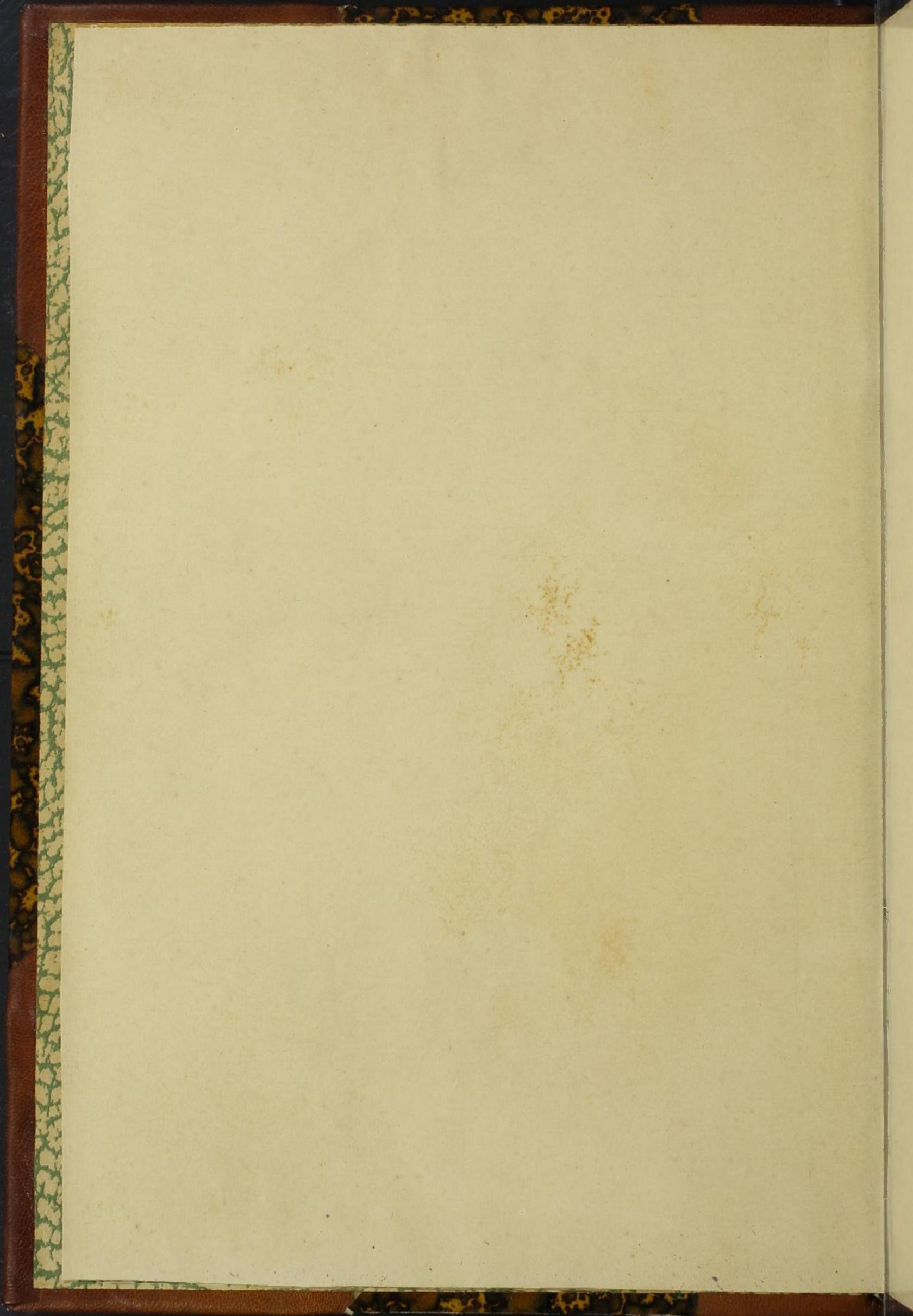
le ne fay rien
sans

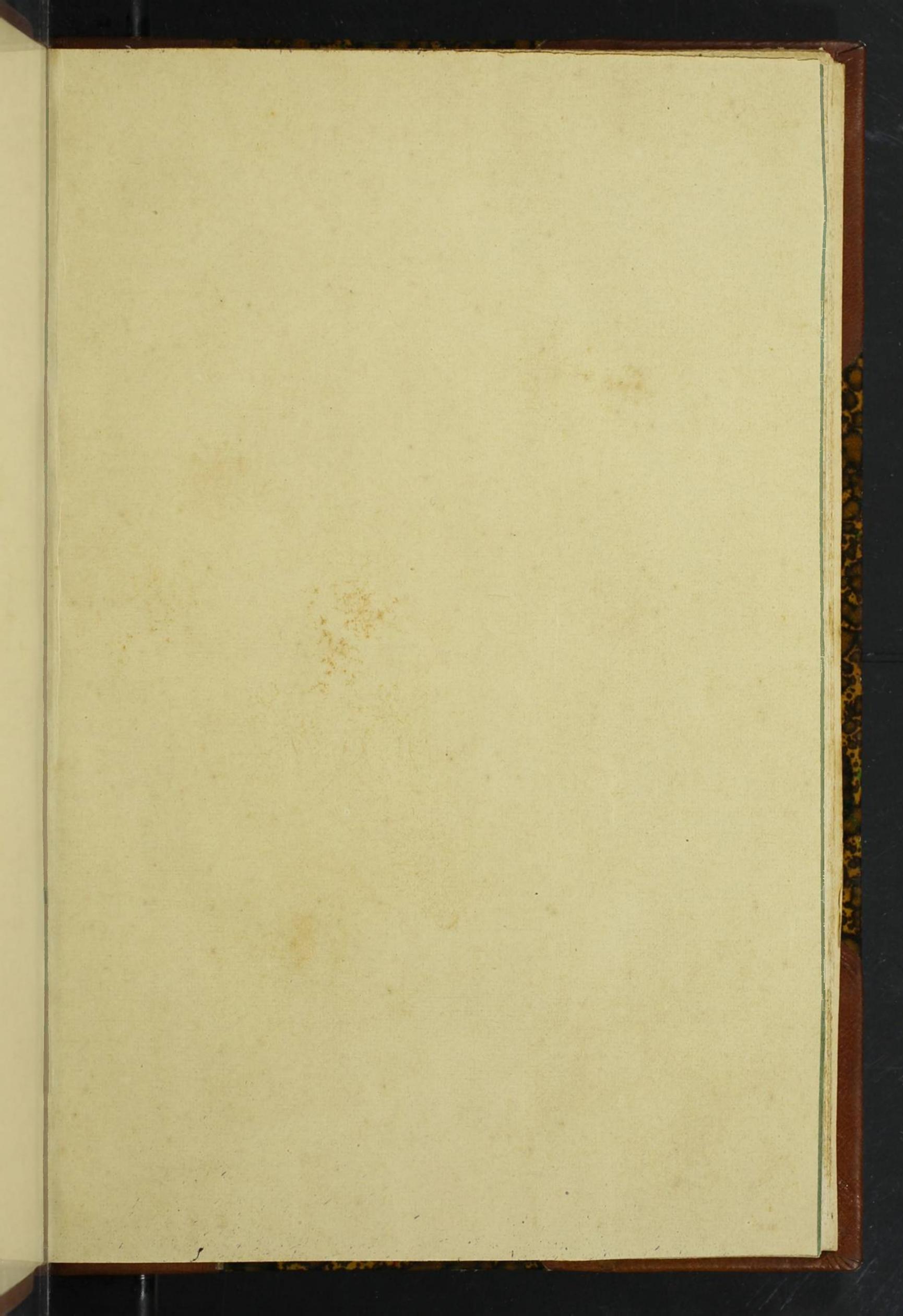
Gayeté

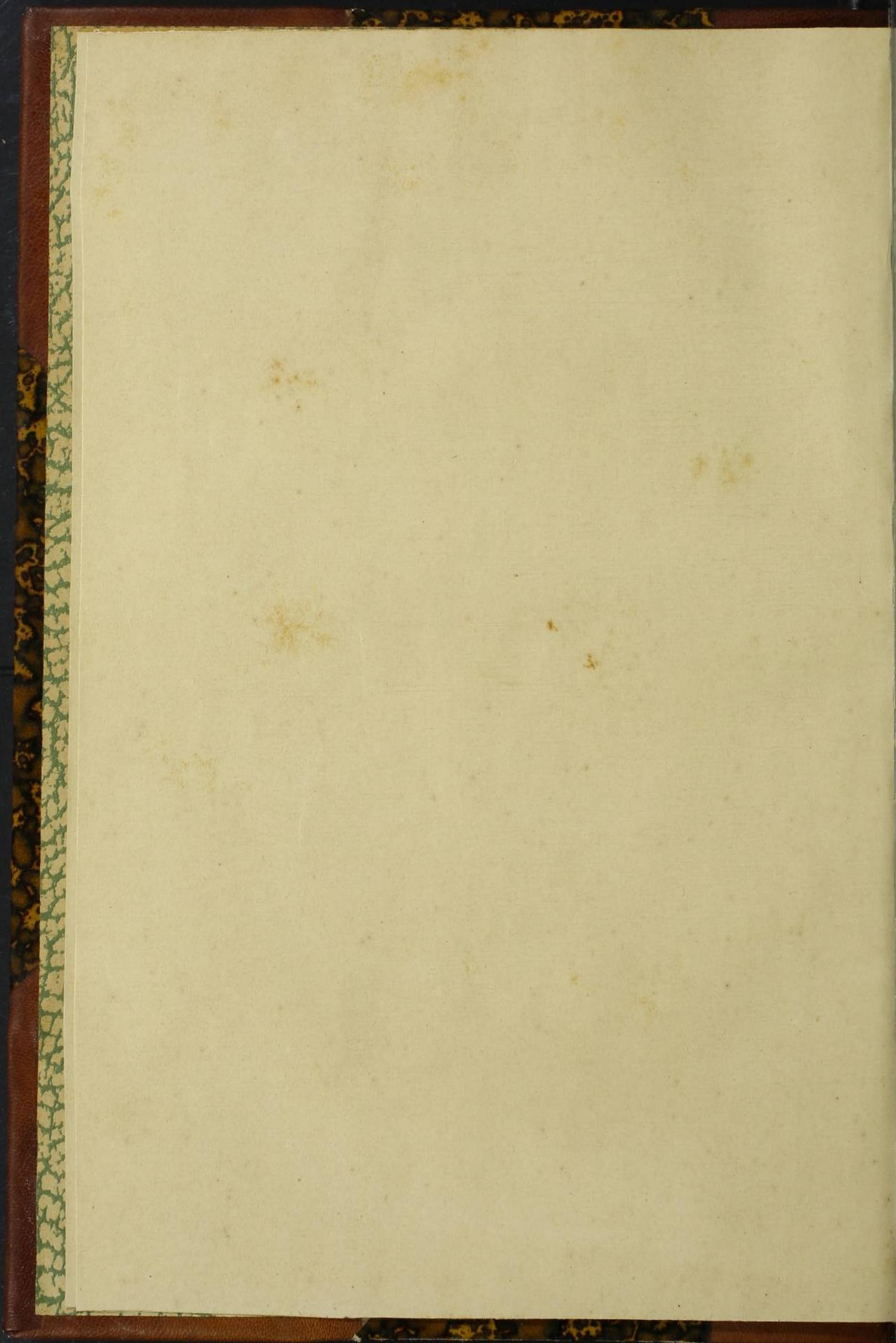
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin









COMISSÃO DO MADEIRA.

PARÁ E AMAZONAS.

PELO

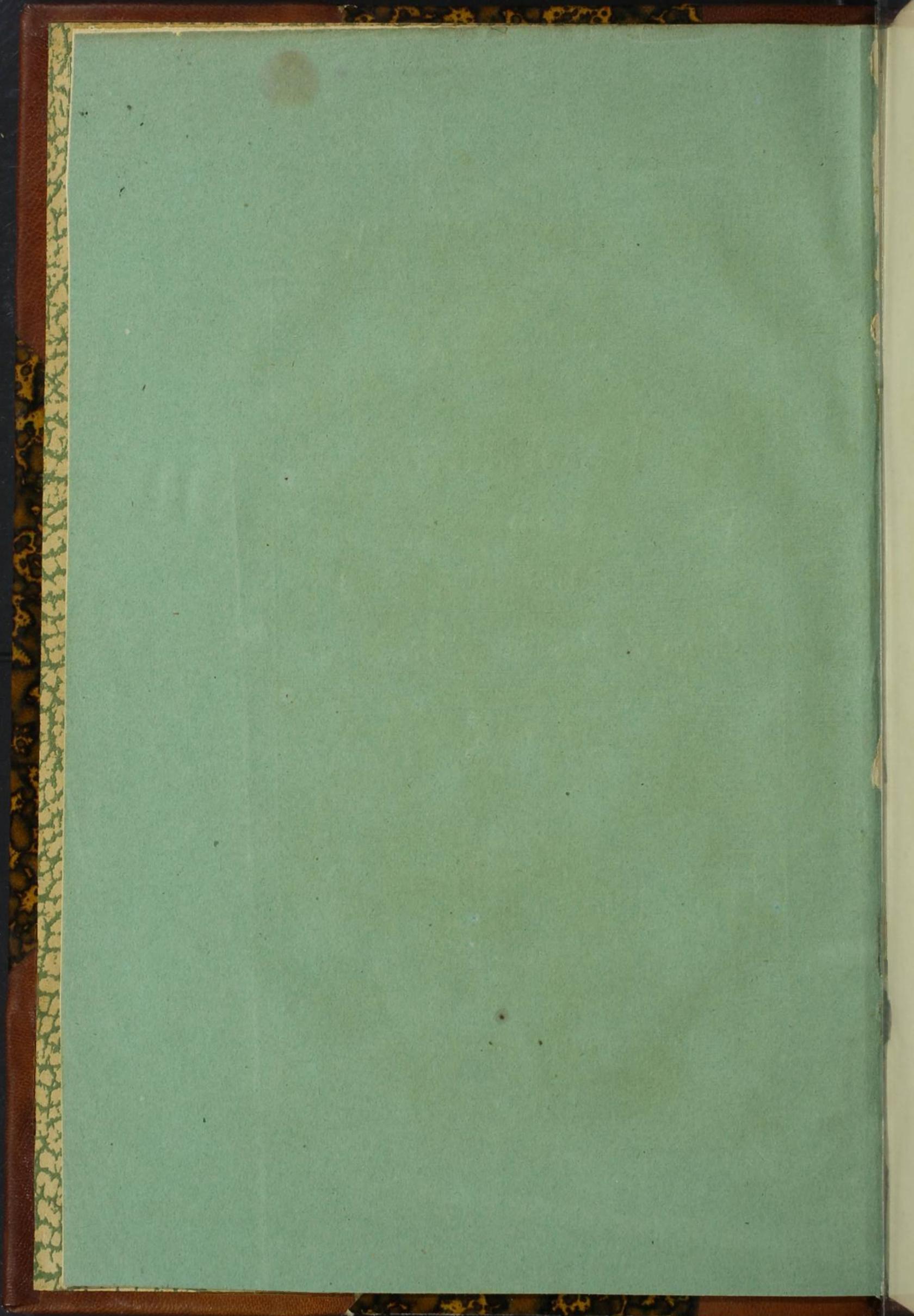
ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conego Francisco Bernardino de Souza.

1.^a PARTE.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1874.



COMMISSÃO DO MADEIRA.

269

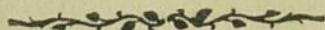
PARÁ E AMAZONAS

PELO

ENCARREGADO DOS TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Conego Francisco Bernardino de Souza.

1.^a PARTE.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

—
1874.

COMMISSION OF THE GENERAL LAND OFFICE

THE LANDS OF THE CROWN

IN THE COUNTY OF ...

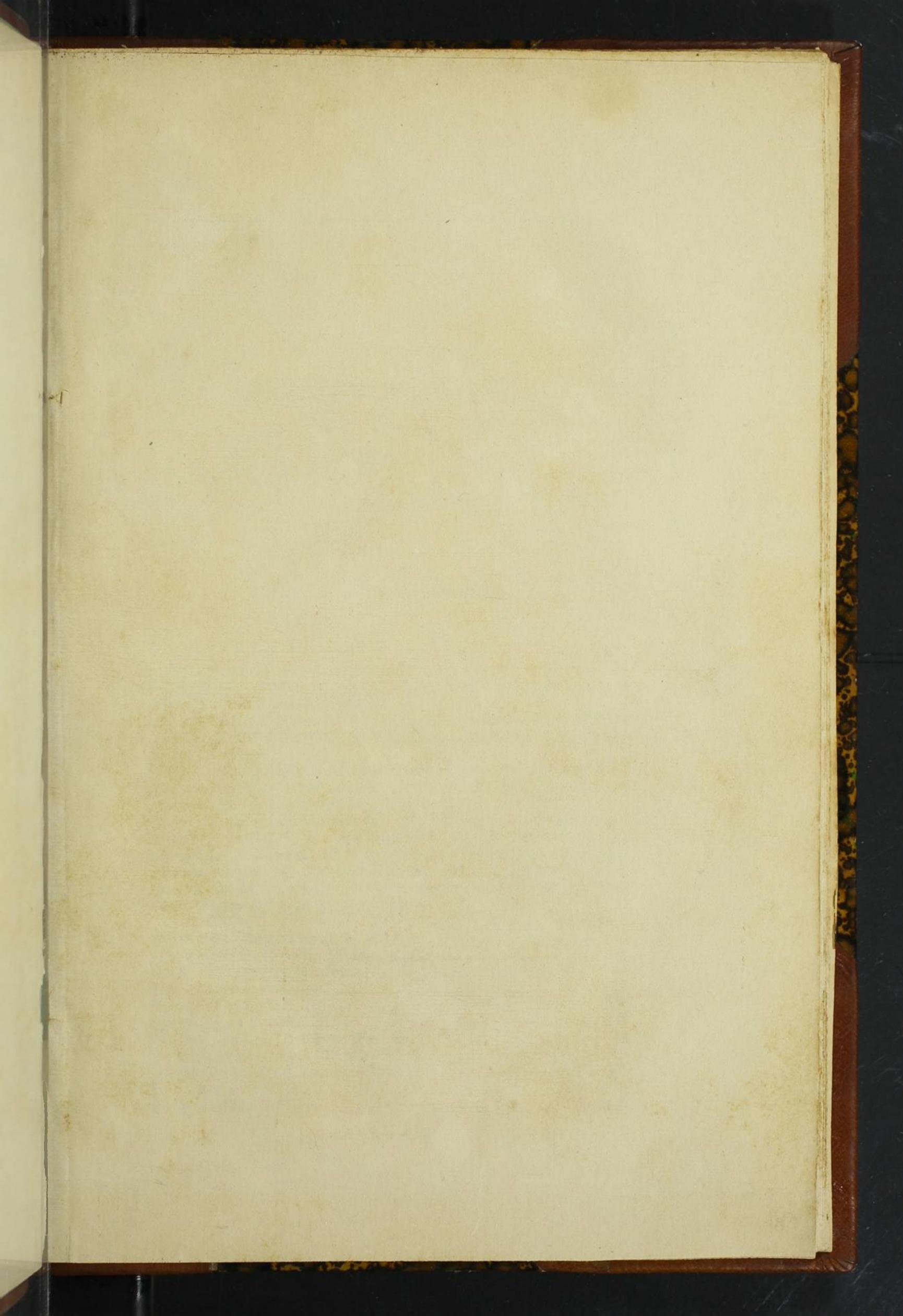
... ..

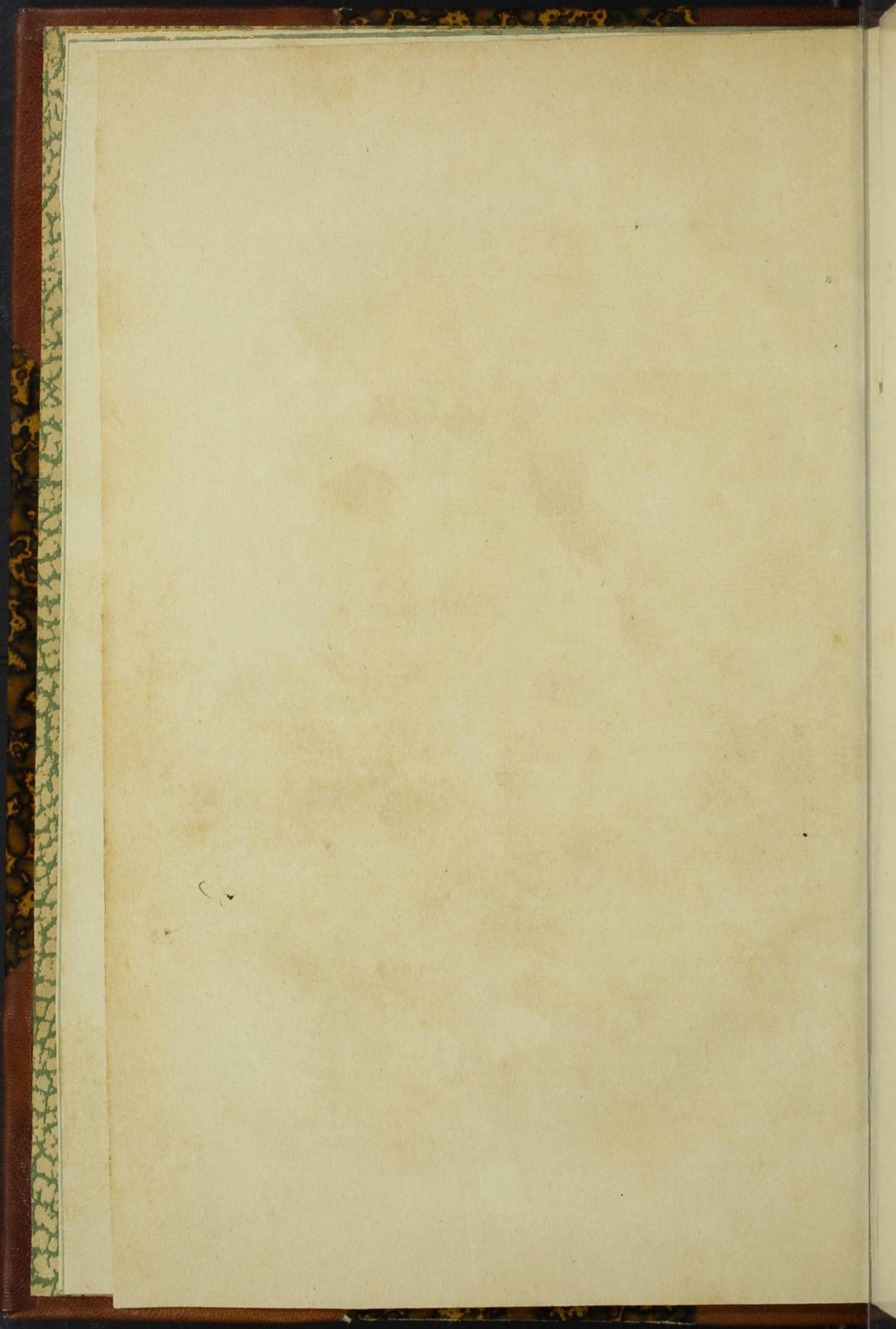
...

...

...

...





COMISSÃO DO MADEIRA.

Pará e Amazonas.

A viagem do Rio de Janeiro ao Pará poucos incidentes offereceu-nos e nem vale a pena descrever minuciosamente o que por quasi todos é sabido.

Como porém pôde ser de alguma utilidade, aqui dou as distancias dos differentes pontos existentes entre o Rio de Janeiro e o Pará.

Me parecem mais bem calculadas estas que apresento do que as que dá o illustrado Sr. Dr. Tavares Bastos na sua tão importante obra *O valle do Amazonas*.

Foram-me ellas ministradas pelo Sr. capitão-tenente Pedro Hyppolito Duarte, commandante do vapor *Pará*, e confirmadas por pessoas muito competentes. Incontestavelmente a distancia que vai do Ceará ao Maranhão é maior do que a que vai do Maranhão ao Pará, mas no calculo do Sr. Dr. Tavares Bastos acha-se o contrario.

	milhas.
Do Rio de Janeiro ao Cabo Frio.....	65
Do Cabo Frio ao de S. Thomé.....	92
De S. Thomé aos Abrolhos.....	276
Dos Abrolhos á Bahia.....	300
Da Bahia a Macció.....	270
De Maccio a Pernambuco.....	120
De Pernambuco á Parahyba.....	70
Da Parahyba ao Rio Grande do Norte.....	78
Do Rio Grande do Norte ao Ceará.....	260
Do Ceará ao Maranhão.....	395
Do Maranhão ao Pará.....	350

Eram quasi 10 horas da manhã do dia 5 de Fevereiro proximo passado quando chegámos á Bahia: ahi demorei-me, seguindo no mesmo vapor os companheiros, que comigo haviam deixado o Rio.

Na tarde de 5 de Março, tomei passagem a bordo do vapor *Pará* e na manhã do dia 7 cheguei a Maceió.

Agradou-me a cidade. A' amabilidade do Exm. Sr. Dr. Mendonça devo o ter visitado a cidade e os seus principaes estabelecimentos.

Saltámos em uma excellente e muito extensa ponte acabada ha talvez dous annos. Atravessámos a parte commercial da cidade, tomámos o vagão da estrada de ferro e dirigimo-nos para a outra parte da cidade. Visitei a matriz, grande templo, sem nenhuma architectura, mas muito bem situado sobre uma pequena eminencia e em frente a uma bella praça.

Igualmente visitei o edificio em que funcionam a assembléa provincial, a bibliotheca e a alfandega.

A's 4 horas da tarde seguimos para Pernambuco (1), onde chegámos na manhã seguinte.

Nenhum panorama podia ser mais lindo do que o que se nos apresentava. O sol erguia-se do lado do oriente, dissipando pouco e pouco o nevoeiro que pairava sobre a cidade, que parecia ir surgindo das aguas.

Passámos o *lameirão*, recebemos o pratico a bordo, entramos no estreito canal que fica entre o recife e a cidade e ancorámos no porto.

O Recife (2), capital da provincia de Pernambuco, é uma grande e bella cidade: cortada pelos rios Biberibe e Capibaribe, é a Veneza do Brazil.

Enchem-lhe o porto grande numero de navios de diversas procedencias e é grande o movimento commercial que alli se nota.

E' defendida pelos fortes das *Cinco Pontas*, *Buraco* e *Brum*, monumentos de força material, diz o Sr. senador Pompeu, porém mais ainda de gloria nacional e poesia historica: alli houveram combates dignos dos tempos heroicos; alli se inscreveram com a espada, sob o impulso da coragem, as sublimes paginas de uma gloria immortal.

Cortam-lhe as ruas, em geral largas, differentes linhas de bonds, que communicam os diversos bairros.

(1) *Pernambuco* parece que se fórma de duas palavras da lingua geral-*paraná* (rio) e *poka* (quebrar). Agua quebrando ou arrebetando na pedra ou quebra-mar.

A gente do povo ainda diz Parnambuco, que tem muita semelhança com *Paranam-buco*.

(2) A cidade do Recife está situada a 8°, 3' e 58" de latitude.

Largas e bellas pontes, sobresahindo entre ellas a magnifica ponte do Recife, communicam diferentes pontos e sitios.

Lindos são os arrabaldes, onde se ostentam bellas chacaras e palacetes.

Entre os bairros não posso deixar de fazer menção especial do da Magdalena, onde em um ponto denominado Passagem de Magdalena, ostenta-se deslumbrante e arrebatador panorama. O bairro de Santo Antonio é a antiga cidade *Mauricea*. Nelle acham-se o palacio do governo, situado em frente de uma bella e bem arborizada praça, o arsenal de guerra, o theatro, a casa de correcção, que passa por ser a melhor de todo o Brazil, a assembléa provincial, a camara municipal e muitos outros edificios.

E' incontestavelmente o Recife a princeza do norte do Brazil e quanto á belleza dos arrabaldes e sitios pittorescos, é apenas inferior ao Rio de Janeiro.

O palacio do governo, o paço episcopal, o gymnasio, a camara municipal, os conventos de S. Francisco e do Carmo, são edificios bem notaveis e sel-o-ha tambem o novo theatro, que se levanta.

A população da cidade é calculada em 100.000 almas.

Visitei igualmente a cidade de Olinda, a *Marim* dos Cahetés, antiga capital de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho e destruida e incendiada em 1631 pelos hollandezes.

E' notavel ainda não só pelas recordações historicas, que desperta, como pelos velhos monumentos que encerra, sobresahindo entre elles a cathedral, os conventos de S. Bento e do Carmo e a santa casa da misericordia.

Começava a poetica cidade a cair em prostração, mas parece que lhe vai actualmente dando vida e incremento a linha ferrea que a prende á nova capital.

Não terminarei estas linhas sem agradecer muito de coração aos distinctos cavalheiros os Srs. Dr. Augusto de Oliveira e Luiz Antonio de Siqueira os obsequios e atenções que tão benevolamente me dispensaram.

No dia 9 de Março ás 6 horas da tarde, deixámos Pernambuco e ás 5 horas da manhã do dia seguinte chegámos á entrada da barra do Parahyba.

Havia chovido bastante, a cerração era forte e o mar estava muito encapellado, de modo que sómente depois das 6 horas foi que conseguiu o pratico chegar ao vapor. A's 9 horas pouco mais ou menos fundeámos defronte da pequena povoação do Cabedello, que dista tres leguas da capital da Parahyba. Tivemos de ahí ficar fundeados até depois do meio dia, visto não haver agua sufficiente na barra, por estar vasia a maré.

A população da villa do Cabedello é calculada segundo o ultimo recenseamento em 1.000 a 1.200 almas. Fica á margem do rio, em uma linda praia, bordada por um extenso

coqueiral e muitas mungubeiras (3), tamarineiros e outras arvores. As casas são pequenas, sendo cobertas de palha a maior parte dellas.

O forte do Cabedello, tão notavel na guerra dos hollandezes, está cahindo em ruinas.

Perto do Cabedello e mais na entrada do rio, ficava o celebre forte de Santo Antonio, de gloriosas recordações. Ahi sustentaram os nossos um terrivel combate, ahi foram vencidos e recuaram os hollandezes.

Eis como referem os historiadores esse brilhante feito de gloria nacional:

« Em 1634, uma frota composta de 20 navios, conduzindo 1.500 soldados, sem contar as guarnições, sahe do Recife, sob as ordens do almirante hollandez Lichthardt, com destino á Parahyba, a fim de conquistal-a. Commandava as forças de desembarque o coronel Segismundo Schkoppe, e como adjuntos aos dous chefes iam o director-delegado John Gysselingh e o conselheiro politico Servatius Carpentier.

« Teve o general portuguez sciencia desta expedição com antecedencia e avisou logo ao governador da Parahyba, ordenando a Lourenço Cavalcanti, que tinha a seu cargo os moradores de Goyanna, para que com a gente que pudesse fosse em socorro da Parahyba.

« Apenas o governador desta capitania recebeu este aviso, começou a prevenir-se. Fez uma fortificação na ilha que o proprio rio Parahyba fórma e a que chamavam *Os Frades Bentos*, e em uma restinga que ella estende em frente da barra, a meia legua e quasi no meio do rio e dos fortes do Cabedello e Santo Antonio. Nesta paragem, muito apropriada para a melhor defesa de tudo, começou o governador a levantar uma bateria de sete peças, encarregando-a ao capitão Pedro Ferreira de Barros. Na parte do forte de Santo Antonio, que já tinha artilharia em dous baluartes, fez uma trincheira com a competente estrada, forro e travezes, em um passo estreito, que de um lado tinha um pantano impenetravel, e do outro o mar que tomava o caminho por onde o inimigo precisamente havia de passar, se desembarcasse daquella banda.

« Achava-se ainda alli o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que tendo sido solto pelos inimigos, de quem fôra prisioneiro, preparava-se para ir á Hespanha, porém abandonou o intento e offereceu-se para servir, sendo-lhe dado o commando do forte de Santo Antonio, tendo entre outros auxiliares o indio capitão Simeão Soares.

(3) A *mungubeira* é uma grande e copada arvore, muito commum em todo o norte do Brazil. O fructo dá uma especie de algodão, que serve para colchões e travesseiros. Da casca interior do tronco, que é muito fibrosa, fabricam cordas de que commummente se servem nas canoas. A madeira é semelhante á cortiça e muito quebradiça.

« No forte do Cabedello, que é da outra banda e mais perto da barra, metteu-se todo o resto da gente que havia. Disposto tudo assim, esperou-se o inimigo.

« A's 9 horas da manhã de 26 de Fevereiro de 1634 surge na altura do Cabo Branco a esquadra hollandeza que ia á conquista da Parahyba. Estava repartida em duas divisões : uma deu fundo em frente á barra e a outra foi ancorar uma legua mais ao norte, na enseada do Lucena, da banda onde ficava o forte de Santo Antonio.

« Quando veiu a noite desembarcaram as tropas, que para logo se puzeram em marcha para o forte, não suppondo achar em camiuho a estacada que se havia feito e defendia o passo. Ainda que ficassem sorpresos ao enconral-a, não deixaram por isto de investil-a com resolução, chegando alguns a pôr-lhe a mão para saltal-a. Foram repellidos e obrigados a retroceder, mas tornaram a voltar armados de machados e marracos para derrubar as vigas, porém nada conseguiram, já achando agora mais reforçada a guarnição do ponto, e tornaram outra vez a retroceder com perda de gente, pelo que tratou de fortificar-se.

« Durante a madrugada investiram os hollandezes de novo, pela terceira vez, a estacada, na esperança de achar os nossos desapercibidos e dormindo, mas tornaram a ser repellidos.

« Durante a noite haviam elles levantado uma trincheira a tiro de espingarda da nossa, tendo nella cestões, que parecia esperar artilharia, porém como a tinham de conduzir dos navios que estavam longe, trouxeram os nossos mais depressa uma peça do forte Santo Antonio com a qual entraram a bombardear-lhe o acampamento, fazendo-lhes grande damno.

« Ao mesmo tempo que fazia-se isto, mandava o governador Antonio de Albuquerque que 300 homens, dos quaes 200 eram indios, fossem postar-se na retaguarda daquelle quartel, onde a mata era mais apropriada, para impedir ao inimigo a comunicação com os seus navios.

« Ao amanhecer viram os nossos que o inimigo se havia retirado durante a noite, havendo na sua trincheira apenas 25 soldados e um sargento, e tambem estes não se demoraram em embarcar para uma lancha, que os esperava.»

« A's 3 horas da tarde deixámos a Parahyba, ás 6 $\frac{1}{2}$ passámos pela bahia da Traição e á 1 hora da manhã do dia 11 de Março fundeámos em frente da cidade do Natal, capital da provincia do Rio Grande do Norte, banhada pelo rio Potengi e defendida pelo forte dos Reis Magos (4), que se acha collocado na extremidade de uma península e no qual tambem está o pharol.

(4) O forte dos Reis Magos, muito notavel na guerra dos hollandezes, está edificado sobre os recifes, que o mar cobre em maré cheia e junto á barra, tendo perto a praia, onde ha sempre comoros de areia, que o vento ajunta. Foi tomado em 1633 pelos hollandezes, que lhe deram o nome de *Cculeu*, em honra do commandante da expedição.

Não me foi possível saltar. O mar estava agitadissimo e chovia torrencialmente. Limitei-me a olhar de longe para as collinas de alvissima areia, que margeam o rio.

A's 8 1/2 horas da manhã levantámos o ferro e no dia seguinte, ao meio dia, descortinámos a bella cidade da Fortaleza, capital da provincia do Ceará, e situada a quasi 6 milhas da barra do Rio Ceará.

O mar estava agitado e ondas de espuma e de areia iam despedaçar-se violentas na praia.

O porto do Ceará é de difficilimo accesso, pela falta que ha alli de um quebra-mar que neutralise ou modifique a violencia das ondas. E' uma obra indispensavel, uma condição essencial para o desenvolvimento e progresso daquella importante localidade. Quaesquer que sejam as despezas, serão por certo compensadas pelos resultados que dahi proviriam.

A natureza como que alli está ensinando aos homens o que convém fazer para o melhoramento daquelle porto; incumbiu-se ella mesma de assentar, por assim dizer, os alicerces daquella grande obra, pois não seria mister mais do que levantar a linha de recifes, que se estende pelo porto, começando nos Abrolhos e continuando por uma grande extensão da costa do Brazil.

A obra ha de fazer-se um dia, a questão é só de tempo, mas conviria que fosse feita desde já, em beneficio do commercio e do desenvolvimento daquella cidade, que instantemente a reclamam.

As jangadas são alli o meio mais vulgar, mais commodo e direi tambem mais seguro de transporte. Entretanto, não é absolutamente sem perigo que nellas se embarcam os passageiros. Muitas vezes, ao aproximarem-se da praia, quando o mar se acha agitado, levantam-se vagas immensas e varrem do convés da jangada passageiros e mercadorias. Recordo-me que, ha uns 15 annos pouco mais ou menos, foi uma cantora italiana victima de um immenso vagalhão, que cobrindo a jangada em que ella ia, fel-a desapparecer por entre as ondas.

Aproveitando-me do offerecimento que me fez o digno commissario do vapor *Pará*, saltei com elle na jangada que conduzia as malas do correio.

Já estava muito proximo á praia e contava poder chegar em terra sem novidade. Nesse momento corria para nós uma vaga enorme que, por uma rapida e habil evolução do jangadeiro, passou sem offender-nos, levantando a jangada a uma grande altura, mas logo em seguida surgiu uma outra maior, mais violenta que, galgando por sobre a pobre jangada, passou por nós, deixando-nos completamente molhados.

A cidade da Fortaleza, creada villa em 1726 e elevada a cidade em 1823, é talvez a mais regular e a mais bem edificada de todas as cidades do Brazil. Situada em uma planicie quasi igual, tem ruas largas, perfeitamente alinhadas e regularmente calçadas. Não ha alli um becco, uma travessa. São ruas extensas, que se cortam, que se cruzam longitudi-

nal e transversalmente e vão terminar em praças arborizadas. As casas são em geral baixas. Tem alguns edificios notaveis, como o palacio da assemblea provincial, o quartel de linha, a cathedral, o hospital da misericordia, dirigido por irmãs de caridade e diversos outros edificios. O club cearense é um bello edificio, levantado a esforços do Sr. coronel Victoriano Augusto Borges, actualmente guarda-mór da alfandega.

A população da cidade da Fortaleza pôde ser calculada em 20.000 almas.

Chovendo toda a tarde, não me foi possível examinar mais minuciosamente os diferentes pontos da cidade.

Às 8 horas da noite e apesar da chuva torrencial, que cahia, e da agitação do mar, entrei de novo para uma jangada e a custo consegui voltar para o vapor *Pará*.

Duas horas depois deixámos o porto e seguimos para o Maranhão, onde chegámos no dia seguinte ás 8 horas da noite.

Não podendo ser aquella hora visitado o vapor, dormimos todos a bordo.

Na manhã do dia seguinte dirigi-me para a cidade em companhia do Sr. guarda-mór, que teve a amabilidade de offerecer-me o seu escaler.

A cidade de S. Luiz do Maranhão, situada na confluencia dos dous rios Bacanga e Anil, e defendida por tres fortes que dominam a sua magnifica bahia, é grande, tem boas casas e alguns edificios publicos que chamam a attenção, notando-se entre elles o palacio do governo, o theatro e a camara municipal. As ruas são bastante largas e extensas, e nellas se ostentam diversos palacetes de notavel architectura.

Parece haver alli certo movimento commercial; entretanto as suas rendas vão pouco a pouco escasseando.

Em tempo escreverei algumas paginas ácerca do movimento litterario dessa cidade, não me sendo possível fazel-o agora, por me não haverem chegado ainda ás mãos certos dados e apontamentos que espero.

A população da cidade de S. Luiz do Maranhão é calculada em 30.000 ou 32.000 almas.

Às 4 horas da tarde deixámos o porto do Maranhão e demandámos a importantissima provincia do Pará.

Havíamos recebido a bordo dous doentes de *beriberi*, molestia terrivel, quasi desconhecida, e cujo unico remedio ou o mais efficaç é mudar immediatamente de terra e emprehender uma longa viagem por mar.

Eram um homem e uma senhora, e em ambos a molestia já havia feito estragos terriveis. Vel-os, era ver dous cadaveres. O commandante do *Pará* hesitou um momento; mas, emfim, era essa a unica probabilidade, a ultima esperanza de salvação, segundo havia declarado e attestado o medico assistente. O coração, pois, triumphou.

O homem achava-se realmente meribundo. Eram 5 horas da tarde quando deixámos o porto do Maranhão, e seriam 7 horas quando, subindo o commissario ao tombadilho do

vapor, onde conversava eu com o commandante, dirigiu-se a este, e com elle trocou rapidamente algumas palavras. Desceram ambos apressadamente, e poucos minutos depois me foram chamar da parte do commandante.

— Estará morrendo o homem, disse-me o immediato.

Desci promptamente, e dirigi-me ao beliche do passageiro; mas quando lá cheguei encontrei apenas um cadaver.

No dia seguinte, depois de preenchidas todas as formalidades da lei, foi lançado ao mar o cadaver do infeliz.

Era a primeira vez que eu presenciava semelhante scena. O corpo, removido para um dos camarins do navio, havia sido amortalhado, prendendo-se-lhe aos pés uma pesada barra de ferro. Os officiaes e a marinhagem estavam a postos; sobre o cadaver desceram as benções da Igreja; lugubre silencio reinava em torno de nós, porque até o ruido da machina havia cessado. O vapor estava parado. Então, em voz grave e triste, pediu o commandante aos vivos que alli se achavam que orassem por aquelle irmão e companheiro que se finára.

Depois, a um aceno seu, ergueu-se a prancha, e as aguas se abriram para receberem o cadaver.

E silenciosos e tristes nos retirámos; o vapor continuou em sua marcha por alguns minutos interrompida; mas foi profunda a impressão que no meu espirito causou aquella scena a que pela primeira vez tinha assistido.

A pobre senhora, que abí vinha acommettida do mesmo mal, conseguiu chegar ao Pará, fallecendo porém quatro ou cinco dias depois.

Na noite desse dia e ao approximarmos-nos do Pará, fui testemunha de um espectáculo curiosissimo e para mim completamente novo. Era o phenomeno da *ardentia*.

O mar, em uma grande extensão, estava coberto de luz phosphorescente de um effeito deslumbrante.

Era um immenso rastilho de luz, que corria, que se agitava, que se abria, tomando fórmias phantasticas e de um effeito magnifico. As rodas do vapor, agitando e revolvendo as ondas, produziam verdadeiros feixos de luz de uma belleza admiravel.

O commandante e o pratico mostravam-se contrariados, porque lhes não deixava a *ardentia* ver a luz do pharol que lhes devia indicar o caminho. Pouco depois das 9 horas, nuvens espessas cobriram o céu, o vento soprava forte, a *ardentia* foi-se pouco a pouco dissipando, a chuva cahia com violencia e eu fui obrigado a recolher-me ao meu beliche, certo de que na madrugada do dia seguinte estaríamos em frente da cidade de Belém.

Não aconteceu, porém, assim; a noite tornou-se em extremo escura e chuvosa; o pratico pôde apenas por um momento distinguir a barca-pharol, perdendo-a logo depois de vista. Sendo difficil a entrada da barra, em consequencia de alguns recifes que alli existem, resolveu aproar para o mar e esperar que viesse o dia dissipar a escuridão espessa que lhe difficultava o caminho. A's 8 horas da manhã passámos pela

barca-pharol e pouco depois das 9 horas cortava o vapor as aguas barrentas do rio Guajará (5), que perfeita e distinctamente se destacam das do mar.

A's 11 horas passámos em frente á pequena povoação e freguezia do Mosqueiro. Abi comecei a admirar a vegetação opulenta e poderosa dessas terras admiraveis, nas immensas mattas, formadas por arvores gigautescas que margeam o rio. Ao meio dia começámos a distinguir as altas torres da cathedral de Belém. O calor era então insupportavel; parecia que nos achavamos esmagados sob a pressão de uma atmosphera de fogo; mas logo depois uma enorme pancada de chuva torrencial modificou um pouco aquella temperatura abrazadora. A's 2 horas da tarde lançavamos o ferro diante da capital do Grão-Pará.

.....
A cidade de Belém, capital da provincia do Grão-Pará, banhada pelo rio Guajará, affluente do Tocantins e situada a 28' de latitude meridional, é uma cidade importante e de prospero e grandioso futuro. A sua actual população é calculada, segundo os melhores dados estatisticos, em 32.000 almas.

Em 1749 era calculada a população de Belém em 6.500 habitantes: em 1788 cresceu a 10.600; em 1801 era de 13.200 e em 1820 era apenas calculada em 12.400.

Reflectindo ácerca desse crescimento tão lento e da diminuição havida no quinquenio de 1825 a 1830, exprime-se Baena do seguinte modo: «... mas considerando que dentro do mesmo periodo a cidade ha sido o theatro de graves perturbações da ordem e segurança publica e de quatro andaços de bexigas e sarampo, que atearam a peste nos habitantes, semelhante á que grassou desde o anno de 1743 até o de 1749 por toda a provincia, com tanto estrago da humanidade, que tirou da população a terça parte, o sobredito duplo autoriza o juizo conjectural de que se não tivera existido a funesta influencia daquellas causas para retardar o progresso da população, a capital da provincia contaria no anno de 1825 uma força numerica de moradores muito maior, e hoje não seria notavel a differença de 182 fogos e de 780 pessoas, que se deduz da confrontação da Taboa de 1825 com a de 1830.»

De um jornal que em 1869 publicava-se em Belém, consta qual era a população approximada da capital em Dezembro de 1868.

Transcrevo aqui as proprias palavras do jornal, que não fez um simples calculo seu, mas baseou-se em dados officiaes dignos de credito:

(5) O *Guajará* é affluente do Tocantins. Banha a cidade de Belém e tem por affluentes os rios *Mojú*, *Acará* e *Guamá*.

« *População da capital.* — Segundo se lê em um dos documentos, que acompanham o ultimo relatório do thesouro provincial, possuímos hoje uma estatística pessoal da nossa capital, organizada no anno proximo passado pelo collecter da decima urbana, em execução dos §§ 1.º e 2.º, art. 1.º da lei n.º 550 de 1867.

Desse documento consta que a população da capital e de todo o perimetro da sua legua patrimonial, é de 21.916 pessoas.

Eis-aqui como ella se acha classificada :

Nacionalidades :

Brazileiros.....	18.912
Estrangeiros.....	3.174

(Dos estrangeiros : 2 538 são portuguezes.)

Condições :

Livres....	18.120
Escravos.....	3.796

O collectar com os fundamentos e factos que aponta, entende que o numero de 21.916 habitantes, é inferior ao real, não excedendo, porém, este de 30.000. Estamos nisto de inteiro accôrdo com as justas observações do collecter. »

Em 1864, segundo os dados estatísticos colhidos pelo Sr. conselheiro Brusque, e confirmados no relatório desse anno apresentado á assembléa provincial pelo intelligente e incansavel Dr. Couto de Magalhães, tinha a provincia do Pará 300.000 habitantes. O Sr. senador Pompeu calcula-a em 320.000.

Creio que muito pouco ou quasi nada terá augmentado, visto como diferentes causas, que ainda terei occasião de desenvolver, lhe têm impedido o crescimento nestes ultimos annos.

O Grão-Pará, que até o anno de 1851, formava com a comarca do Rio Negro, hoje provincia do Amazonas, uma só provincia, compõe-se hoje de 11 comarcas, que são as seguintes : comarca da capital, de Bragança, de Marajó, de Macapá, de Cametá, de Breves, de Gurupá, de Santarém, de Obidos, da Vigia e da Cachoeira.

Fôrma ainda com a provincia do Amazonas um só bispado, dividido em tres vigararias geraes, sendo duas na provincia do Pará, e abrangendo a terceira toda a provincia do Amazonas.

Contém a primeira vigararia geral, cuja séde é em Belém,

48 freguezias (6), tendo apenas 20 (7) a segunda, denominada do Baixo Amazonas, e cuja séde é em Santarém.

Desde a sua criação, foi a então capitania e hoje provincia do Pará, governada por seis capitães-móres, sendo o primeiro o seu illustre fundador Francisco Caldeira Castello Branco. (8)

E o ultimo, Bento Maciel Parente, que tão triste nome deixou á posteridade por numerosos actos de crueldade e mais ainda pela covardia com que entregou aos inimigos a fortaleza e a ilha de S. Luiz do Maranhão.

Eis em resumo a historia dessa lamentavel rendição :

« A 22 de Novembro de 1641 chegava á bahia de Araçagy, quatro leguas a leste da cidade de S. Luiz do Maranhão, a expedição hollandeza, que ia á conquista da capitania do Maranhão. Compunha-se a expedição de 14 navios, sob o commando do almirante Lichtardt, estando as tropas de desembarque sob as ordens do coronel Koin.

« Teve o governador Bento Maciel Parente noticia immediata da chegada da expedição por diversos indies alli moradores, e ordenou logo que fosse reconhecê-la n'uma lancha o capitão Francisco Coelho de Carvalho, que desempenhou satis-

(6) As freguezias que formam a primeira vigararia geral, são : Sé e Sant'Anna (na capital), Abaeté, Acará, Beja, Bemfica, Breves, Bujarú, Cachoeira, S. Caetano, Cairary, Cametá, Cintra, Curuçá, S. Domingos, Guamá, Igarajé-mirim, Irituya, Macapá, Monsarás, Muaná, Mocajuba, Ponta de Pedras, Portel, Souzel, Vigia, Annajás, Bayão, Barcarena, Boa-Vista, Bragança, Capim, Chaves, Currealinho, Muzagão, Melgaço, Mojú, Mosqueiro, Nazareth (do Pará), Nazareth (de Bragança), Oeiras, Ourém, Quati-purú, Salinas, Soure, Tocantins, Trindade, Viseu, Nossa Senhora da Victoria de Marapanim e S. Pedro de Pederneiras.

(7) As freguezias que formam a 2.^a vigararia geral, são : Santarém, Alemquer, Juruty, Souzel, Aveiro, Gurupá, Itaituba, Monte-Alegre, Obidos, Porto de Moz, Villa-Franca, Almeirim, Alter do Chão, Arraiollos, Boim, Faro, Pombal, Prainha, Veiros e Villarinho do Monte.

(8) Havendo Alexandre de Moura nomeado a Francisco Caldeira Castello Branco capitão-mór de uma expedição, que mandou seguir para o Amazonas, a fim de explorar aquelle rio e estabelecer alli os direitos da corôa portugueza, partiu este para seu destino com 200 homens e tres navios ligeiros, e tendo chegado á margem oriental do rio Mojú, lança a tres de Dezembro de 1615 os fundamentos da cidade de Belém do Grão-Pará, á mais de seis leguas acima da foz daquelle rio, que elle julgava ser o Amazonas, começando as obras por um forte de madeira, apezar da opposição de diversas tribus e especialmente os Tupinambás.

factoriamente a sua commissão, voltando a dizer, que eram quatorze as embarcações e todas hollandezas. Isto porém não alterou o governador.

« Ao amanhecer do dia 25 de Novembro entrou pela bahia de S. Marcos a frota hollandeza, a cuja chegada mandou o governador salvar, como se fossem navios amigos; mas vendo que elles não amainavam e nem respondiam e faziam prôa para o rio Bacanga, mandou então disparar-lhe toda a artilharia do forte S. Luiz, carregada de bala, que nenhum damno causa aos navios inimigos.

« Estes por sua vez fazem tambem uma descarga contra o forte, com o mesmo resultado, e vão dar fundo em frente da ermida de Nossa Senhora do Desterro. Sem perda de tempo desembarcam logo mil hollandezes e tomam posição conveniente sem encontrar o menor obstaculo.

« Os habitantes entorpecidos pelo ocio em que os tinha a frouxidão do seu governador, só trataram de fugir para o mato com suas familias, como unico refugio para salvar-se e salvar-as, e tão açodados faziam isto, que tudo abandonavam, deixando até o necessario á propria subsistencia.

« Por sua parte correu Bento Maciel a metter-se no forte, acompanhado por cento e cincoenta soldados.

« Vendo os hollandezes o que se passava, pensaram em aproveitar o panico, afim de se assenhorearem do paiz e puzeram-se em marcha sobre o forte.

« Mandou então o governador ter com elles, dizendo-lhes que aquella ilha era de el-rei de Portugal, que tinha embaixadores na côrte da Hollanda e que na tyrannia de uma tal invasão fazia abominavel a todo o mundo o procedimento das suas armas.

« Parou o commandante hollandez e mandou dizer como resposta, que violentado por um temporal havia buscado aquella bahia, porque sabia bem, que a sua republica se achava unida aos interesses da monarchia portugueza, e que se fizera o desembarque de alguma parte das suas tropas, em fórmula de guerra, fôra provocado pela opposição de tanta artilharia; mas que vendo-se ambos, se trataria amigavelmente das conveniencias de uma e outra nação.

« Aceitou Bento Maciel a proposta e sahiu a tratar com o commandante hollandez, o qual conhecendo perfeitamente o estado em que elle se achava, não custou muito em convencer-o, que pelas ordens que tinha do principe Mauricio, governador em Pernambuco, não podia já apartar-se daquella ilha sem ordem dos Estados geraes, e assim concordava que elle continuasse no governo, até chegar resposta dos avisos que se iam mandar para a Europa; e que para quartel da sua gente nomearia o governador alguma parte da cidade, aonde lhe seriam fornecidos todos os mantimentos necessarios, que pagariam pelos preços da terra com a devida pontualidade.

« Concordou com tudo isto Bento Maciel, que sem a menor attenção á sua dignidade e honra, só procurava salvar a vida

e as riquezas que durante o governo tinha adquirido, e expediu as ordens necessarias de conformidade com o pedido do general hollandez, recolhendo-se á fortaleza.

« Os hollandezes, que já estavam todos em terra, desfilarão para dentro da cidade, praticando pelo caminho por onde passavam toda a casta de extorsão e insultos para com os moradores, que tinham ficado.

« Em quanto isto se passava, os officiaes, que estavam na fortaleza, persuadiam ao governador para que se dispuzesse para a defesa, por quanto não tardaria o inimigo em buscal-o, e o mais empenhado nisto era o capitão Francisco Coelho de Carvalho, que depois foi governador do mesmo Estado; mas Bento Maciel oppoz-se a isto e até reprovou o procedimento de um artilheiro, que, sem a sua autorização, havia postado em lugar conveniente algumas peças, que estavam fóra do fort, cobrindo-as com ramos de arvores para as não ver o inimigo e carregando todas com metralha para atirar sobre elles quando avançassem.

« Não tardaram os hollandezes em se apresentarem diante da fortaleza, e o governador Bento Maciel, com a maior covardia que é possível imaginar-se, mandou abrir as portas della e lhes entregou as chaves.

« Não se demoraram em entrar, fazendo logo arrear o pavilhão portuguez e içando o seu, ao mesmo tempo que prendiam toda a guarnição, inclusive o covarde governador, que recebeu assim immediato pagamento do seu vil comportamento.

« A 31 de Dezembro do mesmo anno fez-se de vela para Pernambuco a esquadra hollandeza, deixando em Maranhão apenas uma guarnição de 600 homens, e levou consigo o governador Bento Maciel, que o Conde de Nassau mandou encerrar na fortaleza dos Reis Magos no Rio Grande do Norte.

« Pouco sobreviveu elle á sua vergonha, fallecendo no 1.º de Fevereiro de 1612, com 75 annos de idade.»

Depois dos capitães-móres, foi a capitania do Pará administrada por 38 capitães-generaes, sendo o primeiro Francisco Coelho de Carvalho, que morreu em Cametá, e o ultimo Antonio José de Souza Manoel de Menezes, Conde de Villa-Flor e depois Duque da Terceira.

Depois da independencia, tem sido administrada por 35 presidentes e 32 vice-presidentes, sendo o primeiro daquelles o coronel do 2.º regimento de milicias José de Araujo Roso, nomeado por carta imperial de 25 de Novembro de 1823, o qual tomou posse da administração a 2 de Maio de 1824.

A provincia do Pará e em geral toda a zona banhada pelo Amazonas, é tida, não sei se com razão, por muito salubre. E' verdade que não são raros os casos de longevidade, que ahí apparecem. Nas minhas excursões por estas provincias tenho encontrado muitos velhos fortes, robustos e no gozo de todas as suas faculdades intellectuaes. A 26 de Fevereiro proximo passado falleceu em Alemquer, municipio de Santarém, o preto livre Domingos Ramos Vieira com 102 annos e no dia 10 de Março deste mesmo anno, falleceu uma irmã de Do-

mingos Ramos com 110 annos. Vive ainda uma outra irmã, que conta já 92 annos.

São mui frequentes, como disse, os casos de longevidade nestas provincias, onde existem muitos individuos com 90 e 100 annos e que ainda trabalham com o vigor de moços.

Em 1856 morreu em Obidos, com 136 annos, o velho Francisco Antonio Figueira. Era ainda muito forte. Com mais de 100 annos, contou-me o seu neto, que deve ter hoje mais de 50 janeiros, ainda o velho Figueira trepava na palmeira *Assahy*, a fim de colher-lhe os fructos.

Seu filho Cosme Antonio Figueira morreu com 85 annos.

Referiu-me o Sr. tenente coronel Joaquim José da Silva Meirelles, um dos mais distinctos cavalheiros com quem tenho tratado e um dos homens mais intelligentes de todo o Amazonas, que em 1872 havia fallecido em Obidos um preto com mais de 120 annos, e asseverou-me o Rev. vigario dessa cidade ter conhecido uma velha tapuia, fallecida alli havia pouco, com quasi 150 annos. Diz Baena, no seu *Ensaio Corographico*, e fique isto por conta d'elle que—consta do livro dos obitos da igreja de Cajary, que havia alli fallecido uma mulher india com quasi 200 annos de idade.

Entretanto em alguns lugares da provincia do Pará e especialmente em Cametá (9) reinam constantemente febres de máo character e que dizimam a população. Emanações palustres, que continuamente se desprendem dos lugares baixos e humidos, devem ser as causas determinantes dessas febres. Bem que os habitantes do Pará e do Amazonas apregõem geralmente a salubridade dessas localidades e alguns factos lhes pareçam dar razão, o que é certo, é que as febres são, por assim dizer, endemicas nos lugares proximos ás margens dos rios e que são conhecidos pelo nome de *igapós* e nas florestas, onde se encontram pantanos e alagadiços.

« Com effeito, diz o Sr. Barão da Villa da Barra, que é autoridade insuspeita, em um paiz, como este, onde o vigor da vegetação se pó le medir pela força do calor e da humidade sempre constante, é forçoso crer nessas emanções delecterias, resultantes da decomposição constante de detritos organicos. »

Em Cametá as epidemias que por vezes têm assolado a provincia, têm causado os maiores estragos. Em 10 de Abril do corrente anno, escrevia o Sr. Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas para um jornal de Belém estas desoladoras palavras : « Talvez não seja exagerado dizer que não se encontram 30 pessoas sadias e vigorosas em Cametá. » A mortalidade regulava então de 60 pessoas por mez, em uma população de 2.000 almas apenas ! Nenhuma localidade soffreu mais estragos em 1855, por occasião da invasão do cholera-morbus.

(9) *Cametá* ou *Camutá* foi fundada em Dezembro de 1635 com o nome de Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá.

Visitando a sala das congregações do lycêo paraense, vi alli um bello quadro commemorativo daquellas scenas de desolação e de dôr (10). A peste pareceu querer despovoar completamente a bella terra em que viu a luz do dia um dos mais distinctos luminares da igreja brazileira. (11)

Bem que collocada quasi no equador e por assim dizer no centro dessa zona que os antigos consideravam inhabitavel, por cahirem perpendicularmente sobre ella os raios solares, é entretanto mui supportavel a temperatura da cidade de Belém e de toda a provincia do Pará.

Os ardores do sol são alli modificados pela grande quantidade de vapores, que se erguem dos rios e lagos, que de todos os lados cercam, cortam e inundam a provincia.

As noites em Belém são em geral agradaveis, e algumas vezes, sobretudo pela madrugada, chega-se a sentir frio.

As chuvas constantes concorrem poderosamente para a amenidade do clima. Nunca vi chover tanto como em Belém. Disseram-me que em outros tempos chovia todos os dias—do meio dia ás 3 horas—, que é justamente o tempo de maior calor.

Durante 15 ou 16 dias que estive em Belém, apenas deixou de chover dous dias. Nos tres ultimos dias da minha estada alli, choveu torrencialmente, de modo que uma parte da cidade tornou-se quasi intransitavel.

Fallando das chuvas desses ultimos dias, dizia o *Diario do Grão-Pará*:

« Nos ultimos dias de Março, cresceram tanto as aguas do rio Guajará, que a parte mais baixa da cidade ficou inundada. »

Affirmaram-me que em 1872, apenas em 92 dias tinha deixado de chover. Em 1870 o mez de Janeiro teve 29 dias de chuva.

Aqui damos a tabella das observações udometricas, feitas durante o anno de 1870, no pequeno seminario de Santo Antonio, em Belém.

(10) Este quadro commemorativo daquellas scenas de luto e de dôr, é obra de um notavel pintor paraense o Sr. Constantino Pedro Chaves da Motta, hoje professor de desenho no lycêo. Mede o quadro 16 palmos de largura e 13 de comprimento. Representa o presidente Angelo Custodio Corrêa indo a Cametá levar soccorros aos cholericos. O pincel revela naquelle quadro um habil pintor.

(11) O Marquez de Santa Cruz, D. Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo da Bahia.

Dellas resulta que foram de chuva 196 dias.

Mezes.	Dias.	Dias de chuva.	Quantidade de chuva.
Janeiro.	31	29	0 ^m ,180,644
Fevereiro .. .	28	25	0 ^m ,233,943
Março.....	31	25	0,451,612
Abril.....	30	26	0,365,760
Maió.....	31	26	0,254,000
Junho.....	30	19	0,357,886
Julho... ..	31	11	0,118,618
Agosto.....	31	12	0,083,820
Setembro. . .	30	6	0,033,020
Outubro....	31	9	0,099,314
Novembro.. .	30	3	0,042,418
Dezembro... .	31	5	0,081,280
	365	196	2 ^m ,302,306

Somma da chuva cahida durante o anno de 1870:

Em pollegadas inglezas (1 poll. ingl.—0^m,0254).—90.642 pollegadas.

Maximo mensal, Março.....	0 ^m ,451,612
Minimo idem, Setembro.....	0 ^m ,033,020
Maximo idem dos dias chuvosos, Janeiro....	29
Minimo idem idem idem, Novembro.....	3
Quantidade média diaria repartida sobre os 365 dias do anno.....	0 ^m ,006,37
Quantidade média repartida sobre os 196 dias de chuva.	0 ^m ,011,746
Dias sem chuva.....	169

O minimo da quantidade annual da chuva em Praga na Bohemia, é de 0^m,37,884; o maximo da mesma em S. Domingos, 2^m,73,035; no Rio de Janeiro, é a quantidade annual de 1^m,50,453; em Paris, é a quantidade annual de 0^m,57,000; o numero dos dias chuvosos 147 e a quantidade média diaria de 4^{mm}.

Dous dias depois da minha chegada ao Pará, dirigi-me pela estrada de ferro a um dos mais lindos passeios da cidade—O marco de legua—assim chamado por haver alli um marco que indica o termo da legua patrimonial da municipalidade.

Passei pelo pittoresco arrabalde de Nazareth, onde ostentam-se algumas chacaras que parecem querer imitar as dos arrabaldes do Rio de Janeiro.

O bairro de Nazareth é o da aristocracia paraense. No centro de uma praça ergue-se a modesta capella da Virgem, sob a invocação da Senhora de Nazareth. A festa que ali celebram, é a mais popular e concorrida da capital. A gente da cidade para alli afflue; por muitos dias duram os folguedos, com todas essas diversas peripecias, com toda essa suave poesia que costumam ter as festas do campo e que são desconhecidas nas nossas festas da cidade.

O passeio ao marco da legua é um dos mais agradaveis pasatempos de Belém.

E' uma estrada larga, direita, tendo uma legua de comprimento, marginada em quasi toda a sua extensão por uma mata de magnificas arvores, nas quaes se manifesta em toda a sua força a seiva poderosa daquelle sólo uberrino. Neste passeio matinal que ahí fiz, parecia-me respirar a vida por todos os póros e dilatava-me o coração suave tranquillidade.

Esqueci-me naquelle momento das tempestades que me têm agitado a vida e parecia que a brisa da bonança me afagava a fronte, que os cuidados e os contratempos têm sulcado.

Continuando essa bella estrada, que leva á cidade de Bragança, encontra-se a 14 ou 15 leguas um aldeamento occupado pelos indios Tembés. Houve nesse lugar em outro tempo um quilombo de negros fugidos, que no dia 6 de Janeiro de 1863, no tempo da administração do conselheiro Brusque, foram perseguidos e batidos por uma partida commandada pelo então capitão e hoje tenente coronel José do O' de Almeida. Os negros do quilombo, vendo-se atacados; oppozeram seria resistencia, ficando dous mortos e diversos feridos. Dos soldados apenas dous ficaram feridos. Disse-me uma testemunha occular, que no principio do combate bateram-se os negros com muito denodo, mas depois de haverem cahido mortos os dous que mais ousados pareciam, delles se apoderára o terror e deixando cahir as armas, fugiram em debandada.

Havia no quilombo para cima de 300 negros. Tinham formado um nucleo de povoação com casas soffrivelmente regulares e uma igreja ainda não terminada e situada em uma collina denominada de Belém. A povoação era á margem do rio Maracanan e cultivavam elles uma área maior de duas leguas. Afirmaram-me que rarissimas vezes commettiam roubos e violencias e acredita-se que tinha o quilombo quasi 80 annos de existencia. Consta do interrogatorio a que se procedeu, que tencionavam elles depois de terminada a capella, roubar o vigario de S. Domingos, freguezia situada á margens do Guajará, na confluencia dos rios Guamá e Capim, para constituirem-no parocho da sua igreja.

O phenomeno da *pororoca* devia particularmente attrahir minha attenção. Tanto nelle tinha ouvido fallar, tantas descrições pomposas havia lido a respeito, que não podia deixar passar essa occasião sem testemunhal-o. A época era a mais favoravel; estavamos em fim de Março e as pororocas do equinoxio são justamente as maiores. Quiz ver a mais notavel de todas, que é a da ilha Caviana, na foz do Amazonas e junto ao cabo do Norte. Foi-me porém impossivel encontrar transporte para alli. Resolvi, pois, ir ver a de S. Domingos, na confluencia dos rios Guamá e Capim.

A's 11 horas da noite de 25 de Março, sahi de Belém com direcção á fazenda do Sr. tenente coronel José Geraldo Barroso da Silva, em S. Domingos, de onde podia admirar o assombroso phenomeno.

Alli cheguei ás 11 horas da manhã do dia 26, fazendo o va-

por *Mojú*, onde havia embarcado e de cujo asseio e disciplina pouco bem poderei dizer, apenas quatro milhas por hora.

São mui poeticos e pittorescos os sitios que margeam o rio Guajará até a freguezia de S. Domingos.

Encontram-se alli verdadeiras matas das palmeiras denominadas, — *assahy* (12), *guaruman* (13), *jupaty* (14), *caraná* (15), *bacabá* (16) e outras. Arvores enormes erguem-se altivas, como querendo tocar no céu e de quando em vez, em meio de extensos cacaoes, surgiam algumas cabanas cobertas de palha ou algumas casas de telha, a cuja porta assomavam vultos de homens ou de mulheres, que vinham ver o vapor que passava.

A fazenda do Sr. tenente coronel Geraldo fica em uma posição magnifica, dominando um lindo panorama. Em frente o rio, e na margem opposta ha uma extensa linha de arvores gigantescas. Quando cheguei á fazenda, já havia tido lugar a pororoca. Sómente dahi a doze horas é que se renovaria o phenomeno.

Nesse mesmo dia á tarde, dirigi-me em uma montaria e em companhia do mesmo Sr. tenente coronel Geraldo, a um sitio pertencente a pessoas de sua familia.

Internámo-nos por um estreito *ygarapé*, que me disseram ser bastante abundante de jacarés (reptis da ordem dos *saurios* e do genero *alligator*).

E' extraordinaria a quantidade de jacarés, que infestam os rios e lagos, que abundam nas duas provincias do Pará e do Amazonas. Affirmaram-me e terei ainda occasião de verificar pessoalmente a exactidão do que me referiram — que muitas vezes são as montarias, que cortam os rios, obrigadas a passar por entre alas numerosas desses temiveis amphibios.

Ha muitos de um tamanho descommunal e que são verdadeiros monstros dessas paragens perigosas.

(12) *Assahy* (*euterpe edulis*), é uma palmeira esguia e elegante. Da baga ou fructo fazem a celebre bebida ou vinho de *assahy*, de uma côr roxo-escura, muito saboroso e que passa por muito fresco. Dizem ter as propriedades nutritivas do chocolate e pôde supprir qualquer alimentação.

(13) *Guaruman* é uma palmeira pequena, muito fina e esguia, de que fazem urupembas, paneiros ou cestos, etc. Ha tres variedades — *guaruman-assú*, *guaruman-mirim* e *membecca*. Estas duas ultimas servem para trabalhos mais delicados.

(14) *Jupaty*, outra especie de palmeira, que abunda á margem dos rios. (*Rhaphia*.)

(15) *Caraná* (*mauritia acuriata* e *mauritia horrida*) ambas com o nome de *caraná*. Servem as folhas para cobertura de casas e duram de 12 a 16 annos.

(16) *Bacabá* (*enocarpus-bacabá*), outra palmeira, de cujo fructo muito oleoso fazem uma especie de bebida bastante saborosa e cuja côr semelha chocolate com leite.

Nas montarias muitas vezes atacam os homens, que as tripulam, mórmente quando se veem perseguidos e arpoados. Tornam-se então furiosos e vibram com a enorme cauda taes pancadas nas montarias, que as quebram e fazem-n'as virar. Referiu-me um dos mais destros pescadores de Obidos e homem sisudo, que arpoando uma vez por engano um jacaré, investira este furiosamente contra a montaria em que se achava e com tal força agarrára á borda da canôa, que despedaçou-a e victimas seriam do monstro, os que nella se achavam, se a mão possante de um remador não vibrasse contra a cabeça do monstro um golpe violento e certo, que atordoou-o, obrigando-o a largar a preza e a submergir-se no fundo do rio.

Como este, muitos outros factos me foram referidos. Affirmou-me Fr. Samuel, superior dos missionarios capuchinhos, em Manãos, e um dos homens mais conhecedores das regiões banhadas pelo Amazonas e seus afluentes, que nas cabeceiras dos rios e nos lagos interiores, são em extremo ferozes os jacarés, investindo contra as jangadas e montarias e assaltando os tripolantes.

Os jacarés do Amazonas são em geral mui grandes, medindo alguns 24 e mais palmos. A cabeça é immensa, alongada e pesada, constituindo só ella quasi a terça parte do seu comprimento. Os olhos superiores á superficie do casco, parecem mostrar a malicia e a ferocidade de que são dotados. A guela é enorme e tem armadas as queixadas de uma ordem de dentes muito fortes e ponteagudos. O corpo é sustentado por quatro patas cobertas de uma casca durissima. O dorso, de côr escura, é coberto de escamas espessas e tão duras, que offerecem resistencia ás balas de espingarda, que nella se acham, como no couro do bufalo ou do rhinoceronte.

Para matal-os é mister que seja feita a pontaria nos olhos, nos ouvidos, na parte inferior da garganta ou no ventre. Como tem as vertebrae da garganta arredondadas e unidas umas ás outras por falsas costellas, sentem grande difficuldade em se moverem ou em mudarem de posição. Em linha recta correm com a rapidez da flecha, mas custam muito a se moverem em differentes posições, de modo que é facil evitar-lhes a perseguição, cortando-lhes o caminho e correndo em zig-zag. Em terra são muito mais ferozes do que n'agua, e dizem que depois de se acostumarem á carne humana são perigosissimos, porque assaltam com muita temeridade.

Ao passo que é tão feroz e terrivel o jacaré para com o homem, é covarde e pusillanime com a onça.

Parece incrivel o que vou referir, mas é a verdade e facto muito commesinho que todo mundo conhece no Pará e no Amazonas.

A onça agarra o jacaré pela cauda e devora-o, sem que este se atreva a fazer a menor resistencia; salta no rio ou no lago, puxa-o para terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe na queixada, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á imitação do gato antes de devorar o rato. Depois de haver assim martyrisado aquelle immenso e possante amphibio, que alli

está quieto, immovel e como fascinado, pula sobre elle e começa a devoral-o pela cauda. Terminada a primeira refeição cobre com folhas a parte encetada e afasta-se da victima, que ainda vive, e retira-se certa de que a encontrará no mesmo lugar quando voltar.

Se por ahi acontece passar alguma pessoa, embravece-se o jacaré, abre a guela enorme e ameaça atirar-se contra a pessoa; entretanto que espera, sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devoral-o.

Referiu-me o Rvd. vigario de Silves, o Sr. padre Daniel Pedro Marques de Oliveira, que uma vez encontrou em seu sitio uma onça devorando um enorme jacaré. Ao aproximar-se do lugar em que se achavam ambos, fugiu a onça, deixando a preza com a cauda meio comida. Vendo-o, tornou-se furioso o jacaré, mas retirando-se o vigario e occultando-se a uma certa distancia em uma moita cerrada, que alli havia, viu voltar a onça, que aliás não era muito grande, e acabar de devorar a preza que alli havia ficado como é sua espera.

Não sei explicar essa especie de fascinação que exerce a onça sobre esse gigante dos lagos, e dos ygarapés. Creio que duvidosa não seria a victoria em favor d'elle, se ousasse travar luta corporal com a onça, porque é prodigiosa a força que tem o jacaré na cauda e nas queixadas. Entretanto, não ha exemplo de haver elle tentado semelhante acommettimento; deixa-se covardemente agarrar pela onça e morre sem tentar a mais pequena resistencia.

Parece a onça reconhecer a fascinação que exerce sobre elle, assim como parece respeitar a terrivel phalange de dentes, que lhe enchem as queixadas. Antes de saltar n'agua, quando tem de atravessar algum rio ou lago, urra duas ou tres vezes, como para annunciar a sua passagem, e os jacarés, que seriam capazes de a devorar, se a não conhecessem, fogem espavoridos para o fundo dos rios ou dos lagos.

Para atacarem mais a salvo, costumam os jacarés occultar o corpo debaixo d'agua, ficando-lhes sómente os olhos proximos á superficie della, de modo a poderem espreitar a preza, sem correr o risco de serem vistos, e assim assaltam as pessoas que descuidadas se vão banhar á margem dos igarapés e dos lagos.

Os lugares mais frequentados por elles são em geral nas proximidades das povoações.

Durante a vasante dos rios e quando as praias ficam a descoberto, costumam sahir dos lagos e rios as femeas dos jacarés, a fim de irem depositar os ovos nas praias e igapós. D'entre todos os animaes são talvez os jacarés os que mais variam de tamanho no estado adulto. Um jacaré talhado para 20 ou 24 palmos começa a multiplicar sua especie antes de haver attingido 8 ou 10 palmos. Na época propria sahe a femea do jacaré do lago ou do rio e procura na praia ou no igapó um lugar abrigado, cava com as patas dianteiras um

buraco na areia e alli deposita os ovos, que geralmente são de 20 a 60, em camadas regulares, cobrindo-os depois com folhas secas. Triste do imprudente que tivesse a infelicidade de sorprendê-la nesta operação. A não fugir com a rapidez da flecha, seria devorado pelo monstro em uma luta corpo a corpo.

Quasi nunca se afasta o jacaré do lugar em que se acham depositados os ovos, e quando a femêa tem necessidade de ausentar-se, ahi fica o macho de guarda, para preserval-os de qualquer perigo, defendendo-os com furor de qualquer aggressão. Não se encontra aqui o celebre *ichneumon*, que dizem ser o destruidor dos crocodilos ou jacarés do Nilo.

Asseveraram-me diversas pessoas que os jacarés nunca atacam no fundo dos rios e lagos, e que se pôde passar impunemente por elles e até abalroal-os. Disse-me o Sr. tenente coronel Meirelles, de quem acima fallei, que conheceu em Villa Bella um tapuio que muitas vezes, armado de uma faca afiada, atirava-se ao rio, mergulhava e começava no fundo a matar jacarés, enterrando-lhes a faca na parte molle do ventre.

No Amazonas ha muita gente que aprecia a carne de uma especie de jacaré (*tinga*). Dizem ser um prato muito saboroso. Que lhes faça bom proveito. Tanto esta especie, como as outras, exhalam de si um cheiro activissimo de almiscar, que é realmente insupportavel.

Passei o resto do dia, conversando com o Sr. tenente coronel Geraldo, que com a maior amabilidade prestava-se a dar-me quaesquer informações, que d'elle exigia. Vi alli pela primeira vez a celebre *seringueira* ou arvore da borracha e de que para diante terei muitas vezes occasião de fallar. Mostrou-me tambem o Sr. tenente coronel Geraldo uma pequena arvore que cresce á margem dos rios e que dá um fructo semelhante cachos de uva de uma côr esbranquiçada e d'onde extrahe-se um liquido perfeitamente semelhante á gomma arabica. Dão-lhe o nome de *sombra de boi*. Vi tambem alli e depois em Obidos e em diversos outros lugares uma pequena palmeira denominada *pacova-catinga* e de cujo fructo de côr vermelha extrahem uma excellente tinta violeta.

A's 10 horas da noite do dia 26, renovou-se o phenomeno da pororoca. Havia chovido, a noite estava escurissima e pois não me era possivel distinguir o movimento e a elevação das aguas do rio. Ouvi um som longinquo, como um ruido subterraneo. Parecia o trovão muito prolongado, mas muito distante. Depois o ruido foi-se tornando mais distincto... caminhava com extrema velocidade.

Aquelle ruido prolongado e que gradualmente se ia augmentando, o silencio e a escuridão da noite, aquelle céu pejado de nuvens grossas, a immobilidade das aguas do rio, que pareciam esperar tambem o espantoso phenomeno, que ahi vinha fremente, rugindo,—tudo isso me impressionava de um modo singular.

Nada via, nada podia distinguir por entre a cerração da

noite ; ouvia sómente o rugido do monstro, que passava, que corria com espantosa velocidade. Depois foi diminuindo pouco a pouco o som, as aguas do rio agitavam-se revoltas e formando ondas que se despedaçavam na praia. Minutos depois tudo era immobibilidade e silencio. Fechei a janella e atirei-me na rêde, scismando no phenomeno, que não pudera ver, mas cuja voz distinctamente ouvia.

Que mysterios ha ahi ? Que segredos são esses ? Que causa motiva tão espantoso phenomeno ? Já tinha ouvido aquella voz poderosa ; tinha agora anciedade de ver o phenomeno em toda a sua pujança e grandeza.

No dia seguinte levantei-me muito cedo e depois de um passeio pouco prolongado pelas circumvizinhanças, visto como tornára a chuva intransitaveis os caminhos, voltei para casa.

Seriam quasi 11 horas da manhã quando pareceu-me ouvir um ruido surdo, como o do trovão que echôa muito ao longe. Approximei-me da janella e nada pude distinguir. As aguas do rio Guajará corriam tranquillias, como se não esperassem ou se não temessem a invasão do inimigo, que se aproximava. A vasante era completa, deixando a descoberto, como corôas, os baixos e espraiaados. O dia estava claro. Na extremidade do horizonte vi como formar-se uma ligeira linha de espuma, que ia rapidamente crescendo e engrossando. O ruido havia-se tornado perfeitamente distincto. Houve como que uma suspensão nas aguas do rio, que corriam ainda havia pouco serenas e tranquillias. Dir-se-hia que tinham presentido o inimigo e comprehendido o perigo. A linha de espuma ia crescendo espantosamente e descrevendo como um semi-circulo em que prendia o rio. Era uma muralha de espuma, uma vaga gigantesca, que enovelava-se e estoirava com fragor medonho. Depois aquelle immenso semi-circulo, por uma subita e admiravel evolução, formou uma grande linha, como uma diagonal, de uma perfeição completa e caminhou rapida, ameaçadora, fremente, rugindo, levantando espuma e levando adiante de si grandes troncos de arvores, ramas, tudo, em uma palavra, quanto encontrava no caminho. Em frente á casa em que me achava, desapareceu de subito, parecendo como mergulhar, indo surgir mais violenta, mais ruidosa, em linha recta, mas tomando direcções diversas, algumas braças mais adiante.

Não pude mais vê-la; formava ahi o rio uma volta ou cotovello, que me tirava a vista. Disseram-me que assim continuava a *pororoca* até a junção dos rios Guamá e Capim, em uma distancia de nove milhas pouco mais ou menos, dividindo-se em duas partes, internando-se cada uma dellas pelos dous rios.

Calculam a marcha da pororoca em 18 a 20 milhas por hora.

Immediatamente depois da passagem da pororoca, tornaram-se as aguas extremamente agitadas, levantando ondas, a que dão o nome de *banzeiros* e que quebravam-se violentas na praia. O rio encheu-se subitamente, de modo que em tres

ou quatro minutos a agua havia crescido de quatro a cinco pés.

Muito se tem escripto ácerca da pororoca, mas ainda ninguem pôde explicar satisfactoriamente esse assombroso phenomeno.

Diz-se geralmente que o impulso das aguas do rio e a repulsão que soffrem estas das aguas do mar, é o que motiva a pororoca. Entretanto manifesta-se ella em alguns rios e em algumas paragens, nas quaes é absolutamente nulla a influencia do mar. Asseverou-me o Sr. tenente coronel Labre, de quem terei ainda muitas vezes de fallar, que no rio Purús e na distancia de 690 milhas da foz, dá-se o phenomeno da pororoca. A que eu vi, nasce ou levanta-se de uma ilha formada pelo rio Guajará (e outros dizem que de umas pedras que ficam perto da ilha) e a mais de 80 milhas da sua foz. Levanta-se, no momento em que começa a enchente, uma onda que cresce e corre, caminhando para a nascente do rio. Na occasião da vasante, acham-se completamente descobertas as praias que circumdam a ilha, e de repente, do lado que olha para a nascente do rio, forma-se a onda, que se transforma em *pororoca*.

Eis o que a respeito da *pororoca* escrevia o illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, no *Diario do Grão Pará* de 8 de Março de 1860 :

« Vou fallar do phenomeno chamado pelos naturaes do Brazil *pororoca* e pelos portuguezes da Asia, *macaréo*, como se pôde ver em João de Barros, decada 3.^a, livro 5.^o, cap. 1.^o, e em Diogo do Couto, decada 6.^a, livro 4.^o, cap. 3.^o

« A *pororoca* não se passa sómente em alguns rios perto do mar, como julga o Sr. Varnhagen. Este estupendo phenomeno observa-se tambem longe da costa, a 30 e 40 e talvez 50 leguas do mar, taes são o Guamá, o Mojú, o Capim, o Arary e outros. Tambem é certo, que se manifesta com toda a regularidade nas *marés vivas* perto da costa, em quasi todos os rios da Guyana Brazileira ou terras do Cabo do Norte, especialmente no Araguay e no Amapá. E não é menos certo, que nunca foi visto esse phenomeno no rio Amazonas, o que é explicavel pelo que se segue :

« A primeira condição para que se dê a *pororoca* é a presença das *marés vivas* e da sua enchente, em cuja occasião *reben-tam as pororocas*, como se explicam os naturaes da terra. A segunda é a de um rio, cujo leito tenha pouco declive, seja bastante razo e sem embaraços ou cachoeiras na sua corrente, desde a foz até o lugar assignalado para a *pororoca*.

« Succede então, que as aguas do rio represadas pela maré, que vai enchendo e ganhando força de momento para momento, são vencidas por ultimo na sua marcha, saltando-lhes por cima a maré com grande estampido, que se ouve a tres e quatro leguas de distancias e formando ondas tão altas e encapelladas, e um rebojo d'aguas tamanho, que alaga em poucos minutos espaços enormes e tudo destróe quanto diante de si encontra, enchendo de prompto o que havia vasado em horas !

« Já se vê que, para se dar o facto da *pororoca*, não é preciso a concorrência da agua salgada ou do *poderoso mar*, como pensa o Sr. Varnhagen, para se estabelecer o triumpho nessa luta, entre as aguas do monte e as da maré, que nem sempre são salgadas. »

As provincias do Pará e do Amazonas, são dotadas pela natureza de um solo uberrimo e fertilissimo, assim fosse elle aproveitado pelos habitantes.

A natureza ahi ostenta-se em toda a sua pujança e grandeza.

Encontram-se por toda a parte arvores immensas, colossaes, verdadeiros gigantes das florestas, que parecem querer topetar com os céos.

Rios caudalosos cortam as duas provincias em mil diferentes direcções e entretêm a fertilidade do terreno.

« A provincia do Pará, diz Baena, é uma região amena e fertil, que a natureza acobertou de viçosos vegetaes munidos de raras virtudes e de selvas magestosas, povoadas de excelsas arvores, todas proprias do serviço nautico e civil, e que talhou de maximos lagos, de altas serras, de espinhaços de montes e de vastas veigas : o numero dos rios capitaes e dos seus afluentes, que formam a sua admiravel hydrographia, é portentoso : seria ingreme empreza formalizar uma lista hydrographica de todos elles com a indicação da addição das nascentes vizinhas e da natural defluencia de uns em outros, com a sua respectiva posição geographica.

« O torrão em geral é formado pelas terras mais capazes de premiar desvelos exercidos em cultivar-as : a natureza as dotou de qualidades as mais proprias para a producção e fertilidade : ellas podem ser florentes e abundantes ; assim os seus habitantes, mais efficaçmente se aproveitem dellas. »

E' admiravel sem duvida a quantidade e a variedade de arvores, que formam as matas dessa zona em que domina o magestoso rio, que mais semelha um oceano de agua doce, como já chamou-o alguém.

Não são sómente admiraveis pela grandeza e dimensões colossaes ; mas tambem pelas virtudes medicinaes de muitas dellas, e pelos diversos misteres e usos que lhes pôde dar a industria.

Agora mesmo que traço estas linhas, tenho sobre a mesa diversas raizes e sipós aromaticos e de virtudes mais ou menos medicinaes.

Não posso resistir á tentação de mencionar alguns mais notaveis.

Iratassihôa. — Raiz bastante aromatica com que costumam perfumar a roupa e lavar a cabeça.

Mucuracá. — Raiz tambem aromatica, e com que perfumam a roupa. Dizem que é empregada com bom resultado no tratamento de certas febres.

Sipó-pocá. — Raiz aromatica : empregam-na com bom resultado nas paralyrias.

Puraqué-caá. — Batata aromatica com que perfumam a roupa.

Sipó-iuirá. — Raiz cheirosa e medicinal: serve para banhos em certas enfermidades.

Corimbó. — Sipó muito aromático: também serve para banhos.

Com muita dificuldade consegui obter, por empréstimo, um relatório da exposição agrícola e industrial da provincia do Pará em 1861, no qual encontrei uma lista circunstanciada e minuciosa das diferentes madeiras que figuraram naquella exposição.

Resume esta lista quasi todas as madeiras que enriquecem a provincia. A ella addicionarei algumas outras mais. Bem que seja extensa, não duvido transcrevel-a integralmente, porque é conveniente que saibamos minuciosamente tudo quanto nos diz respeito e conheçamos as riquezas que possuímos:

Abiurana do Rio Branco. — 4 palmos de grossura e 6 de comprimento: emprega-se na construção civil.

Abriçó. — 4 palmos de grossura e 50 de comprimento: tem pouco uso na construção.

Acapú. — 8 a 10 palmos de grossura e 30 a 70 de comprimento: emprega-se na construção naval e civil.

Acapurana. — Idem; emprega-se em marcenaria.

Acaricoara. — Idem; na construção civil para esteios.

Almecega. — 3 a 4 palmos de grossura; 40 a 45 de comprimento; para construção civil.

Amapá. — 3 a 4 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; idem.

Amaparana. — Idem, idem.

Anany. — 4 a 6 palmos de grossura, 40 a 70 de comprimento; para construção naval e civil.

Anauerá. — 4 a 6 palmos de grossura, 50 a 100 de comprimento; para construção naval.

Andiroba branca. — 10 a 12 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; para construção naval e civil.

Andiroba ferrea. — 4 a 7 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construção civil e do fructo extrahe-se azeite para luz.

Dita da varzea. — Idem, idem.

Dita vermelha. — 5 a 6 palmos de grossura, 76 de comprimento; para construção naval e civil.

Andirobarana. — 10 a 12 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; para construção civil e da casca extrahe-se azeite para luz e sabão.

Angelim. — 12 a 16 palmos de grossura, 50 a 100 de comprimento; para construção naval.

Angelim pedra. — Idem, idem.

Angelim vermelho. — Idem, idem.

Dito da varzea. — 5 a 6 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construção naval e civil.

Araçarana. — 1 palmo de grossura, 20 de comprimento; para construção civil e a sua casca é excellente lenha.

Dita da mata. — Idem, idem.

Araracanga.—4 a 5 palmos de grossura, 36 a 40 de comprimento; para construcção naval e civil.

Ararambiú.—6 a 7 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção civil.

Armim.—4 a 5 palmos de grossura, 36 a 40 de comprimento; idem.

Assacú.—4 a 7 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; não tem por ora applicação nas construcções.

Bacury.—8 a 10 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval e civil.

Bacurypary.—Idem, idem.

Batinga da varzea.—2 a 3 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para marcenaria.

Breu branco.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Buiussú da varzea.—1 a 2 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; pouco usado nas construcções.

Buxo.—4 a 6 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento para construcção naval, civil e marcenaria.

Cabacinho da varzea.—1 a 2 palmos de grossura, 10 a 20 de comprimento; tem pouco uso nas construcções.

Cajú do mato.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento; idem.

Carauatá.—2 a 4 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento; para construcção civil.

Caripirana da varzea.—4 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Castanheiro.—6 a 10 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval; do seu entrecasco prepara-se excellente estopa para calafetos.

Cauré.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção civil.

Cedro vermelho.—8 a 10 palmos de grossura, 100 a 140 de comprimento; para construcção civil, naval e marcenaria.

Coquilho.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Cuaxingubeira.—1 a 3 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento; tem pouco uso nas construcções.

Cuiarana da varzea.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Cumarú.—3 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; para construcção civil e marcenaria.

Condurú.—3 a 4 palmos de grossura, 60 a 70 de comprimento; para construcção civil.

Cupaúba.—5 a 7 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; não tem por ora emprego.

Cupiuba.—6 a 7 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval e civil.

Dita amarella.—Idem.

Dita preta.—Idem.

Cupúay.—Idem, idem; para marcenaria.

Curumy.—Idem; para construcção civil.

Envireira branca.— 6 a 8 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; tem pouco uso nas construcções; da sua casca fazem-se cordas.

Dita preta.— Idem, idem, idem.

Faveira de Santo Ignacio.— 8 a 12 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval.

Dita da varzea.— Idem, idem; para construcção naval e civil.

Faia.— 4 e 5 palmos de grossura, 40 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Flor amarella.— 3 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; idem.

Genipapeiro.— 4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para marcenaria, coronhas de espingarda e fôrmas para calçado.

Geniparana vermelha.— 5 a 7 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construcção civil.

Guaiabarana.— 4 a 6 palmos de grossura, e 30 a 40 de comprimento; para construcção naval.

Guajaraby da varzea.— 8 a 10 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; tem pouco uso nas construcções.

Guariuba.— 4 a 8 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; para construcção civil e naval.

Dita amarella.— Idem, idem, e na tinturaria emprega-se a casca, de que se extrahe tinta amarella.

Gurajuba.— 4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil e naval.

Inajaruna.— 20 a 40 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Ipé da varzea.— 2 a 4 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Itaúba amarella.— 10 a 14 palmos de grossura, 90 a 110 de comprimento; para construcção naval e civil.

Dita vermelha.— Idem, idem.

Dita preta.— Idem, idem.

Dita pinima.— Idem, idem.

Jabuty-pé.— 2 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; para marcenaria: madeira nova e por ora pouco conhecida.

Jacarandá.— 2 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Jacareúba.— 10 a 14 palmos de grossura, 110 a 130 de comprimento; para construcção civil.

Juzrataciú da varzea.— 4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Jutay da varzea.— 4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Dita de envira.— 4 a 5 palmos de grossura, 40 a 50 de comprimento; idem.

Lacre.— 2 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; idem, e da resina se extrahe lacre.

Limão-rana.— 5 a 7 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construcção civil e marcenaria.

- Louro abacate.—8 a 10 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construção naval, civil e marcenaria.
Dito amarello.—Idem, idem.
Dito cumarú.—Idem, idem.
Dito branco.—Idem; para construção naval e civil.
Dito pardo, dito passarinho, preto e vermelho.—Idem, idem.
Macacaúba.—4 a 6 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; para construção naval, civil e marcenaria.
Dita da mata, da terra firme e da varzea.—Idem, idem.
Macucú.—2 a 4 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construção civil.
Maçaranduba.—12 a 14 palmos de grossura, 100 a 120 de comprimento; para construção naval e civil.
Dita da mata e vermelha.—Idem, idem.
Maparajuba preta.—6 a 8 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.
Dita da varzea.—4 a 6 palmos de grossura, 40 e 60 de comprimento; para construção civil.
Matámatá da mata.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 20 de comprimento; para construção civil.
Dito preto e da varzea.—Idem, idem.
Maúba da mata.—4 a 6 palmos de grossura, 16 a 30 de comprimento; para marcenaria.
Mongubeirana.—4 a 6 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para marcenaria.
Moreira de espinhos.—2 a 3 palmos de grossura, 20 a 40 de comprimento; para construção civil e marcenaria.
Morotó da varzea.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 28 de comprimento; pouco usado nas construções.
Muiraçacaca.—2 a 4 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; idem.
Muiraçacaca-canga.—2 a 4 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento; idem.
Muiracutiara.—2 a 5 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento; para marcenaria.
Dita cabocla.—Idem, idem e também para construção civil.
Muirapaúba.—6 a 9 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construção naval, civil e marcenaria.
Muirapinima.—1 a 2 palmos de grossura, 10 a 16 de comprimento; para marcenaria.
Muirápiranga.—6 a 8 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para construção naval, civil e marcenaria.
Muirapixuna.—2 a 4 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento.
Muirarema da varzea.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 30 de comprimento; pouco usado na construção.
Muiráuba da mata.—4 a 5 palmos de grossura, 50 a 60 de comprimento; para construção naval e civil.
Muruxy.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 28 de comprimento; para construção civil; a casca é empregada nos cortumes e dá excellente tinta vermelha.

Mututy.—2 a 4 palmos de grossura, 16 a 28 de comprimento; para marcenaria, e como madeira summamente leve e molle, é tambem usada como cortiça.

Oleo de moça.—2 a 3 palmos de grossura, 25 a 30 de comprimento; para construcção civil.

Pacaperá da varzea.—1 a 2 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento; é pouco usado nas construcções.

Páo amarello.—6 a 8 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Páo d'arco.—12 a 14 palmos de grossura, 80 a 150 de comprimento; idem.

Páo de breu.—1 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Páo de breu da varzea.—3 a 4 palmos de grossura, 20 a 30 de comprimento; idem.

Páo cruz.—1 a 2 palmos de grossura, 10 a 25 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Páo laranja.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Páo marfim.—Idem, idem.

Páo mulato.—2 a 4 palmos de grossura, 40 a 60 de comprimento; para marcenaria.

Páo oleo.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção naval, civil e marcenaria.

Páo rainha.—1 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Páo rei.—Idem, idem.

Páo rôxo e rosa.—Idem, idem.

Páo santo, páo santo macaco e páo settim.—4 a 6 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; idem.

Papo de mutum.—2 a 3 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção civil.

Paparaúba.—2 a 5 palmos de grossura; 30 a 50 de comprimento; para construcção civil e marcenaria.

Paracáuba.—3 a 5 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; idem.

Dita das ilhas de Macapá.—5 a 6 palmos de largura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval e civil.

Paracaxi.—5 a 6 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; para construcção civil.

Pataná (palmeira).—De 2 a 4 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para marcenaria.

Paricarána.—3 a 4 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; para construcção civil.

Pariry.—4 a 5 palmos de grossura, 40 a 50 de comprimento; para marcenaria.

Pepino do mato.—1 a 2 palmos de grossura, 13 a 16 de comprimento; para construcção civil.

Piquiá.—10 a 12 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção naval e civil; da casca extrahe-se tinta preta.

Dito preto.—Idem, idem.

Piquiarana.—Idem, idem.

- Piriquito da varzea. — 5 a 6 palmos de grossura, 50 a 80 de comprimento; para construcção civil.
- Pitaicica. — 3 a 5 palmos de grossura, 80 a 90 de comprimento; para construcção naval e civil.
- Pitombeira. — 1 a 3 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção civil.
- Raiz de cédro. — Para construcção naval, civil e marcenaria.
- Sabuarana. — 4 a 6 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para marcenaria.
- Sabuarana rosa. — Idem, idem.
- Sapucaia. — 10 a 12 palmos de grossura, 30 a 50 de comprimento; para construcção naval.
- Dita da varzea. — Para construcção naval, civil e marcenaria.
- Sapupira branca e preta. — 8 a 10 palmos de grossura, 80 a 100 de comprimento; para construcção naval e civil.
- Sebolinha da varzea. — 1 a 2 palmos de grossura, 15 a 25 de comprimento; é pouco usada na construcção.
- Seringueira. — 10 a 12 palmos de grossura, 40 a 80 de comprimento; não é por ora usada na construcção; do seu leite se prepara a gomma elastica. (17)
- Sorva. — 6 a 7 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção civil.
- Sucuruba da mata — 5 a 6 palmos de grossura, 60 a 80 de comprimento; para construcção naval e civil.
- Sucuúba da mata. — 2 a 3 palmos de grossura, 40 a 45 de comprimento; para construcção civil.
- Tamanqueira de espinho. — 4 a 5 palmos de grossura, 40 a 45 de comprimento; para construcção civil.
- Tamacuaré. — 8 a 10 palmos de grossura, 40 a 45 de comprimento; para construcção civil.
- Patajuba. — Idem, idem; para construcção naval e civil e tambem para tinturaria.
- Patajubarana. — 5 a 6 palmos de grossura, 60 a 65 de comprimento; para construcção civil.
- Patapiririca. — 3 a 4 palmos de grossura, 30 a 40 de comprimento; para construcção civil.
- Tanary branco. — 5 a 6 palmos de grossura, 90 a 95 de comprimento; para construcção naval e civil.
- Timbórana. — 4 a 5 palmos de grossura, 30 a 35 de comprimento; para construcção civil.
- Tinteira. — 3 a 5 palmos de grossura, 40 a 40 de comprimento; para construcção naval e tinturaria.
- Ucuúba da mata. — 4 a 5 palmos de grossura, 60 a 70 de comprimento; para construcção civil.

(17) Terei occasião para adiante de fallar mais detidamente da *seringueira*.

Ucuúba branca.— 4 a 5 palmos de grossura, 60 a 70 de comprimento; por ora não é usada na construcção; da sua fruta extrahe-se uma materia sebacea, própria para velas.

Umiry da varzea.— 6 a 7 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção naval e civil.

Dita da mata.— Idem, idem.

Umary:— 1 a 3 palmos de grossura, 16 a 21 de comprimento; para marcenaria.

Uxi.— 3 a 5 palmos de grossura, 50 a 70 de comprimento; para construcção naval e civil.

Uxirana da varzea.— Idem, idem.

Ventona da varzea.— 4 a 5 palmos de grossura, 45 a 50 de comprimento; para construcção civil.

Xurú.— 5 a 6 palmos de grossura, 90 a 95 de comprimento; idem.

Além destas arvores, devo tambem mencionar as seguintes, que não constam do relatorio da exposiçãõ:

Andá.— E' arvore de 25 palmos de comprimento e dous de grossura. A madeira leve e esponjosa serve para jangadas e tamancos. Dá uma amendoa oleosa e purgativa, que embebeda e mata o peixe. E' a *arbor brasiliensis nucifera, fructu geminum nucleum continente*, de Pison e Maregravius.

Páo Brazil (*Brasilicum lignum Pseudo-santulum rubrum, de Maregrave, ou Ibirapitanga, seu lignum rubrum, de Pison*).— E' uma arvore de 60 e mais palmos de comprimento e 2 a 3 de grossura, armada de espinhos curtos.

Biriba.— E' arvore de 50 a 100 palmos de comprimento; de um amago preto durissimo; é a pederneira dos indigenas, que della extrahem fogo pelo attrito. Serve para mastros de barcos e para taboado de forro de embarcações, por isto que é menos atacado dos buzanos. Tambem serve para esteios de casás. Da casca extrahe-se estopa para calafeto, a qual tem o nome de *estopa da terra*.

Marupá.— Especie de *pinho*.

Entre os estabelecimentos publicos que visitei em Belém, devo fazer menção especial do arsenal de marinha, hoje sob a administração do Sr. capitão de fragata Manoel Carneiro da Rocha.

Admirei a ordem, a disciplina e o asseio que alli encontrei. O Sr. Carneiro da Rocha tem lutado com grandes difficuldades nos melhoramentos e reformas, que alli tem podido introduzir; mas a realização dos seus esforços prova que tudo póde conseguir uma vontade tenaz e perseverante.

Eis em resumo a historia da creação do arsenal de marinha do Pará, segundo os dados officiaes, que me foram ministrados.

Em Junho de 1761 escolheu o governador do Pará, general Manoel Bernardo de Mello e Castro, a ribeira e praia do Hospicio de S. Boaventura para estaleiros da primeira náõ, que se devia denominar *Belém*, e que projectava construir. Para isto, pois, mandou levantar telheiros e officinas proprias de construcção naval, para o que requisitou e lhe foram enviados da Ribeira de Lisboa os operarios necessarios.

Em virtude da carta régia de 6 de Julho de 1761, regularizou o governador o serviço das officinas, que se compunham das de calafate, polieiro, ferreiro, carpinteiro, serrador e tanoeiro, havendo mais 50 serventes, um patrão da galeota e 20 remadores.

Em 1790 foi collocado um guindaste, semelhante aos de Lisboa, sobre um caes de pedra. De ha muito que não existe esse guindaste, que foi substituido por um outro viudo da Inglaterra em 1858, e que suspende e pesa em balança propria até 10 toneladas de carga.

Foram até o anno de 1800 construidas no arsenal de marinha do Pará, 4 fragatas de 44 peças, 3 charrúas, 3 bergantins, 12 chalanas canhoneiras, além de uma infinidade de embarcações miudas para transporte, segundo attestou-o o capitão general do Estado do Grão-Pará D. Francisco de Souza Coutinho, em seu relatorio dirigido ao governo da metropole.

Em 1803 foi confirmada a nomeação de patrão-mór e em 1811 foi creado o lugar de capellão.

Em 1817 foi lançada no estaleiro a quilha de uma fragata de 46 peças, com o nome de *Leopoldina* e que cahiu ao mar na primeira oitava da Paschoa em 1822, com grande pompa, sendo então intendente o chefe de divisão Joaquim Epiphanio da Cunha. Creio que foi nesta mesma fragata, que retirou-se da provincia, depois da proclamação da independencia, o então capitão-tenente João Pascoe Greenfell.

Desde essa data, que de tanto progresso e gloria lhe foi, tem ido desfinhando o arsenal de marinha do Pará, que actualmente se limita a concertar embarcações e a construir lanchas e escaleres.

« Longe e bem longe, escrevia em 1863 o Sr. conselheiro De Lamare, está o arsenal de marinha do Pará do que deve ser e mesmo do que foi em tempos coloniaes. De feito, quem conhecer os recursos naturaes, que offerece aquella provincia, quem se recordar das importantes vantagens que dalli tirava a marinha portugueza em navios e madeiras, quem attender a que sómente nas margens do rio Acará, que vem desaguar na bahia, que banha o littoral de Belém, vegetam belas madeiras de construcção, em quantidade sufficiente para abastecer por muitos annos o arsenal de maior movimento, por certo lastimará a decadencia e completa insignificancia a que está reduzido aquelle estabelecimento.

« Tiral-o desse torpor, dar actividade e movimento ás suas officinas, eleva-o ao gráo de prosperidade a que elle póde naturalmente attingir, é prestar um incontestavel serviço á marinha de guerra, fomentando ao mesmo tempo os justos interesses e engrandecimento futuro de uma das provincias do Imperio, que pela fertilidade do seu solo, pelas riquezas com que prodigamente a aquinhoou a Providencia, póde mais amplamente compensar os disvelos e cuidados, que lhe forem largueados. » (18)

(18) Relatorio do ministerio da marinha de 1863.

« Ninguém desconhece, continúa ainda o Sr. conselheiro De Lamare, quanto importa dar vigoroso impulso a este estabelecimento, unico situado de Pernambuco para o norte, e que de tão valioso auxilio pôde vir a ser á marinha do Estado e á dos particulares, em uma provincia como aquella, onde a industria privada não offerece os necessarios recursos, e que por sua posição geographica tem de tornar-se o centro de uma força naval respeitavel e de um importante commercio maritimo, principalmente sendo realizada a idéa da livre navegação do Amazonas. »

Atualmente parece existir mais actividade no arsenal de marinha do Pará, não só pelos esforços do intelligente inspector, como porque, attendendo o governo imperial a uma palpitante necessidade, houve por bem augmentar os jornaes dos mestres e operarios.

Occupa este estabelecimento uma superficie de 89 braças de comprimento; a contar da entrada do portão, na praça de Bagé, ao portão que dá para o igarapé de S. José; tendo de fundo 71 1/2 braças da preamar média ao muro que separa o arsenal da entrada.

Lançando-se a vista para o lado do sul, depara-se com o riacho ou igarapé de S. José, antigamente denominado *Comedia dos peixes-boi* e que borda uma ilha.

No centro da casa do inspector, acha-se collocada a capella do arsenal, a qual já existia antes da edificação daquella casa, que encerrou-a em seu ambito. O orago é S. Sebastião.

Foi ella antigamente convento de S. Boaventura, levantado á beira mar pelos religiosos da Conceição da Beira e Minho, no anno de 1706, no sitio então denominado *Porto do Tição*, em 66 braças de terreno doadas para essa fundação.

Pouco direi, por ora, ácerca da instrucção publica no Pará. Demorando-me alli apenas 15 dias e tendo de examinar diferentes cousas, não dispuz de tempo sufficiente para estudar esse ponto importantissimo e que tanto interessa ao futuro engrandecimento da provincia.

Reservar-me-hei para quando voltar da minha excursão ao Amazonas, consignando apenas agora o que tão por alto pude colher.

Parece que as administrações que tem tido o Pará, se não têm esquecido de promover e derramar a instrucção pelo povo. Ha nesta provincia 164 escolas publicas de ensino primario, sendo 85 para o sexo masculino e 72 para o sexo feminino, frequentadas as primeiras por 4.500 alumnos e as segundas por 1.200. Além destas ha ainda 18 escolas particulares, sendo 13 para meninos e 5 para meninas.

Funciona na capital um bem montado estabelecimento, sob a denominação de *Lyceu Paraense*, no qual, regidas por habéis professores, existem as aulas de grammatica latina, latinidade, francez, inglez, grammatica philosophica, rhetorica, historia, geographia, philosophia, technologia, physica, chimica, mathematicas, escripturação mercantil, desenho e

musica. Comprehende dous cursos o tirocinio neste lyceu : o de humanidades e o commercial, compostos ambos de 12 cadeiras e percorridos o primeiro em seis e o segundo em tres annos.

Além dos dous estabelecimentos episcopaes, o pequeno e o grande seminario, sob as vistas e direcção do illustradissimo prelado da igreja paraense e frequentados por grande numero de alumnos, ha ainda não menos de sete collegios particulares, perfeitamente montados e com crescido numero de alumnos. Tambem achou écho na provincia o pensamento das escolas nocturnas para adultos, que vai produzindo resultados magnificos. Em 1872 foram ellas frequentadas por 268 alumnos e consta-me que no corrente anno o augmento foi de mais de metade. Ha tambem uma escola nocturna destinada exclusivamente ao ensino de escravos e que em 1872 era frequentada por 55 alumnos.

A' expensas suas creou o Sr. bispo diocesano, no antigo convento do Carmo, um asylo para as meninas pobres da provincia, e que ali recebem esmerada educação. Tive occasião de visitar esse estabelecimento, que é vastissimo, tendo talvez capacidade para accomodar mais de 200 pensionistas. E' pena que os poucos recursos de que dispõe o prelado lhe não permittam dar maior desenvolvimento áquella utilissima instituição.

Merece tambem menção especial o collegio de Nossa Senhora do Amparo, para educação das meninas, e mantido á custa do thesouro provincial e de uma subvenção geral.

De um trabalho publicado no almanak do Pará, de 1871, colhi os dados seguintes, ácerca deste importante estabelecimento :

A idéa e o começo da realização de tão util casa, deve-se ao bispo D. Manoel de Almeida Carvalho, de saudosissima memoria. Em 1824 começou este estabelecimento a receber 200\$000 da fazenda nacional, que de 1826 a 1830, por ordem do governo, fornecia tambem carne, farinha e luz ao collegio.

De 1830 a 1833 foi este fornecimento substituido pela somma annual de 600\$000, que em fins de 1833 foi reduzida a 400\$000. Em 1837 ou 1838 foi esta quantia elevada a 800\$000 e logo depois a 2:000\$000, que tem subsistido até hoje.

Foi originariamente instituido o collegio para educação de indias menores. Com o andar dos tempos, porém, foram sendo pouco a pouco admittidas meninas apenas descendentes de indias, depois as mestiças, mais tarde as brancas pobres e por fim chegou tambem á vez das brancas ricas serem admittidas, o que era evidente signal da transformação do instituto.

Quando em 1824 ou 1825, chegaram as cousas a este ponto, o digno bispo Souza Coelho, que já tinha feito muito sacrificio no empenho de manter o collegio, exigiu que as filhas dos homens abastados, que fossem admittidas ou que já existiam no estabelecimento, pagassem 25\$000 de comedorias, vestindo-se e calçando-se á custa de seus pais.

Foi o meio mais acertado e o unico de sustentar o instituto.

Assim o exigia e aconselhava a necessidade. Desde então não teve o prelado de fazer sacrificios como d'antes; as quotas das meninas abastadas, que affluíam ao collegio, as que o governo imperial fornecia e algumas esmolas importantes, saldavam a maior parte das despezas.

Uma vez assim transformado o edificio de sua primitiva organização, era facil prever que o estabelecimento estava proximo a passar a outras mãos e a outros directores, e effectivamente assim aconteceu, logo ou pouco depois do fallecimento do bispo D. Romualdo de Souza Coelho.

Hoje, este collegio que é, pelo menos, um dos mais bellos estabelecimentos de educação de meninas em todo o norte do Imperio, é mantido por tres differentes fontes de renda: por seus proprios redditos, pela subvenção do governo imperial e principalmente por quotas votadas annualmente pela assembléa provincial.

Diversas sociedades scientificas e litterarias promovem tambem na capital do Pará, a disseminação dos conhecimentos. A grande imprensa é alli representada pelo *Diario do Grão Pará*, *Jornal do Pará*, *Diario de Belém* e *Liberal do Pará*, que são diarios. Ha mais a *Boa Nova*, que se publica duas vezes por semana, o *Pelicano*, que é semanal e diversos jornaes de pequeno formato, como a *Tribuna*, o *Tacape*, a *Patria*, a *Luz da Verdade*, o *Santo Officio*, e outros. Annunciava-se o apparecimento proximo de um novo jornal, que seria denominado *Jornal do Commercio*.

Na noite do 1.º de Abril, embarquei no vapor *Arary*, com destino a Manáos, capital da provincia do Amazonas.

Pertence o *Arary* á companhia de navegação a vapor (Limitada) do Amazonas.

« Na provincia do Pará, disse o Sr. conselheiro Corrêa de Oliveira, e eu acrescentarei, na provincia do Amazonas, onde ha uma vasta rede navegavel, um labyrintho de grandes e pequenas vias fluviaes, que cortam a terra em todos os sentidos e direcções, parecendo constituir um archipelago, era necessario juntar á grande obra da natureza a facilidade de transporte para tantos productos espontaneos, que ahi estão desafiando a colheita e extracção. A' esta necessidade tem o governo attendido, subvencionando as companhias de navegação e commercio do Amazonas, a fluvial Paraense, a costeira do Maranhão, a fluvial do Alto Amazonas e a empreza de navegação do Tocantins e Araguaya. »

São incalculaveis os serviços prestados por estas companhias, sem as quaes não teriam as duas provincias tido occasião de desenvolver os immensos recursos com que dotou-as a providencia.

A primeira e a mais importante de todas e que cada dia mais se vai desenvolvendo e prosperando, graças á direcção intelligente do infatigavel gerente o Sr. M. A. Pimenta Bueno, é a companhia fluvial (Limitada) do Amazonas.

Foi ella incorporada no Rio de Janeiro em 1852 pelo Sr. Barão de Mauá e começaram os seus vapores a funcionar no 1.º de Janeiro de 1853.

Em principios de 1852, o negociante João Augusto Corrêa, Paraense recommendavel por sua actividade e relações commerciaes e que a morte tão prematuramente roubou ao desenvolvimento da terra que o viu nascer, apresentou ao governo imperial uma proposta, obrigando-se, mediante a subvenção de 96:000\$000, a estabelecer a navegação do Amazonas por barcos a vapor. Não julgou porém conveniente o governo aceitar a proposta, visto como não se obrigava o proponente a fundar os nucleos coloniaes, que o governo tinha em vista.

Nos termos da lei n.º 586 de 6 de Setembro de 1850, por decreto de 30 de Agosto de 1852, concedeu o governo imperial a Irineo Evangelista de Souza, hoje Barão de Mauá, a faculdade de incorporar uma companhia com o capital de 1.200:000\$000, para o fim de sustentar a navegação regular por navios a vapor entre a cidade de Belém e a de Manáos e entre esta e a povoação de Nauta, no Perú.

Do importante trabalho do Sr. Dr. Domingos Antonio Raiol, intitulado *Abertura do Amazonas*, extrahimos os seguintes e curiosos apontamentos:

« Foi concedido á companhia o privilegio exclusivo por 30 annos para só ella poder navegar em barcos a vapor entre Belém e Manáos e Manáos e Nauta.

« Além disto o governo imperial nos primeiros 15 annos se obrigou a prestar-lhe uma subvenção annual de 160:000\$000 pelo serviço da primeira linha, garantindo a subvenção, que lhe desse o governo do Perú pelo serviço da segunda, a cujo pagamento se obrigára até o maximo de 40:000\$000

« Durante os 30 annos do privilegio, a companhia era obrigada a fundar nas immedições do Amazonas e dos seus confluentes 60 colonias de estrangeiros ou de indios, devendo ser aquelles da nação, que o governo designasse.

« Para este fim lhe seria concedida gratuitamente a porção de terreno necessario para as colonias ou aldeamentos, não podendo cada um destes estabelecimentos occupar menor espaço do que o indispensavel para a sustentação de 3.000 habitantes.

« As colonias que a companhia fundasse, gozariam de todos os favores, que já tivessem sido concedidos ou que se concedessem a iguaes estabelecimentos no Imperio, salvas as restricções das localidades e do regimen administrativo.

« O governo não concorreria com despeza alguma para fundação de colonias ou dos aldeamentos, mas obrigava-se a dar á companhia toda a protecção e auxilio necessario para facilitar o contracto, vinda e estabelecimento tanto dos colonos como dos missionarios que a companhia tivesse de transportar e bem assim para remover quaesquer embarços imprevistos, que se oppozessem á marcha e desenvolvimento da empresa.

• • • • •
« Este contracto foi innovado por outro que baixou com o decreto n.º 1445 de 2 de Outubro de 1854.

« Foram então concedidos gratuitamente á companhia 70

territorios de duas leguas em quadro, cada um, em terrenos devolutos, sendo 10 em ambas as margens e lagos adjacentes do Purús, 20 nas margens do Amazonas, 10 nas do Madeira, 10 nas do Rio Negro e Tapajós e 10 em quaesquer outras margens dos afluentes do Amazonas em que conviesse á companhia formar, com approvação do governo imperial, aldeamentos de indios ou estabelecimentos agricolas industriaes.

« Os territorios concedidos seriam medidos á custa da companhia na fórma do regulamento de 8 de Maio de 1854, e em compensação ficou a companhia obrigada a fundar 12 colonias, sendo uma na margem do Javary, duas nas margens do Purús, quatro nas do Amazonas, quatro nas dos Rios Negro e Tapajós, e uma á margem do Madeira, nos lugares que fossem approvados pelo governo imperial

« Cada uma destas colonias teria pelo menos 600 colonos importados á custa e diligencias da companhia, todos de origem européa e das nações que o governo imperial designasse expressamente para cada uma. A metade do numero das ditas colonias seria fundada pelo menos dentro dos primeiros cinco annos e o resto dentro dos outros cinco ao mais tardar.

« As colonias, que a companhia fundasse, gozariam das mesmas vantagens concedidas ou que se concedessem a iguaes estabelecimentos no Imperio, uma vez que se não oppozessem ás circumstancias especiaes das localidades e ás conveniencias administrativas. O governo imperial daria á companhia efficaz protecção, na qual se comprehendia o auxilio de destacamentos militares, precedendo reclamação da mesma companhia e sendo verificada pelo governo a necessidade das providencias.»

Do exame que fizemos dos relatorios desta empresa, colhemos os seguintes dados sobre a historia desta colonização, dados que copiámos quasi textualmente :

A companhia procurou cumprir as obrigações que lhe eram impostas por este contracto, mandando logo, mediante salario, buscar colonos em Portugal, em numero sufficiente para abrir as colonias, construir habitações, fazer derrubadas e plantações, assim como para dar principio aos estabelecimentos industriaes, que tinham de alimentar as futuras necessidades das mesmas colonias.

Feitos estes primeiros serviços, como preparatorios dos 12 nucleos de povoações a que se tinha obrigado, pretendia então a companhia dar começo á verdadeira importação de colonos que viessem estabelecer-se desde logo como foreiros nas terras de que ella tomasse posse por concessões do governo, conforme o contracto, ou por compra que fizesse a particulares, conforme autorizára á gerencia, com a condição de que fossem situadas as terras em localidades convenientes e por preços infimos.

Dentro de um anno da data do contracto, importou a companhia 1.061 colonos portuguezes e 30 chins. A primeira colonia que fundou foi a de *Mauá*, no lugar denominado *Furo*, abaixo das Lages, nas proximidades da capital da provincia do Amazonas, em um dos territorios concedidos pelo governo

imperial, tendo a companhia obtido por compra 12 terrenos encravados no perimetro da colonia.

Até 31 de Dezembro de 1856 montaram a 67:000\$000 as despesas de passagens, engajamentos, férias, comestiveis e ferramenta dos colonos, compra de terrenos, gado e utensilios, construcções, medições, embarcações para o serviço da colonia, ordenados e sustento dos empregados.

A segunda colonia que a companhia fundou foi a de *Itacoatiara*, em terrenos comprados nas immediações de Serpa, contiguo aos quaes fez depois o governo imperial a concessão de um territorio. Foi ahi estabelecida uma serraria com todo o machinismo necessario, assim como uma olaria, montando as despezas de ambas até o fim de 1856 á somma de 50:000\$, além das despezas das férias, passagens, sustento, ferramenta de colonos, compras de terreno, gado e utensilios, embarcações, construcções, ordenados e sustento dos empregados; despezas estas que importaram em 78:000\$000, perfazendo o total de 128:000\$000.

Incluidas as dividas dos colonos que se evadiram e as despezas feitas com outros que foram empregados em diversos misteres, tinha a companhia até Junho de 1856 despendido com a colonização a somma de 263:000\$000 !

E todo este dinheiro foi perdido; a colonização não vingou; os nucleos coloniaes viveram vida ephemera e extinguiram-se por fim.

O illustrado Sr. Dr. Tavares Bastos, pensa que as experiencias coloniaes da companhia do Amazonas foram mal succedidas por não terem sido dirigidas com perseverança, nem com o proposito resolutivo de levar-se ao cabo a tentativa.

« Não sabemos dos esforços que empregou a companhia para desenvolver esses nucleos de colonização, diz o Sr. Dr. Raiol, nem podemos entrar nas intenções, que teve neste ramo de serviço a seu cargo. O que, porém, nos parece fóra de duvida, é que o systema adoptado não fóra o mais conveniente. »

O Sr. Barão de Mauá, tratando do máo resultado da colonização, exprime-se do seguinte modo :

« A grande questão da colonização, que aliás importa um interesse brasileiro de primeira ordem, carece ainda de muito estudo para ser satisfactoriamente resolvida : a propria riqueza das magnificas regiões amazonicas é um obice, por assim dizer, insuperavel á realização do estabelecimento de nucleos coloniaes.

« Não basta termos terras, que em fertilidade igualam, excedem mesmo ás melhores do mundo ; não basta que essas terras abundem em producções naturaes que despertam a cobiça do trabalhador menos ambicioso, mostrando-lhe a natureza seus valiosos fructos promptos a serem colhidos ; não basta que esses terrenos se achem em parte cobertos de annosos troncos, de frondosas arvores que só esperam ser derrubadas pela mão do homem para fornecerem as melhores e mais preciosas qualidades de madeira ao com-

mercio e ás artes ; não basta, finalmente, a vontade a mais tenaz para conseguir um grande fim, pois que, sem embargo de todos os elementos, nossos esforços só deram em resultado uma completa decepção.

« Tão pouco se pôde attribuir o máo exito desses esforços a erros administrativos nos meios de que se lançou mão. Para attrahir a verdadeira colonização era preciso dispôr os elementos necessarios, e pois contractar um forte numero de trabalhadores que viessem derrubar as mattas, fazer plantações dos principaes generos de alimentação vegetal, levantar cabanas e estabelecimentos industriaes de natureza a satisfazer as necessidades primitivas de futuras povoações agricolas, pareceria na verdade o meio mais racional, senão o unico, de conseguir-se mais tarde o fim que tinhamos em vista. Tudo porém falhou, não só porque o pessoal dos colonos por sua má indole não satisfez, como mesmo pelo principio economico de que o trabalho procura o emprego de que pôde auferir maior proveito, sendo certo que no Amazonas o braço vigoroso que trabalhe por sua conta, encontrará por longo tempo uma remuneração mais proveitosa, do que o máis pingue salario que a industria ou a agricultura possam pagar. » (19)

Mallograda a colonização e attentos os prejuizos soffridos pela companhia pediu o Barão de Mauá innovação do contracto, a qual lhe foi concedida por decreto de 10 de Outubro de 1857, ficando a mesma companhia exonerada das obrigações dos contractos anteriores ácerca da colonização e com pleno dominio a todos os terrenos, que lhe tinham sido concedidos.

Da tabella annexa ao mesmo decreto, constam todas as concessões de terras feitas á companhia pela maneira seguinte :

1—por aviso de 6 de Outubro de 1854, á margem do Rio Negro, entre os furos abaixo das Lages e a cidade de Manáos, na provincia do Amazonas.

3—por aviso de 12 de Novembro de 1855, sendo um na ilha das Araras, no rio Madeira ; um na margem direita do Solimões, e meio nas immediações de Serpa, na provincia do Amazonas ; meio a quinze milhas de distancia de Belém na provincia do Pará.

13—por avisos de 23 de Outubro de 1855 e 3 de Janeiro de 1856, sendo 2 no Javary, 2 no Purús, 2 no Madeira, 1 em Maués, 1 em Cararaucú, 1 em Maracanã, 1 em Villa Bella, e 3 á escolha da companhia, no Rio Negro, provincia do Amazonas.

(19) Relatorio da companhia do Amazonas, de 1857.

5—por avisos de 23 de Outubro de 1855 e 3 de Janeiro de 1856, sendo um em Monte Alegre, um na Prainha, um em Villa-Pobre, um em Itaquí, um em Tapajós, provincia do Pará.

1—por aviso de 3 de Janeiro de 1856, no rio Trombetas, provincia do Pará.

O estado actual da companhia de navegação a vapor do Amazonas é assaz florescente.

Tem a seu cargo nove linhas de navegação, mantendo todas com a necessaria regularidade.

A 1.^a linha vai de Belém a Manáos com escala por Breves, Gurupá, Porto de Moz, Prainha, Monte-Alegre, Santarém, Obidos, Villa Bella e Serpa; tem duas viagens mensaes, sahindo os vapores do porto de Belém nos dias 2 e 18 de cada mez e voltando nos dias 15 e 30.

A segunda linha vai de Manáos a Loreto, no Perú, tocando nos portos de Cudajaz, Coary, Tefá, Fonte-Boa, Tocantins, S. Paulo e Tabatinga. Tem uma viagem mensal.

Percorrem a 1.^a e 2.^a linha uma distancia de 1.813 milhas (3.358 kilometros, ou em viagem redonda 3.626 milhas).

Eis a distancia em milhas dos differentes pontos em que tocam os vapores da primeira linha:

	Milhas.
De Belém a Breves	146
De Breves a Gurupá	123
De Gurupá a Porto de Moz	48
De Porto de Moz á Prainha	96
Da Prainha a Monte-Alegre	44
De Monte-Alegre a Santarém	60
De Santarém a Obidos	68
De Obidos a Villa-Bella	95
De Villa-Bella a Serpa	137
De Serpa a Manáos	110

São estas as distancias marcadas na tabella da companhia.

Um distincto official da marinha brazileira e que ha muitos annos commanda um dos vapores da mesma companhia, teve a bondade de fornecer-me a seguinte tabella, afluçando-me ser ella a mais bem calculada:

	Milhas.
De Belém a Breves	148
De Breves a Itaquara	84
De Itaquara a Gurupá	35
De Gurupá a Porto de Moz	47

	Milhas.
De Porto de Moz á Prainha	98
Da Prainha a Monte-Alegre.....	41
De Monte-Alegre a Santarém.....	63
De Santarém a Alemquer.....	45
De Alemquer a Obidos.....	48
De Obidos á Villa-Bella.....	95
De Villa-Bella a Serpa.....	138
De Serpa a Manãos.....	110

Os passageiros de 1. ^a classe que de Belém vão a Manãos, pagam....	100\$000
Os de 2. ^a classe, pagam.....	50\$000
Os de 3. ^a classe.....	25\$000
Os menores de 9 annos de 1. ^a classe.....	50\$000
Os menores de 3 annos.....	§

Eis a distancia em milhas dos differentes pontos em que tocam os vapores da 2.^a linha :

	Milhas.
De Manãos a Cudajás.....	155
De Cudajás a Coary.....	84
De Coary a Teflé.....	107
De Teflé á Fonte-Boa.....	133
De Fonte-Boa a Tocantins.....	140
De Tocantins a S. Paulo.....	95
De S. Paulo a Tabatinga.....	104
De Tabatinga a Loreto.....	63

Os passageiros de 1. ^a classe, que vão de Manãos até Tabatinga, pagam.	80\$000
Os passageiros de prôa.....	20\$000
Os menores de 9 annos da 1. ^a classe.	40\$000
Os menores de 3 annos.....	§

A terceira linha vai de Belém a Cametá com escala por S. Domingos e Abaeté, tem duas viagens mensaes ; sahem os vapores a 10 e 25 de cada mez e voltam a 12 e a 27.

A quarta linha navega nas aguas do Perú e nas do grande estuario do Amazonas. Atravessa duas vezes este estuario ; uma, da foz do Anajaz para Macapá, e outra, da ponte da Pedreira (Barra N. do Amazonas) para Chaves, que fica na barra Oriental. Neste ultimo trajecto atravessa tambem o equador e toca na ilha Caviana.

A distancia da linha é de 498 milhas.

A quinta linha é de Belém a Tapera, no Arary, sahe e volta o vapor no dia 6 de cada mez.

A sexta linha é de Belém a Soure ; tem uma viagem mensal no dia 3 de cada mez.

A setima é de Belém a Obidos, com escala por Breves, Gurupá, Porto de Moz, Prainha, Monte-Alegre e Santarém; faz uma viagem mensal no dia 12 de cada mez.

A oitava pertence exclusivamente ao Baixo Tapajós, entre Santarém e Itaituba.

A nona faz a navegação entre Santarém e Faro, com escalas por Alemquer, Obidos e Maracanassú (Juruty) d'onde penetra, para chegar a Faro, por um paraná-mirim do Amazonas, que vai ao Jamundá.

A extensão total das 9 linhas é de 4.532 milhas (viagem simples) ou 9.064 milhas em viagem redonda, correspondendo a 16.786 kilometros, extensão quasi igual a New-York a Valparaizo, passando pelo cabo de Horn.

Além de um grande e bem montado trapiche e das officinas bem aparelhadas para concerto e fabrico de embarcações, possui a companhia 10 vapores bem construidos e com excellentes accomodações para passageiros.

Eis os nomes dos vapores :

Arary.—De força de 200 cavallos e 738 toneladas.

Manãos.—De força de 200 cavallos e de capacidade para 681 toneladas.

Belém.—De igual força e capacidade.

Obidos.—De força de 100 cavallos e capacidade para 5.000 arrobas.

Tejapurú.—De força de 250 cavallos e de capacidade para 840 toneladas.

Soure.—De força de 100 cavallos e capacidade para 414 toneladas.

Inca.—De força de 100 cavallos e capacidade para 414 toneladas.

Icamiaba.—De força de 100 cavallos e capacidade para 414 toneladas.

Tapajós.—De força de 200 cavallos e capacidade para 751 toneladas.

Aturiá.

O estabelecimento das officinas tem sido de grande utilidade á provincia do Pará, visto como são allí admittidos aprendizes que se dedicam á profissão mecanica, tendo já sahido dalli alguns bons machinistas.

No relatorio que apresentou á assembléa provincial do Pará, assim exprimiu-se o Sr. vice-almirante De Lamare :

« Tão identificada está a companhia do Amazonas, com o commercio do valle do Amazonas, que se não póde tratar deste sem fazer referencia áquella empreza; e pois, que é ella que, pelos seus grandes resultados, mais de perto interessa ao assumpto de que me occupo, é della tambem que tratarei com maior desenvolvimento.

« Contractada em 1852 com o governo imperial, que procurava arrancar esta provincia do abatimento em que jazia, a companhia inaugurou seu serviço em Janeiro de 1853.

« Até essa época todo o trafico dos generos de commercio era morosamente feito em canôas, que raras vezes realizavam uma viagem redonda de Belém a Manáos, em menos de cinco mezes, viagem que hoje se effectua em 13 a 15 dias, quando muito, comprehendidos os cinco dias de demora em Manáos, e nos dez pontos intermedios.

« Os fretes que eram caros nos barcos á vela, sendo calculados de accôrdo com os commerciantes carregadores para a navegação a vapor, ficaram muito reduzidos; as distancias quasi desappareceram; as communicacões tornaram-se rapidas e commodas; as transacções tornando-se mais activas, multiplicaram-se, e, como consequencia immediata, o commercio ampliou o campo de suas especulações, á medida que novos recursos avultavam; e o valle do Amazonas viu, emfim, entrar por suas portas a riqueza, a prosperidade e a civilisação, ha tantos seculos esperada.

« As rendas publicas que acompanharam de perto a marcha do commercio, começaram igualmente a participar das vantagens resultantes da revolução economica e pacifica, produzida pelo vapor nas aguas do Amazonas. »

Depois de entrar em alguns pormenores para demonstrar que o desenvolvimento das rendas publicas é devido principalmente ao estabelecimento da navegação a vapor no Amazonas, assim conclue o Sr. conselheiro De Lamare :

« Resultado immenso para uma região tão grande em territorio, como pequena em população, e onde a industria e a agricultura eram desconhecidas e quasi nullas até a época em que começou aquella navegação.

« E' pois, com razão que se tem dito, que do estabelecimento da navegação a vapor no Amazonas data o extraordinario desenvolvimento da riqueza publica do Pará, ou como se exprimiu ha pouco um distincto escriptor, nosso compatriota : « *A verdadeira descoberta do Amazonas data de 1852.* »

« A companhia auxiliada pelo governo imperial em seus esforços, pôde lisongear-se de ter satisfeito as vistas do mesmo governo, concorrendo assim directamente para o rapido desenvolvimento do commercio, para o progresso da industria e das rendas publicas, ao mesmo tempo que foi descontinando e preparando o terreno para os novos empreiteiros, que provavelmente hão de vir de diversas partes do mundo para desfructar comnosco os bens de que a natureza encheu esta vasta região, cuja vida, força e actividade estão essencialmente no movimento quasi animado desse grande agente do progresso material das nações— o vapor.

« Os dous seguintes quadros, que se acham no relatorio apresentado em 20 de Junho de 1863 pelo Sr. Joaquim da Fonseca Guimarães, vice-presidente da companhia, dispensam outro qualquer commentario para provar que a subvenção que os governos imperial e provincial prestam a esta empresa, é uma das despesas mais productivas, que figuram tanto no orçamento geral como no provincial. »

1.º periodo de 1838 a 1852 :

<i>Quadros.</i>	<i>Valores.</i>
Renda provincial.....	3.184:289\$401
Renda da alfandega.....	5.396:204\$163
Valor da importação.....	22.361:723\$737
Valor da exportação.....	17.689:541\$663

2.º periodo de 1853 a 1857 :

<i>Quadros.</i>	<i>Valores.</i>
Renda provincial.....	8.001:705\$546
Renda da alfandega.....	21.516:754\$324
Valor da importação.....	64.587:783\$862
Valor da exportação.....	75.304:084\$799

Augmento havido no periodo de 1853 a 1857 :

Renda provincial.....	4.817:416\$145
Renda da alfandega.....	16.120:550\$161
Valor da importação.....	42.226:060\$125
Valor da exportação.....	57.614:543\$136

No periodo de 1858 a 1864, segundo o relatorio do Sr. Dr. Couto de Magalhães :

	<i>Importação.</i>
1858—1859.....	3.946:363\$957
1859—1860.....	4.709:895\$560
1860—1861.....	5.704:745\$464
1861—1862.....	3.618:976\$206
1862—1863.....	4.471:313\$653
1863—1864.....	5.227:895\$281

	<i>Exportação.</i>
1858—1859.....	3.917:103\$688
1859—1860.....	5.912:860\$040
1860—1861.....	5.341:303\$713
1861—1862.....	4.602:299\$657
1862—1863.....	5.573:768\$971
1863—1864.....	5.827:243\$079

O valor total das transacções commerciaes no exercicio de 1863—1864, calculado pelos dados officiaes, os direitos a que são sujeitos os generos e mercadorias importadas e exportadas montaram á somma de 13.837:338\$621.

Comparado com igual valor do exercicio de 1862—1863, 12.042:425\$801, temos em favor de 1863—1864 o augmento de 1.854:912\$820 ou 15,4 %.

O valor official da importação, foi em 1869—1870.....	7.215:524\$240
O valor official da exportação foi em 1869—1870.....	13.429:261\$800

Estes algarismos fallam muito alto em favor dos beneficios trazidos ao commercio pela companhia do Amazonas principalmente.

Em 1869 transportou a companhia 13.386 passageiros, obtendo a receita de 151:918\$513. A dos fretes foi de 425:266\$547, elevando-se a receita total a 517:185\$060. O valor da importação foi a 6 902:422\$535, mais 619:293\$462 que em 1868, e o da exportação foi de 8.531:384\$450, mais 1.976:470\$469 que naquelle anno.

Terminarei esta breve e incompleta noticia ácerca da companhia do Amazonas, com o seguinte topico do relatorio do Sr. Dr. Couto de Magalhães:

« A subvenção de 720:000\$000, que o Estado despense para garantir e firmar esta grande empreza, é sem duvida alta; mas essa despeza é compensada annual e progressivamente pelos beneficios e bons resultados que colhe a provincia do Pará e por conseguinte o Imperio, pois que o paiz inteiro ganha sempre com a prosperidade de qualquer das suas partes.

« O estado florescente desta provincia, o augmento constante das rendas da sua alfandega, a propagação de machinas de vapor nas fabricas de assucar, a facilidade das communicações entre esta provincia e a do Amazonas até á fronteira imperial de Tabatinga, e da maior parte dos diversos pontos do interior com esta capital, são resultados e beneficios provenientes da existencia da navegação a vapor estabelecida pela companhia do Amazonas, garantida por aquella subvenção do governo. São documentos vivos que provam a grande utilidade dessa empreza, documentos que de certo não têm sido consultados por aquelles vossos concidadãos, que não estudaram bem o estado desta provincia antes e depois do estabelecimento da companhia de navegação a vapor. »

A companhia fluvial paraense foi incorporada pelo negociante João Augusto Corrêa, que obteve da assembléa provincial uma subvenção sufficiente para realizar aquella empreza, a principio em ponto pequeno, porém a que elle soube dar desenvolvimento rapido na qualidade de director, cargo que desempenhou até fallecer.

Tem esta companhia sete linhas de navegação e cinco vapores, que partem de Belém para os seguintes pontos:

- 1.^a Para Cairary, no rio Mojú, fazendo escala pela freguezia de Mojú.
- 2.^a Para a freguezia do Acará.
- 3.^a Para S. Miguel de Guamá, fazendo escalas por Bujarú e S. Domingos.
- 4.^a Para Mazagão, fazendo escalas por Boa-Vista, Curralinho, Breves, Anajás e Macapá.
- 5.^a Para Portel, com escalas por Muaná, Boa-Vista, Curralinho, Oeiras, Breves e Melgaço.
- 6.^a Para Igarapé-mirim, fazendo escala por Abaeté.
- 7.^a Para Bayão, no rio Tocantins, fazendo escala por Cameté, Mocajuba e Tocantins.

Os cinco vapores que lhe pertencem, são :

Anajaz.
João Augusto.
Guamá.
Mojú.
Amazonas.

Esta companhia é subvencionada pela provincia do Pará com 74:000,5000 para as suas diversas linhas.

A companhia fluvial do Alto Amazonas, possui seis vapores que navegam nos rios Amazonas, Madeira e Purús. A linha do Amazonas navega entre Belém e Manáos, fazendo escalas por Breves, Gurupá, Porto de Moz, Prainha, Santarem, Obidos, Villa-Bella e Serpa.

A linha do Madeira navega entre Manáos e Santo Antonio, fazendo escalas por Canumam, Borba, Tabocal, Manicoré, Baetas, Juma, Crato e Cavalcanti.

A linha do Purús navega entre Manáos e Hyutanahan, fazendo escalas por Manacapurá, Paricutuba, Aruman, Boa-Vista, Piranhas, Ariman, Jaburá, Canutama e Vista Alegre. Os vapores que actualmente possui são os seguintes:

Amazonas.
Madeira.
Rio Branco.
Andirá.
Guajará.
Jamary.
Ariman.

Os passageiros de 1.^a classe que vão de Manáos a Santo Antonio, no rio Madeira, pagam 100,5000. Os que vão de Manáos a Hyutanahan, no rio Purús, pagam 125,5000.

Os menores de 9 annos pagam metade da passagem.

Além dos vapores acima mencionados das companhias navegação á vapor do Amazonas, Fluvial Paraense e Fluvial do Alto Amazonas, navegam nos rios das duas provincias, com mais ou menos regularidade, os seguintes vapores particulares:

Gião, Madeira, Amazonas, Fortaleza, Alceste (peruano), Maissi, Duque d'Edimburgo, Americo, Fragoso, Teixeira & Ruiz.

Terminava estas linhas, quando chegando-me ás mãos um numero do *Diario de Belém*, nelle li a noticia do projecto de fusão da companhia Fluvial Paraense na de Navegação á vapor limitada do Amazonas, mediante as seguintes clausulas:

1.^a A companhia Fluvial Paraense transfere todos os seus contractos com todos os seus direitos e obrigações e os seus bens abaixo relacionados pela quantia de 500:000,5 (quinhentos contos de réis), á companhia de navegação á vapor do Amazonas (limitada) em dinheiro ou acções desta ultima companhia ao par, á opção dos accionistas da primeira.

2.^a Ficam pertencendo aos accionistas da companhia Fluvial Paraense o dinheiro, dividas e quaesquer outros valores não mencionados neste protocollo.

3.^a Todas as despesas de transferencias de contractos e de propriedade, correrão por conta da companhia cessionaria.

4.^a Fica a cargo da companhia de navegação á vapor do Amazonas (limitada) o pagamento da quantia de trinta e dous contos de réis ao thesouro provincial, valor do terreno em que está edificado o trapiche e predio novo, em cumprimento da obrigação contrahida pela companhia Fluvial Paraense com o governo provincial.

5.^a Os materiaes existentes em deposito, bem como os utensilios de escriptorio, serão recebidos pela companhia cessionaria pelo valor das respectivas entradas.

6.^a Fica sujeito este accôrdo, por um lado á approvação da directoria da companhia de navegação á vapor do Amazonas (limitada), a qual deverá declarar se o aceita ou não, dentro do prazo de quatro mezes a contar do primeiro de Junho do corrente anno; e por outro á approvação da assemblea geral dos accionistas da companhia Fluvial Paraense.

7.^a O pagamento dos referidos quinhentos contos de réis será feito em cinco prestações mensaes de cem contos de réis cada uma, sendo a primeira no acto da assignatura do competente contracto. Aos accionistas que preferirem acções, serão estas desde logo integralmente distribuidas ou as respectivas cautelas.

8.^a A companhia de navegação á vapor do Amazonas (limitada) e a companhia Fluvial Paraense, se obrigam a não iniciar da presente data em diante, negociação alguma da mesma especie com outra qualquer companhia de navegação fluvial desta provincia antes de findo o prazo referido na 6.^a clausula.

Bens a que se refere a clausula 1.^a deste protocollo :

5 vapores constantes do ultimo balanço....	400:000\$000
2 trapiches e ponte.....	77:000\$000
38 apolices provinciaes no valor nominal.....	23:000\$000
	<hr/>
Rs.....	500:000\$000
	<hr/>

E sendo lido e approvado este protocollo por ambas as partes contractantes, se mandou lavrar o presente em duplicata, que vai por todos assignado.

Pará, 29 de Maio de 1873.—Os MEMBROS DA COMMISSÃO, ETC.

Como disse, embarquei no 1.^o de Abril a bordo do *Arary*, com destino a Manáos, capital da provincia do Amazonas e onde sabia que se achavam os membros da commissão do Madeira, aos quaes me queria reunir.

Para a minha volta deixava o exame mais minucioso da importantissima capital do Grão-Pará.

Eram 10 horas pouco mais ou menos da noite, quando cheguei a bordo.

A noite estava humida e fria.

Depois de me despedir do meu intimo e bom amigo o Dr. Americo Marques de Santa Rosa, um dos mais distinctos me-

dicos do Pará e um dos moços mais intelligentes que conheço, subi á tolda do vapor, onde já diversos passageiros haviam armado as rêdes e tendo tambem como elles, realizado igual processo, deitei-me, sem entretanto poder conciliar o somno.

As rêdes são o leito de que geralmente se servem os habitantes das provincias do Pará e do Amazonas e muitas vezes constituem a unica mobilia da gente mais pobre. No principio custei a habituar-me a esse genero especial de dormida; no Pará não tive necessidade de acostumar-me a elle, por me ter sido dada uma excellente cama; mas depois, obrigando-me a necessidade a aceitar a rêde, porque mui raras vezes encontrava outra cama, cheguei por fim não só a acostumar-me a ella, como até a achal-a bem commoda e bem apropriada para a terra.

Os vapores das differentes companhias que navegam nos rios das duas provincias, são dispostos de modo a poderem os passageiros armar as rêdes na tolda. Sómente as pessoas doentes e uma ou outra senhora, aproveitam-se das camas dos beliches.

A' 1 hora da madrugada levantámos o ferro e o *Arary* cortou ligeiro e garboso as aguas do Guajará.

A noite estava muita escura e tempestuosa e a chuva cahia com força, açoitando a cobertura da tolda e os flancos do navio.

Ao passar não sei por que ponto da bahia de Marajó, e que é bastante perigoso, julgou prudente o commandante parar, visto como não lhe permittia a escuridão espessa que envolvia o vapor, seguir com a necessaria segurança.

A's 5 horas da manhã suspendemos de novo o ferro.

Os passageiros eram em geral negociantes de Manãos, que tinham ido a Belém aviar mercadorias, e alguns individuos que iam procurar fortuna nos seringaes do Madeira.

Tambem se dirigiam á capital do Amazonas dous distinctos officiaes da marinha peruana e membros da commissão de limites entre o Brazil e o Perú e com os quaes tive a fortuna de travar, em pouco tempo, relações da mais cordial camaradagem.

O commandante do vapor, o intelligente Sr. Talisman de Vasconcellos, cavalheiro não menos distincto pelas qualidades do coração, como pelo tracto fino e delicado, fez tudo quanto delle podia depender para tornar-nos a viagem facil e agradável.

Cumpro nesta occasião um dever, que me é assaz caro, agradecendo-lhe a obsequiosidade do tratamento, assim como a amabilidade com que se prestava a fornecer-me todos os esclarecimentos e notas, que lhe pedia.

Estava eu ancioso por entrar nas aguas do magestoso rio, que tantos segredos ainda encerra.

A's 4 horas da tarde passámos por uma povoação, que foi, ha seis annos talvez elevada á freguezia, com o nome de S. João Baptista do Currealinho. Tem uma igreja que não me pareceu má; a fórmula é elegante. As casas, que são contiguas

á igreja, me pareceram boas, posto que um pouco baixas. São em geral de telha e novas.

A's 10 horas da noite fundeámos no porto de Breves, pequena villa, situada á margem norte do furo Paraúau, em uma ponta de terra, que corresponde á pequena enseada em cujo fundo se acha o furo que dá communicação dalli para Melgaço.

Acredita o Sr. Ferreira Penna que deveu esta villa o nome que tem a um antigo estabelecimento que alli possuiu, em tempos passados, um portuguez chamado Breves, o qual com seu irmão monopolisava quasi todos os generos de commercio dos districtos vizinhos, as vantagens que dahi tiravam concorreram para dar importancia a seu estabelecimento, ao pé do qual, ha 40 annos, começaram a levantar barracas os seringueiros que para alli eram attrahidos pela abundancia da borracha.

Em 1850 a nova povoação augmentava com muitos habitantes de Melgaço e de outros lugares que para ella se mudavam, merecendo ser então elevada á categoria de freguezia e em 1851 á de villa.

Collocada entre as aguas do Amazonas e do Pará, esta villa teria tido grande incremento se as febres lhe não dizimassem os habitantes. Pela sua posição é o centro a que vai ter o commercio de Portel e Melgaço e dos rios Anapú, Jacundá e Anajás e da maior parte do estuario que se estende ao norte, sul e sudoeste da ilha de Marajó.

Todos os vapores e barcos que seguem do Pará com destino a qualquer ponto do Amazonas, têm de passar por Breves. O seu porto é um dos melhores para vapores, podendo estes atracar em qualquer ponte ao longo da margem.

Não me foi possivel ir á terra, e visitar a villa, não só por ser tarde, como porque me disseram que, em consequencia das copiosas chuvas dos ultimos dias, as ruas se achavam transformadas em verdadeiros lamaçoes. As casas me pareceram velhas e arruinadas.

A comarca de Breves, de que é cabeça aquella villa, compõe-se de quatro municipios, que são: Breves, Portel, Melgaço e Curralinho.

No dia seguinte, ás 10 horas, pouco mais ou menos, entrámos no Amazonas, e ás 3 horas e 20 minutos da tarde passámos por Gurupá, antiga *Mariocay* e aldêa da missão dos capuchinhos da Piedade.

Fica á margem do Amazonas, a 42 milhas acima do canal, do Tagipurú.

A comarca de Gurupá, de que aquella villa é cabeça, consta dos municipios de Gurupá e Porto de Moz. Aquelle comprehendendo as freguezias de Santo Antonio de Gurupá, Nossa Senhora da Conceição de Almeirim e Santa Cruz de Villarinho do Monte; este as freguezias de S. Braz do Porto de Moz, Nossa Senhora do Rosario de Arraiolos, S. João Baptista de Veiros, S. João Baptista de Pombal e S. Francisco Xavier de Souzel.

Era encantador o espectaculo que apresentavam as mar-

gens do Tagipurú. A natureza se ostentava alli em toda a sua força e belleza. Verdadeiras mattas de palmeiras, erguiam-se elegantes, causando admiração pela sua variedade e quantidade. Entre ellas sobresahiam o *assay*, a *popunha*, cujo fructo de côr avermelhada tem uma massa oleoginosa; o *pataudá*, que dá um fructo de côr roxo-escuro e de cuja polpa se extrahê um azeite fino e claro como o azeite de oliveira e de que se pôde fazer o mesmo uso.

De quando em vez extensos cacaoes indicavam a aproximação de alguma casa ou feitoria. Foi o *cacão* e temos fé que o será ainda, um dos grandes ramos de riqueza das provincias do Pará e do Amazonas. Ainda hoje constitue a sua cultura a occupação regular dos habitantes dos municipios de Cametá e Obidos. Actualmente e apezar da grande alta que tem tido, pois que, valendo de 1840 a 1855—de 1\$800 a 3\$000 a arroba, custa agora 7\$000 e 8\$000, vai sendo pouco a pouco abandonada a sua cultura nos outros pontos das duas provincias, em consequencia da falta de braços para serem nella empregados, visto como absorvem os seringaes toda a gente que se podia empregar nesse mister.

Ao incançavel Sr. Domingos Soares Ferreira Penna peço licença para extrahir do seu trabalho ácerca do *cacão*, alguns apontamentos, a fim de unir a esta noticia.

Desde os primeiros annos da descoberta da America, foi o *cacão* conhecido pelos europeus. Os indios do Mexico e principalmente os de Guatemala, que davam-lhe o nome de *cacahuatl*, faziam constante uso delle, desfeito em fórma de chocolate.

A facilidade com que se encontrava o *cacão*, o seu sabor e sobretudo a carestia ou falta de outros generos de alimentação, fizeram com que os hespanhões residentes na America o apreciassem como um dos productos mais uteis e tão grande era a sua estima que durante longos annos os fructos maduros serviram de moeda corrente na America hespanhola e até no Pará.

Antes do fim do seculo XVI, segundo o testemunho do padre Joseph d'Acosta, a exportação do *cacão* era já muito consideravel, indo navios carregados delle para a Hespanha, e um corsario inglez em 1588 queimou no porto de Guatulco mais de cem mil cargas dessa mercadoria.

Cultivado mais tarde nas colonias hespanholas e descoberto em grande quantidade nas margens do Tocantins e do Amazonas, tornou-se o *cacão* um producto precioso, quer como principio de alimentação para o indigente, quer como um regalo para as classes abastadas.

Em 1739, disputava no Pará o *cacão* aos novellos de algodão a honra de representar a moeda corrente, e uma ordem régia desse anno expedida á requisição do governador e capitão general, mandou reservar para pagamento do fardamento da infantaria a sua colheita na costa desde o rio Jary até o cabo do Norte.

Em 1728 só o collegio dos jesuitas recebeu em seus armazens 2.492 arrobas e 12 libras de *cacão*.

Refere Baena que a camara do Pará pedira em 1749 ao governo que mandasse mais navios para levarem a grande quantidade de cacão, que se estava perdendo, havendo então em cultivo mais de 700.000 pés daquella planta.

Em 1753 levou um navio para Lisboa 37.425 arrobas e 18 libras de cacão em sementes e 4 arrobas e 3 libras em chocolate.

Parece, diz o Sr. Ferreira Penna, que o chocolate era tão estimado pelos indios e europeus que habitavam a America, quanto mal visto pelos hespanhóes na Europa; é o que claramente dá a entender o historiador padre Joseph d'Acosta, nas seguintes palavras:

« O principal beneficio deste cacão é uma bebida que fazem, chamada chocolate, pela qual são loucos os moradores daquella terra; aos que não estão habituados a elle causa asco, pois tem por cima uma espuma e fermentação como de fézes, e é preciso ter fé robusta para tragal-o, mas lá é uma bebida apreciada com que os indios mimoseam as pessoas de distincção, que passam pela sua terra. Os hespanhóes, principalmente as hespanholas acostumadas no paiz, dão a vida pelo negro chocolate. . . . Seja como fôr, o que é verdade, é que não o appetecem aquelles que não são creados nesta opinião.»

A despeito desta repugnancia do paladar hespanhol universalisou-se o uso do chocolate e Linêo o ennobreceu, dando-lhe o nome scientifico de *theobioma* (alimento dos deuses).

Transcrevo aqui, tirado da memoria do Sr. F. Penna, o trecho da carta do Sr. Brunet, ácerca do modo de melhorar o cacão.

« As sementes devem ser acondicionadas pela maneira seguinte: tendo-se colhido os fructos e tirado com cuidado o involucro das sementes para obstar sua fermentação, limpasse e faz-se seccar durante um dia, na sombra, essas sementes, que ao depois são introduzidas em uma caixa de madeira, no fundo da qual se deposita uma camada de terra fina e peneirada, ligeiramente humida ou de terra vegetal com duas pollegadas de espessura. Sobre esta primeira camada de terra se faz uma outra de sementes de uma pollegada de espessura, pouco mais ou menos.

« Continúa-se assim alternando as camadas de terra com as de sementes, separadas umas das outras por uma pollegada de espessura pouco mais ou menos até a altura de um pé. Cobre-se a ultima camada de terra com palha bem secca e disposta de maneira que encha exactamente a caixa sem impedir a penetração do ar e obste que a terra e as sementes se misturem durante a viagem. A caixa assim preparada é fechada com uma tampa tambem de madeira com grande numero de pequenos buracos e posta a bordo no convés do navio, em lugar onde esteja abrigada das aguas do mar, que têm a propriedade de alterar as sementes.

« As sementes assim acondicionadas, sendo postas no porão do navio, ou em caixas fechadas ou perto das caldeiras da machina do vapor, se deterioram igualmente.

« Logo que a caixa tiver chegado ao seu destino, será im-

mediatamente aberta, e as sementes geladas durante a viagem, plantadas em terreno fresco e preparado com antecedencia, em qualquer lugar apropriado.

« Quanto á remessa dos filhos de cacáoeiros, eis o methodo expedito e pouco dispendioso, do qual por vezes tirei resultado: depois de ter arrancado com as convenientes precauções para não damnificar as raizes, e tirado as folhas, excepto a que é vizinha do botão terminal, mettem-se estes vegetaes em uma caixa de folha de Flandres, que tenha o seu comprimento, na qual são dispostos sem terra nem palha e sufficientemente apertados para que não seja possível entre elles movimento algum durante a viagem. Fecha-se hermeticamente a caixa, betumando as bordas com uma camada espessa de breu, resina ou outra qualquer substancia propria para obstar a penetração do ar na caixa. Dest'arte conservei plantas vivas durante tres mezes; mas é preciso evitar de introduzil-as nas caixas, quando estejam molhadas com aguas de chuva ou orvalho.

« Finalmente para maior segurança, póde-se mandar ou trazer comsigo os ditos filhos de cacáoeiros em caixas com vidraças na parte superior, guarnecidas com uma grade de arame de ferro, no fundo das quaes se introduz uma camada de terra ligeira, pouco humida, onde estejam plantados aquelles vegetaes; sustenta-se a terra com palhas seccas mettidas entre ellas. Estas caixas devem vir no convés do navio em lugares distantes das caldeiras da machina de vapor e abrigadas do sol quanto fôr possível. »

Eis-me emfim em pleno Amazonas, o *Paraná-assu'* dos indigenas, o maior rio do mundo em extensão, posto que em largura seja um pouco inferior ao rio Negro, que é o seu maior affluente.

E' realmente o Amazonas um verdadeiro mar d'agua doce, como chamou-o Vicente Pinzon, e mui raras vezes se lhe vêm ao mesmo tempo as duas margens, em consequencia da grande quantidade de ilhas que nelle abnndam.

As aguas são barrentas, toldadas e continuamente arrastam em sua correnteza, mórmente na enchente, verdadeiras ilhas de canarana e enormes troncos de cedro e outras madeiras, que frequentemente abalroam com os vapores e tornam um pouco arriscada a navegação. As ilhas de canarana, vogando á mercê da corrente, fazem parar ás vezes os vapores, impedindo-lhes o movimento das rodas.

Como disse, são barrentas e toldadas as aguas do Amazonas; depositadas em uma vasilha, deixam cahir no fundo um pouco de sedimento e tornam-se então claras e de sabor agradável. Dizem que podem ser bebidas a qualquer hora e que nunca fazem mal.

Quem pela primeira vez entra no Amazonas, fica absorto ante a magestade daquelle rio gigante, de margens tão largas e de um tão grande volume d'agua; mas depois de algumas horas, vem a monotonia e o cansaço. E' sempre a mesma cousa. Largas bahias e depois *estreitos* ou *furos* formados pelas ilhas e em cujas margens crescem embaúbas, suma-

úmas, macacaúbas e de quando em vez algumas palmeiras, entre as quaes sobresaem o jauary, o tucuman e o marajá... eis o que continua e constantemente descortinam os olhos(20).

Foi Vicente Pinzon quem em 1500 primeiro descobriu a foz do Amazonas, tomando posse d'elle em nome da corôa portugueza. Pretendem os hespanhóes que foram suas cabeceiras descobertas pelo capitão Maranhon, que fazia parte da expedição de Pizarro e dahi o nome do rio Maranhão, que ainda muitos lhe dão, desde a confluencia do Ucayale até Tabatinga. Quarenta annos depois da descoberta de Pinzon, deu Francisco Orellana a este rio o nome de Amazonas, pelo qual é universalmente conhecido, por haver, segundo pretende, encontrado na foz do Nhamundá, que se lança á margem esquerda do grande rio e a 530 milhas da sua foz, mulheres guerreiras, com as quaes affirmou haver combatido. Os indigenas chamavam-nas *Icamiabas* (21) e Orellana deu-lhes o nome de *Amazonas*. Suppunha-as elle habitadoras das cabeceiras do Nhamundá, na serra Itacamiaba e guardadas por varias tribus extremamente ferozes, como os Pariquis, Tagaris, Guacaris e outras, que habitavam as margens do Jamundá.

A existencia das amazonas é ainda um desses problemas complexos, que a historia não tem podido resolver. E' verdadeira ou falsa a narração de Orellana? Existiram ou não as amazonas? Ha quem affirme a sua existencia, assim como ha quem considere a narração do viajante hespanhol como uma das muitas fabulas de que está inçada a historia.

Seria possivel a existencia de um paiz, de uma republica exclusivamente composta de mulheres, que tivessem achado meios de se conservarem e progredirem, sem que as fatisse o exercicio das armas e o estado violento em que se achariam collocadas? « Se fôr isto admittido, diz um escriptor brasileiro, já meio resolvido estará o problema. »

A existencia das amazonas ou mulheres guerreiras constituindo uma republica, e dirigindo-se por si sós, sem o auxilio de homens, é tradição que remonta á mais remota antiguidade.

Eis o que a respeito refere o historiador Justino, citado pelo Sr. Gonçalves Dias, em um bello trabalho apresentado ao instituto historico.

« Dous principes scythas Ylinos e Scolopito (22), expulsos

(20) As arvores que mais abundam nas margens alagadas do Amazonas, são: *Embaúbas, Aueranas, Mongubas, Sumaimas, Louro, Mututy, Paracaúba, Macacaúba, Assacú, Muiratinga, Ingá, Mary-mary* (Cannafistula), *Catauary, Castanha de macaco, Sapucaia, Envira, Paricá, etc.*

(21) No idioma tupi são chamadas *Cunhatesecuyma* e *loniapuyara*, que quer dizer mulheres que vivem sem maridos e grandes senhoras.

(22) Just. Hist. L. 2, E. 4.

da patria pela facção dos nobres, arrastaram comsigo grande numero de mancebos (*Ann. Mund.* 1808), e se estabeleceram nos confins da Cappadocia, perto do rio Thermodonte, sujeitando e occupando os campos Themiscyrios. Alli viveram por muitos annos no costume de depredarem os seus vizinhos, até que por fim morreram nas emboscadas que lhes armaram os povos conspirados contra elles.

« Suas mulheres, viúvas além de exiladas, tomam as armas, defendendo ao principio as suas fronteiras, e logo depois atacando as dos contrarios; renunciam ao casamento, que chamam antes servidão que matrimonio, e ousando um feito sem exemplo em seculo algum, consolidam sem homens a sua republica, e delles se defendem ao passo que os desprezam.

« E para que umas não parecessem mais felizes do que outras, matam os poucos homens que restavam entre ellas, e logram vingar a morte dos conjuges, com a dos seus confinantes. Depois, quando com as armas já tinham conseguido paz, facilitam aos vizinhos os seus leitões.

« Matavam os filhos varões (acrescenta Justino), e as filhas educavam ellas a seu modo, não no ocio e em occupações mulheris, mas no trafego das armas, da equitação e da caça, queimando-lhes na infancia o peito direito para que tivessem mais felicidade no tiro da sêta, d'onde lhes veiu o nome de amazonas.

« Houve entre ellas duas rainhas: Marpezia e Lampedas, as quaes dividindo entre si a nação, que já tinha crescido em forças, faziam alternadamente a guerra; e bastava cada uma de per si para conter os adversarios.

« Diziam-se descendentes de Marte, para realçar o merito de suas victorias com a autoridade da religião.

« Depois de subjugada a maior parte da Europa, apoderaram-se tambem de algumas cidades da Asia. Alli edificam Epheso e muitas outras cidades e licenciam uma parte do seu exercito, que volta para a patria carregado de despojos.

« A outra parte que tinha ficado na Asia para a defesa de suas conquistas, foi aniquilada com a morte da rainha Marpezia por uma erupção de barbaros.

« Quem acreditará, diz Strabão, que tenha jámais existido exercito, cidade ou nação, composta só de mulheres, que de mais a mais invadiam paizes estranhos, conseguindo não só bater os seus vizinhos, como tambem passar á Jonia, chegando a enviar exercitos além do Ponto-Euxino, até no paiz da Attica? E' a mesma cousa que se alguém dissesse que os homens eram mulheres e as mulheres homens! (23) »

Entretanto a crença das amazonas, por mais disparetada que fosse, nunca desapareceu completamente, de modo que a relação de Orellana achou facilmente quem nella acredi-

(23) STRAB. GEOGR. L. 11.

tasse, mesmo entre aquelles que menos apaixonados se mostravam do romantico e do maravilhoso. Colombo acreditava na existencia das amazonas; Raleigh espalhou essa crença na Inglaterra; Hernando Herrera asseverou que a ouvira no Paraguay, porém foi La Condamine quem se incumbiu de generalisal-a.

Eis o que ácerca deste assumpto escreveu no diario da sua viagem ao Amazonas:

« No decurso da nossa viagem questionámos por toda a parte aos indios das diversas nações, e delles nos informámos com grande cuidado se tinham algum conhecimento daquellas mulheres bellicosas, que Orellana pretendia ter encontrado e combatido; e se era verdade que ellas vivessem fóra do commercio dos homens, não os recebendo entre si senão uma só vez por anno....

« Todos nos disseram tel-o assim ouvido a seus pais, ajuntando mil particularidades, muito longas de se repetirem, todas tendentes a confirmar que houve neste continente uma republica de mulheres, que viviam sós, sem homens e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro, ou por um dos que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão.

« Um indio de S. Joaquim de Omagnas nos disse que por ventura encontraríamos ainda em Coari um velho, cujo pai vira as amazonas. Soubemos em Coari que o indio que nos tinha sido indicado havia fallecido; mas fallámos a seu filho, homem de 70 annos, e commandante de outros da mesma tribu. Este nos assegurou que seu pai tinha-as visto passar na entrada do Cuchiuara, vindas do Cayamé, que desagua no Amazonas, do lado do sul, entre Teñé e Coary; que tinha fallado a quatro d'entre ellas, que uma trazia um filho ao peito ... que, deixando o Cuchiuara, atravessaram o *Grande Rio* e tomaram o caminho do rio Negro. Omitto certas minudencias pouco verosimeis, porém que nada importam ao essencial do assumpto.

« Abaixo do Coary nos disseram os indios a mesma cousa, variando só em algumas circumstancias; porém quanto ao ponto principal estavam todos de accôrdo.

« Um indio de Mortigura, missão vizinha do Pará, offereceu-se para mostrar-me um rio, pelo qual, segundo entendia, se podia subir até a pequena distancia do paiz em que naquella actualidade se encontrariam amazonas. Era este rio o Irijó; e dizia o mesmo indio, que quando tal rio deixava de ser navegavel por causa das cachoeiras, era preciso para se penetrar no paiz das amazonas, caminhar muitos dias pelos matos para a banda de oeste, e atravessar um paiz montanhoso.

« Um veterano da guarnição de Cayena, assegurou que, sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1726, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita além das cabeceiras do Oya-pock, e junto ás de um outro rio, que desagua no Amazonas, e que alli vira ao pescoço das mulheres as taes pedras verdes

(24); e que perguntando aos indios de onde as tiravam, responderam estes que lhes vinham do paiz das mulheres que não *tinham marido*, paiz que ficava a sete ou oito leguas de distancia para o lado do occidente. »

Reflectindo ácerca deste extracto de La Condamine, faz o Sr. Gonçalves Dias as seguintes ponderações:

« O que disto se conclue, é que La Condamine, em principios deste seculo, achou no Amazonas a tradição dessas mulheres que ninguem vira, e sómente lhe asseverava um indio de 70 annos que isso acontecêra a seu pai. Note-se agora que, segundo a propria relação de La Condamine, quem devêra ter visto as amazonas era o avô deste indio, como seu pai affirmava; mas morto este ultimo, já o neto dizia que não era o avô, mas o proprio pai que as vira. »

No diario da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez em 1774 e 1775 o ouvidor e intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, encontrámos as seguintes linhas relativas ao assumpto:

« Tinha eu lido, diz elle, no diario de Mr. de La Condamine, que illustrou esta povoação com a sua presença, as diligencias que este erudito academico fez aqui para averiguar a verdadeira origem das celebres amazonas, que deram causa ao nome deste famoso rio. O que me suscitou tambem a lembrança de fazer as minhas averiguações. O dito Condamine relata que fallára neste lugar com um indio, que teria 70 annos de idade, e que occupava certo posto naquelle povo; e este o assegurára que seu avô, achando-se na povoação de Cuchiúuará (uma das bocas do Purús) vira umas mulheres amazonas, que tinham vindo do rio Cajamé, com as quaes tratára e communicára.

« Perguntando pelo dito indio, achei que era o sargento-mór da ordenança José da Costa Pacorilha, já fallecido: porém outro indio do dito lugar, chamado José Manoel, alferes da ordenança, homem já de 70 annos para cima e de bom proposito, natural da dita antiga povoação do Cuchiúuará (que já hoje não existe, por se ter mudado para este lugar de Arvellos), me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado sargento-mór o que este disse a Mr. de La Condamine, assegurando-me além disso, que era neste rio constante entre os indios a tradição da existencia das mulheres amazonas, do qual se retiraram, entranhando-se nas terras do norte d'elle, da boca do Rio Negro para baixo. »

O padre Christovão de Acunha, na relação que fez da viagem do capitão Pedro Teixeira, exprime-se assim ácerca das amazonas:

« Estes mesmos Tupinambás nos confirmaram tambem o rumor, que corria por todo nosso grande rio, das famosas amazonas, das quaes tira o seu verdadeiro nome, e pelo qual

(24) Destas pedras fallarei mais adiante.

é conhecido, depois que foi descoberto até o presente, não sómente pelos que o têm navegado, mas pelos cosmographos, que delle têm tratado. Seria cousa bem estranha, que este grande rio tomasse o nome de Amazonas sem algum fundamento racional; mas as provas que temos para assegurar que ha uma provincia de amazonas nas margens deste rio, são tão grandes e fortes, que não se póde disso duvidar sem renunciar a toda a fé humana. »

Depois de referir as averiguações feitas em Quito e Pasto sobre esta materia, continúa o padre Christovão de Acunha :

« Mas eu não posso calar o que ouvi com meus ouvidos, e que quiz verificar, logo que me embarquei neste rio Amazonas. Disseram-me pois em todas as povoações por onde passei, que havia mulheres no seu paiz como eu lh'as pintava, e cada um em particular me dava dellas signaes tão constantes e uniformes, que se a cousa não é assim, é preciso que a maior mentira passe em todo o mundo novo pela mais indubitavel de todas as verdades historicas. »

Continuando a asseverar a existencia das amazonas, apoiado em informações, que considera dignas de fé, ainda acrescenta o mesmo historiador :

« Trinta e seis leguas abaixo da ultima aldêa dos Tupinambás, descendo pelo rio Amazonas, encontra-se da parte do norte outro, que vem da provincia das amazonas e que é conhecido pela gente do paiz com o nome de Cunuriz.

« Este rio toma o nome dos indios, que habitam mais proximos á sua boca.

« Superiores a estes estão os Apotos, que fallam a lingua geral do Brazil, mais acima estão os Tagaris, e depois os Guacaris, que é o povo feliz, que goza o favor das valerosas mulheres Amazonas. Têm as suas povoações sobre montes de prodigiosa altura. Estes montes existem no lugar indicado, e se chamam vulgarmente a cordilheira da Goyana, que corre ao longo do Amazonas; entre os quaes ha um chamado Tacamiába, que se eleva extraordinariamente sobre os outros, e que é esteril por ser muito batido dos ventos.

« Estas mulheres se têm conservado sempre sem soccorro de homens, e quando seus vizinhos lhes vêm fazer visita no tempo assignalado, ellas os recebem com armas na mão, que são arcos e frechas, para não serem sorprendidas; mas logo que os conhecem, vão todas de tropel ás suas canôas, aonde cada uma pega na primeira itamáca (25) que encontra e vão prendel-a em sua casa, para nella receber o dono.

« No fim de alguns dias, voltam para as suas casas estes novos hospedes e não faltam de fazer igual viagem na mesma estação. As filhas que nascem deste congresso, são criadas pelas mãis, instruidas no trabalho e no manejo das armas: quanto aos filhos não se sabe bem o que fazem delles; porém

(25) Itamáca (*rêde*).

eu ouvi dizer a um indio, que se tinha achado com seu pai nessa assembléa, sendo ainda rapaz, que no anno seguinte dão aos pais os filhos machos, que pariram. Comtudo communmente se crê, que ellas matam todos os machos, o que eu não sei decidir. Seja o que fôr, ellas têm thesouros no seu paiz, capazes de enriquecer todo o mundo.

« A barra deste rio, em cujas margens habitam as amazonas, está em dous grãos e meio de altura meridional. »

Mas qual seria o verdadeiro lugar que habitavam as amazonas, se é que existiam ?

Viu-as Orellana no rio Nhamundá ; mas o indio de que falla o Sr. de La Condamine, asseverou que as tinha visto em Cuchiúuará e que tinham ido do Caiamé, que dista do Nhamundá para cima de cento e tantas leguas, e onde as não vira Orellana.

Mas se não existiram as amazonas, que motivos tiveram Orellana e o padre Christovão d'Acunha para nos asseverarem a sua existencia ? Porque então essa tradição constante, uniforme entre os indigenas da America ? Foram estes que a transmittiram aos europeus, ou pelo contrario receberam-na delles ? Ainda no tempo em que o mundo scientifico e litterario se occupava com a dissertação de La Condamine, perguntou-se a Humboldt, diz o Sr. G. Dias, se elle seguia a mesma opinião do viajante francez. Humboldt, que por si nada tinha podido verificar, porque não comprehendia a linguagem dos indigenas, julgou que se não devia rejeitar uma tradição tão geral, bem que perfeitamente aventasse quaes os motivos que puderam ter levado á exaggeração os escriptores que deram mais voga ás amazonas. Apresenta comtudo um testemunho que elle reputa de algum peso e dá uma explicação que suppõe satisfactoria. O testemunho é do padre Gili e a explicação é com pouca e bem pouca differença a mesma de La Condamine.

« Perguntando, escreve o padre Gili, a um indio *quaquá*, que nações habitavam o rio Chuchivero, elle nomeou-me e os *aikambenanos*. Sabendo bem a lingua tamanaque, comprehendí sem difficuldade o sentido desta palavra, que é composta, e significa *mulheres vivendo sós*. O indio confirmou a minha observação e contou-me que os *aikambenanos* era uma reunião de mulheres que fabricam longas sarabatanas e outros instrumentos de guerra. . . . e que matam de pequena idade os filhos varões. . . . »

Quer Humboldt que esta historia se resinta das tradições dos indios do Maranhão e dos Caraybas ; mas o mesmo autor acrescenta que o indio de que falla o padre Gili, ignorava o castelhano, não tinha estado em contacto com os brancos, e não sabia de certo que ao sul do Orenoco existia um rio que se chama dos *aikambenanos*, ou das mulheres que vivem sós.

Humboldt conclúe então: « as mulheres fatigadas do estado de escravidão, em que eram tidas pelos homens, se reuniram, como negros fugidos, em algum *palenque*, onde o desejo de conservar a sua independencia as tornaria mais guerreiras, receberiam depois visitas de algumas tribus vi-

zinhas e amigas, talvez menos methodicamente do que o refere a tradição.»

Inclinar-me-hei tambem para a opinião de Humboldt, diz o Sr. G. Dias, de que não devemos rejeitar inteiramente uma tradição tão vulgarizada ; é mesmo possível que ella tenha algum fundamento na historia da aniquilação dos nossos indigenas, mas por outro lado, ser-me-ha permittido estabelecer ao mesmo tempo com o autor das *Investigações Philosophicas* não ser possível que em tempo algum tenha havido nem no novo mundo, nem em qualquer outra parte, uma verdadeira republica de mulheres confederadas e unidas por um pacto social, por leis e constituições particulares, que tenham propagado a sua descendencia e o seu imperio durante muitas idades, não admittindo homens em sua companhia senão uma só vez por anno.

E pois que só com as da America nos occupamos, vejamos se poderão ter existido verdadeiras amazonas.

« As verdadeiras amazonas, continúa o Sr. G. Dias, deveram ter vivido em uma completa separação do outro sexo. Comtudo Orellana affirma tel-as visto em companhia de homens, a quem ellas dirigiam no combate, impondo-lhes mesmo no campo a pena dos cobardes.

« Segundo em antigos historiadores se lê, exemplos ha de povos entre os quaes predominava o sexo feminino. A este proposito Virey appella para o testemunho de Diodoro o Siculo, e da obra que se intitula *Embaixada ao Thibet*. Ainda em tempos posteriores, como nos affirma um viajante moderno (26), as mulheres das Marianas exerciam em tudo e por tudo o commando, excepto na guerra e na manobra de uma canôa. Mas sendo verosimil, como pretende Carli (27), que Diodoro o Siculo se tenha deixado illudir, quando refere que as amazonas tinham imperio sobre os homens do seu paiz, parece tambem certo que entre os marianezes deu-se o mesmo factó que nos tempos feudaes e cavalleirosos da Europa, em que os homens mostravam extrema deferencia para com as mulheres, sem que d'ahi se possa deduzir que ellas tenham exercido imperio em tempo algum.

« Por outro lado não é possível crer, que os homens de uma nação se deixassem avassalar e subjugar completamente pelas mulheres, porque seria preciso para isso que todos elles fossem muito poltrões, e todas ellas muito resolutas, e que de um momento para outro se achassem todas com a consciencia de uma superioridade que bem se lhes póde contestar, emquanto que os homens se sentissem aniquilados pela revelação fulminante de sua inferioridade, cousa que os proprios barbaros seriam os primeiros a não admittir.

« Sustenta Paws que podem os homens submeter-se ao im-

(26) *Rienzi*.—*L'Univers—Océanie*, t. 1.º, pag. 395.

(27) *Litt. Anc.*, tom. 2.º

perio de uma mulher, mas não á aristocracia olygarchica do sexo feminino. De facto, se as conveniencias de alta politica reclamam ás vezes a derogação da lei salica da humanidade, nunca as mulheres, ou por força ou por astucia, poderiam chegar a identicos resultados.»

Entretanto que motivos obrigaram Orellana a vulgarizar semelhante historia ?

Reflecte Ribeiro de Sampaio, que, tendo Orellana desertado do exercito do seu general com a mais feia perfidia, necessitava encontrar alguma capa com que pudesse cobrir o seu delicto, fazendo-o ao menos esquecer com fingidas e maravilhosas narrações, de sorte que o mundo o tivesse como um homem prodigioso. O que assim lhe succedeu na côrte do imperador Carlos V, para o que concorria o genio do seculo, em que faziam ruido as descobertas da America e os animos desejosos recebiam com admiração toda a qualidade de novidades, que d'ahi partiam. E qual outra mais propria para attrahir a attenção universal, que a historia das amazonas ?

Eis o que a respeito de Orellana escreveu Robertson, na sua *historia* da America:

« A vaidade natural aos viajantes que percorrem terras desconhecidas ao resto dos homens, e o artificio de um aventureiro, com sagacidade de engrandecer o seu proprio merecimento, concorreram para dispô-lo a enxertar, em extraordinarias proporções, o maravilhoso á narrativa de sua viagem. Elle pretendeu ter descoberto nações tão ricas que o pavimento de seus templos era alastrado de placas de ouro ; e descreveu uma republica de mulheres guerreiras e bellicosas, que tinham avassallado consideravel trato das fertes planicies por elle visitadas. Por mais extravagantes que fossem estes contos, bastaram para dar origem á opinião de que uma terra, abundante de ouro, famosa pelo nome de *El-Dorado*, e uma republica de amazonas, podiam ser vistas nesta parte do novo mundo, e tal é a propensão do genero humano para dar credito ao maravilhoso, que só lentamente e com muita difficuldade é que a razão e a observação têm feito desprezar semelhante fabula. Esta viagem comtudo, mesmo desbastada de embellezamentos romanticos, merece ser lembrada, não sómente como uma das mais memoraveis occurrencias daquella época aventureira, mas tambem como o primeiro successo que fez conceber algumas noções menos imperfeitas das terras extensas, que se prolongam para o oriente desde os Andes até ao mar. »

« E tão perfeitamente conhecia elle o genio da sua época e dos seus concidadãos, acrescenta o Sr. G. Dias, tanto contava com o effeito que sobre elles produziria a narração de suas aventuras assim exaggeradas, que, como nos conta o padre Manoel Rodrigues (28), foi a terra das amazonas o que elle

(28) *Maranon y Amazonas*.— Madrid 1684.

pediu ao imperador Carlos V; e foi isso o que lhe mereceu o despacho que requeria, porque obteve—carta patente de governador generalissimo do rio das amazonas—para o recompensar de as ter subjugado em nome de sua magestade catholica.»

Ha entretanto um argumento em favor da narração de Orellana e que aqui apresento, sem comtudo tomar absolutamente a sua defesa.

Orellana commandava um navio; não foi o unico a combater as amazonas, não se achava só, acompanhava-o a guarnição do navio, que se não compunha exclusivamente de marinheiros rudes e soldados ignorantes, que facilmente pudessem ser illudidos, mas tambem de officiaes, que é de presumir tivessem certa educação, conhecimentos e criterio. Seriam outros tantos protestos que se levantariam contra a fabula engendrada por elle e em seu unico proveito. Entretanto não consta que um só se erguesse desmascarando o embuste, e a narração de Orellana correu mundo, sem que qualquer dos seus companheiros a contradissem e desmentissem. Com elles chegou á patria, onde referiu o maravilhoso successo em que deviam todos ter tomado parte, e estes que sem duvida teriam sido interrogados, não desmentiram, não contradisseram o facto.

Estariam todos peitados? Teria havido accôrdo prévio entre todos elles, de modo que nunca trahissem a promessa que mutuamente se haviam feito? Semelhante hypothese parece ser ainda mais difficil de verificar-se, do que a possibilidade da existencia dessas mulheres, que constituiam uma republica e viviam na mais completa independencia de homens.

Apreciando a questão em todas as suas diversas faces, faz o Sr. G. Dias as seguintes ponderações que me parecem mui valiosas, mas não absolutamente concludentes e decisivas.

« Entre os indigenas eram escassos os meios de subsistencia; por este motivo não havia grandes focos de população, e apenas pequenas aldêas de algumas mil almas, e todavia não se distrahiam homens para a lavoura, que era occupação quasi privativa das mulheres. A republica das amazonas devia ser igualmente muito limitada, e mais escassos os seus meios de subsistencia, por não haver classe alguma incumbida especialmente da agricultura. Ora, da mais populosa aldêa *Tupinambá*, deduzidas as velhas e as muito jovens, apenas se poderiam extrahir mil mulheres com animo e disposição bastantes para tentarem semelhante aventura. Suppondo que estas logo depois de estabelecidas encontrassem *Gargaris* com os quaes se alliassem, haveria comtudo causas para que fosse espantoso o decrescimo da sua população.

« Em primeiro lugar, nem todas seriam fecundas, nem todas conceberiam logo; por outro lado demonstra a estatística, que nascem mais homens do que mulheres; além disso, a experiencia confirma a observação do vulgo, de que nos primeiros annos do matrimonio nascem quasi exclusivamente homens: as amazonas, variando annualmente de ma-

ridos, teriam mais filhos do que filhas, que unicamente aproveitavam.

« Depois, concebendo todas ao mesmo tempo, estavam pouco aptas para resistirem á aggressão dos inimigos, que não deixariam de se aproveitar de tão favoravel ensejo.

« Devendo pois nestes tempos criticos velar nas armas com mais assiduidade, e occuparem-se da propria subsistencia, esses exercicios violentos deveriam occasionar maior quantidade de abortos.

« Se emfim considerarmos que a raça americana era e é a menos prolifica de todas, que as mãis gastavam tres annos com um filho, antes de se poderem occupar com o segundo, concluiremos por ventura, que é impossivel que em taes circumstancias subsista uma republica de mulheres.

« Ainda mais claramente : de 1.000 mulheres ficariam gravidas 800 ; e a proporção lhes é excessivamente favoravel: destas 800, abortaria a quarta parte e seria maravilha que não abortassem todas ; temos porém 600 ; os filhos da maior parte destas serão homens, porque nascem mais homens do que mulheres, temos 350 homens ; nascem porém nos primeiros tempos do matrimonio quasi exclusivamente varões, temos e.n resultado de mil mulheres, quando muito 150 filhas.

« Occupando-se a mãe com uma só filha por tres annos, porque sendo gêmeas, uma dellas, como dos filhos, tinha de ser sacrificada, vemos que a reproducção não podia deixar de ser triennial.

« Deduzidas as que morressem até a idade de 15 annos, as amazonas que succumbissem de enfermidades, por accidentes ou nos combates, temos que antes que as primeiras filhas chegassem á idade de poder encurvar um arco, já deixaria de ter existido semelhante republica.

« Nem nos podem dizer, continúa o Sr. G. Dias, que sejam por este calculo desfavorecidas as amazonas, se exceptuarmos o postulado de que cada uma dellas gastaria tres annos com a alimentação de um filho, e este não nos póde ser negado, porque é a imperiosa necessidade da vida selvagem.

« Digo que não é o calculo exagerado contra as amazonas, porque é preciso que as circumstancias sejam antes mais do que menos favoraveis, para que uma população se possa duplicar no espaço de 30 annos, attendidas as naturaes quantidades do sexo e da idade.

« Ora seria isto o que acontecêra quando em qualquer povo de 1.000 mulheres nubes, nascessem 150 filhas, que passassem dos 15 annos. Tornemos mais claro o exemplo. Em uma população regularmente constituida, de 5.000.000 de almas, mais de metade, isto é, mais de 2.500.000 são mulheres ; porque supposto nasçam mais filhos do que filhas, como estes na primeira idade morrem em maior numero do que aquellas, chegam á idade pubere mais mulheres do que homens. Destas 2.500.000 mulheres (calculamos pelo minimo) tirando-se as demasiadamente jovens e as que teriam passado a idade da concepção, podemos calcular que ficariam 1.000.000 de mulheres de idade de 12 a 40 annos. Ora, se

1.000 mulheres produzem 150 filhos, 1.000.000 produzirá 150.000 ou 4.500.000 perto de 5.000.000 no espaço de 30 annos.

« Dever-se-hia ainda duplicar este numero, pois se attendermos a que as amazonas teriam engeitado os filhos varões, dobrariam por esta fórma a sua população em 15 annos.

« Se attendermos por fim a que consideramos que quasi toda a população das amazonas era prolifica sem velhos, nem crianças, nem mulheres que não estivessem em idade de ter filhos, concluiríamos que se póde dar o caso de se dobrar uma população em cerca de tres annos: o que por certo seria mais estupendo que a propria existencia das amazonas. Foi isto o que dissemos: que 1.000 amazonas poderiam ter 500 filhos por anno ou 1.500 em 3 annos!

« Ainda assim dissemos: não poderiam subsistir por muito tempo; porque as guerras, as molestias, as fadigas demasiadamente asperas para o sexo, os abortos provenientes de taes excessos, o incentivo que teriam os vizinhos para tomarem d'entre ellas escravas e mulheres, todas essas causas concorreriam para diminuir rapidamente semelhante população, e enfraquecendo-a aggravariam mais a sua condição com tornar mais precaria a sua sorte. Com a total aniquilação de taes insensatas, se vingaria a lei eterna da Providencia que creou os homens para viverem em familia. »

Nas minhas excursões pelo valle do Amazonas ouvia constantemente fallar de umas pedras verdes, de maravilhosas virtudes, a que dão o nome indigena de *mueiraquetan* e que me diziam serem exclusivamente preparadas pelas amazonas. A quantos encontrava, perguntava pelas ditas pedras e todos me asseveravam, sem discrepancia, que eram preparadas pelas mulheres sem marido ou amazonas. A essas pedras attribuem propriedades maravilhosas e affirmam que curam certas enfermidades, como a pedra, a colica nephritica, a epilepsia, as molestias de figado e outras e que até preservam dellas os que as trazem.

« Mas estas mesmas pretendidas virtudes, diz o Sr. G. Dias, talvez não sejam senão uma recordação da crença popular da antiguidade ácerca de outras que taes pedras verdes. Os antigos, Gregos e Romanos, compraziam-se com o verde brilhante da esmeralda, mais bella, no dizer de Plinio, do que o verde da primavera; pedra sempre brilhante, escreve elle, sempre acariciadora dos olhos, quér vista ao sol, quér á sombra, quér de noite ao reflexo das luzes. A ellas tambem, além da belleza, attribuiam-lhes innumeras virtudes.

« Se porém os antigos, Plinio e Theophrasto, davam o nome generico de esmeralda a todas as pedras verdes, a mais estimada, a mais bella de todas, a verdadeira esmeralda, era a pedra do paiz das amazonas a esmeralda da Scythia. Querer, portanto, não só que a intima correlação da historia das pedras verdes com a das amazonas, é uma recordação da antiguidade, como que é desse facto que se originou a fé nos seus pretendidos milagres.

« Sei que em cada amuleto ou patuá se encontrará sempre um fragmento de mineral. Sei que se se escrevesse a historia dos feitiços entre todos os povos, grande parte della seria occupada com a crenga no pretendido poder de certas pedras. Assim, com o que levo dito, longe estou de negar a importancia que na sua infancia os povos têm dado ás pedras, que se afastam do commum, como a todos os objectos, que por alguma singularidade se destacam d'entre as producções da natureza. Mesmo na America do Norte parece que a pedra verde foi venerada debaixo de uma significação religiosa. »

Rarissimas como são hoje as *mueiraquetans* ou pedras verdes, já porque os indios e muitas outras pessoas que nellas acreditam e as apreciam, guardam-nas como verdadeiras preciosidades e já pela exportação que dellas se fez e se faz para a Europa, foi com grande difficuldade que consegui vêi-as.

O Sr. J. Barbosa Rodrigues, com rara felicidade, pôde obter duas, que examinei e pela minha parte tenho promessa de uma, que se me fôr dada, como espero, apressar-me-hei em envial-a para o muzeu nacional. As que possui o Sr. Barbosa Rodrigues divergem na côr; uma é quasi branca e a outra é de um verde amarellado. Tem ambas a fôrma de um cylindro de duas pollegadas de comprimento e meia de diametro e perfuradas longitudinalmente.

Que pedras serão estas? de que materia se compõem? Buffon dá-lhes o nome de *jade*, pedra nephritica; Omalius classifica-as na familia das silicides, como a especie de um subgenero, a que conserva o nome de feldspath. Humboldt, porém, diz que o que nos gabinetes se chama *amazonen-stein* (pedra das amazonas), não é jade, nem feldspath commum. Comtudo, affirma este grande naturalista ter visto uma dessas pedras, que era uma saussurite, verdadeiro jade, que orictognosticamente se approxima do feldspath compacto e que fôrma uma das partes constituintes do *Verde di Corsica* ou do *Gabbro*.

« Ora, diz o Sr. G. Dias, discordando tanto os autores na classificação desta pedra, que, sendo em extremo dura e rara, é apezar disso confundida com a pedra de acha (*Beilstein de Werner*) muito menos tenaz, não é muito que a descreva cada um a seu modo e lhe attribua natureza e caracteres differentes. E assim é. Emquanto Omalius a classifica como uma silicide, Buffon a considera como uma materia mixta, servindo de transição entre as pedras quartzosas e as nicaceas ou talquozas. Baseando-se nas experiencias do chimico d'Arcet, de que o jade se enrigece ainda mais ao fogo, persuade-se Buffon que a pedra das amazonas não é produzida immediatamente pela natureza, mas que depois de trabalhada devera ter sido empregado o fogo para lhe dar a extrema dureza que a caracteriza; pois que estas pedras resistem ás melhores limas e só cedem ao diamante. »

Humboldt, negando que semelhantes pedras sejam natu-raes do Amazonas, descreve-as como recebendo um brilhante polido, tomando a côr verde esmeralda, translucidas nas

bordas, extremamente tenazes e sonoras, e tanto que talhadas em tempos antigos pelos indigenas em laminas muito delgadas, perfuradas no centro e suspensas a um fio, dão um som metallico quando percutidas por outro corpo duro, motivo por que foram por Brongniart comparadas ás pedras sonoras que os chinezes empregam nos seus instrumentos de musica, a que chamam *king*.

Seja o que fôr, o que é certo é que as *mueiraquetans* existem por aqui, outr'ora em grande, e hoje em mui pequena quantidade, guardadas como verdadeiras reliquias e geralmente attribuida a sua preparação ás amazonas. Os que combatem a possibilidade da existencia dessas mulheres, não podem e não sabem explicar a verdadeira procedencia dessas pedras. Grande era a quantidade que dellas havia, e é tradição entre os indios que em certa quadra do anno, a tribu que com as amazonas mantinha relações de amizade, ia buscal-as em mão dellas. Hoje com o desaparecimento dessas mulheres, tambem desapareceram as pedras.

Isto me não parece ainda uma prova concludente e decisiva em favor da existencia das amazonas brasileiras, mas é certamente um argumento mui valioso e capaz de fazer vacillar o espirito.

D'onde vinham aquellas pedras?

Se não eram as amazonas que as preparavam, como explicar a sua procedencia e o seu actual desaparecimento?

Antes de estudar esta questão, confesso que recusava peremptoriamente crêr na existencia das amazonas, que eu então considerava como uma dessas muitas fabulas, dessas narrações extravagantes de que está cheia a historia, e Orellana, em minha opinião, não passava de um visionario e de um impostor. Hoje, porém, meu espirito vacilla, e posto que não tenha ainda razões muito decisivas para crêr, tambem me não parecem absolutamente convincentes as razões dos que negam e combatem a possibilidade da sua existencia.

Repugna-me hoje lançar a Orellana o epitheto de impostor, ainda quando se pudesse provar de modo indubitavel que nunca houvera existido a tribu das amazonas.

Em muitas tribus indigenas exercem as mulheres misteres e occupações que, parece, deviam ser da competencia exclusiva dos homens.

Era possivel que Orellana travasse peleja com alguma tribu na qual de parceria com os homens, tambem combatessem as mulheres.

« Os que tivessem algum conhecimento dos costumes dos selvagens da America, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio (29), não ignoravam que habitam nella algumas nações, em que as mulheres pelejam juntamente com os homens, o que presentemente succede com innumeraveis.

(29) *Diario da Viagem da Capitania do Rio Negro.*

Os muturicús, que de quatro annos a esta parte hostilizam as nossas povoações do rio Tapajoz, trazem consigo as mulheres, as quaes na occasião do conflicto lhes subministram as flechas, como se observou no combate, que com aquella bellicosissima nação teve o anno passado o commandante da fortaleza daquelle rio, no qual sustentaram valorosamente o fogo, que se lhe fez por um largo espaço de tempo. A nação ottomáca, uma das mais celebres do Orinoco, leva as suas mulheres á guerra. O officio destas é aproveitar as flechas, que os inimigos disparam e hervam, as quaes entregam aos seus para novamente as lançarem aos inimigos. »

Basta de amazonas.

Onde nasce o Amazonas ?

Diversas têm sido as opiniões ácerca do lugar preciso em que nasce o grande rio ; porém a mais seguida é que nasce no lago Hyauricocha ou Laurcocha, no districto de Huanuco, do departamento de Tarmá, a 32 leguas N. N. E. de Lima, capital do Perú, com o nome de Tunguragua, que, partindo da extremidade oriental do dito lago, segue em direcção do N. N. O. entre as montanhas dos Andes, começando a ser navegavel do ponto em que se lhe reúnem o Guanamá e o Pulcão, e até Jaen de Bracamoros só o é em pequenas canoas que possam passar por sobre as cachoeiras.

De Bracamoros se inclina a N. N. E., e a navegação torna-se então mais franca até o Pongo, augmentando-se o volume de suas aguas com os afluentes Chinchippi, Chachapias e S. Thiago, e tendo já então 250 toezas de largura.

Sessenta milhas abaixo do Pongo, que é um canal de seis milhas de comprimento e poucas braças de largura, recebe os rios Morona e Pastasa, que se suppõe nascerem nas proximidades do volcão de Sangay. Mais adiante recebe pela margem direita o Gualhaga e o Ucayale e pela margem esquerda o Chambira e o Tigre.

Começa então a ser conhecido pelo nome de Maranhão.

Toma a direcção de N. E. por espaço de 90 milhas, augmentando o volume de suas aguas com o Nonai e o Napo ; inclina-se depois para leste, recebe o Cassiquim e entra no territorio brasileiro em Tabatinga, tomando então a denominação de Solimões até receber o Rio Negro. (30)

Nasce o Napo nas abas da cordilheira do Antizana, a 18 leguas de Quito, correndo por entre grandes rochedos. É navegavel até o povoado do mesmo nome (Napo), de onde

(30) O Amazonas toma a denominação de Solimões, talvez por causa dos indios Sorimões, que o habitaram desde a confluencia do Rio Negro até as fronteiras de Tabatinga.

La Condan ine porém diz que o nome de rio dos Solimões (rio dos venenos) foi-lhe dado provavelmente por causa das flechas envenenadas de que usavam os indios habitantes de suas margens.

passa-se a Archidona. Algumas pessoas que o tem navegado em canoas de commercio, informam que o seu leito é consideravelmente obstruido de bancos de areia na estação da vazante. As viagens de Orellana em 1539, de Pedro Teixeira em 1638, e a *relação do novo descobrimento do grande rio das Amazonas* pelo padre C. d'Acunha, deram tal ou qual celebridade a este rio.

Na distancia de 70 dias de viagem da sua foz, chega-se á confluencia do rio Coca, onde Pizarro fez construir o barco em que Orellana desceu o Amazonas.

Segundo Herndon, é de 80 braças a largura da foz deste rio. La Condamine calculou-a em 455 braças acima das ilhas que dividem a foz.

Calculou-a Mow em 210 braças e Smith em 50 braças.

O calculo de Mow parece ser o mais aproximado á exactidão.

Seis milhas abaixo de Tabatinga recebe o Javary, que divide o territorio do Brazil do dos Estados do Equador e Perú.

Uma linha recta, tirada de Tabatinga até a margem direita do Japurá, defronte da foz do Apaporis, é a divisa entre o Brazil e o Perú, segundo o art. 7.º da convenção de 23 de Outubro de 1851.

As margens do Apaporis eram habitadas pelas seguintes tribus:

Jaúnas, Jupuar, Detuanás, Taninbuca-tapuias, Jabahanas, Macunas, Tocandiras, Uerimás, Barabatanas, Macús, Jacunas, Cumacumans e Juris, sendo todas ellas pacificas á excepção dos Macús.

Recebe mais o Solimões o rio Içá ou Putumaio, Jutahy, Juruá, Japurá, Tefé, Coary, Purús e Rio Negro, tomando então dahi em diante o nome de Amazonas.

Nasce o Içá ou Putumaio nas cordilheiras proximas á cidade de Pasto, na republica do Equador, corre do occidente para o oriente, inclinando-se para o sul, em um leito desigual e pedregoso.

Communica com o Japurá por dous canaes, um superior ás cachoeiras e que tem o nome de Peridá e outro inferior denominado Pureus.

Por este rio, fazemos tal ou qual commercio com a Nova Granada.

Os negociantes de S. Paulo de Olivença e de Tefé, sobem até Mocoá, capital do territorio de Caquetá, e para alli levam mercadorias, como ferragens, bebidas, panno grosso de algodão, etc., e os granadinos descem até Tefé, trazendo salsa, breu e diversas outras drogas, que colhem nas matas e margens deste rio, habitadas em geral por indios pela maior parte pacificos.

No lugar denominado Japacuí existia ainda em 1849 uma aldêa de indios: Passés e Juris.

Meia milha abaixo da foz do Içá ou Putumaio, em lugar pouco elevado, assentaram os Hespanhóes um posto militar, denominado de S. Joaquim, por occasião de tratarem com a

corôa portugueza ácerca da demarcação de limites ; mas em 1766 abandonaram-o, reconhecendo que em extremo critica era a sua situação alli.

Dous annos depois, 1768, o governador e capitão general do Estado do Pará, Fernando da Costa de Atayde Teive, mandou fundar no mesmo lugar uma povoação com a denominação de S. Fernando (31), com indios cayuviceuas e parianas.

O Jutahy ou Hiutahy parece que nasce nas montanhas do Cusco. Quanto se sabe deste rio, e hem pouco é, estriba-se em informações incompletas e vagas dadas pelos indigenas

Diz o capitão-tenente Amazonas, que em 1560 Pedro de Orsúa, em demanda de minas auríferas e produções indigenas, desceu do Perú por este rio, do qual passou ao Juruá, entrando por elle no Amazonas.

Ha tambem noticia de haver um jesuita hespanhol entrado no Amazonas por este rio e por elle subido aos seus estabelecimentos do Marañon.

Nasce o Juruá do lago Rogagualo, no Perú. São escuras as suas aguas e desigual e pedregoso seu leito.

« Presume-se facil navegação para o Perú, diz o capitão-tenente Amazonas, subindo por este rio e passando-se delle para o Jutahy: tal foi a que fez Pedro de Orsúa em 1560, e a mesma emprehendia em sua retirada, quando foi assassinado por seus officiaes insurgidos. »

« Ha engano manifesto nesta asserção, diz o Sr Wilkens de Mattos, porque é facto historico, que não admite controversia, que em 1559 o marquez de Canete, vice-rei do Perú, fez partir Pedro de Orsúa á frente de uma grande expedição em procura da cidade do *El-Dourado* e do lago *Parimé*; que este official, sahindo de Cusco para o norte, chegou a Lamas, pequena povoação á margem boreal do rio Mayo, affluente do Huallaga e ahi fôra assassinado pelo seu ajudante e companheiro, o tenente *Lopo de Acuirre*; que tencionando este proseguir na empreza confiada á sua vigilancia, descêra o Huallaga e o Amazonas até a sua foz, e navegando ao longo da costa das Guyanas e de Venezuela, apossou-se da ilha *Margarida*, onde reforçou a sua tropa, e foi desembarcar na cidade *Cumaná*, com o fim de conquistar um imperio no continente; mas sendo ahi batido pelas forças hespanholas, foi conduzido preso para a *Trindade*, onde por ordem de Philippe II o justicaram.

Nasce o Japurá ou Hyapurá nos Estados de Nova Granada; corre a E. S. E., em leito desigual e pedregoso, de onde deita um braço para o Orenoco, e começa a regar o territorio brasileiro.

E' este rio navegavel por espaço de 160 ou 180 leguas, acima da sua foz, começando então as cachoeiras, que o obstruem.

(31) Já não existe essa povoação.

Pelos tratados de 1750 e 1777 era pelo veio deste rio e do seu confluente Cumiari, que limitavam as possessões portuguezas e hespanholas o mais occidentalmente.

Foi nelle que em 1781, se deu principio aos mais serios trabalhos de demarcação por parte das ditas potencias, os quaes se paralyzaram, diz o capitão-tenente Amazonas, pela suspensão do commissario portuguez Chermont, por haver este assignado com o hespanhol Requena o celebre termo de 20 de Maio de 1781, para se limitar a demarcação no rio Apaporis, e não se estender ao Cumiari, como cumpria, segundo a letra dos tratados.

Foi tambem nelle que se submetteu a nação Mura, ajustando paz com o director de Maripi, Mathias José Fernandes.

Communica-se o Japurá, em diversos pontos, com o Uapés e o Rio Negro, a saber: Subindo-se o Uapés até o seu affluente Jacari ou Purureparana, e por este acima até uma estrada, que da margem occidental passa para o Cananari, que afflue no Apaporis.

Da foz do Uapés até a do Purureparana, gastam-se de 25 a 28 dias e passam-se 26 cachoeiras. Dizem ser este rio bastante abundante de peixe.

A passagem do Purureparana effectua-se em 3 horas, e a do Cananari em 3 dias, tendo-se de passar nove cachoeiras.

Da foz do Cananari, descendo pelo Apaporis até as malocas dos indios cumacumans, gastam-se 12 dias, e dahi por terra, passa-se ao Japurá em menos de meia hora.

Do Rio Negro para o Japurá ha seis communicações:

1.^a Pelo rio Capuri subindo, sahe-se entre o rio Teraira, que se lança no Apaporis, pouco acima da sua foz. Tem o rio Capuri muitas cachoeiras.

2.^a Pelo rio Marié com 3 dias de viagem, sahe-se em um braço denominado Uanin, pelo qual sóbe-se durante dez ou doze dias, e desembarca-se na margem esquerda, d'onde se atravessa em dous dias por terrenos alagadiços até encontrar-se a margem do rio Mamorité, pelo qual se desce ao Japurá em menos de um dia.

3.^a Pelo rio Chiuará ou Teia póde-se passar para o Puapué, que desagua no Japurá.

4.^a No fim de 8 a 10 dias de viagem pelo Uneini acima, desembarca-se na margem esquerda, e por um trajecto de pessimo caminho, que se póde vencer em dous dias, entra-se em um igarapé, pelo qual se desce em duas horas ao rio Puapué, do qual em seis horas pode-se ir ao Japurá.

5.^a Sobe-se em oito dias pelo rio Urubaxi, e atravessa-se por uma estrada, que leva ao rio Marajá, affluente do Japurá.

6.^a Pelo igarapé Queiçara, entre as cachoeiras do Pirá e os indios Manibas, sobe-se e com um dia de viagem, chega-se a um porto do qual se atravessa em dous dias para as malocas dos indios Caiiaris, na margem do Cananari; desce-se por este em meio dia e sahe-se em outro ponto de terra, que se vence em um dia, encontrando-se o rio Piraparana, pelo qual se desce em quatro ou cinco dias ao Apaporis, passando-se

deste ao Muritiparana, que se lança no Japurá, ácima da cachoeira Copati.

Esta comunicação é muito mais vantajosa do que a que se faz pelo Jucari, por evitar a cachoeira do Cananari, e a do Salto, no Apaporis, que fica proxima da grande cachoeira da Furna.

Baena, em seu *Ensaio Corographico*, assigna a este rio oito differentes bocas, que são:

- 1.^a Da parte oriental, chamada Cudajás, que dista seis leguas do Cochiuará, terceira foz do rio Purús. (32)
- 2.^a Sem nome conhecido.
- 3.^a Cupiná.
- 4.^a Uananá.
- 5.^a Em frente da ponta da ilha Parauari.
- 6.^a Uaranapú.
- 7.^a Manhana.
- 8.^a Anatiparana.

« Não parece a quem observa o movimento das aguas nestes canaes, diz o Sr. Wilkens de Mattos, acertada a denominação que lhes deu o autor do *Ensaio*; porque para que pudessem alguns delles, que communicam o Solimões com o Japurá, ser considerados como bocas deste rio, seria preciso que elle por ellas despejasse suas aguas no Solimões. Pelos tres canaes superiores (Auatiparaná, Manhana e Uaranapu) não acontece isso. »

Os Hespanhoes dão ao Japurá a denominação de Caquetá. Spix e Martius em 1819 subiram este rio até a cachoeira *Araracoara* (cauda de Arara), de onde regressou este, tendo Spix, por incommodo de saude, fixado no lugar denominado *Porto dos Miranhas*.

Affirmam estes dous notaveis escriptores que a foz do Japurá, quasi fronteira a do Teflé, offerece a largura de uma milha, pouco mais ou menos.

Os indios que habitavam as margens do Japurá eram: Pureus, Pacés, Juris, Homanas, Maparis, Juamis, Miranhas e Coretús.

Os miranhas são antropophagos e distinguem-se pelo olhar defeituoso, empregando o artificio para isso. Pelo contrario os Coretús são em extremo humanos e hospitaleiros. Em 1782 recommendaram-se elles por actos taes de humanidade para com os commissarios portuguezes e hespanhoes da demarcação de limites, que mereceram delles as maiores demonstrações de estima e respeito.

Fallando do Japurá, assim exprimiu-se o meu bom e illustrado amigo o Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda.

(32) O padre C. d'Acunha, citado por Southey, tomou esta como a principal foz do Purús.

« A' vista do que foi outr'ora, pode-se considerar este grande rio presentemente deserto.

« Da foz, na margem esquerda do Solimões, aquelle seu affluente, existem apenas 12 choupanas com 70 habitantes, contando-se entre elles muitos Miranhas resgatados. Esta grande tribu estende-se do rio Caynari, a 6 dias de viagem do Apaporis, até a cachoeira de Maracanan Coara, que é a ultima, occupando a margem direita, e, segundo alguns praticos, do affluente Cuemani em diante, pela margem esquerda.

« Nem um só Pacé ou Xomana encontra-se já no Hyapurá (Japurá), apenas se observam algumas raras reliquias das importantes tribus Hyury e Coretú, e outros poucos Caixanas que costumam alli apparecer em busca de cacáo. A maior parte destes ultimos vive nas cabeceiras do rio Mocó-mirim, a 5 dias de viagem da foz, no Hiapurá. Ficando mais proximos do Tocantins entretem relações com os mercadores deste rio.

« Um só Macuna não existe hoje no Hyapurá. Ainda em nosso territorio, entre aquelle e o rio Negro, vagam os Macús, tribu que ainda se conserva no estado nomada.

« O rio Meçay, a que se refere o tratado de limites de 1777, entra pela margem esquerda do Hyapurá, dous dias de viagem áquem da cochoeira de Arajacoara ou 10 além do Cupaty. Os praticos dão comtudo o nome de *Cachoeira grande* a de Arara-coara e a de Cupaty.

« Na Corographia de Baena e no diccionario topographico do Amazonas, é designada a primeira cachoeira do Apaporis com o nome de Cupaty, quando é elle hoje dado á serra e á primeira cachoeira do Hyapurá.

« Produz alguma confusão esta troca de nomes, que a meu ver poder-se-ha remediar, comparando o resultado das novas observações astronomicas com as feitas em outro tempo pelos commissarios de limites de Portugal e Hespanha.

« Quando se houver attendido a necessidade do mesmo genero em lugares que mais de perto o reclamam, não se deverá perder de vista a conveniencia de estabelecer uma missão no Apaporis, ou melhor, nas proximidades da serra do Cupaty, para serem ahi reunidos os Miranhas e outras tribus, não só do Hyapurá, como do Apaporis. A sorte desses indios e a situação da fronteira ficarão assim mais ao abrigo de qualquer emergencia.

« O lugar em que naquelle rio foi collocado um destacamento em certo tempo, fica situado na margem direita, oito milhas áquem do Apaporis. O terreno é alto, muito fertile e cortado por um igarapé. Uma collina proxima permite observar o rio na extensão de 3 a 4 milhas áquem e além. Mas a circumstancia de ficar em frente de uma grande ilha, a do Inambú, torna-o improprio á fiscalisação. Pelo Paraná-mirim, que separa a ilha da margem esquerda, passam canôas em grande parte do anno, e é preciso muita vigilancia para que sejam vistas na entrada e na sahida. Esta mesma razão tira toda a importancia ao lugar para ser fortificado.

« Na margem esquerda até perto do Apaporis, o terreno é alto e presta-se bem ao estabelecimento de uma povoação e de um forte. Houve allí outr'ora uma aldéa de Curetús. Em frente e pela margem direita passa o Paraná-mirim da Motuca, que não é tão fundo como o do Inambú, e entra, além disto, pouco acima das barreiras, observando-se dahi facilmente as canôas quando passam.

« Em frente á terra, na primeira cachoeira, o Apaporis tem apenas 70 a 80 braças de largura e é impossivel o passo, archando-se as margens fortificadas. A serra alta de 1.240 palmos, é uma excellente atalaia em meio da planicie. De seu pincaro avistam-se as serras do Rio Negro, e a collina de S. Paulo de Olivença, no Solimões. Em uma hora, por meio de fóros, póde-se transmittir qualquer noticia do Alto do Rio Negro ao Solimões, por intermedio do Cupaty.

« Nessa altura, a distancia entre o Apaporis e Hyapurá é de 700 braças, mais ou menos, que se transpõem em meia hora. A serra fica entre os dous rios e domina-os perfeitamente.

« Na margem esquerda do Cupaty ha excellentes terrenos de lavouras, que se prolongam muito além, podendo servir a um grande povoado, que tanto convirá ao Brazil possuir naquelle ponto. Acham-se allí duas malocas de Curetús, que poderiam servir de nucleo á povoação, que se tentasse fundar.

« No Murity-paraná existem tambem pequenas aldéas dos mesmos indios. São activos e revelam boa indole. O povoado que allí se estabelecesse, viria a ser no futuro o emporio de todo o commercio do Alto Hyapurá e da grande região banhada por seus afluentes. Até a primeira cachoeira podem chegar barcos a vapor de mediana grandeza. »

No rio Hyapurá, diz o infatigavel Sr. Dr. Coutinho, existe ouro, mas não se sabe em que circumstancias. Até certo ponto póde-se admitir que seja abundante, porque os indios que desconhecem os processos aperfeiçoados para a extracção, apresentam ás vezes algumas porções em troca de ferramentas e fazendas.

Os regatões que negociam no Hyapurá, informam que os indios usam grosseiramente da bateia, o que revela que anteriormente andou por allí alguém que entendia da materia.

Ignora-se qual o lugar preciso em que nasce o Teffé, que desagua em um lago do mesmo nome, que communica com o Solimões. O seu comprimento é consideravel. Parece mais que é o rio, que alargou-se muito, 10 leguas antes de chegar á foz, do que um lago que recebe o rio na parte superior.

As aguas do rio Teffé são de côr preta, e seu curso, segundo os melhores praticos, póde ser estimado em 450 milhas.

Os unicos indios que ainda habitam as suas margens são os Catuquinas. Na estação da cheia facilita a communicação, mediando um pequeno trajecto por terra, com o Purús e com o Juruá.

Tambem é conhecido exclusivamente dos exploradores de drogas. Pelo inverno podem subir grandes navios até quasi as suas cabeceiras e pelo verão navegam sem obstaculo ca-

nôas de seis palmos de calado. Segue a direcção de N. E. O lago communica com o Solimões por meio de dous canaes; o maior fica do lado de E. e por elle transitam os vapores da companhia; o segundo dá passagem pelo inverno sómente e acha-se do lado opposto.

Grandes navios podem navegar no lago durante os quatro mezes de maior enchente e pelo verão, quando a vasante não é extraordinaria e ndam bem canôas de seis a sete palmos de calado. Em qualquer ponto pôde-se dar fundo com segurança.

« Corre o rio Tefé com magestade, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio; porque uma ilha da parte do poente, mas ainda no Amazonas, engrandece a sua barra, estreitando-se depois algum tanto, segue-se o largo, que vem sahindo da grande bahia que este rio fórma com largura de legua e meia.

« O Tefé desce do sul para o norte. E' navegavel até dous mezes de viagem.

« Produz salsaparrilha e por elle navega o gentio Murá. »

Para que os leitores comprehendam as referencias que constantemente faço ácerca do phenomeno da vasante e enchente do Amazonas e seus afluentes e de outros phenomenos, assim como de algumas expressões peculiares e locaes, abro aqui um parenthesis e soccorrer-me-hei sobretudo, para facilitar o meu trabalho, do excellente relatorio do meu amigo o Sr. Dr. Adolpho de Barros.

A pequena differença de nivel do terreno da provincia do Amazonas, que é pouco maior de 56 milímetros na direcção E. O. e a diminuta elevação do solo, as chuvas copiosas e prolongadas de Novembro a Maio e a diversidade das aguas, determinam esta admiravel disposição hydrographica, que constituirá, quando no futuro convenientemente estudada e aproveitada, o maior elemento da riqueza da provincia e da grandeza do Imperio.

Os braços da margem direita do Amazonas têm as suas cabeceiras 340 leguas distantes das dos que correm pela esquerda. O Ucayalle, Juruá e Tapajoz chegam a 12° de lat. S, e ainda mais adiante avançam o Madeira e o Purús. Os rios Negro e Branco vão a 3° e 4° N.

As chuvas começam no sul e caminham para o norte, acontecendo por isso que as vasantes e enchentes não coincidem nos differentes rios: quando os da margem direita estão vasion nas cabeceiras, tem ainda os da esquerda grande volume d'agua.

O Hyapurá, Içá, Napo, Maranhão (continuação do Solimões) Ucayalle e Hallaga dimanam da cordilheira dos Andes. Nestes, portanto, as enchentes dependem simultaneamente do degelo e das chuvas.

Como porém taes phenomenos deixam quasi sempre de realizar-se ao mesmo tempo, acontece muitas vezes que, quando alguns daquelles rios têm apenas attingido o termo da vasante, outros já se aproximam da maxima enchente, segundo a maior ou menor massa de suas aguas.

Por esta razão o Amazonas recebe, por muito tempo, em

seu immenso seio um volume consideravel d'agua e não experimenta desfalque sensivel, quando alguns dos seus numerosos tributarios lhe faltam opportunamente com a quota devida, pois que outros se apressam em offerecer-lh'a completa.

O valle do Amazonas até as cachoeiras de seus affluentes, póde ser considerado como um plano horizontal, attenta a insignificante differença de seu nivel, inferior, em todas as direcções, a um e meio palmo por legua. As aguas têm por isso corrente fraca logo que cessam as chuvas nas cabeceiras. Nos mezes de maior baixa parecem até estagnadas nas barras.

E' sempre maior que a dos seus tributarios a corrente do Amazonas, calculada em tres milhas por hora, termo médio. Para este phenomeno contribue a circumstancia de não coincidir a época da oscillação daquelles.

Começa quasi sempre a enchente em Novembro e termina em Junho. Em 1861, o Rio Negro declinou a 25 de Junho no porto de Manáos e em 1862 a 5 do mesmo mez. Nos annos do 1859 a 1860 foram extraordinarias as enchentes, igualando-as as vasantes de 1861 a 1862. A amplitude da variação chegou a 67 palmos, entre as maximas oscillações.

Não se encontra tradição de terem as aguas transposto os limites a que subiram em 1861 a 1862; e pois póde-se admitir como exacto o *maximum* de 67 palmos, o *medium* de 57 e o *minimum* de 40. Os limites de 1861 guardaram entre si a distancia de 44 palmos e 2 pollegadas. A enchente desse anno foi 10 palmos menos que a do anterior, e a vasante excede na mesma proporção o termo ordinario.

A enchente deste anno (1873) foi tambem uma das maiores e á hora em que escrevemos estas linhas, já tem ella baixado mais de dous palmos.

O movimento ascensional das aguas do Amazonas é quasi insensivel no começo da enchente. Espaços iguaes vão sendo logo após percorridos em prazos cada vez menores. De dia para dia accelera-se a subida e avulta o crescimento. Desapparecem primeiro as praias nuas, alagam-se em seguida os terrenos baixos, cobrem-se depois as ilhas de recente formação; mergulham as arvores, alundam as barreiras, estreitam as ribanceiras, as aguas se espraíam, as margens recuam os horizontes se alargam, e em meados de Março approximadamente esse inconcebivel e fabuloso assoberbar do rio, tem chegado a igual distancia dos pontos extremos.

Então, a pouco e pouco, torna-se a marcha mais lenta, e vai até tornar-se quasi insensivel nas proximidades do limite superior. Nos mezes de Novembro a Dezembro o crescimento é alimentado a expensas dos tributarios mais proximos á foz, e como estes sejam pequenos, não avulta muito o reforço. As aguas das cabeceiras e dos princlpaes affluentes chegam no começo, e é isto o que produz naquella época uma tão pronunciada differença de nivel.

De Abril a Junho os pequenos rios podem ser navegados por grandes navios. Nesses mezes a navegação não se limita ás correntes: sobre as margens passam em muitos lagares,

canôas de 8 a 10 palmos de calado: e é varando-as pelo centro das florestas, que se atalham as maiores voltas dos rios. A estes caminhos de travessia fluvial dá-se no paiz o nome de *furos* ou *paranas-mirins*; e o de *igapó* ao terreno baixo das margens, que fica alagado em grande extensão. As *varzeas* são também terras baixas, mas só alagadas pelas grandes enchentes.

A subida e descida das aguas caminham, termo médio, 10 milhas em 24 horas. No Solimões a distancia percorrida nesse espaço de tempo é um pouco maior.

A pequena elevação do solo e a grande altura a que chegam as aguas determinam esta extraordinaria submersão de uma parte do territorio das duas provincias banhadas pelo grande rio. Na provincia do Amazonas é avaliada em mais de metade de sua extensão a superficie coberta pela enchente. As varzeas ficam encharcadas, os igapós convertem-se em outros tantos lagos, os igarapés em rios caudalosos, e estes trahendo do seu leito e galgando as margens, espraiam-se livremente, inundando as terras em uma extensão que varia de uma até 20 leguas.

E' por isto que muitos affluentes de primeira e segunda ordem que correm proximos e parallelos, communicam-se entre si por meio de braços, ordinariamente encabeçados nos lagos, que lhes ficam de permeio e que de suas aguas em parte se alimentam. Os chamados lagos são verdadeiras bacias desses canaes. Esta disposição é mais notavel e frequente entre o Rio Negro e o Japurá, entre o Juruá e o Purús, entre este e o Madeira e, etc. A's mais das vezes é necessario transpôr alguma distancia por terra.

Quando mais tarde a população espalhar-se pelo interior, diz o Dr. A. de Barros, e a industria exigir em toda a parte o aperfeiçoamento dos transportes, poder-se-ha com pouco dispendio canalisar quasi toda a provincia, evitando-se por largos annos as estradas, os mais custosos dos caminho sobretudo no Amazonas.

Por mais de um ponto se póde penetrar nos rios, na quadra da enchente, em consequencia da inundaçãõ dos terrenos. Deu esta circumstancia lugar ao erro commettido por alguns viajantes, principalmente a respeito do Japurá, a quem quasi todos dão oito barras, quando realmente, segundo asseveram os homens mais entendidos e praticos, não tem mais do que duas bocas. (33)

Os canaes que durante a estação das chuvas dão ingresso aos rios, independentemente de suas barras, seccam pelo verão; mas emquanto tem agua são aproveitados com vantagem, visto como encurtam as distancias e permitem evitar a corrente dos rios, que é forte na enchente.

(33) Relatorio do Exm. Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda, de Maio de 1865.

O termo *Paraná-mirim* (rio pequeno) é applicado ao braço mais estreito dos rios no lugar onde ha ilha, ou aos canaes que serpenteiam pelo interior, ligando entre si os lagos e pantanaes. Muitas vezes as suas embocaduras acham-se na distancia de 50 leguas uma da outra

Entre o Purús e o Javary é oade se encontram os mais estensos *paraná mirins*, por ser essa a região mais baixa do Amazonas.

As margens dos rios são geralmente baixas e raras as barreiras ou terras altas.

Só os igarapés são bordados de terra firme em maior extensão e por este motivo preferem-nos os raros habitantes, que se dedicam a algum genero de cultura.

Quando o Amazonas enche, represa os tributarios na extensão de dous terços do seu curso, phenomeno facil de verificar, em razão da diminuta correnteza nas proximidades das embocaduras, bem como pela circumstancia de conservar-se inalteravel a cor das aguas junto a foz dos rios pretos. Em começando a vasante, tem lugar o escoamento, cresce a corrente dos affluentes e cursam então as suas aguas.

Nessa época, da confluencia do Rio Negro até quasi a villa de Serpa, distingue-se cada vez mais pronunciadas, duas gradações na cor das aguas do Amazonas: uma mais amarelenta junto á margem direita, outra escura do lado opposto. Figuram dous rios correndo unidos no mesmo leito, mas confundidos inteiramente. Esse combate gigantesco prolonga-se por quasi 30 leguas. Na enchente não succede o mesmo: não se vê no Amazonas o menor vestigio das aguas do Rio Negro. Sómente mui perto da foz deste, observam-se a espaços algumas largas manchas escuras, que sobrenadam nas aguas barrentas do grande rio.

A causa da enchente dos tributarios é, pois, dupla, resultando dahi elevarem-se elles em certo tempo perto da foz, ao passo que já tem baixado consideravelmente na parte superior.

Dahi se deve inferir que o Amazonas durante a cheia, não recebe grande tributo dos affluentes de Tabatinga até a foz.

Logo, porém, que começa o periodo das declinações, isto é, quando vão seccando as fontes, accodem-lhe os volumosos braços inferiores com o contingente de suas aguas e o gigante sustenta-se na mesma altura por algum tempo ainda. Se o Amazonas enche, os seus tributarios hão de encher tambem, ou melhor, hão de entumecer, nas proximidades da confluencia, embora realmente estejam vasando.

A largura média do Amazonas é de 2.000 braças e a corrente ordinaria de duas e meia a tres milhas. Em alguns lugares, entretanto, por virtude da interposição das ilhas, as margens se afastam, guardando a distancia de mais de quatro ou cinco milhas. O ponto mais estreito do Amazonas, e que até tem a denominação de *garganta*, é em frente á cidade ou antes em frente ao forte de Obidos. A largura de rio ahi é, segundo Montravel, de 1 milha apenas, e segundo o Sr. en-

genheiro Aguiar Lima, de 860 braças ou 1.892 metros. A sua profundidade é alli calculada em 70 a 80 metros.

O Sr. Aguiar Lima, para achar a medida da largura do rio nesse ponto, mediu uma base e achou o resultado mencionado, que é o mais aproximado possível do de 869 braças, medidas ha mais de um seculo, segundo o testemunho do padre Dr. Noronha. A differença de 9 braças póde provir do periodo da estação em que foram operadas as duas medições. Eis os resultados obtidos por aquelle distincto engenheiro brasileiro e por elle communicadas ao Sr. D. S. Ferreira Penna :

« Do reducto ou fortim no lume d'agua á margem opposta em rumo 25° S. O., 860 braças.

« Do forte do rumo 18° S. O. ao mesmo ponto da margem, 860 braças.

« Do forte a outro ponto acima, no rumo 84° S. O., 1.120 braças.

« Do porto de cima ao mesmo ponto antecedente no rumo 74° S. O., 1.146 braças. »

Os lagos mais notaveis formados pelo Amazonas são: os de Saracá, Manacapurú, Manaquery, Cudajás, Autazes, do Rei, Derury e Anamá, na provincia do Amazonas. Todos elles communicam-se com o grande rio, mesmo no verão. Só nas vasantes extraordinarias seccam completamente alguns canaes.

Pelo inverno, no interior dos lagos, de que alguns tem mais de 40 palmos de profundidade, navegam grandes canôas. E^o nos lagos que durante o verão fazem-se as mais abundantes pescarias, principalmente do pirarucú, que constitue um ramo importante do commercio da provincia do Amazonas.

Em geral os navios podem fundear sem perigo em qualquer ponto d. Amazonas, evitando-se todavia os lugares de forte correnteza e os que tem fundo de pedra. Durante o inverno é perigosa a vizinhança das barreiras por causa do esboroamento das terras, o que tem sido causa de não poucos sinistros. No intuito de evital-os, convém procurar sempre as partes convexas das margens, onde, da mesma fórma que nas abas dos bancos e nos remansos, o fundo e a corrente não são grandes.

Os bancos do Amazonas, como acontece em todos os rios, são mui variaveis, mas o volume d'agua é tal que os conserva profundamente submergidos grande parte do anno, permitindo livre direcção mesmo aos navios de maior calado. Pelo verão, o caminho torna-se mais extenso, porque é preciso acompanhar as voltas do canal; porém o excesso da distancia é compensado pelo enfraquecimento da corrente.

Os bancos moveidos, em geral formados por uma cheia e que outra os faz desaparecer, são raros na entrada do Amazonas. Os fixos, isto é, os que existem ha muitos annos, tambem modificam-se com o andar dos tempos, crescendo ou diminuindo, levantando-se ou abaixando-se e deslocando-se em partes, segundo a maior ou menor violencia das correntes, mas conservando sempre certo aspecto que os faz reconhecer.

Nos paizes adiantados ha sempre pharóes, balizas e outros signaes, que indicam ao navegante os escolhos que deve evitar e o caminho que convém seguir.

Nos Estados-Unidos, por exemplo, encontram-se pharóes tão multiplicados e tão habilmente collocados, que muitos rios ha, em que nenhuma necessidade ha de praticos.

Aqui no Amazonas ainda não succede assim; ainda nenhum ou quasi nenhum trabalho indica aos navios a entrada e a navegação do grande rio. Em toda aquella immensa embocadura, em todo aquelle gigantesto delta, que tem mais de cento e quarenta milhas de largura e centenares de ilhas, conta-se apenas um pharol, o das Salinas e mais 5 pharoteles. O pharol das Salinas, ameaçado de desmoronamento, em consequencia das escavações que o mar vai fazendo na barranca em que está edificado, acha-se situado na costa do oceano de modo tal; disseram-me diversas pessoas entendidas, que quem vem da Europa, só o póde reconhecer, passando além da entrada do rio.

O trecho do Amazonas em que se encontra maior numero de bancos é entre Teffé e o rio Jutahy. Este phenomeno é produzido, na opinião dos professionaes, pela circumstancia de confluirem quasi fronteiros, nessa região, os dous grandes rios Juruá e Japurá.

Termino aqui o longo parenthesis, que abri.

Ainda não é bem conhecida a nascente do Coary. Desagua no lago do mesmo nome, que dista 132 milhas da foz do Purús. Tem o lago 12 milhas de comprimento e 5 de largura. A antiga freguezia de Alvellos, creada em 1758, esteve assentada no extremo sul, na confluencia dos tres rios Coary, Urucú-parauá e Ourané. O Coary é o maior e fica do lado de E. Conhecem-no sómente as pessoas que se empregam na colheita e extracção de drogas. Tem-se chegado a caminhar por elle 35 a 40 dias. No inverno, de Março a Julho, navegam grandes canôas de 8 a 10 palmos de calado. No verão, como o abaixamento é mui consideravel, só passam igarités na parte superior. O seu curso não é longo; segundo o testemunho dos praticos, póde ser estimado em 85 a 90 legoas.

« Alguns indios, diz o Exm. Sr. Dr. Adolpho de Barros, tem passado do Purús para o Coary, e dão noticia de existirem campos de grande extensão nas cabeceiras deste rio, os quaes vão confinar na margem esquerda. No Purús ha um lugar chamado *Campina*, distante da foz 63 leguas. Alli não se vê nada que justifique o nome do lugar, porém para o interior informam que ha campos agrestes, que já tiveram principio de cultura. E' provavel que sejam estes os campos de que dão noticia os indios. Em geral, os terrenos altos do valle do Amazonas, pela sua constituição prestam-se á abertura de campos, como a experiencia tem provado em muitas localidades. Nas varzeas acontece o mesmo em alguns pontos. »

O Coary não tem cachoeiras; as suas aguas são pretas, bem como as dos outros dous rios, que com elle correm para o lago. Ha um só canal que communica o lago com o Solimões; fica do lado oriental e tem 2 milhas de extensão. Só nas vasantes

extraordinarias é que não permite a passagem de navios que calem de 8 a 10 palmos.

Diz Baena que acima da foz do Coary acham-se as ilhas Jurupari e Juçaras, onde constantemente fazem as tartarugas o seu desovamento.

Ainda até hoje é desconhecido o ponto em que nasce o rio Purús.

Sendo o mais consideravel de quantos entram no Solimões por sua margem austral, diz o capitão-tenente Amazonas, é de presumir, venha de mui longe, ou seja, como pretendem muitos, o desaguadouro do lago Rogaguallo. Corre de oeste para leste, e lança-se no Solimões 45 leguas acima do Rio Negro.

As sondagens feitas dão-lhe differentes profundidades: no inverno ou na occasião da cheia só de 30 a 40 metros; no verão ou durante a vasante desce, conservando a profundidade de 20 a 5 metros, segundo a maior ou menor distancia de sua foz á barra do rio Ituxy. As aguas, na vasante, baixam 20 metros pouco mais ou menos do nivelamento da cheia ao da vasante; a largura é de 250 a 500 metros, de sua foz á barra do Ituxy.

O nome *Purús*, diz o meu amigo o distincto Sr. tenente coronel Labre, em seu interessante trabalho de que me hei de muitas vezes servir, deriva-se de *purú-purú*, que quer dizer pintado (ou *myra purú-purú*, gente pintada, em lingua geral).

Em tempos idos, assim a gente do Amazonas e Rio Negro, chamavam os selvagens da nação Pamary, moradores neste rio, por serem elles pintados ou manchados de branco.

« Tornam-se foveiros, diz o capitão tenente Amazonas, os indios que habitam suas margens, defeito sem o qual nascem, e que se communica por contagio. »

Com o andar dos tempos denominou-se o rio—*Purús*—, simplificando-se a palavra. O nome primitivo dado ao rio pelos Pamarys, era *Wainy*; e os outros selvagens, que o habitam, dão-lhe differentes nomes, conforme o seu dialecto.

Para melhor precisar as distancias e localidades, divide-se o rio em Baixo-Purús da sua foz até o rio Tapanha, 505 milhas; Médio-Purús da foz do Tapanha ao rio Mamoryha-Grande, 385 milhas; e Alto-Purús da foz do Mamoryha-Grande ás cabeceiras do mesmo Purús, mil e tantas milhas.

Por differentes vezes tem organizado o governo expedições, com o fim de descobrir as cabeceiras deste rio. Uma das primeiras expedições, senão a primeira, foi dirigida por um certo João Cametá, que sómente chegou até a embocadura do Ituxy, percorrendo apenas 700 milhas.

A segunda foi effectuada em 1852, por um individuo de Pernambuco, chamado Seraphim Salgado, que percorreu 1.300 milhas, mas, á excepção dos nomes e grandeza apparente de poucos tributarios ou afluentes do Purús e a noticia importante da ausencia de cachoeiras, nenhum resultado valioso offereceu a sua viagem.

A terceira expedição foi em 1860 levada a effecto por Ma-

noel Urbano, homem bastante intelligente e ousado, que e -
trtanto não partiu com o fim de explorar as cabeceiras do
Purús, mas de descobrir o canal, que, segundo se dizia, com-
muniava o Purús com o Madeira, acima das cachoeiras deste
rio

Em 1862 nova expedição foi mandada, mas voltou sem
conseguir resultado satisfactorio. De Junho de 1864 a Feve-
reiro de 1865 procurou o Sr. W. Chandless explorar o rio
em busca de suas cabeceiras, mas apesar de ter avançado
mais que o pratico Manoel Urbano, não logrou resolver
aquelle interessante problema hydrographico. Chegou até
10° 5' de Lat. S. e á distancia de 1.620 milhas geographicas
da foz. Sendo de 715 milhas, segundo o calculo do Sr. Dr.
Continho e de 705 segundo o do referido explorador, a dis-
tancia da foz ás barreiras de Hyutanahan, onde aquelle che-
gou, foi o rio estudado pelo Sr. Chandless em muito mais
do duplo da extensão que primitivamente tinha sido.

A 1.555 milhas da foz, no paralelo de 10° 44", divide-se o
Purús em dous braços quasi iguaes, nenhum dos quaes re-
presenta, entretanto, a metade do volume de ambos, quan-
do reunidos. Até esse ponto tem ainda o Purús bastante lar-
gura, mas é em geral muito raso, mesmo em Dezembro.

De 11 a 23 desse mez, subiu o Sr. Chandless o braço direito,
que apresentava no principio uma largura de 32 a 36 braças
e mul pequena profundidade, sendo ás vezes preciso arras-
tar a canôa. A 60 milhas do entroncamento, esse braço sub-
divide-se em dous pequenos rios, quasi de idênticas pro-
porções.

O maior, com 6 a 8 braças de largura, não pôde ser per-
corrido em distancia superior a 8 ou 9 milhas, em virtude
do pouco fundo e fortissima correnteza.

O braço do N., posto seja mais raso, é, até 20 ou 25 milhas,
mais largo que o primeiro e parece alguma cousa maior.
Tem além disto um affluente, o que não se encontra no
outro. O leito de ambos é obstruido por pequenas cachoeiras.

Acredita o Sr. Chandless que a nascença delles não pôde
estar muito longe do ponto a que levou a sua excursão e
talvez não ultrapasse de 11° de Lat. S.

Até a embocadura do Curumahá, que desagua na margem
esquerda e na distancia de 1 430 milhas da foz do Purús,
tem este a largura média de 60 a 100 braças, com 2 a 2 1/2 de
profundidade.

Dahi para cima adquire a corrente immensa velocidade,
em virtude da differença de nivel, que é, entre esse lugar e
o em que o rio se divide n'uma distancia de 125 milhas, de
170 palmos ou de 3,5 palmos por milha, sendo que a altura
das aguas, no ponto da bifurcação, sobe a 1.508 palmos acima
do nivel do mar.

Uma tão aspera inclinação explica a rapida oscillação do
rio, quando succede desabarem fortes aguaceiros. O Sr.
Chandless teve occasião de observar um desses curiosos phe-
nom nos e refere-o do modo seguinte:

« Esta enchente offereceu-me exemplo da extrema rapidez

com que ellas se operam no Alto-Purús. A chuva começou ás oito horas e meia da manhã e viajou rio acima. Ás duas horas da tarde começou o rio a encher; ás duas e meia enchia quatro palmos por hora. Mais tarde a força da correnteza não nos deixou viajar. No outro dia pela manhã começou a vasante: ao meio dia tinham as aguas baixado 12 a 13 palmos; de tarde estava o rio baixo, como d'antes, e outra vez estávamos arrastando as canôas. » (34)

Isto confirma a supposição de que as fontes do Purús se despenham de grandes alturas. Sem contrariar essa idéa, não hesita entretanto o Sr. Chandless em assegurar que o Purús não parte dos Andes, confirmando-o nessa crença a circumstancia de não se encontrar em seu leito ou em suas margens pedaços de rocha granítica ou vulcanica, ou mesmo de schistos silureanos.

Dahi deduz que, se o rio que seguiu é o verdadeiro Purús, como não ha duvidar, este não pôde ser o Madre de Deus, o qual com maior somma de probabilidade cabe para o Beni e Madeira.

Ainda menos fundada parece a opinião de que seja o Aquiry a cabeceira do Purús, pela differença das aguas, mais claras e frias que as deste, como foi reconhecido pelo pratico Manoel Urbano, que o percorreu durante vinte dias, no fim dos quaes teve de retroceder por falta d'agua.

Seguindo esse caminho, o Aquiry, o limite navegavel foi approximadamente de 1.058 milhas da foz do Purús; seguindo até o fim o rio conhecido por este nome, a navegação estendeu-se a 1.620 milhas.

A differença, pois, de 562 milhas para mais estabelece a decidida primasia do segundo e exclue a opiniãc que assignala e que parece todavia compartilhar o Sr. Chandless.

Na sua breve mas interessante memoria ácerca do Rio Purús exprime-se do seguinte modo o incansavel Sr. tenente-coronel Labre, de quem terei ainda muitas vezes occasião de fallar:

« O Purús comporta um grande volume d'aguas por sua largura e grande extensão percorrida; é branca a côr de sua agua; mostra muitas sinuosidades no seu curso, deixando de verão á descoberto muitas praias e altas ribanceiras. De inverno, na sua maior enchente, sobe a transbordar, cobrindo uma zona de nunca menos de 12 a 15 milhas, nivelando-se com as aguas dos seus innumerados lagos, os quaes excedem de cinco mil. O Hayapuá e o Jary são os maiores, devendo ter mais de 30 milhas de circumferencia. Ha algumas ilhas, sendo a de Uajaratuta a principal: mede 4 milhas de largura, termo médio, com uma extensão de 18 a 20 milhas. Deita-se o rio em um leito de areia e barro, tendo algumas pedras nas barreiras das terras altas, porém deixando franca a navegação. »

(34) *Chandless's. Notes on the River Purús, pag. 23.*

A extensão percorrida por este caudaloso rio, continúa o Sr. tenente coronel Labre, das cabeceiras á sua foz, é por uma superficie de pouca declividade (como se vê de sua declinação) por entre uma floresta densa e não interrompida. O solo ás margens se divide em terras altas e baixas; estas são cobertas d'agua periodicamente, de inverno, e aquellas são isentas de inundaçào.

As terras sujeitas ás inundações são misturadas e de côr parda com grandes camadas de estrumes vegetaes, e tendo no fundo das baixas e lagos grande quantidade de argilla. As terras altas são de barro vermelho granitado e terrenos mui porosos; e nos lugares povoados de palmeiraes são pardacentas na superficie e misturadas ligeiramente de areia e boas camadas vegetaes, sendo o fundo de barro vermelho.

Os invernos ou *chuveiros* ahi são longos; as chuvas são copiosas, especialmente nos mezes de Fevereiro, Março e Abril, tempo da grande cheia e transbordamento do rio, cuja enchente começa no mez de Outubro e sóbe até fins de Março. A vasante tem lugar em principio de Abril até fins de Setembro; isto no médio Purús. As enchentes e vasantes do Purús são periodicas e regulares; é uma pequena imitação do Nilo; são porém alteradas de lugar a lugar, seguindo as distancias, pela grande extensão percorrida, alternando-se tambem as estações, começando o inverno e o verão mais cedo nas cabeceiras. Ha muita electricidade atmospherica, especialmente em principios e fins d'aguas, produzindo estrondosas detonações, precedidas de quedas de fluidos electricos: as chuvas se prolongam até o mez de Julho e recommçam em Setembro.

São sensiveis ou conhecidas ahi sómente duas estações, inverno, que se deve contar de 15 de Novembro a 15 de Junho, e verão, de fins de Junho a principios de Novembro. Os invernos são pautados pela cheia do rio e copiosidade das chuvas. Chove em todo o verão, á excepção do mez de Agosto, e são chuvas criadoras. Em todos os mezes ha cerração, sendo mais frequentes no inverno.

Nos mezes de Julho, Agosto e Setembro ha dias frios, que duram de 2 até 8, e occasiões ha em que não se vê o sol durante esses dias. Chamam a estas alternativas de temperatura—friagem. O thermometro de Réaumur baixa a 14 grãos durante esses dias, descendo mais á noite.

Os ventos sopram mais de nordeste e tambem de noroeste e norte, e ha constantes virações tanto no verão como no inverno. Aparecem tambem tempestades e borrascas.

Entram no alto Purús, pelo lado direito, tres grandes afluentes; o Aracá, o Hyuacú e o Aquiry. (35)

O Aracá é na embocadura mais estreito que o Purús; não

(35) O Sr. tenente coronel Labre, dá a este rio o nome de Acre.

augmenta sensivelmente a largura deste, mas chega quasi a duplicar a sua profundidade.

O Hyuacú é tambem mais estreito, porém alguma cousa mais fundo; e nada lhe acrescentando nesta relação, augmenta-lhe todavia consideravelmente a largura. O Aquiry, sendo tão largo como elle, e um pouco mais fundo, posto que de menor curso, despeja as suas aguas, de enchente e vasante, com dobrada velocidade e impulso.

Da margem esquerda os principaes affluentes são: o Mamoryha-Grande, o Panynim e o Inauyui, que ainda não foram explorados.

Da noticia do Sr. tenente-coronel Labre, transcrevo aqui a seguinte lista dos affluentes mais conhecidos do Purús e das distancias de sua foz. « Os affluentes do rio Purús, diz elle, constantes deste mappa, são os principaes e cuja foz serviu de ponto de observação ao viajante geographo W. Chandless, marcando as suas distancias em milhas inglezas. Além destes ha outros muitos de menor importancia e de inferior grandeza; em cujo numero entram os canaes (ou furos) dos lagos que são innumeraveis. »

<i>Nomes dos rios e affluentes.</i>	<i>Milhas inglezas.</i>
Paraná-pixuna.....	306
Jacaré.....	360
Tapanhá.....	505
Mucuy.....	590
Mary.....	653
Ituxy.....	692
Mamuryha-Miry.....	745
Sipatyny.....	762
Mamoryha-Grande.....	870
Pauyny.....	978
Inauyuy.....	1.073
Acre.....	1.104
Canguity.....	1.170
Hyuacú.....	1.241
Aracá.....	1.445
Taranacá.....	1.494
Curynahá.....	1.560
Raxalá.....	1.618
Curumahá.....	1.648
Urbano (36).....	1.745
Patos.....	1.785
Divisão do Purús (37).....	1.792

(36) Chandless deu a este rio o nome de Urbano, em honra do pratico Manoel Urbano da Encarnação.

(37) E' neste ponto que se divide o Purús em dous braços, um—braço norte do Purús, e outro—braço sul do Purús. Tem 1.088 pés de elevação do nivel do mar.

A feição que apresenta o Purús até Hyutanahan é a mesma, com pouca differença, que offerece dali por diante. Sómente, como é natural, á proporção que diminue a largura do rio, tornam-se as curvas menores e mais numerosas.

A extensão do igapó, especialmente no baixo Purús, mostra a enorme mudança do canal do rio em tempos recentes. A varzea mal resiste á força da correnteza nas enseadas. Além disto, as aguas superficiaes da varzea alagada penetram, no tempo da vasante, até camadas de barro pouco permeaveis, e sobre estas passam para o alveo, desprendendo e fazendo escorregar grandes massas de terreno com a vegetação em pé.

Assim, o rio vai levando sempre a varzea, e augmentando as praias até chegarem a altura propria para a vegetação, e se converterem então em igapó, com o que augmenta tambem a tortuosidade e comprimento do canal.

Segundo o Sr. Chandless, pertence á classe terciaria a formação geognostica do Purús. Como quér que seja, a parte superior das barreiras, que são altas e successivas, consiste sempre em barro colorado, sem stratificação: abaixo deste, e ordinariamente abaixo da linna da enchente, encontram-se varias camadas de arêa e barro stratificadas, algumas bastante inclinadas, e em certos pontos deixadas alli antes da deposição das camadas superiores.

Nos regos pequenos produzidos pelas chuvas, na base das barreiras, hem como nas praias, existem pedaços de quartz arredondados; mas não ha noticia de alguma pedra ignea.

Em um pseudo conglomerato, não de pedra, mas de concreções de barros, com 2 ou 3 palmos de grossura, acham-se, especialmente acima do Aquiry, pequenos pedaços de páo petrificado ou meio petrificado.

Tambem tem-se descoberto pedaços de ossos fosseis, gastos pela agua e mesmo alguns inteiros. Um ou outro desses exemplares de fosseis contém algum azufureto de ferro, já decomposto, e com o sabor de sulfato de ferro.

Nenhuma concha fossil foi ainda encontrada na hacia do Purús; o que, em falta de mamiferos, de que tambem não ha sufficientes vestigios, serviria para determinar com a exactidão necessaria a condição geognostica do terreno.

Descrevendo o Purús, exprime-se assim o tenente-coronel Labre:

« De enchente ou vasante o Purús offerece ao viajante vistas mui soberbas, pittorescas e agradaveis: no transbordamento do rio limitam-se as aguas ás verdejantes matas de arvores altaneiras e frondosas, mostrando o seu berço estendido entre perpetua verdura.

« Pelas margens aqui e acolá, levantam-se e esvoaçam aves ribeirinhas e cruzam no céu innumeras outras multicores que se transportam de uma á outra parte e vice-versa, chilrando de mil modos em seu transitio.

« Durante a vasante, novas vistas, espectaculo novo; ambas ás margens cobrem-se de um tapete de verdura; aqui e acolá, pelas sinuosidades do rio, notam-se bonitas praias de

branca e solta areia, onde pousam innumerous bandos de diversas aves ribeirinhas, que grasnam, piam e chilram de mil mo los. Algumas, como a gaiv ti, fazem os ninhos sobre a areia; é curioso ver-lhes as ninhadas; umas preparam os ninhos, outras chocam os ovos, e já em outros ninhos a nova geração sahe do seu envoltorio, piando implume pela sensação da vitalidade, e finalmente outras já vestidas correm dos ninhos medrosas piando, pedindo soccorro, o que, ouvido, acode numerosa phalange de defensores impotentes, esvoaçando sobre as cabeças dos visitantes ou inimigos, guinchando á toda voz, e fazendo o seu protesto á modo dos fracos contra a violencia e extorsão dos grandes e poderosos.

As terras que margêem o Purús são em sua totalidade cobertas de vastas florestas virgens e poucos campos. Dividem-se em altas (terra firme) e baixas (varzea), que são inundadas pelas aguas da cheia. Estas servem para plantar se de verão; são bem estrumadas e prestam-se perfeitamente para a cultura da canna, do arroz, cacão, urucú, banana, seriaga e outras plantas.

As terras altas ainda se dividem em duas qualidades distinctas, terras frescas e poderosas, de barro vermelho granitido e terras menos porosas e mais seccas, bem estrumadas por uma boa camada de humus levemente misturado de areia, com fundo de barro vermelho, mostrando, porém, na superficie côr pardacenta, em consequencia das camadas de terra vegetal, accumuladas pela acção do tempo. São povoadas de arvores magnificas, entremeiadas de um vasto palmeiral, e banhadas por pequenos regatos em differentes sitios, e que fornecem boa agua potavel e crystallina. Estes terrenos são quasi planos, apparecendo de quando em vez pequenas collinas com declividades pouco sensiveis, cortadas ou divididas por baixas de mui pouca profundidade; são mais adaptadas para a cultura e prestam-se especialmente para o plantio do algodão, da mandioca, milho, arroz, feijão, batatas, café, salsa e diversas outras culturas.

As terras porosas não têm palmeirae, constantemente humidas durante o inverno, seccam com a derrubada e prestam-se especialmente para a cultura da canna, arroz, milho, cacão, café, guaraná, salsa, etc.

Ha poucos campos conhecidos para a criação de gado, um dos maiores, posto que ainda pouco explorado, dizem que demora entre os rios Purús, Ituxy e Ma teira, estendendo-se de oeste a leste, desde o Ituxy, passando pelas cabeceiras do Pacihan até as cabeceiras do Mucuby, 100 milhas pouco mais ou menos, e na distancia de 10 a 12 milhas da povoação fundada ha pouco tempo pelo Sr. tenente-coronel Labra e que já tanto promete.

Muitas riquezas e productos naturaes, já conhecidos do commercio e dos industriaes, abundam nas margens do Purús e seus affluentes.

Muito interesse deixa a sua extracção, depende porém tambem muito de actividade e pratica dos exploradores. Os

trabalhadores actuaes levam uma vida e habitos especiaes, grande parte delles ou quasi todos vivem com habitos e costumes de povos nomadas; as suas cabanas são mal construidas e sem nenhuma das condições hygienicas, não plantam e nem criam, de modo que todos os generos alimenticios, inclusive a farinha, são levados das praças do Pará e de Manáos, que tambem os importa, vendendo-os por preços fabulosos.

De semelhante assumpto fallarei mais largamente quando tratar dos seringaes e da extracção da borracha, que, seja dito de passagem, é a maior e a mais funesta praga do valle do Amazonas

Viaja-se da foz do Purús á do Ituxy, diz o Sr. tenente-coronel Labre, e não se vê uma plantaçào, a não serem alguns pés de bananas e canna e difficilmente nas goteiras de algumas casas (barracas) alguns pés de mandioca e uaipe. (38)

E' uma irrisão a industria agraria em terras de tão prodigiosa uberdade com uma populaçào superior a 5.000 habitantes de gente civilisada.

O paiz não é pedregoso, sendo muito escasso de pedras em suas margens e adjacencias, excepto para o interior das terras altas e rios affluentes da direita, onde existe infinidade de pedras differentes.

Nas margens do rio Acre, no tempo da vasante, mostra-se nas ribanceiras grande quantidade de salitre.

Encontra-se em toda a parte barros ou argillas differentes com propriedade para o fabrico de tijolo de alvenaria, telhas e toda a especie de louça grossa.

Acima de Yabituriá existe a ultima maloca da tribu Jubery. A grande nação ypuriná ou ipurinan, habita desde o médio até o alto Purús.

E' tribu muito numerosa. Bellicoso por indole e sempre preparando ou esperando o ataque, o hipurinan larga muito poucas vezes o arco e flexa, desconfiando de quantos não conhece.

Entretanto guerreia mais os de sua propria nação e seus vizinhos do que as outras tribus.

Apezar de serem completamente selvagens, são por natureza doces e delicados.

Fazem muito pouco commercio, em troca de salsa, seringa e oleo que vão aprendendo a colher.

Na margem esquerda do Purús, não muito distantes do rio, vivem os Jamamandys, entre o Mamoryha-Grande e o Paunim; porém na margem direita não se conhecem outros indios senão os Ipurinans. Filhos do mato e não do rio, como diz o Sr. Dr. Adolpho de Barros, elles preferem morar no centro das terras. Me mo os que já são mansos (e o devem

(38) No sul chamamos *aipi* ou *aipim*.

Em geral, em todo o norte dão-lhe o nome de *macachêra*.

ao pratico Manoel Urbano) estabelecem as suas malocas cerca de meia legua para o interior. Sómente na época das tartarugas, sahem todos do centro e installam-se nas praias, onde se abrigam do sol e da chuva sobre uma ligeira choça de braços de Oirana.

Vivem completamente nus e a polygamia, que na maior parte das outras tribus é privilegio quasi sempre dos tuchanas ou chefes, é geral entre esses indios, no meio dos quaes a mulher occupa por isso condição muito inferior.

Apezar desses defeitos, parece que a catechese dos Ipurinans dará grandes resultados.

Nenhuma outra nação do Purús é tão grande e nenhuma promette tantas vantagens, sem exceptuar os Pammarys, infelizmente já muito entregues ao vicio da embriaguez, fructo talvez do seu primeiro contacto com a civilisação bastarda, que lá os foi procurar. Os Ipurinans são ainda como os matos virgens, têm todas as boas disposições da indole primitiva, porém branda, sem os vicios e a depravação dos meio-civilisados. Amansados e doutrinados, serão no Purús o que são os Mundurucús no Tapajoz.

São baseados em informações officiaes e em particulares mui fidedignas os esclarecimentos e noticias que ahi deixo, ácerca dos Ipurinans, entretanto mui diversamente se pronuncia a seu respeito o Sr. tenente-coronel Labre. « Têm indole perversa e máos instinctos os Ipurinans, diz elle, e são verdadeiros antropophagos; entregam-se exclusivamente aos negocios e praticas da guerra, pilhagem e assassinato.

O Sr. Chandless tem ácerca do Ipurinans a melhor opinião.

O Hyuacú é o limite dos Ipurinans. Dahi em diante começa a região habitada pelos Manetenerys, encontrando-se na distancia de 6 a 7 dias de viagem daquelle rio a estrada de que se servem estes, quando atravessam para o Jurúa, que desemboca no Solimões; travessia que tambem realizam pelo pequeno rio Tarauacá.

Os Manetenerys são uma nação d'agua. Abandonam frequentemente as malocas, mudam muitas vezes de habitação, e a maior parte do tempo gastam-no em viagens ou antes em passeios. São entretanto trabalhadores, cultivam o fumo, de que fazem uso, colhem a salsa e o algodão que fiam e tecem com admiravel esmero e delicadeza, dando-lhe côres variadas e seguras. Com elle preparam as camisolas compridas com que se vestem e os capuzes com que se cobrem, trajo que bem revela o antigo contacto desses indios com os missionarios catholicos.

Mansos e intelligentes, vão alegres ao encontro dos brancos e acolhem-nos sem desconfiança, mas com certa sobranceria. As mulheres são mui claras, de olhos grandes e tornam-se notaveis pela sua belleza e modestia. Infelizmente, se os Manetenerys são mais civilisados que os Ipurinans, tambem são mais corrompidos. Furtam, quando podem, o que se lhes não quer dar ou vender, e mercadejam sem escrupulo com a

honra das mulheres, que aliás são tratadas por elles em certo pé de igualdade.

Empregam os Manetenerys diversas palavras de lingua hespanhola, pelo que julgam muitos que pertenciam elles ao territorio boliviano do Alto Purús.

Quasi todos fallam mais ou menos no Journá e poucos o fazem ácerca do Ucayale. Parece estar verificada a supposição erronea do pratico Manoel Urbano, quando julgou ter chegado pelo Purús perto de Sarayaco. Sem duvida quizeram esses indios dizer-lhe que não estava longe do ponto em que então se achava elle pratico o varadouro para o Ucayale, por cujas aguas costumam descer para aquella povoação peruana.

Como quer que fosse, a posição geographica do Purús e a de Sarayaco afastam a idéa de semelhante proximidade.

Refere o Sr. Chandless que de um velho Manetenery ouviu que gastára dous dias em varar as canoas e 10 dias, rio abaixo, pelo Ucayale até Sarayaco, onde conhecêra o padre Antonio e vira fazendas de gado.

« Um dos mais velhos da tribu, fallou-me de um padre Antonio, a quem conhecêra em Sarayaco, descrevendo-me a sua tonsura, imitando-lhe os gestos nas ceremonias da missa e repetindo mui distinctamente ou antes cantando, as palavras « Espirito-Santo. »

E mais adiante :

« Disseram-me em Manáos, que esse padre Antonio era um frade italiano, que havia muitos annos tinha partido para explorar o Ucayale, induzindo ou obrigando a maior parte dos indios a se estabelecerem em aldêas, e que muitos, não se querendo sujeitar a isto, abandonavam o Ucayale e iam estabelecer-se á margem dos rios que ficam para leste. » (39)

Do rio Curyuá até o Rixalá, não ha indios. Das proximidades deste ultimo em diante começa-se a encontrar os Canamarys. Esta raça, que não é bonita, tem muito boa indole. Tão civilizados como os Manetenerys, embora menos emprehendedores, não são todavia, como elles, desmoralizados e emprehendedores. Usam de camisolas izuaes ás daquelles, e tambem fabricam panno, posto que inferior. Na cabeça, em vez de capuz, trazem ornatos de pennas escolhidas e de côres brilhantes.

Entre elles, tem o Purús o nome de Pacayá.

Além da foz do Cammahá existem os indios Catianás trajados como os Canamarys, ornados de pennas na cabeça como estes, porém no mais semelhantes aos Manetenerys, de cuja indole participam, posto não sejam com elles parecidos nem nas feições, nem na estatura, que a têm menor.

Cultivam o fumo, o algodão, o milho e colhem a seringa, que alli se encontra em abundancia e com a qual se allumiam.

(39) *Chandless's Notes on the River Purús*, pag. 18.

Essa tribu é a ultima do Alto Purús. Dahi por diante raros vestigios se observam da existencia ou antes da passagem de indios. Todavia parece que outras tribus habitam o interior das terras, que mui raras vezes abandonam, ou o fazem temporariamente para virem ao rio em busca d'agua, quando na maior força do verão, seccam provavelmente as fontes e igarapés.

Disto persuade a existencia de trilhos estreitos e quasi obstruidos, partindo das margens para o centro.

Diz o Sr. tenente coronel Labre, que lhe consta haverem no alto Purús mais as tribus seguintes: Auainamary, Cujigenery, Cachapan, Imainanan, I-spinó, Cuxixiniary, Carunan, Cigananery, Turumaty, Paicycy, Xapuniary, Miriximandy, Mamury, Hymaniry e Araras para o interior; e que além destas ha outras de cujos nomes não se sabe, nos afluentes do Purús não explorados.

As tribus Pamanan, Simarunan, Caripuna, Cathanichys, Pamary, Jamamandy, Caxarrary e Uatanary, habitam as margens do médio Purús e de seus afluentes.

Os Pamanans vivem nas terras altas do rio Ituxy e parecem ser os mesmos do rio Mucuhy: são pacíficos e indolentes.

Os Simarunans e Caripunas habitam as margens do rio Mucuhy e são pacíficos.

Os Cathanichys, habitam as margens dos rios Mucuhy, Mary e Pacihan e as terras altas. São pacíficos por indole, asseados, bem apessoados e claros. São cultivadores e fabricam louça de barro, que pintam e de que fazem commercio mui limitado.

Os Pamarys que habitam actualmente o médio Purús, habitavam outr'ora o baixo Purús.

Vivem nos rios e lagos, alimentam-se especialmente de peixe e tartaruga; as suas cabanas são feitas nos lagos em jangadas ou balsas.

São destros remadores, entregando-se ao trabalho do mar; são verdadeiros canoeiros; as montarias de que se servem e que têm o nome de uhás, são por elles perfeitamente trabalhadas. Fazem algum trabalho na extracção dos productos naturaes, que trocam por mercaderias e bebidas, especialmente a carhaça. Aquelles que estão mais em contacto com a gente civilisada, andam vestidos, porém voltando para as selvas andam nus. São os selvagens mais conhecidos desses lugares, por se não arredarem das margens dos rios e lagos. São asquerosos e repellentes pelas molestias de pelle, que soffrem, as quaes se têm tornado hereditarias; tornam a pelle escabrosa, produzindo uma comichão horrivel. São manchados ou pintados de branco, tornando-se foveiros, especialmente as mãos e os pés.

Temem muito as tribus guerreiras e quasi nunca se batem.

Os Jamamandys têm os mesmos habitos e costumes e vivem em terras altas e nas mesmas condições que os Cathanichys; são agricultores; não fazem commercio e fogem do contacto civilisado.

Os Caxarrarys e os Uatanarys habitam o alto Ituxy, vivendo em grandes aldeas: são plantadores e pacíficos.

As tribus, Muza, Curuhaty, Simaniry, Catuquina e Cipó, habitam o baixo Purús.

Os Curuhatys habitam o Paraná-pichuna; são corpulentos e reforçados.

Os Simaniry, Catuquinas e Cipós habitam as matas do rio Tapanha.

Sem uma só cachoeira que lhe interrompa o curso, offerece o Purús uma navegação regular e franca até a distancia de 400 leguas da foz em uma grande parte do anno, com excepção sómente dos mezos de maior vasante.

Em meia altura das aguas, a profundidade perto da foz é de 8 a 9 braças no canal, e 250 leguas acima, encontra-se ainda o mesmo fundo no tempo da enchente. Calculando-se com um abaixamento médio de 50 palmos, vê-se que, ainda no limite da vasante, os maiores navios podem chegar a essa distancia, pois que a inclinação do leito do rio é diminuta até o rio Mucnim e só se torna bastante pronunciada do rio Pauynim em diante.

Em alguns lugares acima de Hyuntanahan, encontra-se rochedos encostados ás margens e poucas vezes no meio do rio. Os mais notaveis são o baixio de Camary, formado por uma lage e que nos annos de secca rigorosa difficulta a passagem; e as pedras de Yabiturihá, que não impedem a navegação, visto como passa um bom canal pela margem direita. Sobre todas as mais, qualquer vapor proprio para essa navegação pôde passar livremente na meia vasante. Na enchente, não ha o menor perigo, porque sobre ellas passam 4 a 4 1/2 braças d'agua. No termo da vasante ficam á descoberto e com facilidade são evitadas.

E' por conseguinte o Purús o mais importante affluente do Amazonas até hoje conhecido. O Juruá, segundo as informações dos praticos, não faz grande differença deste, mas ainda não foi devidamente explorado. Sem cachoeiras, sem grandes correntezas, sem ilhas que lhe obstruam o leito, diminuindo a profundidade pela divisão das aguas, o Purús não só offerece livre e mais extensa navegação do que qualquer outro dos tributarios do grande rio, como estabelece communicação para a parte mais rica da America do Sul.

« Traçai na imaginação, diz o Sr. Tavaris Bastos, o quadro grandioso dessas enormes correntes d'agua, que se despejam no Amazonas, que descem do centro da America do Sul em linhas parallelas e proximas! Pesai na phantasia os designios do Creador que dotou esse immenso paiz de tantos recursos! Não é realmente o paraizo das gerações futuras, como disse Humboldt?»

Termino esta breve e incompleta noticia sobre o grande affluente do Amazonas, transcrevendo aqui o officio que com data de 24 de Novembro de 1861 foi dirigido ao presidente do Amazonas pelo Sr. Dr. Coutinho, relativamente á viagem do pratico Manoel Urbano explorador do Purús.

« No dia 19 do corrente, chegou á esta capital (Manãos) Ma-

noel Urbano da Encarnação, que por ordem de V. Ex. examinada em officio de 27 de Janeiro deste anno, fôra incumbido de examinar a communição que diziam haver entre o rio Purús e a parte superior das cachoeiras do Madeira, sem o menor obstaculo.

« A ser verdade o boato que corria, estava resolvida a grande questão da navegação livre para Mato Grosso, de extraordinario interesse ao Imperio. Theoricamente fallando, essa communição entre o Alto Madeira e o Purús, sem o embaraço das cachoeiras, parece quasi impossivel; no entanto a noticia devia ser verificada, porque importava um melhoramento de ordem superior, e tanto mais quanto a despesa do primeiro reconhecimento era insignificante.

« Segundo as informações de Manoel Urbano, gastou elle na viagem da foz do Purús ao seu affluente Ituxy 55 dias em canôa mediana, subindo. A distancia, pelo que se pôde concluir da navegação em canôas, deve regular de 120 a 130 leguas proxivamente.

« Do Ituxy seguiu no dia 19 de Abril e navegou 100 dias, tendo passado por 26 malocas de indios, 17 da tribu Ipurinã, 2 da Jubery, 2 da Jamamandy, 1 da Canamary, 3 da Manetenery e 1 da Ipurinã e Canamary.

« Não continuou a viagem em razão de ter encontrado dous indios, que informaram não distar muito a povoação boliviana de Sarayaco, de onde vinham e da qual é pastor o padre Antonio; havendo, além d'elle, outras pessoas civilizadas.

« Até o ponto a que chegou, informa Manoel Urbano, que podem, na época da enchente, navegar vapores de 6 a 8 palmos de calado. Em certos pontos encontram-se pedras no leito do rio; mas não é embaraço que empeça a navegação.

« A viagem de Ituxy em diante devia ser muito demorada, como foi, caminhando regularmente 5 leguas por dia, o que dá 500, que junto a 120 perfazem a somma de 620 leguas de navegação.

« A distancia que vai da foz do Madeira á ultima cachoeira é de 250 leguas, pelas voltas do rio: dando-se o mesmo desconto para o Purús, vê-se que, ou este rio volta ao poente, a partir de 200 leguas, segue bordando o platô que a essa distancia se levanta no interior, e que occasiona as cachoeiras do Madeira e de outros rios áquem deste, que affluem no Amazonas pela margem direita, ou que, correndo parallelamente ao mesmo Madeira, a elevação do terreno é pouco sensivel, tanto assim que o curso deste é interrompido por cachoeiras, e aquelle não tem senão algumas pedras no leito.

« Manoel Urbano, chegando ao affluente Aquiry, que dista 33 dias de viagem de Ituxy, foi informado pelos indios desse rio, que o Madeira se communicava com elle. Seguiu, pois, em suas aguas; mas, não tardou em reconhecer que era falsa a informação, porque o canal, que diziam vir do Madeira, dimanava de um outro affluente do Purús.

« Apezar disso, continuou a navegar o Aquiry, durante 20 dias, no fim dos quaes voltou, porque as aguas tinham baixado muito.

« Nas margens deste rio acharam-se dous esqueletos de grandes dimensões, dos quaes trouxe Manoel Urbano, duas vertebraes, uma costella e dous dentes. A costella teve de ser lançada ao rio, porque a canôa não accommodava tão grande volume

« Não é possível determinar-se, mesmo aproximadamente, a especie a que pertencem os animaes, á vista dos ossos que vieram.

« A partir do affluente Seuinim, na maloca Cachapá, apparece grande quantidade de sâes de potassa e sôda e sulfureto de ferro, nas margens do Purús, e assim nos seus tributarios, principalmente no Aquiry.

« Ahi sente-se frio, as aguas são muito salobras, e não havendo cautela soffre-se de febres e dôres intestinaes.

<i>Margem direita.</i>	<i>Distancia a Ituxy.</i>
<i>Sepatynim</i>	6 dias.
Tem 100 braças de largura e fundo de 15 palmos. Agua preta.	
<i>Aicimam</i>	7 »
Tem 40 braças de largura ; sécca pelo verão. Agua preta.	
<i>Tomehan</i>	10 »
Tem 15 braças de largura ; sécca. Agua preta.	
<i>Mamuriá-apé</i>	12 »
Tem 50 braças de largura e fundo de 6 palmos. Agua preta.	
<i>Seriuinim</i>	15 »
Como o antecedente.	
<i>Aquiry</i>	33 »
Tem 130 braças de largura e 20 palmos de fundo. Agua branca.	
<i>Tiquirimam</i>	49 »
Tem 20 braças de largura ; sécca pelo verão. Agua preta.	
<i>Ilyuacú</i>	58 »
Tem 200 braças de largura e 20 palmos de fundo. Agua pardacenta.	
<i>Aracá</i>	75 »
Tem 60 braças de largura e 8 palmos de fundo. Agua branca.	

<i>Margem esquerda.</i>	<i>Distancia a Ituxy.</i>
<i>Mamuriá mirim</i>	4 dias.
Tem 40 braças de largura e 6 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Pauynim</i>	17 »
Tem 120 braças de largura e 15 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Seuynim</i>	19 »
Tem 50 braças de largura e 9 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Inauynim</i>	26 »
Tem 200 braças de largura e 20 palmos de fundo. Agua preta.	
<i>Canguity</i>	48 »
Tem 40 braças de largura, sécca pelo verão. Agua branca.	
<i>Taranacá</i>	81 »
Tem 30 braças de largura e pouco fundo. Agua branca.	

Informam que este rio communica-se com o Hyuruá na época da enchente. Sendo assim, passa além das cabeceiras do Coary e Tessão, o que de alguma sorte combina com a carta da America meridional, organizada por Dufour.

<i>Margem esquerda.</i>	<i>Distancia a Ituxy.</i>
<i>Curian-han</i>	88 dias.
Tem 25 braças de largura e pouco fundo. Agua preta.	
<i>Rixala</i>	91 »
Como o antecedente.	

• Chegando ao Rixala e não sabendo em que altura se achava, não podendo por falta de recursos seguir acompanhado do comboi, Manoel Urbano resolveu continuar a viagem em montaria, deixando nesse ponto as canoas maiores. Tinha caminhado seis dias quando encontrou os dous indios, que deram noticia da povoação de Sarayaco. Destas informações conclue-se até certo ponto o que a razão já havia demonstrado, que é impossivel passar-se do Purús ao alto Madeira sem obstaculo de cachoeiras.

• A população indigena das margens do Purús calcula-se em 5.000 almas. A ultima tribu que encontrou Manoel Urbano, denominada Manetenery, é a mais numerosa; planta algodão, fia e téce pannos para confecção de rédes e vestidos

que têm muita semelhante com os que usam os bolivianos, que descem pelo Madeira. As mulheres trazem sómente uma tanga. Vivem fartos, têm grandes pacovaes á margem do rio, e são, em geral, bem feitos e bonitos. A habitação fixa desta tribu é no interior. Manoel Urbano suppõe que ella não pertence ao Brazil, não só pela grande distancia a que está do Amazonas, como também pelos costumes, que são todos bolivianos.

« A' esta succede a tribu Canamary, muito propensa á agricultura. Também planta algodão e as indias fabricam rêles de boa qualidade. Os homens andam nus e as mulheres usam de tanga.

« Os Ipurinãs, que vêm após, occupam uma grande extensão do Alto-Purús; não plantam regularmente, nem usam de vestuario; as mulheres trazem apenas uma folha verde sobre as partes genitacs. São inclinados á guerra, empregando grande parte do tempo em seus preparativos e enfeites: As outras tribus respeitam-os. Alguns que se têm domesticado são doces e muito propensos ao trabalho, não desmentindo até hoje a boa fama de que gozam.

« A tribu Jamamandy, vizinha da Ipurinã, é numerosa e muito inclinada á lavoura, empregando-se também na caça. Só as mulheres usam de tanga.

« Os Juberys soffrem de impingens e outras molestias de pelle, talvez devido á moradia em giráos sobre terras alagadas e encharcadas. Homens e mulheres são feios e asquerosos. Fazem pequenas roças, e não ha quem lhes vença na pesca. As tribus guerreiras não perseguem os Juberys, por causa da humildade natural destes indios e a vocação que têm pela musica; soffrendo e cantando abrandam a ferocidade dos inimigos.

« No Ituxy vive a tribu Pamanã, que applica-se muito ao trabalho agricola; os indios são claros, bem feitos e bonitos. Os instrumentos que empregam os indios na lavoura e na fabricação do fio e pannos, são preparados por elles; usam do machado de pedra e não têm conhecimento das nossas ferramentas.

« Manoel Urbano informa que elles desejam a civilisação e não offendem ás pessoas que lá vão, como aconteceu nesta viagem.

« E' uma verdade incontestavel, que o indio é naturalmente bom. As tribus que resistem presentemente á catechese, que não creem no interesse que tomamos pelo seu bem estar, pagando o beneficio com ingratição; essas experimentaram já a má fé e brutalidade dos exploradores dos nossos sertões, á malefica sombra das *Bandeiras*; e sem o discernimento preciso para distinguir a acção do individuo, julgam ver um inimigo no primeiro civilisado que se lhes apresenta.

« Com os indios do Purús, quasi no estado primitivo, seria conveniente ensinar-se a catechese bem entendida, que tem por base a educação moral, o trabalho proporcional ás inclinações do indio, o respeito a Deus e ao proximo. »

A questão preliminar das cabeceiras do Amazonas, alterou completamente o plano que eu havia formulado na confecção deste trabalho, ou antes creio que me não seria possível seguir um plano certo e invariavel, em consequencia do modo tão amormal por que realizo esta commissão, sendo obrigado a andar constantemente de um para outro ponto e sem poder fixar-me em lugar certo e estavel.

Hei de ir pois escrevendo, segundo as impressões do momento e segundo a ordem por que me forem chegando os apontamentos e esclarecimentos de que tiver necessidade.

Se me fôr possível um dia, se o destino que inexoravel me acompanha como a sombra ao corpo me permittir algum descanso, hei de então reunir e coordenar estes apontamentos, que ali vou deixando no papel, sem ordem, sem nexo e sem methodo, e formarei com elles um livro, que talvez possa ser lido com attenção e interesse.

E' um serviço que pretendo e que desejo prestar ao meu paiz.

Ainda recebe o Solimões, a 908 milhas da foz, tomando então o nome de Amazonas, o Rio Negro, que é um dos seus maiores affluentes e de maior largura do que elle.

Nasce o Rio Negro ao Oriente de Popayan, na Nova Granada ao N. E. do Caquetá, na latitude de 2° 30' N e 36° 49' O, de Olinda, segundo o Sr. capitão tenente Amazonas.

Davam-lhe os indigenas a denominação de *Quiary* e ainda a de *Guriguacurú*, e na parte superior a de *Ueneyá*.

Corre na direcção de E. S. E. e vem confluir com o Solimões em 3° 9' de lat. S. e 25° 17' de long. Neste lugar estreita consideravelmente, de modo a não exceder de uma milha, quando á alguma distancia de sua confluencia alarga tão consideravelmente, de modo a ter de quatro a seis leguas de largura ou como diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, de sete para oito leguas, na distancia de duas leguas da foz.

Sem duvida nenhuma que a côr das aguas deste rio, que contrastam com as do Solimões, foi que deu motivo a lhe terem dado a denominação de Rio Negro. « Ellas (as aguas), diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, vistas no rio são de um escuro tão fechado, que parecem um lago de tinta preta; porém a sua verdadeira côr é de alambre, como se conhece quando se tomam em um copo. Pelas observações optico-phisycas se vem no claro conhecimento daquella côr preta, que se deve procurar nas razões, de onde se tiram as causas da opacidade dos corpos. Uma só superficie ou lamina daquella agua é de côr de alambre e transparente, mas unindo-se diversas laminas e superficies turbam a transparencia e causam a opacidade, e por consequencia quanto maior fundo, tanto maior será o escuro. O que bem se observa, reparando-se que á borda da agua até tres palmos de extensão, em que o fundo não chega a um, mostra a agua a côr de alambre. A causa desta côr de alambre conjectura-se provir dos bitumes, que encontra o rio nos grandes e multiplicados rochedos por onde passa em quasi todo o seu curso, descendo das cordilheiras do Popayan. Outros querem que esta côr provenha das ar-

vores, que inunda, por ser todo cheio de ilhas alagadiças: o que não parece improvavel. »

« As aguas, diz La Condamine, mostram aos olhos um escuro tão carregado, que mais parece um lago de tinta preta: Não é difficil de conceber que, unindo-se muitas laminas ou superficies desta agua, hão de turvar infallivelmente a sua transparencia; e quanto mais alto fôr o fundo, tanto maior deve ser o escuro: daqui vem que junto á beira, onde o fundo é mais baixo a agua quasi mostra a sua côr natural. »

O terreno que fórma o valle do Rio Negro, segundo o relatório do Sr. engenheiro Joaquim Leovigildo de Souza Coelho, e que temos á vista, pertence á terceira formação geologica. A rocha predominante é o psammito mais ou menos decomposto. Em toda a extensão do rio encontram-se duas camadas bem distinctas de argilla; uma inferior de argilla branca, fina, muito plastica, e outra superior, colorida de vermelho pelo oxido de ferro.

Em muitos lugares esta ultima camada, em vez de ser de argilla vermelha pura, é um composto della e de areia e constitue uma camada argillo-arenosa. Em Thomar, Moreira e em toda a extensão do valle do Rio Negro, que fica entre estes dous lugares, esta camada argillo-arenosa é haes ante espessa e tem em grande quantidade sido levada pelas aguas do rio; por sua consistencia esborôa-se ao nivel d'agua, que infiltrando-se a amollece e faz cahir. As duas povoações acima estão edificadas em barreiras; e a agua todos os annos faz cahir parte do terreno que está a pique.

Em S. Gabriel esta camada ainda tem areia, porém não tão fina, como nos outros lugares; ahi a argilla está misturada com uma especie de cascalho fino. No mesmo lugar ella tem uma espessura consideravel em alguns pontos, porém no porto de desembarque dos navios que descem o rio, não se lhe encontra vestigios, existindo sómente a de argilla branca.

Na margem esquerda do rio, no sitio Ananacá, que fica entre a povoação de S. José e o lugar em que existiu a de Macarabi, acontece o mesmo: todo o porto só tem a camada de argilla branca, faltando-lhe a outra, ou por ter sido levada pelas aguas, ou porque no tempo em que ella se depôz, achava-se o terreno nesse lugar acima do nivel d'agua.

Um exemplo ainda mais sensível da falta desta segunda camada de argilla envermelhecida pelo oxido de ferro, é o que se nota em uma ilha entre a cidade de Manãos e a freguezia de Tauapessassú, e mais perto daquella. A ilha tem o nome de Boia-assú, por se achar na bahia do mesmo nome. Ahi o terreno é argilla branca sem traços de outra camada, que existe sempre acompanhando-a em quasi todo o valle do rio e tambem sem vestigios de terra vegetal. Entretanto nessa ilha encontram-se arvores immensas. Em grande parte da margem direita do rio, de Moreira para a sua foz, vê-se perfeitamente a linha de separação das duas camadas.

Convém notar, diz ainda o Sr. engenheiro Souza Coelho, que em alguns pontos da camada branca, a argilla está colorida de amarello e algumas vezes de rôxo.

Em todo o leito do rio encontram-se pedras ora reunidas e salientes, formando ilhas em cujos intervallos se depôz a terra acarretada pelas aguas e tem crescido arvores ora isoladas, algumas vezes salientes, outras vezes mergulhadas.

Em alguns lugares, o porto é formado por um rochedo em pequena inclinação para o leito; em outros, toda a base da povoação é um rochedo, sobre o qual em alguns lugares existe argilla vermelha. Todas as rochas desses lugares são graníticas.

Na fronteira do Cucuby, são de granito, não só a serra do mesmo nome, como grande parte das denominadas Mussüm, Curicuriari e Jacamim. A do Cucuby é toda de granito e um dos seus montes, o de S. José, tem quasi a configuração do Pão de Assucar da barra do Rio de Janeiro, com a unica differença de que o Pão de Assucar afina-se mais para o cimo do que aquelle.

Nas margens do Rio Negro, de Barcellos para baixo, encontram-se pedras de origem sedimentaria, nas quaes predomina a cal ou argilla. Ellas apresentam-se em pedaços arrumados sem ordem; pela acção das aguas foi levada a camada de argilla sobre que estavam; os diversos stratos, e não se podendo mais sustentar na posição que occupavam, cahiram e despedaçaram-se uns sobre os outros e dahi provém a maneira por que estão atirados, bordando toda a praia.

No Aracary, lugar de uma povoação abandonada sobre uma camada, que se eleva regularmente a duas braças sobre o nivel d'agua do rio (em principios do mez de Outubro), e em alguns lugares a quatro braças, formada de areia com alguma consistencia, existe outra de psammito em decomposição. A primeira por sua pouca consistencia foi esburacada pelas aguas e apresenta diversas arcadas, começando umas mais abaixo do que outras, de modo que com a de tres palmos de espessura, que fica-lhe por cima, apparece de longe, fingindo diversas casas e uma igreja; pelo que dão a este lugar o nome de igrejinha.

Pode-se dizer que de Barcellos para baixo só existe o psammito e que do mesmo lugar para cima é o granito que predomina.

A formação de todo o valle do Rio Negro é a mesma que se observa em Manãos, em que em alguns lugares vê-se a camada de argilla vermelha sobre a branca, resultado da decomposição do psammito, havendo comtudo camadas de argilla plastica intercalladas.

Em 1637 o celebre capitão-mór Pedro Teixeira, em sua subida a Quito, descobriu a foz do Rio Negro e praticou com os Uaranacoacenas (40)

(40) A 12 de Dezembro de 1639 chegou a Belém (capital do Pará) de sua viagem a Quito o capitão-mór Pedro Teixeira. Este preclaro cidadão, diz um chronista, chegou a Quito nos fins de Setembro de 1638, sendo recebido com grande enthu-

Em 1658, entrou pela primeira vez o Rio Negro o jesuita Francisco Gonçalves, segundo pretende o padre Antonio Vieira em uma carta datada de 11 de Fevereiro de 1660 e dirigida a rainha D. Luiza de Gusmão, regente durante a menoridade de D. Afonso VI.

Em 1669, sob o governo do capitão-mór do Pará, Paulo Martins Garo, o capitão Pedro da Costa Favella, famoso por ter sido um dos officiaes que acompanharam Pedro Teixeira á cidade de Quito, e mais ainda pela celebre expedição do rio Urubú em 1665, tendo noticia de que no Quary ou Rio Negro habitava a nação dos Tarumãs, a foi procurar em companhia do padre Fr. Theodosio, religioso mercenario, e por intermedio dos Aruaquis foi admittida á pratica e se fundou a primeira povoação do Rio Negro, com a denominação de aldêa de Tarumã, na sua margem septentrional.

Em 1670 Francisco da Motta Falcão fundou a fortaleza de S. José da Barra do Rio Negro, na distancia de tres leguas acima da sua confluencia.

Em 1693 o sargento Guilherme Valente, da guarnição da fortaleza da Barra do Rio Negro, penetrou este rio até a boca do Caburiz, alli travando amizade, chamou á civilização os Caburicenas, os Carayahis e finalmente os Manáos, com os quaes fundou a aldêa de Aracary, casando para melhor conseguir o seu empenho com a filha de um dos principaes da tribu.

Em 1695, entraram os religiosos carmelitas o Rio Negro (41) e começaram a sua missão pelos Uaranacoacenas, com os quaes fundaram o terceiro estabelecimento do Rio Negro.

siasmo e bom agasalhado de todos e sahiu de lá em 16 de Fevereiro de 1639, depois de se ter demorado quasi cinco mezes. No seu regresso para Belém acompanharam-no os dous jesuitas Fr. Christovão da Cunha, reitor do collegio de Cuenca e Fr. André de Artieda, professor de theologia no seminario de Quito e os mercenarios calçados Fr. Pedro de la Rua, Fr. João das Mercês e outros.

O bom resultado desta viagem produziu grande contentamento e abalo nos moradores de Belém, os quaes se agrupavam em todos os lugares para saudar e festejar o navegador audacioso. Poucos dias depois partio Pedro Teixeira para o Maranhão, a dar conta da sua commissão ao governador geral do Estado, que alli se achava.

(41) Os religiosos carmelitas, diz Baena, principiaram a transfundir nos sylvicolas do dito rio (Negro) a doutrina de Jesus Christo optimo e maximo; e a banhar do mais radioso luzeiro aquellas cabildas de homens boscarejos, de cujos costumes selvagens e ferinos o espectáculo é amargoso e lamentavel, porque dá a entender quanta alluvião de erros investe com a misera humanidade, se destituida se vê do conhecimento das sciencias e do presidio da fé divina.

Em 1723, segundo o capitão tenente Amazonas, ou em 1743 e 1744, segundo o ouvidor Sampaio e outros, varias bandeiras exploradoras ou tropas chamadas de resgate, munidas das ordens necessarias e á expensas do governo, subiram o Rio Negro e assentaram seus arraiaes nas margens do Yavitá, seu confluente, acima do Cassiquiare, de onde expediram explorações a todos os confluente, pelos quaes conheceram que communicava o Orenoco com o Rio Negro pelos canaes Iniridá, Paraná, Pacavicá, Tumbu e Cassiquiare, antes que destes tivessem os hespanhóes a menor noticia

« Pelo contrario, diz o Sr. Ignacio Accioli, duvidavam inteiramente desta communicacão. O jesuita Gumilla, superior das missões do Orenoco, na sua obra *Orinoco illustrado*, 1.^a parte, cap. 2.^o, pag. 17, diz assim: « *Ni yo, ni Missionero alguno de los que continuamente navegan costeando el Orinoco, hemos visto entrar ni salir al tal Rio Negro. Digo ni entrar, ni salir, porque, supuesta la dicha union de rios, restaba por averiguar de los dos, quien daba de beber a quien. Pero la grande y dilatada cordillera que media entre Marañon y Orinoco, escusa a los rios deste cumplimento, y nós otros de esta duda.* »

Na mesma obra, depois de fazer uma minuciosa descripção do Orenoco e seus affluente, nada diz da parte superior, nem do Paraná, e menos do Cassiquiare. Nesse Paraná e no Cumucumã, a que chamam *rio das Esmeraldas*, pelas que ahi se descobriram, fundaram os hespanhóes algumas povoações.

Em 1744, Francisco Xavier de Moraes, tendo entrado com uma força ou *bandeira* no rio Orenoco pelo Cassiquiare e sahido pelo Paraná, recebeu no seu arraial de Avidá o jesuita Manoel Romão, primeiro hespanhol que viu e convenceu-se de tão importante commuicacão.

Entre as correntezas e quedas d'agua, que no Rio Negro tomam o nome de cachoeiras, sómente merecem semelhante denominação as do Tarumã, Camanáos, das Furnas, abaixo de S. Gabriel e as de Curuby e S. Gabriel, na povoação deste nome.

A maior parte das cachoeiras e correntezas ficam entre S. Gabriel e a cidade de Manáos. Acima daquella povoação sómente existem as seguintes: Paraná-pecuma, Pequiara-pecuma, Matapy, Amary, Ponta do Remo, Caldeirão de S. Miguel, Carangueijo e Tamanduá-bandeira. Mesmo esta ultima fica no rio Uapés, perto da sua foz.

De todas estas as maiores são as do Caldeirão, de S. Miguel e Carangueijo. A primeira é perigosa para as montarias e igarités, por causa do redemoinho que nella existe e que se fórma de dous em dous minutos. Fica pouco acima de S. Gabriel, na mesma margem em que se acha situada esta povoação e no lugar em que existiu a de S. Miguel de Ipirama.

A outra, a do Carangueijo, tambem causa medo ás montarias, por ser muito tortuosa e de grande largura. Fica na margem direita.

Abaixo da povoação de S. Gabriel, ficam as seguintes cachoeiras, a contar de Manãos: Taranuman, Maçaraby, Joanaby, 2.^a Joanaby, Maribidá, outra sem nome, Guariba, Camanáos, mais tres sem nome, Marixiqui, Mabê, Perra do Veado, Pederneira, Santarém, Tapajós, Cujobim, Kikirui, Inambú, Furnas, Mão e Arapassú.

A cachoeira do Taruman (42), talvez a mais linda das ca-

(42) A cachoeira do Taruman, conhecida geralmente em Manãos pela denominação de Cachoeira-grande, para differenciar de outra mais proxima á cidade e a que dão o nome Cachoeirinha, é um sitio de tradicionaes recordações para os habitantes do lugar. Diversas lendas me referiram, que com ella tem mais ou menos relação. Entre outras ha a lenda da *Uyara*, tão peupular no Amazonas e que não possa resistir á tentação de tambem referil-a aqui. Vai pouco mais ou menos como me foi contada.

Desculpe-me o leitor se me não fôr possivel dar-lhe aquella feição local e pittoresca, aquella poesia singela, que tanto realçam e embellezam semelhantes composições:

A UYARA.

Lenda.

Era na *taba* de Manãos, hoje a altiva princeza do Rio Negro.

E um dia, um moço tapuio, filho do *tuchaua*, dirigiu-se em uma *igara* ao pequeno regato, que banha a ponta do Taruman.

Era um moço lindo, e mais lindo d'entre todos os moços da sua tribu.

Valente e ousado como elle nenhum outro havia apparecido.

Ninguem com mais destreza manejava a *zarabatana* temivel, cuja flecha envenenada cortava em meio dos arcos o vôo da *aracuan*.

Ninguem com mais coragem brandia o *tacape* e entesava o arco.

Nos jogos com que celebravam as festas, sempre a palma da victoria cabia ao moço tapuio, ante quem os proprios anciãos se curvavam respeitosos.

Era o orgulho da tribu e o digno successor do velho *tuchaua*, que tantas vezes fizera morder a poeira aos ferozes *mundurucús*.

E um dia o moço tapuio dirigiu-se em uma *igara* ao pequeno regato, que banha a ponta do Taruman.

Era uma tarde lindissima e o sol que descambava já por trás da collina sombreada por espessa mata, reflectia-se brilhante nas aguas da vasta bahia, formada pelo Rio Negro.

O céu estava limpido e transparente do horizonte, formavam as nuvens uma orla de ouro e de rosa.

E a *igara* em que ia o moço tapuio cortava ligeira as aguas buliçosas do rio.

choeiras do Rio Negro, fica a quatro leguas pouco mais ou menos de Manáos. Domina uma elevada ribanceira toda

E triste como o canto da hinmara, assim o semblante do moço tapuio.

Voltando do passeio bem tarde, havia atado a igara ao tronco da *mamaurana* e a noite levou-a sentado á soleira da maloca, pensativo, taciturno e proferindo de quando em vez palavras entrecortadas e sem sentido.

E a velha tapuia que amava-o com esse estremecimento das filhas das selvas, chorava silenciosa ao ver a tristeza profunda, que sombreava o semblante do filho.

« Ouve, mãe, disse o moço, ouve, porque só a ti me atrevo a contar as tristezas, que me pungem a alma.

« Era uma moça tão linda.. tão linda, como ainda não encontrei assim entre as filhas dos Manáos.

« A tarde era bella e a igara vogava ligeira em direcção á ponta do Taruman.

« De repente ouvi como um cantar longinquo, como uma voz harmoniosa que se confundia com o susurrar da brisa por entre as folhas das palmeiras.

« E a igara cortava ligeira as aguas do rio e mais distinctos me chegavam aos ouvidos os sons daquella voz que cantava.

« E depois eu vi... Como era bella, mãe! Como era bella a mulher que alli se achava!

« Estava sentada á margem do rio. Tinha os cabellos louros como se fossem de ouro, presos por flôres de *morerú* e cantava e cantava, como nunca ouvi cantar assim.

« Depois ergueu os olhos verdes para mim, sorriu-se um momento, estendeu-me os braços, como se nelles me quizesse enlaçar e desapareceu cantando por entre as aguas do *igarapé*, que se abriram para recebê-la.

« Mãe, como era linda a moça que alli vi... Como eram melodiosos os sons daquella voz que cantava! »

Dos olhos da velha tapuia caíram pelas faces tostadas duas lagrimas silenciosas.

« Filho, murmurou, não voltes mais ao *igarapé* do Taruman. A mulher que alli vistes é a *Uyara*, filho!... Seu sorriso é a morte... não lhe ouças a voz, para que não cedas ao encanto. »

E o moço tapuio, sentado á soleira da maloca, deixou pender para o chão a fronte pensativa.

E no dia seguinte, ao pôr do sol, a igara descia de novo ligeira as aguas do Taruman.

Nella ia o moço tapuio, esquecido dos conselhos maternos.

O que lhe aconteceu depois, ninguem sabe, porque tambem ninguem mais o vira. Diziam porém alguns pescadores, que ao passarem pelo *igarapé* do Taruman em horas mortas da noite, viam ao longe um vulto de mulher, que cantava, e ao lado della um vulto de homem.

E quando algum mais ousado se aproximava, abriam-se as aguas do rio e nellas os dous vultos se atiravam.

feita de pedra; tem oito braços em sua queda e a correnteza é de quatro milhas. E' formada por um verdadeiro parallelogrammo tão simetrico, que mais parece obra esmerada da mão do homem do que da natureza. As margens são armadas de magestosos arvoredos e o fundo da cachoeira é todo como matizado de pedras delicadas.

A pancada é tão forte que chega-se a ouvir na distancia de duas leguas e o nevoeiro que se desprende e das aguas reflectido pelos raios solares, fórma um dos mais lindos e deslumbrantes panoramas.

A cachoeira de Camanáos fica em uma ponta formada por uma grande pedra na margem esquerda do rio.

E' em um lugar desta ponta que descarregam as canôas e igarités, que depois de haverem assim passado a cachoeira por meio de espias, são de novo carregadas acima da mesma cachoeira.

A das Furnas é uma das mais bellas cachoeiras do Rio Negro. Ha no lugar da cachoeira um rochedo de faces planas e perpendiculares, de duas a tres braços de largura e duas de altura, acima do nivel d'agua e que se estende da margem esquerda para o centro do rio em fórma de muro. Na extensão de 12 braços da praia acaba verticalmente. Mais adiante e na mesma direcção existem grandes pedras tendo algumas tres braços de comprimento. E' entre o muro e estas pedras que fica a cachoeira das Furnas, e a agua corre ali com extrema velocidade pela pequena passagem que lhe deixa o muro.

Para quem sóbe o rio, antes de chegar ao dito muro de pedra, ha um porto de desembarque e uma pequena picada que conduz á uma praia acima da cachoeira.

As duas cachoeiras de Camanáos e Furnas ficam nas margem esquerdas do rio e felizmente não se estendem a mais de 10 braços para o centro, perpendicularmente á direcção do leito, de modo que pôde um vapor passar pelo canal, sem soffrer o effeito dellas.

Na cachoeira de Camanáos descarregam as igarités, a fim de mais facilmente poderem ser puxadas á espia. O mesmo dá-se de S. Gabriel ao Cucuhy.

Nas rochas que constituem as cachoeiras cresce uma planta de folhas carnudas e mui salitrosas, a que os naturaes dão o nome de *cururé*. Desenvolve-se em grande abundancia e fórma assim sobre as pedras um como colchão macio por onde facilmente escorregam as canôas, sem que soffram a menor avaria. Os moradores vizinhos, principalmente os ndios, aproveitam-se della para extrahirem o sal de que fazem uso; de modo que o *cururé* é um recurso inestimavel para os povos do alto Rio Negro.

Entre os tributarios ou affluentes do Rio Negro avulta o Rio Branco, que com elle perfeitamente contrasta pela côr das aguas. E' o maior dos tributarios do grande tributario do Amazonas. Entra, na margem esquerda, 54 leguas acima da foz, seguindo a direcção geral do sul. Pretendem alguns, que se fórma este rio da junção do Uraricoera com o Tacutú;

outros que o Uraricoera seja a sua continuação e o Tacutú apenas um confluente ; seja como fôr, sómente depois da dita junção é que toma elle o nome de Rio Branco. Percorre vastas e fertes campinas, nas quaes se vai de alguma sorte desenvolvendo a criação do gado até a distancia de 70 leguas da foz, onde se acha a cachoeira grande. E' muito distincta a linha de separação das aguas deste rio das do Rio Negro até uma grande distancia. A' excepção dos mezes de vasante, chegam até esteponto navios que demandam de 6 a 7 palmos de calado ; na parte superior navegam tambem canoas grandes durante a enchente. De Maio a Junho, que é quando chegam as aguas á maior altura, evita-se a passagem da Cachoeira-grande, seguindo o *furo* do Cajubim, na margem esquerda. Por ahí passam batelões carregados de gado e quando o *furo* secca, não permittindo mais a navegação, muitos canoeiros descem mesmo na *pancada* da cachoeira, o que prova não ser insuperavel o obstaculo.

Na época da maior vasante, tem o salto 5 palmos de altura e na enchente poderiam por alli navegar canoas medianas, removendo-se algumas pedras que ficam submergidas, occasionando correntes fortes em sentidos differentes. Seis leguas além da cachoeira grande, ha uma restinga denominada Cachoeirinha que não oppõe o menor obstaculo á navegação.

Depois da junção do Uraricoera com o Tacutú a 98 leguas de distancia da sua foz, recebe o Rio Branco pela margem direita os rios Cauamé, Mucajahi, Jarani e Coratirimani, e pela esquerda os rios Uanauau e Macoaré.

« Mediante algumas horas de trajecto, por terra, diz o capitão-tenente Amazonas, se passa de seus confluente superiores ao rio Repunuri, confluente do Ecequebo, que facilitam a communicacão com as colonias ingleza e hollandeza e o Estado de Venezuela.

« Arroja o Rio Branco (43) bastante cabedal de aguas, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, que lhe communicam muitos rios e lagos de grande extensão, que nelle desaguam, e sendo os principaes pela parte do nascente o Macoaré, os lagos Uaduaú e Curiaú, Uaricuri e o rio Uanauaú, seguindo-se o maior delles que é o Tacutú, que dirige as suas correntes do nascente e no qual desemboca o Máho e neste o Pirara, por onde, passado meio dia de viagem por terra, se entra no Rupumoni.

« Parallelo ao mesmo Tacutú corre o rio Rupumoni, que desaguando no Essiquibi dá communicacão ás colonias da Guyana hollandeza, mediando tambem unicamente meio dia de viagem por terra do Tacutú ao dito Rupumoni ; o que deu motivo á communicacão antiga das indios do Rio Negro com as mesmas colonias.

(43) Os indios davam a este rio o nome de *Queceuéne*.

« Pelo occidente desagua no Rio Branco o rio Coratirirmani. O braço do occidente, que se une ao Tacutú, tem o nome de Uraricoera, o qual se julga ser o Rio Branco continuado, e nelle desagua o Parima, famoso pelo nome, mas não pela grandeza, pois é de pequena consideração. »

O Uraricoera forma-se de differentes jorros, principalmente da serra Paracaina, que para elle affluem com os nomes de Majari, Idume e Uaricapará. E' caudaloso e banha campinas lindissimas.

As margens inferiores do Rio Branco (abaixo das cachoeiras) bordadas de lagos, são por demais fertes para a cultura do algodão, arroz, cacáo, café e tabaco.

Suas matas contém requissimas madeiras e drogas preciosas, como baunilha, breu, cravo, óleo de copahiba, salsa, etc.

O Sr. Gustavo Wallis, que em 1863 percorreu o alto Rio Branco, entre muitas outras curiosidades, deu noticia da existencia de uma arvore gigante, da familia das *bombacineas*, que até certo tempo admittia-se como subdivisão das *malvaceas*.

As dimensões desse colosso, segundo o Sr. G. Wallis, são espantosas e ainda superiores, affirma elle, ás do celebre *boabab* da Senezambia, ás *Araucarias* das provincias do sul e ás *Sequoia-wellingtonias* da California e da Sierra Nevada. (43)

(43) O professor Brewer, da academia das sciencias de Washington, mediu na California, uma arvore cahida, que tinha 275 pés de comprimento. A maior arvore medida pelo Sr. Brewer, tinha 20 pés de diametro a 4 ou 5 pés acima do solo.

Na California vêm-se muitas arvores, que sobem direitas até a altura de 200 pés, sem nenhum ramo, e ahí então abrem-se ostentando a mais espessa e luxuriante folhagem.

A Australia possui arvores que nas dimensões excedem muito ás da California. Dizem que a sua grandeza colossal fórma um notavel contraste com a pequenez dos animaes que lhe povoam as matas. De uma excellente brochura escripta pelo Dr. Ferdinand Mueller, de Melbourne, e que é talvez o homem que mais bem conhece a flora australiana, extrahimos as seguintes curiosas noticias: « Desde que, diz elle, a chusma dos exploradores de ouro abriu-nos o caminho das gargantas tão remotas de nossas montanhas, muito se têm occupado os homens da sciencia com tudo quanto tem relação com a maravilhosa grandeza de certas arvores da Australia e em particular de Victoria. Temos á vista cifras fabulosas e que nem por isso deixam de ser verdadeiras, visto como basêm-se em medidas tomadas com o maior cuidado. A arvore que até agora se julgava ser a mais alta d'entre todas, era o karri-eucalyptus (*eucalyptus colosseae*), medido pelo Sr. Pemberton Walcott em uma das gargantas do rio Warren: tinha de altura quasi 400 pés e na concavidade do tronco podiam estar muito á vontade tres cavalheiros. A pedido meu, o Sr. D. Bayle mediu nos desfiladeiros

A arvore do alto Rio Branco mede 260 palmos de diametro na copa, o que dá 780 de circumferencia, abrangendo assim 50.700 palmos quadrados de superficie. Sob esse immenso tecto de verdura, podem-se accomodar perfeitamente 10.000 homens e sem constrangimento podia viver uma familia empregada na lavoura. O *tuyuyu*, passaro admiravel pelo tamanho (44), escolhe os ramos da grande arvore para livrar-se das setas do indio, e lá nos pincaros zomba até da polvora.

Essa arvore, tão notavel pelas suas dimensões, é a *Sumaumeira*, mui conhecida nas duas provincias do Pará e Amazonas, e que geralmente se encontra nas margens dos rios de agua branca.

O *boabab* da Senegambia pertence á mesma familia da *sumaumeira*. Tem de diametro na copa 162 palmos e por consequencia 576 de circumferencia, occupando assim uma superficie de 27.300 palmos quadrados. Religiosamente venerado, está além disso o *boabab* sob as vistas da autoridade. Suppõem os naturaes que essa arvore conta 5.000 annos de existencia. Com 50 annos a nossa *sumaumeira* adquire as dimensões, que mencionei.

A palmeira, que dá a *piassaba*, é abundantissima no Rio Branco e em geral em todo o valle do Rio Negro. Dizem que

de Dandenong um *Eucalyptus amygdalina*, já cahido, e achou que tinha 420 pés de comprimento. A 10 milhas inglezas de Healsville, o Sr. G. Klein achou um que media 480 pés.

Em Dandenong, um *eucalyptus amygdalina* forneceu ao Sr. B. Hayne as seguintes dimensões: comprimento do tronco, do chão ao primeiro ramo, 295 pés; diametro do tronco na altura do primeiro ramo, 4 pés; comprimento do tronco desde o primeiro ramo até o ponto em que quebrou-se, 90 pés; diametro do tronco no ponto da fractura, isto é, a 385 pés do sólo, 3 pés; circumferencia do tronco a 3 pés do chão, 41 pés.

Finalmente, na cadêa de montanhas, que se ergue por trás de Berwick, perto das cabeceiras dos rios Yarra e Latrobe, ha um *eucalyptus amygdalina*, cujo comprimento o Sr. G. Robinson calcula em 500 pés e a circumferencia em 81 pés, a 4 pés do chão. O mesmo Sr. Robinson viu um *fagus cunninghami* com 200 pés de comprimento e 23 de largura.

(44) O *Tuyuyu*, diz Baena, é uma ave ribeirinha, de corpo branco e aza e olhos pretos: sustenta-se de peixes. Edifica o ninho no cocuruto da grenha das arvores mais proceras: não põe mais de um ovo e dizem os curiosos que uma vez nasce femea e outra macho e que andam com as mãis até formarem um casal. Os *tuyuyus* andam em bandos e ha lugares, como nas vistosas praias do Solimões, aonde apparecem em alas concertadas. Ha *tuyuyu* que tem de peso para cima de 20 arrateis.

o fructo é bastante oleoso. A tona é composta de juncos mui delicados e flexiveis, avermelhados, que cingem o lenho em voltas multiplicadas. Esta producção vem ao mercado em rama, e manipulada em espias e amarras de varias bitolas, que exportam geralmente para o Pará. E' de muita utilidade na marinha de guerra e mercante, tanto para o fabrico de cordoalhas proprias para espias, como tambem para o de vasouras e escovas para o uso de bordo e domestico.

A fazenda nacional teve já por sua conta em Bararoá (hoje Thomar) uma boa cordoaria, que bem conveniente seria restabelecer, a fim de ser aproveitado um producto tão procurado e de tanta applicação na marinha nacional.

O *tucum* é tambem extrahido de uma palmeira de tronco bastante espinhoso e sem ramos, e que abunda nas margens do Rio Negro e seus afluentes ou antes em todo o valle regado pelo Amazonas. Do seu cimo partem cinco a sete folhas recortadas das quaes se extrahem filamentos muito semelhantes ao linho, sujeitos á mais delicada fiação, embora um pouco mais escuros. O *tucum* manipulado em delicados cordões serve no fabrico de lindas maqueiras, para redes e linhas de pescar e muitos usos domesticos; em cordoalhas torna estas muito superiores ás fabricadas com o linho e canhamo europêo, tanto pela sua flexibilidade natural e resistencia, como tambem pela sua duração exposta ao tempo.

Tambem é ahi vulgar o *carauá*, de uma planta bastante fibrosa, de onde se extrahе uma especie de linho muito alvo, porém mais aspero que este. Quando preparado em cordoalhas, torna estas bastante resistentes. São, porém, sujeitas a pouca duração, quando expostas á humidade. Julga-se que manipulado o *carauá* com aleatirão poderá servir no apparelho de navios e em outros usos.

Igualmente ahi se encontra, como em quasi todo o valle do Amazonas, a *castanheira*, arvore magestosa e de grandes sapupemas, a qual produz ouriços, contendo doze a vinte castanhas. E' um dos ramos de grande exportação das provincias do Pará e Amazonas. A madeira serve para construcção naval, e a tona, depois de bem macerada e limpa, é a estopa da terra, que é como a denominam e vem ao mercado em pannos de maiores ou menores dimensões, para ser empregadano calafeto de embarcações. Dos fructos, que tambem serve para a alimentação, se extrahе um excellente oleo proprio para a illuminação, pintura, e sobretudo muito util nas fabricas de machinas metallicas e cutellaria, pela propriedade que tem de impedir a oxidação de qualquer peça untada com elle. A grande quantidade de castanheiras que possui o Amazonas facilitaria muito o obter-se semelhante materia em tal quantidade que não haveria necessidade de importar outras do estrangeiro. A casca dos ouriços é um excellente combustivel.

E já que ahi mencionamos alguns specimens de prodigiosa vegetação das margens do Rio Branco, ou antes de todo o immenso valle do Amazonas, vem tambem a pello mencionar diferentes outras producções que ahi abundam, dotadas de

maravilhosas virtudes therapeuticas, e cujo estudo tanto aproveitaria á sciencia e á humanidade.

Ahi vão os seus nomes e as suas differentes applicações, segundo os profissionaes e as pessoas praticas do lugar, com as quaes tenho conversado.

— *Cumbarú* ou *cumarú*, ou *barú* ou ainda *cumbary* (*dip-terix odorata*). É uma arvore colossal, de folhas pennadas e foliolos alternos; as flôres são papilionaceas terminaes, dispostas em racimos; o fructo é legume ovoide, formado de um tecido esponjoso, contendo uma unica semente branca por dentro e coberta por uma pellicula escura. Esta semente é de sabor amargo, cheiro aromatico particular e comparavel ao do meliloto, porém mais activo. Com as sementes ou favas costumam aromatisar a roupa, e preserval-as assim dos insectos. Tambem deitam-nas no rapé, para dar-lhe bom cheiro.

O Dr. Martius é de opinião que as favas podiam ser empregadas como nervino, analeptico, cordial, diaphoretico e emmenagogo. Guiburt demonstrou que a materia gordurosa contida na fava era um principio immediato particular, que denominou *Coumarina*; esta é aromatica, branca, crystallina e approxima-se muito aos oleos essenciaes.

A amendoa é empregada em tintura alcoolica, na dóse de um a dous escropulos; a casca de uma a duas onças em decocção, internamente.

A tintura aproveita na amenorrhéa e o cozimento da casca na syphilis, podendo com muita vantagem substituir o gualaco.

— *Cipó-guira* (*Bignonia guira*).— Planta que vegeta no Alto Amazonas, onde a sua raiz é empregada em cozimento como drastico.

— *Cipó-carurú* (*Eschites carurú* ou *eschites elexicaca*).— Pertence á familia das *apocynias*. É uma pequena planta leitosa. Caule annual, erecto, quasi simples sublenhoso, guarnecida de poucas folhas, de palmo e meio a dous de altura; flôres terminaes solitarias ou dispostas em paniculas de mui poucas flôres; a corolla é monopetala, tubulosa, grande e cor de rosa.

As partes do vegetal empregadas são: o lenho ou cipó, a sua acção é resolvente e drastica, em alta dóse.

Toma-se em infusão ou decocção na dóse de meia a uma onça.

Serve contra a dyspepsia, o enfarte das visceras abdominaes, a constipação do ventre e a febre gastrica.

— *Cuáxinguba* ou *lombriqueira* ou *Huapuim-uassú*. Pertence á familia das *artocarpeas*, segundo Martius, ou á das *urticaceas*, segundo Duchesne.

As partes empregadas do vegetal são: o leite ou gommaresina liquida, e acção ou virtude é anthelmintica e caustica.

Toma-se de um a dous escropulos em café ou agua pela manhã em jejum, por alguns dias consecutivos.

O seu effeito é real, mas é tambem bastante arriscado o

seu emprego, porque pôde produzir uma violenta gastroenterite ulcerosa, em consequencia da propriedade caustica que possui e causar a morte em poucos dias. Na capital do Pará deram-se tres casos ha annos; em uma das victimas procedeu-se á autopsia e encontrou-se o tubo intestinal completamente ulcerado. Isto porém succede ordinariamente quando se dá o leite em maior quantidade do que a prescripta.

— *Puchiry* ou *Puchury* ou *Puchury-mirim* ou ainda *Pechurim*. (*Nectandra puchury major et minor*, segundo Nees, ou *Ocotea pichury*, segundo Martius.)—Pertence á familia das laurincas. E' uma arvore, que produz uma grande noz, que encerra duas amendoas a que dão o mesmo nome da arvore. Ha duas especies de puchiry, grosso e mindo—: este é mais delicado assim no gosto como no aroma. Esta arvore é peculiar do Rio Negro e seus afluentes. O seu fructo, segundo Baena, foi colhido a primeira vez em 1775.

Emprega-se o fructo ou antes a semente a que dão o nome de fava.

Toma-se internamente em pó, na dóse de um escropulo a uma oitava e emprega-se com resultado contra a diarrhéa, a dysenteria, a leucorrhéa, a colica e o cholera.

— *Amapá*. (*Mapouria guyanensis*, segundo Aublet, ou *Delicarpus sorania*, segundo Decandole.) — Pertence á familia das *rubiaceas*.

E' uma arvore alta, que cresce geralmente á beira dos rios. Dá um fructo muito doce e de côr avermelhada.

As partes empregadas são as folhas e o leite ou gomma resina liquida. A sua acção é resolutive. A decocção das folhas é usada em locções e collyrios contra as ophthalmias; e o leite em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão aproveita nas dôres arthriticas.

— *Avenção* ou *Samambaia-agú*. (*Adiantum brasilianum* ?) — Pertence a familia das *filices*, ou fetos. E' um arbusto de ramos grossos e folhas semelhantes ás da artemisia.

A massa branca, contida dentro do tronco delgado do arbusto, em decocção, formando uma especie de caldo gommoso, é empregada com vantagem no tratamento das moléstias pulmonares, nos catarrhos chronicos do peito, nas rouquidões, na consumpção purulenta, nas vomicas do pulmão, assim como tambem nas convalescências demoradas.

— *Anani* ou *Vanani* ou *Nani*, ou ainda *Mani*. (*Moronobea coccinea*, segundo Aublet ou *Symphonia globulifera* segundo Linnêo filho.)

Pertence á familia das *clusiaceas*, segundo Martius, ou á das *guttiferas*, segundo Duchesne.

As partes do vegetal empregadas são a resina ou melhor gomma-resina, a que dão vulgarmente o nome de leite, e que é extrahido por meio de incisões feitas na arvore e a casca. O leite é resolvente e a casca é purgativa.

Com algodão faz-se do leite emplastro e da casca meia onça para decocção em uma libra d'agua.

Emprega-se nas dôres osteocopas, rheumatismacs e pleuro-

dinicas ; nas pleurites chronicas, nos enfartes glandulares, nas obstrucções do figado ou baço, e em geral nas molestias chronicas.

— *Muirapuama*. — Pertence á familia das *putaceas*. Emprega-se toda a planta e particularmente a raiz. E' um brando tonico. Erradamente considerado por alguns, como estimulante do systema nervoso e aphrodisiaco.

E' tomado internamente em decocção, na dóse de uma onça para libra e meia d'agua ; e externamente em proporções maiores para banho geral. Serve contra a frouxidão dos nervos e fraqueza dos membros.

— *Cedro* ou *acayacá* em lingua tupy. (*Cedrus deodara*, *cedrus brasilianus*, e segundo o Sr. G. Wallis—cedrela odorata.) — Pertence á antiga familia das *coniferas*, e modernamente á das *abietineas*. Emprega-se a casca e tambem o lenho, e a acção é febrifuga, tonica e diuretica.

Toma-se internamente na dóse de uma onça para libra e meia d'agua em decocção ; e externamente em maior quantidade para banhos parciaes ou geraes, e em carvão reduzido a pó, para formar pomada com gordura ou oleo de anta.

Como febrifugo, especialmente depois de combatidas as febres intermitentes ; por espaço de vinte e mais dias de uso consecutivo do cozimento duas ou tres vezes por dia. Externamente em banhos locaes ou geraes, para debellar as orchites, algumas inchacões, e mesmo a anasarca.

A pomada é bastante proveitosa contra as dydimites ou orchites chronicas com endurecimento do orgão. Dizem que as folhas verdes da arvore gozam de propriedade emménagogas, diureticas e diaphoreticas.

Ha duas qualidades de cedro, branco e vermelho. E' preferido este ultimo.

— *Piraiuauara* ou *pimenta de buto*. — E' uma arvore de terra firme e pouco alta. Os fructos nascem em cachos e agarrados á arvore desde a base até o cimo. São de côr vermelha, e semelhantes á pimenta. Ralados e bebidos em agua morna, aproveitam nas diarrhéas, vomitos e dôres de estomago.

— *Pataqueira*. — Pertence á familia das labiadas ; a sua acção é excitante. Emprega-se externamente em decocção na dóse de uma e mais libras para banho geral. Serve para combater as dôres rheumaticas, as metrites chronicas, as edemacias das articulações e os enfartes das glandulas lymphaticas.

— *Uacataca* ou *Paracutaca*. — Arvore frondosa que dá fructos em ouriços. E' da terra firme. O fructo ralado do modo a ficar reduzido a pó e bebido em agua morna, é excelente contra as hemorragias.

— *Apehi* ou *contra-herva*, ou *acaricoba*, ou ainda *herva do capitão* (*hydrocotyle bonariensis* ou *hydrocotyle umbellata*).

— Pertence á familia das *umbelliferas*.

Emprega-se toda a planta, especialmente a raiz e os caules. Cresce espontaneamente pelos campos e é tambem encontrada nas provincias do Ceará, Pernambuco, etc.

A sua acção é aperiente, diuretica, peitoral, e em alta dóse é emetica.

Toma-se internamente em decocção na dóse de meia onça. Também se emprega em agua distillada, em xarope e em succo expresso.

E' applicada contra os enfartes do figado, rins, e em geral das visceras abdominaes, contra as tosses e os catarrhos pulmonares. A agua distillada é usada contra as manchas e éphelides da face.

— *Castanheiro* ou *zabucajo* ou *jacapucajo*, ou ainda *sapucaia* (*bertoletia excelsa*, *lecythis grandiflora* ou *lecythis zabucajo*).— Ha duas variedades. A sua acção é tónica, anti-icterica, desobstruente e diuretica.

Toma-se internamente em decocção na dóse de uma a duas onças, só ou acompanhada de camapú ou abutua, para libra e meia d'agua.

E' muito aproveitavel no tratamento da hepatite chronica, da ictericia, em geral das affecções chronicas ou sub-agudas das vias gastricas, e toma-se consecutivamente depois das febres intermitentes, por 15 a 20 e mais dias, o cozimento, pela manhã e á tarde.

— *Macaranduba*.— Entro em duvida, diz um distincto botanico brasileiro e do qual tenho tomado a maior parte destas noticias, se esta gigantesca arvore será o *Galactodendron utile* (de Humboldt e Bonpland), o qual abunda na cordilheira dos Andes, especialmente na Columbia e que estes dous naturalistas classificaram na familia das artocarpeas. Os habitantes da cordilheira lhe chamam *Palo de vacca* ou arvore vacca.

As partes empregadas são: o leite ou gomma-resina liquida. A sua acção é resolvente e peitoral.

Toma-se internamente combinado com algum cozimento emoliente ou peitoral (partes iguaes); e externamente em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão.

E' empregado com aproveitamento nas molestias do peito. Os emplastros neste caso costumam applicar-se entre os omoplatas e sobre o sterno ao mesmo tempo.

A gente do sertão usa como alimento do leite desta arvore, que extrahem por incisões feitas na casca da arvore e o misturam com café, chá e outras bebidas. O mesmo praticam os habitantes da cordilheira dos Andes com igual leite, que tiram da sua *Galactodendron utile* por igual processo.

Este leite coagula-se dentro de 2½ horas, e assemelha-se á gutta-percha ou gettania, que tambem se extrahе por incisões de outra arvore pertencente á mesma familia das sapotaceas (*Isonandra gutta*), a qual vegeta em Bornéo e varias ilhas do archipelago malaio. A differença consiste apenas em ser a gutta-percha trigueira, enquanto que esta substancia é branca; gozam porém ambas do mesmo gráo de elasticidade. A ingestão deste leite no tubo alimentar produz constipação de ventre.

Eis o que a respeito do leite da *Galactodendron* escreve o Dr. Maout em sua obra de botanica:

« E' branco e espesso, offerecendo todas as propriedades physicas do melhor leite e além disso um cheiro balsamico.

muito agradável. A sua composição chimica differe da do leite animal; a manteiga é substituída pela cêra, o cassum por uma substancia azotada analogá á fibrina do sangue, o sêro por um liquido assucarado, porém não é menos nutriente do que o verdadeiro leite. Se o fazem evaporar brandamente ao fogo converte-se em uma especie de frangipana e a parte fibrinosa, que se torna espessa, exhala o cheiro de carne frita em unto.

— *Caserana* ou raiz de jacaré-aru ou de jacuruaru ou *quassia do Pará* (*tachia guyanensis*). — Pertence á familia das *gencianeas*. É da altura de um homem; tem as folhas oblongas acuminadas, attenuadas na base; flôres solitarias, axillares, rentes e amarellas; a raiz é grande e vertical, quasi simples, de sabor muito amargo. A sua acção é tónica e anti-febril.

Emprega-se para uso interno em infusão na dôse de meia a uma onça para libra e meia d'agua ou em tintura na dôse de uma a duas oitavas, duas vezes por dia. Pôde supprir com vantagem a quina. Encontra-se nas matas do rio Japurá, no municipio de Villa Bella da Imperatriz e na freguezia de Borba, no Madeira. Dizem que na ilha de Marajó tambem se encontra.

— *Guaraná* ou *guaraná-uba*, em lingua geral (*Paulinea sorbilis*). — Pertence á familia das *sapindaceas*. Planta vivaz, trepadeira em fórma de sipó. Contém grande quantidade de caffeine, gomma, gmido, materia gorda e tannino. Emprega-se o fructo, reduzido á massa sob diversas fórmas.

É refrigerante, calmante, adstringente e sub-tonico; é tambem reputado como anti-febril. Toma-se internamente reduzido a pó tenue e fino, por meio de uma grossa, na dôse de 2 a 4 oitavas para uma libra d'agua fria ou tepida adoçada com assucar.

Pôde repetir-se varias vezes no dia esta mesma preparação.

É empregado com grande proveito nas diarrhéas, dysenterias, cephaléas, nas molestias das vias urinarias procedentes de relaxamento dos orgãos e nas excitações nervosas. O uso continuado do guaraná produz insomnia. Da raiz, que é amargosissima, usam os indios em infusão como preventivo das febres intermitentes, e dizem que colhem bom resultado desta pratica. Diz o Dr. Martius que o guaraná cohibe a demasiada sensibilidade do plexo intestinal, corrobora o estomago e os intestinos e impede a excessiva evacuação do muco; excita algum tanto os movimentos do coração e arterias, e augmenta a diaphorese.

É hoje introduzido na materia medica européa e empregado com vantagem nas diarrhéas, cholera, dysenteria, indigestão e enxaqueca; mesmo contra tísica tem sido applicado com vantagem; é considerado como anaphrodisiaco.

O fructo dá em cachos á semelhança dos da uva, e quando está maduro é de uma bella côr vermelha rutilante. A massa conhecida pelo nome de guaraná, prepara-se da seguinte maneira: a amendoa, que é escura e quasi do tamanho de uma avelã, torra-se, tritura-se bem em um pilão, amassa-se de-

pois com agua e dá-se-lhe então a fórma ou de magdaleões ou outra qualquer, para por ultimo ser levada ao forno a seccar e endurecer. Assim preparada dura annos sem alteração. Abunda nos municipios de Maués e Villa Bella da Imperatriz.

— *Agrião do Pará* ou *Jambú* ou *Jambú-açu* ou *Jamburana*, ou ainda *Pimenteira do Pará*. (*Spilanthes oleracea* ou *radicans*.)—Pertence á familia das compostas, synanthéreas, segundo Martius, ou á das radiadas, segundo Duchesne. E' planta de caule ramoso e diffuso, de folhas oppostas pecioladas, largamente ovaes, com a base obtusa ou subcordadas de um verde-arroxado, crenadas, quasi dentadas; pedunculos terminaes unicephalos, excedendo as folhas, flôres dispostas em capitulos esphericos um pouco conicos, de meia pollegada mais ou menos de diametro, quasi compactos; flôres amarellas. Toda a planta, principalmente as flôres, contém um principio estimulante, o qual reside em uma resina molle. E' além disto anti-scorbutica, sealagôga, odontalgica e vermífuga. Tambem passa por lithontriptica. Mastigada produz na boca a mesma sensação que costuma produzir a raiz de pyrethro, e como elle excita tambem a secreção da saliva.

E' applicado em infusão e em xarope, asssim como em locções, gargarejos e collutorios.

E' empregado com vantagem contra o scorbuto, as ulceras, que participam deste vicio, os vermes intestinaes e contra as dôres de dente. E' tambem procurado para os usos culinarios. Nasce espontaneamente pelos lagos, igapós e margens dos igarapés.

— *Manacá* ou *Manacá* ou *Geratacaca* ou *Jerataca*, ou ainda *Mercurio vegetal* (*Francisca uniflora*).—Pertence á familia das scrofularineas. E' um arbusto de folhas alternas, oblongas, acuminadas, inteiras, onduladas e curtamente pecioladas; flôres solitarias e terminaes, corola monopetala, limbo dividido em cinco lobos arredondados e de perfume semelhante ao narciso. Toda a planta e principalmente a raiz é impregnada de um principio amargo e enjoativo, que estimula a garganta.

Emprega-se internamente em decoção de meia a uma onça em libra e meia d'agua, ou em tintura alcoolica ou em infusão em vinho branco.

E' um poderoso excitante do systema lymphatico e modificador energico da indiosyncrasia escrophalesa; é muito recommendado na syphitis, no rheumatismo e na frouxidão dos membros thoraxicos e abdominaes. Tambem se emprega como antidoto nas mordeduras das cobras venenosas.

Desafia grande salivação e extraordinario movimento convulsivo nos labios, lingua e fauces. Dizem que promove o aborto. Dado em dóse elevada obra como veneno acre. E' planta aqui muito usada pelas curandeiras e pagés com tal ou qual resultado. Ha duas qualidades desta planta, uma de folha semelhante á do café e outra de folha mais comprida semelhante á da mangueira. A esta ultima dão o

nome de *Manacan de veado*, em virtude de um preconceito popular. Refere Baena que os indios acreditam que alguém embriagando-se com ella e conversando depois com mulher pejada, lhe passa a embriaguez e indo ao mato caçar veados, acha-os e apanha-os sem difficuldade, porque estes não correm, nem fogem.

O extracto do *manacan* é empregado por algumas tribus do Alto Amazonas para envenenar as settas.

— *Lacre* ou *páo de lacre*, ou *caaopiá* em lingua tupy (*vismia guayanensis* ou *vismia tomentosa* ou *vismia laecifera*). — Pertence á familia das hypericineas, segundo Martius, ou á das euphorbiaceas, segundo Duchesne.

E' uma arvore ou antes um arbusto de folhas ovaes oblongadas, pontudas, com pontos translucidos, brancas-tomentosas por baixo, flôres em racimas terminaes compostas.

Deste arbusto obtem-se um succo gommo-resinoso por meio de incisões feitas no tronco e ainda em todas as suas partes, o qual concretando-se, torna-se em bagas côr de fogo. Esta gomma-resina, chamada *Gomma lacre* ou *gomma gutta da America*, é resolvente e drastica e póde substituir a verdadeira gomma gutta.

Emprega-se internamente em decoecção na dóse de meia onça para uma libra d'agua e externamente em maior porção para banhos. Aproveita nas molestias das vias urinarias.

Ha duas qualidades de lacre : branco e vermelho ; prefe-re-se o primeiro.

— *Cunamby* ou *Conabi*, ou ainda *Conawi* (*Phyllanthus conami*). — Pertence á familia das euphorbiaceas. E' narcotica e diuretica. Esta planta, de um cheiro viroso, muito usada pelos indios nas molestias das vias urinarias, na diabétis, na retenção de urina, etc., é entretanto perigosa em virtude da sua propriedade narcotica; por isso deve ser administrada com a maior reserva e cuidado. As folhas frescas socadas e lançadas nas aguas dos rios ou lagos, embriagam os peixes e os trazem á tona d'agua.

— *Guapuhi*. — E' uma planta trepadeira. Obra como tonico. A raiz crúa ou assada no rescaldo, ralada e depois exprimida, para servir o liquido nas primeiras 24 horas, é empregada com muita vantagem nas opthalmias chronicas.

— *Jacamicaá*. — Pertence á familia das euphorbiaceas. Empregam-se as folhas, em infusão, contra os vermes intestinaes. O seu emprego é arriscado particularmente quando não se elimina a flôr.

Não ha certeza, diz o Sr. Dr. Coutinho, mas consta que no Rio Branco tambem existe ouro. Os indios desse rio apparecem com espingardas finas compradas aos inglezes de Demerara, e pensam algumas pessoas, julgo sem fundamento, que não é a troco de *xirimabos* (45) nem de enfeites que elles

(45) Animaes domesticos.

obtêm armas de tanto valor, e sim a peso de ouro, que todos suppõem muito abundante.

No alto Rio Negro foi achado um fragmento de sulfureto de ferro nos veiros do quartz das rochas graníticas.

São as margens do Rio Branco, assim como os demais rios que regam o valle do Amazonas, abundantissimas de pirarucú (*vastus gigas* de Castelnau).

Este peixe salgado é um dos generos que mais concorrem a facilitar a alimentação publica em geral e quasi que constitue a base do sustento de uma boa parte da população. A lingua do pirarucú, durissima como ferro, serve para ralar e é com ella que costumam os indigenas ralar a *guaraná*.

A pesca em geral no Amazonas é feita de diversos modos, empregando-se ora a rêde ou a tarrafa, ora anzóes fixos em caniços ou em linhas apropriadas, ora harpões e frechas de diversas fórmulas, segundo a especie do peixe ou crustaceo, ora tapando a boca dos lagos e dos igarapés, ora finalmente embebedando-os com o summo do timbó e cunamby (vegetaes venenosos).

A pesca, porém, do pirarucú é dos seguintes modos: servem-se algumas vezes do anzol ou frecha, outras do harpão, cuja haste tem de 2 a 2 1/2 braças de comprimento, no momento de subir á tona d'agua ou boiar, como dizem; do *camury*, que é uma boia com isca para chamal-o á superficie d'agua, e então harpoal-o; ou tapando a boca dos lagos, ou finalmente empregando o *cacury*, que é uma especie de cercado.

Os demais peixes são apanhados á rêde, á tarrafa, á frecha, tapando-se os lagos e igarapés ou embriagando-os com o succo do timbó e cunamby, como já disse. O *tambaqui* e o *suruby* são pescados com anzóes especiaes.

A pesca do pirarucú é em geral feita nos lagos e rios que communicam com o Amazonas. Se o pescador erra o peixe ou se por qualquer motivo este lhe foge do harpão, dizem que reúne os filhinhos, mette-os nas guelras e com elles desaparece.

Não ha ainda medida nem regra, que eu saiba, nesta violenta caçada. Tanto o grande como o pequeno peixe morrem á fisga, ao anzol e ao harpão, e não será para admirar que este importantissimo recurso da pobreza venha a escassear em um futuro que talvez não esteja muito longe, porque accresce ao estrago feito pela mão do homem a diminuição consideravel da especie, occasionada em alguns annos pela vassante extraordinaria dos lagos. Em alguns pontos em que até então abundavam, já hoje se têm tornado raros e escassos.

Seria de summa conveniencia que as camaras municipaes respectivas, ou quaesquer outras autoridades que tivessem semelhante competencia, formulassem posturas ou regulamentos, prescrevendo a época em que esta pesca devia ser feita, e estabelecendo condições que evitassem a aniquilação da especie pelo estrago do homem. Os lagos não são mais do que viveiros, que devem ser cuidadosamente conservados para que possam abastecer a população.

Como o pirarucú ou sem duvida em muito maior quantidade abundam em algum rios as tartarugas, e como aquelle, tambem são ellas victimas da mais violenta guerra. E' revoltante o que se pratica nas praias, depois que as tartarugas alli sobem para depositarem os ovos ! « Para as mulheres, diz o Sr. commandante R. L. Tavares, começa o trabalho, para os homens a mais desenfreada orgia. Milhares de milhares de ovos, desses germens de uma futura, e abundante riqueza, permitta-se-me a expressão, são sacrificados á voracidade dessas aves de rapina, para o fabrico da manteiga. Basta que se diga que uma tartarugapõe, termo médio, 100 ovos, e que para um pote de manteiga são precisos cinco mil, pouco mais ou menos. »

« O apanho dos ovos nas praias, diz Baena, é feito pelos indios deste modo : cada um delles, munido de um feixe de varinhas adelgaçadas na ponta, decorre ao longo da praia, cravando-as á direita e á esquerda da direcção que leva e deixando-as fixadas no mesmo sitio em que notou na extremidade dellas os vestigios da porção amarella dos ovos : e acabado este sondamento, todos elles surribam a areia da inhumação assignalada pelas varinhas e apanham os ovos, os quaes são depois pisados e fervidos em tachos. »

A carne das tartarugas é gostosa, diz o Sr. Ignacio Accioli ; estas nos mezes de Agosto, Setembro, até o principio de Outubro, sahem dos matos alagadiços, onde se nutrem de herbas e frutas : nos dias de sol quente sobem ás praias á enxugar-se, voltando depois ao rio : nos fins de Outubro é que desovam, cada uma dellas procura na praia o terreno mais enxuto a que chamam taboleiro e cavando-o na profundidade de quatro palmos ou mais, segundo o seu tamanho respectivo, ahi deposita os ovos em numero de 170 a 190, e cobrem o ninho, calcando-o com o peito. Conhece-se o lugar do taboleiro pelos altos e baixos, que fórma na praia, porque nunca fica no nivel em que a deixou a vasante, e destes ovos se fabrica o azeite conhecido por manteiga e que constitue um dos ramos fortissimos do commercio do Pará e Rio Negro. Apesar de bem vasculhada dos ovos a praia, todavia es que ficam desenvolvem-se no mez de Dezembro com o calor do sol e as pequenas tartarugas procuram, de noite, os rios, para escaparem á voracidade dos passaros, que as esperam nesse transitio. Muitas tartarugas são apanhadas vivas nas praias, outras em tapagens de rios no tempo da sua enchente, e algumas sendo frechadas por elevação, no que são insignes os indios, com frechas de ponta de aço, unida á haste por um alvado e presa por uma linha enrolada, que chamam então *sararacas*. Os ovos são pouco menores que os de gallinha, sua casca é membranosa e da gemma e clara derretidas se fórma o azeite: aos machos das tartarugas chamam *capitaris* e são menores que as femeas. Ha outra qualidade de tartarugas conhecidas por *tracajás*, assaz pequenas em relação comparativa áquellas, porém mais saborosas e sua carne de mais facil digestão.

O *matamatá*, pertencente á mesma familia, habita unica-

mente nos lagos: o pescoço é desproporcionado assim como a cabeça e a concha cheia de tuberosidades e excrescencias escabrosas.

Ha ainda uma terceira especie, que é a *Acambéoa*. Tem a concha quasi chata. « Costumam encovar os ovos, diz Baena, nas praias das ilhas que jazem entre a villa de Souzel e a primeira cachoeira. »

A *sararaca*(46) de que acima fallei, é uma flecha empennada impellida por um arco, tendo na parte superior um encaixe, a que dão o nome de virote. E' composta de duas partes: do hastil, que é feito geralmente de canarana ou de *paracaúba*, e da ponteira, feita de madeira muito rija ou de ferro, de mais de uma pollegada de comprimento. Estas duas partes prendem-se uma á outra por uma linha de *carauá*, que é muito forte, enrolada na haste.

Armam a *sararaca* do modo seguinte: enrolam quasi toda a corda na flecha, deixando apenas uma pequena porção, depois esticam esta porção e introduzem a haste da ponteira no fundo do virote, que fica deste modo seguro na flecha.

Atira-se por elevação no lugar em que a tartaruga faz redemoinhar a agua. Calculam a distancia do animal, dão certo desconto para a queda e arremeçam a flecha, que sobe a uma grande altura, voltando em seguida, ficando cravada a ponteira com a haste no casco da tartaruga. O animal foge ou mergulha, levando o harpão enterrado no casco. Em todo o caso a flecha decompõe-se (*sararaca*), o fio de *carauá* se desenrola e o hastil da flecha sobrenada, servindo de boia para indicar a carreira que a preza leva ou o lugar em que se acha.

O comprimento da corda é sempre proporcionado á profundidade do lugar em que a pesca é feita.

E' uma maneira de pesca em extremo curiosa e divertida e aqui no Amazonas muitos individuos encontrei que são nella sobremodo destros.

Hei de ainda provavelmente ter occasião de fallar das tartarugas e de descrever essa saturnal do apanhamento dos ovos, que tanto concorrerá para o despovoamento nos rios e lagos desses animaes tão uteis.

Pescam o peixe miudo com uma flexa que não é implumada, tendo na extremidade superior uma haste de madeira encaixada na flecha e que termina em uma ponta de ferro, um pouco achatada. A esta haste dão o nome de *suumba*.

Tambem o peixe-boi ou *manay* em lingua indigena, é muito commum no Amazonas e nos lagos e rios que delle se formam.

E' o *manatus americanus* de Desmarest.

(46) A palayra *sararaca*, quer dizer cousa que se desmancha.

A semelhança da sua cabeça, quasi identica á da vitella, lhe faz dar esta denominação. A carne, e com particularidade a do ventre, dizem ser muito saborosa. Este curioso animal attinge a 5 metros e até mais de comprimento.

Fallando ácerca do peixe-boi, escrevia no seu curiosissimo diario de viagem o bispo do Pará D. Frei Caetano Brandão:

« Entre as cousas que tenho aqui admirado, foi um chamado peixe-boi. Disseram-me que era dos mais pequenos e comtudo seria do tamanho de um novillo de um anno. Só tem o focinho semelhante ao boi; nada mais. Junto ao peçoço vêm-se-lhe dous pequenos braços e a cauda; o resto tudo é carne muito succosa; tem banhas como de porco e dellas se extrahе muita cópia de azeite, que contribue para a fartura do Estado, como tambem a carne, que é semelhante á do porco. Este animal pare os filhos e os cria aos peitos; sustenta-se unicamente de feno ou herva, que nasce nas margens dos rios.... Asseguram-me que ha peixe-boi que deita vinte a trinta potes de azeite ou manteiga. »

Affirma o Sr. Emanuel Liais, que o peixe-boi não é absolutamente herbivoro, visto comer tambem peixe.

Aqui no Amazonas todos me asseveram o contrario.

Com a carne do peixe-boi fazem chouriços saborosos a que dão o nome de *mixiras*.

« Ha outros peixes-boi, diz Baena, que differem destes na corpulencia, que é maior, e na gordura e toucinho, cuja quantidade é tal que mui pouca carne se lhes divisa. A estes chamam peixes-boi de azeite, porque só para isso servem. Nos lagos de Faro ha muitos desta qualidade e alguns tamanhos, que de um se póde extrahir quasi uma pipa de azeite. »

O peixe-boi vive em geral nos rios e nos lagos de agua doce e mesmo salgada.

« Com viagem de dous dias, subindo, diz o capitão tenente Amazonas, já se principiam a avistar, em longinquo horizonte, as elevadas serras, cujas abas, de 64 leguas em diante, obstruem o rio com cachoeiras. »

E' sobretudo nas margens do alto Rio Branco que se encontram os lindos e tão afamados gallos da serra (47). Tem bico e esporões como o verdadeiro gallo, e um pennacho quasi da formatura de um leque aberto, que lhe principia do peçoço até a ponta do bico, bordado todo o pennacho de uma orla encarnada. São em geral amarellos, menos a gallinha. No Ceará, em casa do meu amigo o Sr. de Vasconcellos, vi eu um de lindissima côr de rosa.

Eis aqui o que na sua *Corographia* e naquella linguagem que lhe é peculiar, escreve Baena ácerca desse tão notavel passaro:

« E' bellissimo entre todos os passaros do sertão do Pará e denominado gallo da serra. »

(47) O gallo da serra é o *pipra rupicola* de Buffon.

« O seu vulto, maior que o de um pombo, é emplumado de branda côr de ouro brilhante e a crista levantada da mesma côr, enfeitada na orla de vermelho. No vôo transcede o maçarico real e o seu canto assemelha-se ao clangor agudo do clarim mavorcio.

« Este passaro lavra o ninho de terra no intimo reconceavo dos penhascos ou sobre a superficie das serras, esteja ou não essa superficie vertical ao horizonte; e ficam tão duros, que com sobeja difficuldade se pôde desmantelal-os: a sua figura tem parecença de um pião de guarita de muralha.

« Estes garbosos passaros, continúa elle, têm o uso de sahirem uma vez no anno do seu habitual recesso e apparecerem no contorno das paragens habitadas. Os caçadores referem que elles costumam pousar nas franças de qualquer arvore de empinado tope e dellas descer alguns para formar ao pé da mesma arvore um terreirinho bom limpo, em torno do qual deixam remanecer certos pequenos arbustos, em cujas hastes empoleiram-se e alternos passam de um para outro arbusto e descem ao terreirinho, onde travam ligeira dansa até cançar: depois remontam a grenha da arvore, da qual se arremessam outros para exercitarem a mesma coréa genial. Tendo todos acabado de brincar, arrancam d'alli, deixando um companheiro de atalaia, o qual raras vezes abandona o lugar antes de ser substituido: e se acontece que o caçador o mata, ou se elle proprio se ausenta, os gallos elegem logo outra arvore. Estes passaros são mui variaveis no alimento; diariamente buscam cibato em todas as arvores fecundas.

« O destro caçador para os prèar tece laços mui subtís no mesmo lugar que elles preparam para os seus brincos ou espreita a occasião em que elles gozam as delicias do banho nas correntes junto aos penhascos, á sombra dos quaes lhe faz pontaria para que lhe chegue o tiro. E quando por qualquer destes modos nada consegue, mette um pedacinho de folha de *ubim* (48) entre duas palhetas de *Uarumá* (49), e as applica á bocca e assopra de tal sorte que arremeda o canto do gallo da serra: e por este reclamo obtem que esta ave se approxime e venha a ser victima do som da morte.

« A femea destes passaros é totalmente differente na côr das pennas; ella equivoca-se muito com uma gallinha preta.»

Uma outra ave, que abunda nas margens do Rio Branco é a *Acauan*, do tamanho pouco mais ou menos de um gavião

(48) *Ubim*, diz o mesmo Baena que é uma arvoreta uliginaria, que nasce em maior cópia nos terrenos ensopados. Tem um pequeno tronco parecido com a canna da India. As folhas são largas, curtas e bifurcadas e o talo comprido.

(49) *Uarumá*, ha de duas especies: *uarumá-mirim*, que é uma planta que cresce direita, com folhas largas, e o *uarumá-assú*, que tem o tronco grosso e poucos galhos.

real e que só se nutre de cobras e insectos venenosos. Chamam-na *acaúan*, porque no grito alto e prolongado que solta parece proferir esta palavra.

As pessoas supersticiosas consideram-na agoureira de grandes males e calamidades. É inimiga da cobra. Quando succede avistar alguma, tem certa senha, que, usando della, apparece logo outra *acaúan*: repentinamente investem ambas contra a cobra, por maior que esta seja, por diversos lados, escudando-se com uma das azas. Enquanto está a cobra occupada com a que tem em frente, a outra fere-a pelo lado opposto, de sorte que, cançando-a assim, matam-na a seu salvo e comem-na.

Tambem infestam aquellas paragens grande numero de cobras, como, entre outras, as *cascaveis* e as *araraboias* e *parauaboias*.

A *araraboia* é toda escarlata, ao passo que a *parauaboia* é de um verde claro. Afirmaram-me que estas duas ultimas especies são tão venenosas como o *surucucú* e *jararaca*.

E como de cobras fallo aqui, vem a pello dar noticia de uma planta denominada *Paracary* e que é geralmente no Pará e Amazonas considerada como antidoto ou contraveneno das mordeduras de cobras, picadas de arraias, lacraós e outros animaes venenosos; noticia que deve interessar sobretudo áquelles que habitam roças, fazendas de criação de gado e outros lugares em que abundam esses animaes.

Para vulgarisação desta noticia, aproveito-me de uma importante memoria escripta pelo illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, que teve a bondade de m'a fornecer.

Foi o Sr. Antonio Francisco Pereira da Costa, conhecido por Antonio Angico, e morador em Santarém, quem chamou primeiro a attenção para esta planta a respeito das suas virtudes antivenenicas e lhe deu o nome de *Paracary*, em razão della vegetar mui abundantemente no seu sitio, estabelecido nas margens do lago Paracary, na comarca de Santarém.

« Devo, todavia, declarar que não é só alli que floresce semelhante planta, diz o Sr. Dr. Castro; por toda a parte é encontrada na dita comarca e é muito de crer que o mesmo succeda pelas outras desta provincia. Nesta capital (Belém) cresce espontaneamente pelas estradas de Nazareth, S. Jeronymo e cemiterio, e em geral por todas as rocinhas (chacaras) do arrabalde: dentro dos muros do cemiterio acha-se em extraordinaria abundancia. Posso mesmo assegurar que será facilmente encontrada por qualquer, que a procure, em todos os terrenos roçados de novo, nos pastos e nas campinas ou terreiros de qualquer fazenda rural, porquanto tenho sido informado por muitos lavradores, a quem a tenho mostrado, que ella existe em suas terras, sendo alguns destes fazendeiros do Acará, Guamá, Barcarena, Cameté e Marajó. »

Em differentes lugares de Manáos encontrei eu em abundancia essa planta.

Não é pelo nome de *paracary*, que é mais vulgarmente conhecida e sim pelo de *hortelã brava* ou *hortelã do campo*. Em Belém, no Pará, dá-lhe o povo o nome de *S. Pedro-cá*,

que quer dizer *herva de S. Pedro*. Os indigenas dão-lhe o nome de *boia-caá*, que significa *herva de cobra*. Em Pernambuco é conhecida pelo nome de *meladinha*.

E' uma planta herbacea, segundo o Sr. Dr. Castro, de caule tetragono, de um, dous e ás vezes mais pés de altura, de ramos oppostos, cujas folhas são simples, oppostas e ovaes agudas; ligeiramente aromatica, quando se dilacera entre os dedos, participando do cheiro da hortelã e da melissa ou herva-cidreira; suas flores são completas, de côr arroxada, nascem na axilla das folhas e grupam-se em capitulos ou corymbos pedunculados; tem um calice gamoséphalo, tubuloso com cinco divisões; a corolla é gamopetala, tubulosa e irregular, dividida em dous labios, um superior e outro inferior: os estames são didinamicos e perfeitos; o ovario, sustentado por um disco hypoginio e quadrilobado, deprimido no centro, de onde nasce um estylete bifido; cortado pelo meio deixa ver quatro cavidades, contendo cada uma um ovulo: finalmente o fructo é composto de quatro akenios monospermos, encerrados no interior do calice, que é persistente.

A'vista dos caracteres assignalados, não resta a menor duvida, affirma o Sr. Dr. Castro, de que a planta em questão pertence a uma das familias mais naturaes e importantes do reino vegetal, qual a das *Labiadas* (Juss.), *Didynamia-Monogynia* (Linn.), grupo que conta em seu seio um numero consideravel de individuos.

Eis como o Sr. Antonio Francisco Pereira da Costa chegou ao conhecimento de que antidoto contra o veneno da cobra era o *paracary*:

Sendo as margens do lago Paracary e os campos immediatos tão fartos de cobras venenosas, particularmente das *cascaveis*, *boiacinníngas* e outras, assim como de *jacruarús* que são reptis da classe dos *saureos* e que sómente differem do cameleão por terem a cor cinzenta e o focinho bifido, raro era o dia em que não visse o Sr. Pereira da Costa um combate entre animaes daquelles dous generos. Notava porém constantemente, que depois de algum tempo de luta fugia o *jacruarú* da cascavel e guiado pelo seu instincto natural procurava o arbusto, hoje chamado *paracary*, para delle comer algumas folhas e premunir-se dest'arte contra o veneno da cobra inoculado em seu corpo pelas feridas recebidas na occasião da briga. Depois de restaurado voltava ao combate e se novas feridas recebia, logo outra vez procurava o contraveneno. Uma e muitas vezes observou o Sr. Costa este facto que não passou desapercibido perante o seu espirito perscrutador, e desde logo comprehendeu que naquella planta subsistia o remedio contra o veneno da cobra e outros animaes da mesma ordem. E pois projectou experimentar a dita planta no primeiro animal mordido pela cascavel, a fim de reconhecer se realmente possuia a singular virtude que suppunha ter. Foi um cão de caça, que deu lugar á primeira experiencia, e pouco depois uma vitella se prestou á segunda. Em ambos os casos foram os

resultados assaz favoraveis ; os animaes sobreviveram e se curaram com admiravel rapidez. Muitas outras experiencias se fizeram successivamente, tanto em animaes domesticos, como no homem e sempre os resultados foram satisfactorios.

Generalisou-se pois a noticia de semelhante descoberta, acrescenta o Sr. Dr. Castro, e hoje não ha na comarca de Santarém uma só pessoa que deixe de acreditar nos beneficos efeitos de semelhante planta. A muitos criadores de gado ouvi referir casos de curas operadas por meio della em seus animaes, mordidos por jararacas, surucucús, surucucuranas, cascaveis, paraaboias e outras cobras igualmente venenosas. Consta-me que hoje é raro o caso de perda de alguma rez mordida por cobra, salvo quando não póde ser acudida a tempo.

O seu uso ou emprego é tanto interno como externo, para destruir o veneno das cobras e arraias. Internamente tem-se applicado o succo espremido da planta fresca ou verde, na dóse de meia chavena, duas ou tres vezes, com intervallo de hora de uma a outra dóse e externamente em cataplasma formada de toda a planta secada e posta sobre o lugar offendido, mudando-se a cataplasma, logo que esteja secca.

Contra a picada dos marimbondos ou cáuas, lacráos e outros animaes, considerados venenosos, basta usar sómente da cataplasma. O seu emprego não se tem circumscripto sómente ao homem: algumas especies de animaes domesticos, como o boi, o cavallo, o cão, etc., têm participado de igual applicação e todos têm colhido felizes resultados.

Por mim mesmo, affirma o Sr. Dr. Castro, tenho observado dous casos bem significativos do aproveitamento de semelhante planta empregada no homem. Foi um delles observado em Santarém ; uma picada de cáua no dedo da mão com grandes dôres pelo braço e muito rubor ao longo da veia cephalica correspondente, e tudo cessou como por encantamento com a só applicação de uma cataplasma da planta secada e posta sobre o dedo ferido. Foi o outro uma ferrada de arraia, observado nesta capital (Belém), que cedeu rapidamente em poucas horas, cessando a dôr, que o doente sentia na perna e abatendo a inchação enorme, que havia no pé ferido, isto tudo alcançado por meio da mesma planta, empregada interna e externamente.

Sob a fórma de tintura alcoolica, diz o Sr. Dr. Castro em um addendo á sua primeira memoria, é efflicassissimo o *paracary* contra as mordeduras de cobras e picadas de cáuas, lacráos, centopeias, aranhas-carangueijeiras e arraias.

Applica-se externa e internamente: externamente sobre o lugar mordido ou ferido em algodão ou fios ensopados na dita tintura, e internamente diluida em agua fria ou mesmo pura. Para crianças bastará uma colherinha de chá de quarto em quarto de hora, misturada com outra igual de agua e para pessoas adultas uma colher de sopa da mesma fórma e no mesmo espaço de tempo. Quatro a seis dóses serão sufficientes para completar a cura.

Mas não parou aqui a applicação therapeutica do *paracary*. O seu dominio alargou-se e com ella se combate não pequeno numero de doenças.

A sua acção physiologica, diz ainda o Sr. Dr. Castro, manifesta-se especialmente sobre a pelle e nos rins; naquella por calor excessivo, grande prurido, copioso suor e pelyctenas, muitas vezes com desenvolvimento de bolhas cheias de um liquido sero-purulento e de extensas erysipelas; e no apparelho urinario por extraordinaria diurese. Além disto obra tambem sobre o systema lymphatico e o apparelho gastro-hepatico. Parece tambem gozar de propriedade anti-syphilitica bem pronunciada.

Em virtude desta sua acção e modo de obrar, tem sido empregada interna e externamente no tratamento de varias molestias de pelle, taes como os darthros, eczêmas, tinha, nas syphiliroides e em geral na syphilis secundaria e inveterada. Internamente é dada sob a fórma de tintura na dóse de uma a duas oitavas, só ou associada ao licor de Van-Swieten, na dóse de uma oitava em oito onças de cozimento da mesma herba, para ser tomado em duas ou tres partes iguaes durante o dia, repetindo-se esta preparação todos os dias por espaço de um, dous e mesmo tres mezes consecutivamente. Externamente é empregada ou em pommada ou em tintura, para fricções nos lugares affectados; e a tintura póde ser usada simples ou misturada com alcohol camphorado, partes iguaes.

Tambem, diz ainda o Sr. Dr. Castro, tem sido coroada de feliz resultado a sua applicação interna no tratamento da asthma, catarrhos asthmaticos e tosses nervosas rebeldes. As formulas aconselhadas nestes casos são as seguintes :

Tintura de paracary..... onças 5
Elixir paregorico americano (50)... » 1

Toma-se uma colher de chá deste licor de manhã em jejum e outra á noite ao deitar, em uma chavena de cozimento da mesma herba paracary, isto sem interrupção, até se acabar aquella dóse.

No tratamento da elephantiasis ou lepra tambem é empregada esta planta. Nas molestias chronicas dos rins, na dyspepsia, na amenorrhéa, na dysmenorrhéa e nos enfartos do figado e baço tem sido usada com reconhecida vantagem e aproveitamento.

(50) Formula do elixir :

Opio bruto..... oitavas 2
Açafrão..... } ã ã » 3
Acido benzoico..... }
Oleo essencial de aniz..... grãos 36
Alcohol ammoniacal.. .. libra 1
Filtre depois de oito dias de digestão.

Ainda uma ultima noticia de um remedio contra merde-
duras de cobras : De um livro publicado em New-York e
que tem por titulo *Trinta annos da vida de um caçador* ex-
trahimos o seguinte :

« Quando um cão em nossas terras é mordido por uma
cobra, abre immediatamente uma cova e mette-se nella até
desapparecer a inchação. Sabendo eu isto e vendo um amigo
mordido em uma perna por uma cobra, mandei logo abrir
no chão um buraco de 20 pollegadas de profundidade e nelle
metti a perna do doente, cobrindo-a muito bem de terra,
para lhe não entrar o ar. Sentiu-se logo alliviado, mas dahi
a poucos instantes, tornou-se-lhe a dôr tão intensa, que me
foi preciso empregar toda a força para que se conservasse
immovel. No fim de tres horas de martyrio, conseguia con-
ciliar o somno e dormiu durante duas horas, no fim das quaes
accordou muito fresco, como se nada tivesse tido. Examinou-
se-lhe a perna, estava branquissima e fôra a peçonha extra-
hida por uma especie de sucção magica. »

Ouvi dizer que em alguns lugares da provincia de Minas
empregam tambem esse meio.

Em 1725 celebrisou-se no Rio Branco o indio Ajuricaba,
um dos mais poderosos chefes dos manãos. A natureza ha-
via-o dotado de animo intrepido e guerreiro. Tinha feito al-
liança com os hollandezes da Guyana com os quaes negociava
em escravos, aggredindo os estabelecimentos portuguezes e
arreatando-lhes os indigenas, que ia vender aos hollan-
dezes.

Governava então a capitania do Pará o general João da
Maia da Gama, que, tendo noticia daquellas correrias,
mandou a Belchior Mendes de Moraes com um corpo de
infantaria, a fim de guarnecer as povoações invadidas.

Apenas chegou Belchior ao Rio Branco, teve logo noticia
de que acabava Ajuricaba de invadir o carvoeiro, e de apris-
ionar muitos indios.

Partiu immediatamente em seu seguimento e tres dias de-
pois encontrou a esquadilha de Ajuricaba, que compu-
nha-se de 25 canoas. Segundo as instrucções que tinha, li-
mitou-se Belchior a reprehender severamente o chefe manáo
e a tomar-lhe os prisioneiros.

Depois disto, deu-se pressa Belchior Mendes em guarnecer
as povoações e em proceder á devassa, de cujo resultado
deu conhecimento ao governador, que dirigiu-se ao governo
da metropole, representando contra as violencias de Ajuri-
caba, provadas pela devassa, e juntamente as de outros
principaes faccinorosos, como eram as dos irmãos Bebari e
Bajari, assassinos de Caranumá.

Ordenou o governo da metropole que se fizesse guerra
áquelles chefes.

Tratou logo o general de cumprir a ordem, preparando
um luzido contingente, cujo commando confiou a João Paes
do Amaral, com ordem de se unir a Belchior Mendes. Con-
seguiram estes dous capitães terminar com felicidade a guer-
ra. Ajuricaba cahiu prisioneiro com mais dous mil indios,

mas sendo remettido para o Pará, teve a habilidade de provocar na canôa em que ia uma sublevação, que com muita difficuldade pôde ser suffocada. Mallogrado o plano que havia formado, suicidou-se Ajuricaba, atirando-se ao rio.

« O que na verdade é mais celebre na historia de Ajuricaba, diz o ouvidor Sampaio, é que todos os seus vassallos e os mais da sua nação, que lhe tributavam o mais fiel amor e obediencia, com a illusão que fazem na phantasia estas razões, parecendo-lhes quasi impossivel que elle morresse, pelo desejo que conservavam da sua vida, esperavam por elle, como pela vinda de el-rei D. Sebastião esperam os nossos sebastianistas. »

Na margem septentrional do Rio Branco lança-se o rio Parimá, de tanta nomeada, posto que não passe de um pequeno rio. Persuadiram-se os Hespanhóes de que os Peruvianos, para se subtrahirem á sua perseguição no tempo da descoberta do Perú, emigraram levando todo o seu ouro e se refugiaram nas margens desse rio ou antes desse lago, onde fundaram a cidade de *Manóa del Dorado*. Os escriptores hespanhóes davam isto por tão certo, que muito dinheiro se tem gasto em emprezas e viagens para descobrir o famoso lago. « Jamáis ribeiro tão insignificante, diz o capitão tenente Amazonas, causou tanta bulha e occupou tantas capacidades, nem tão solitario e innocente custou tanto á humanidade. » As viagens de Pizarro, Orellana, Orsua, Guesada Utre, Berrie e muitos outros, não tiveram outro fim.

Em uma carta official, apprehendida por Walter Raleigh, quando procurava descer a Guyana, lia-se o seguinte endereço: « *A Diego de Palameca, governador y capitán general de Guyana, del Dorado, y de la Trinidad.* »

Tambem os Inglezes se persuadiam daquella existencia, e é corrente que as viagens de Raleigh não tendiam a outra cousa mais do que a verificar semelhante descoberta. De todos os exploradores foi elle o mais infeliz, porque não só perdeu o filho na expedição, como foi decapitado por ordem de Jacob I, sob o pretexto de ser suggestor de emprezas frivolas e chimericas.

Vê-se de um Atlas, impresso para acompanhar a geographia de Mr. François, ser collocado o lago Parimá nas cabeceiras do Rio Branco, descripto igualmente nos mappas de Brau, Gaumilla e outros. Os proprios Hollandezes não deixavam de acreditar na existencia desse lago, em cuja procura subiu Nicoláo Orstman em 1741 pelo rio Essequibo. Depois de muitos trabalhos e fadigas conseguiu sahir no Rio Negro, de onde passou-se para Cametá. Refere o ouvidor Ribeiro de Sampaio que ainda alli existia em 1743, onde o encontrou, lamentando a inutilidade da sua empreza.

Em Março de 1775 ainda tentou Le Clerc semelhante expedição, chegando a Barcellos, guiado pelos indios *Piraiuanas*.

A'quem do Rio Branco recebe ainda o Rio Negro pela margem esquerda o Hyauapery, e além o Padauary e Canaberys, os quaes, posto que inferiores ao primeiro, são todavia muito importantes e podem ser navegados em grande extensão.

O Hyauapery já foi navegado 150 leguas.

O Canaberys ou Cauabury ou ainda Cabebury communica com o canal Cassiquiare pelo rio Umarinaui, que desemboca na sua margem occidental e de cuja parte superior se passa por pantanaes ao rio Baciomoni ou Baciomonari, que desagua na margem oriental do Cassiquiari. « Além desta comunicação, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, tem outras mais remotas; porque vencendo-se por terra e com jornada de um dia ou pouco mais, a grande serra que lhe fica ao poente, se chega aos riachos Baú e Uniabi, que fazem barra na mesma margem oriental do Cassiquiari. E por semelhante modo se communica tambem com a parte superior do Rio Negro pelo rio Dimiti, que desagua abaixo de Marabitanas da margem septentrional do Rio Negro e pelos riachos Uniá e Ineui, que fazem barra na mesma margem acima de Marabitanas. »

O maior affluente do Rio Negro na margem direita é o Uapés, que entra acima das cachoeiras; depois seguem-se o Içana e o Xié ou Ixié.

Dez leguas acima da povoação de S. Gabriel e 206 da confluencia do Rio Negro, desagua pela margem direita o rio Ucayari, que, no idioma dos indios Manãos e Barés, significa rio de agua branca. E' mais conhecido pelo nome de Uapés ou Guapés, visto como os indios que lhe povoam o tronco principal chamam-se Uapés.

Pretende-se que nasça de umas serras entre os rios Cumari e Negro, reunindo-se-lhe pela esquerda um braço do Quiavari. Os indigenas affirmam ser o Uapés ramo de um rio caudaloso, que procura o oriente e a que chamam *Aniyary* ou *Guabiary*, que vem dos lados do norte. O padre Dr. José Monteiro de Noronha, no seu *Roteiro*, dá a esse rio, que vem do norte, o nome de *Aniyari* ou *Uaiy-ri*.

Corre o Uapés do occidente, parallelo aos rios Negro, Içana e Ixié, e desagua por duas bocas, que lhe fórma a interposição de uma ilha de figura triangular e de talvez 60 milhas de circuito.

Vinte e cinco leguas acima do povoado de S. Joaquim desagua no Uapés o rio Tiquié, onde em 1749 encontraram-se pedras, que depois de fundidas, reconheceu-se que eram de prata (51). Por este rio pode-se ir ao Apapuris. Tres dias de viagem acima da foz do Uapés começam as cachoeiras, das quaes a mais notavel é a Ipanoré, e temiveis pelos medonhos vortices que formam.

As pedras de que é semeado o rio Uapés, occupam o espaço de cincoenta leguas, subindo da povoação de S. Joaquim, e continuando depois de algum intervallo até a foz do Capuris.

A tribu dos Uapés distingue-se por terem furados as orelhas e labio inferior. Recommenda-se tambem por admittir

(51) Vid. o *Roteiro* do padre Dr. José Monteiro de Noronha.

entre si varios grãos de nobreza, a que serve de distinctivo, como ordem militar, uma pedra branca, muito lisa e de figura cylindrica, furada para lhe passarem um cordão com que a trazem pendurada. O tamanho exprime o grão de nobreza; os principaes usam de pedras de meio palmo de comprimento.

No rio Içana habitam os Banibabas e os Uurequenás, cõebres pela communição que antigamente tiveram com os brancos conquistadores. O seu idioma comprehende alguns nomes hebraicos. São antropophagos e servem-se de uns cordões com que transmittem seus pensamentos a pessoas distantes, que entendem e sabem decifrar os respectivos nós. Tambem servem para o uso arithmetico.

Os indios do Rio Negro e seus afluentes são os mais habéis na confecção do celebre veneno com que hervam as flechas.

« O veneno das flechas, diz o Sr. Gonçalves Dias, herva dura, *curare*, como dizem os viajantes francezes, ou *urari*, como dizem os filhos do Amazonas, é um instrumento de destruição como Deus creou poucos neste mundo. Qualquer animal, mesmo daquelles de maior porte, expira em alguns segundos, principalmente se o toxico se introduz nas proximidades do coração; todavia os naturalistas preparadores podem tirar delle grandes vantagens, desde que se conhece o seu antidoto tão prompto no seu contra-efeito como o proprio veneno. Este antidoto é o chlorureto de soda ou sal commum. »

O succo do limão dizem tambem ser um antidoto poderoso.

« Diz Baena que esse veneno é extrahido de um cipó chamado *Uirari*, grosso, escabroso e guarnecido de folhas parecidas com as da maniva. A sua manipulação, continúa elle, consiste em mascotar a casca, horrifal-a com agua fria, deslhal-a e fervêl-a ao lume, até ficar o sumo inspissado em ponto de linimento. Para augmentar a energia do toxico, addicionam-lhe succos exprimidos de outros vegetaes e cipós, que sejam de natureza venenosos. »

O *uirari*, diz o Sr. Ignacio Accioli, sem a mesma commixturação de outras particulas vegetaes e animaes, é mortifero.

Pertence á classe dos cipós, dá-se nos lugares paludosos, suas flôres tetrapetalas são de côr amarella pallida, ás quaes succedem pequenos fructos do formato de uma fava, n'uma capsula periforme. Os indios são ciosos em patentear a maneira do fabrico; todavia este consiste na extracção por meio do fogo dos succos venenosos da casca, que é escabrosa, e rai- zes colhidas no tempo de verão, tomando na acção do cozimento uma fórma expressa, á qual então reúnem outras substancias vegetaes venenosas e formigas tocandeiras, guardando depois o veneno em pequenas panellas, onde se conserva em continua fermentação, que perde pelo trato do tempo, tornando então a soffrer nova ebulição no fogo, misturando-se-lhe o tucupi ou summo da mandioca.

Conhece-se a perfeição da composição do veneno, tocando com qualquer ponta impregnada de sangue, adquirindo este instantanea coagulação; se porém não coagula momentaneamente, volta de novo para o fogo o veneno e são mui preju-

diciaes os vapores que exhala durante a decocção áquelles que os recebem pela boca ou nariz, operação esta que os indios, por nociva, encarregam ás velhas decrepitas e inuteis.

O animal que é ferido pela frecha impregnada de *uirari*, fica no primeiro momento como attonito e sorprendido; immediatamente depois sobrevem-lhe vertigens, torpor, vomitos, se disso é susceptivel, e a morte.

No estado de torpor ou vertigem em que se acha, póde ser sem resistencia posto em gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe depois na boca uma pedra ou melhor uma solução de sal de cozinha. Quando o animal volta a si acha-se preso, mas em um estado de prostração, que lhe não permite nas primeiras horas o menor acto de colera ou desespero.

Conservam as flechas impregnadas de veneno a sua força por longos annos e antes de arremessal-as costumam os indios mettel-as na boca para as salivarem. Nenhum mal lhes faz isto, porque o perigo está sómente no contacto do veneno com o sangue.

O mais abundante destes venenos é o *uirari* de Tonantins, o qual é por isso mais conhecido. Comtudo são fortes todos quantos se fabricam no Solimões e seus afluentes. Os indigenas do Purús preparam-no bastante energico, e talvez melhor que o de Tonantins. No rio Japurá encontra-se de'excellente qualidade, mas é principalmente nos rios Negro e Branco onde melhor merece a sua terrivel reputação.

Hoje procuram curar o tetano por meio da acção desse veneno.

Em geral, em vez das flechas, hervam os indios pequenas settas a que chamam *Curabis*, e despedem por meio da *zarabatana*.

E' a zarabatana uma arma terrivel e certa. Dentro do tubo interior, introduzem uma setta de paxiúba hervada *curabi* e na extremidade superior da setta enrolam um pouco de sumaúma, de fôrma que tape hermeticamente o orificio do cylindro e offereça tal ou qual resistencia ao ar, para ser expellida com mais violencia.

Este meio póde ser de muita utilidade aos naturalistas preparadores, porque nem só não se espanta o animal, acontecendo errar-se o tiro, nem se estraga a pelle, no caso de acertar-se; como tambem, porque, com o emprego opportuno do antidoto, podem apanhar os individuos—aves ou feras, que careçam possuir vivas.

Além dos rios acima mencionados, recebe o Rio Negro mais de setenta tributarios de menor grandeza, sendo quasi todos de agua preta, e alimentados com as aguas de lagos principalmente na parte inferior das cachoeiras.

E' por esta razão que, apesar dos grandes tributarios de agua branca, predomina a côr preta no rio. Esta explicação entretanto não parece razoavel a alguns. O que é, porém, certo é que as aguas pretas provém invariavelmente dos lagos e dos terrenos pantanosos, seja qual fôr a sua constituição, e as aguas brancas das collinas ou das serras. A côr preta, portanto, é devida á presença de materias vegetaes

em decomposição, e as aguas brancas ás materias mine-
raes.

Antes de passar adiante, direi algumas palavras ácerca da
catechese e civilisação dos indigenas do valle do Amazonas.

E' triste de dizel-o ; mas, é a verdade : a catechese no valle
do Amazonas muito pouco tem produzido.

Não é opinião sómente minha, é de todos quantos por aqui
têm andado, de todos os que aqui vivem, e que também se
acha consignada em quasi todos os relatorios dos presidentes
que têm administrado as duas provincias do Pará e do Ama-
zonas.

As sommas, embora diminutas, que despende o Estado com
esse importantissimo serviço e de tão vital necessidade, es-
gotam-se sem deixar vestigios ou pelo menos sem que apro-
veitem a essas tribus selvagens, que povoam os rios que
banham o valle immenso do Amazonas, e que não poucas
vezes commettem actos de hostilidade contra os explorado-
res e viajantes que até ellas abrem caminho, e contra os ex-
tractores dos productos naturaes, que por ahí abundam.

Tres seculos, diz o Sr. Dr. Adolpho de Barros, parece não
terem sido tempo bastante para destas florestas vizinhas da
civilisação, arrancar á ignorancia barbara, em que vivem,
tantos infelizes filhos da natureza.

Em um paiz christão, em um paiz civilisado, a dous pas-
sos, por assim dizer, da cruz e das livres instituições, á cuja
sombra nos abrigamos cultos e tranquillos, vagam tribus in-
teiras, entregues ainda, como ha trezentos annos, como ha
mil, aos instinctos feros e grosseiros da natureza primitiva :
barbaras, pagãs e antropophagas !

Cumpre ainda reconhecer uma verdade, amarga de dizer
porém que é necessario repetir. O pouco que existe feito
neste elevadissimo assumpto, é pela maior parte obra de
outros tempos.

« O homem das selvas, dizia ha 10 annos o Sr. Dr. F. C.
de Araujo Brusque á assembléa provincial do Pará, o homem
das selvas continúa errante nas desertas matas que abundam
nesta provincia.

« Por toda a parte, onde penetra o homem civilisado nas
margens dos rios inhabitados, alli encontra os traços não
apagados dessa população que vagueia sem futuro !

« E a pobre aldêa, ás mais das vezes por elles mesmos er-
guida em escolhida paragem, onde a terra lhes offerece mais
ampla colheita da pouca mandioca, que plantam, desappa-
rece de todo, pouco tempo depois de sua lisongeira fun-
dação.

« O regatão, formidavel canero que corróe as arterias na-
turaes do commercio licito das povoações centraes, desviando
dellas a concorrência dos incautos consumidores, não con-
tente com os fabulosos lucros, que assim aufere, transpõe
zudaz enormes distancias, e lá penetra também na choça do
índio.

« Então a aldêa se converte para logo n'um bando de servi-
dores, que distribue a seu talante, mais pelo rigor, do que

pela brandura, nos diversos serviços, que emprenhe na colheita dos productos naturaes.

« Pelo abandono da aldêa se perde a roça, a choça desaparece e o misero indio em recompensa de tantos sacrificios e trabalhos recebe muitas vezes *uma calça e uma camisa!* »

« Entretanto pouco se ha feito em favor delles. »

Em Setembro de 1862, exprimia-se assim o mesmo Sr. conselheiro Brusque:

« Em nenhuma das provincias do Imperio abundam tantas e tão variadas hordas selvagens como nesta. »

« Por toda a parte, em todas as direcções, onde pela vez primeira chegar ainda o homem civilizado, lá ha de encontrar os traços dessa população errante, que descuidada vagueia nas selvas entregue ao abandono de si mesmo. »

« A indole geral das tribus conhecidas é de paz, e á excepção de algumas hordas, que permanecem em estado puramente selvagem, o indigena é de character brando e procura as relações de nossa sociedade. »

« Entretanto nada se tem feito por elles. »

« Não ha um só aldeamento regular; os nucleos de população existentes, entregues á propria inexperiencia, reúnem o triste aspecto do homem no lumiar da civilização e já rodeado de alguns vícios, que corroem a velha sociedade. »

« São novas sociedades que se levantam; mas que carecem desde o seu começo do principal elemento de sua consolidação: a religião e a moralidade. »

« Outr'ora, roçando as sandalias do levita o centro de nossas florestas, se ergueram nucleos, que medraram através de ingentes sacrificios e que foram o berço de algumas florescentes povoações. Hoje em nossa terra não ha um sacerdote que se destine a esse myster humanitario, que a religião aconselha e a civilização reclama!... Pelo menos eu já perdi a esperanza de encontral-o. »

A catechese encontra actualmente no valle do Amazonas innumeradas difficuldades e embaraços. Outr'ora, é certo, serviu ella de pretexto para frequentes e deploraveis extorsões e violencias; mas tambem é innegavel que deixou de si alguns vestigios, alguns bons fructos, que ainda hoje saboreamos.

O catechumeno era muitas vezes um escravo e não um doutrinando e as missões eram mais uma caçada de homens do que um apostolado. Mas a par de todos esses tristes excessos, de toda essa deploravel deturpação do mais sagrado dos ministerios e da mais sublime das virtudes christãs, muitos esforçados missionarios, verdadeiros apóstolos e benemeritos da humanidade, derramaram largamente com a palavra santa crença e com a crença a civilização no seio das tribus ferozes, que povoavam as matas.

Hoje, quem vai ao encontro do indio, no fundo de suas florestas virgens e no interior desses rios sem fim?

Rarissimos são os missionarios que acodem a esse appello da humanidade e os poucos que existem, salva uma ou outra excepção bem rara, não penetram com a pala-

vra nos labios e a cruz erguida na mão por através dessas florestas espessas em que dorme o indio á sombra da ignorancia e da barbaria ; não vão alli levar-lhe o pão do espirito e o presente sublime dessa luz benéfica e creadora, que vivifica o espirito e alimenta o coração. Limitam-se a estabelecerem-se, e mesmo assim lutando com as maiores difficuldades, á margem de um rio, na boca de um igarapé e já muito fazem quando conseguem levantar uma capella em torno da qual se grupam indios, que já têm o contacto social e que com o baptismo da civilização bastarda, que lhes levou o regatão, receberam tambem a innoculação do vicio e dos máos habitos.

Convém entretanto que fique bem patente, por amor da verdade e da justiça, que a causa do quasi nenhum resultado que a catechese tem dado, não provém dos missionarios ou pelo menos não provém sómente delles. E' certo que para esse estado de cousas concorre tambem a ausencia de providencias e de recursos, sem os quaes não podem deixar de ser improductivos quaesquer esforços e sacrificios da parte desses homens.

Lutam aqui os pobres missionarios, tão reduzidos como são, com difficuldades de transporte, com difficuldades de alimentação, com um clima ardentissimo, verdadeira atmospherá de fogo e com febres paludosas e intermittentes, que abatem a coragem a mais decidida, a mais tenaz e prostram a mais robusta constituição. Na arriscadissima empreza a que se devem entregar, nem ao menos contam garantida a sua segurança individual sempre ameaçada, — já não fallo por parte dos indios que vão converter, mas por parte dos regatões, cujos interesses e extorsões contrariam ; e nem lhes proporcionam meios e recursos que de alguma sorte mitiguem e attenuem as difficuldades com que vão arrostar.

O missionario é sem duvida o primeiro elemento para a catechese, é o seu mais poderoso auxiliar, mas o maior inimigo que a catechese tem, aquelle que mais embaraços lhe oppõe, que mais difficuldades lhe suscita, é o regatão. Menos barbaro que o indio, porém muito mais corrompido, vive em luta constante com os missionarios, que não permitem, que não podem consentir que elles explorem, depravem e deshonrem o pobre filho das selvas, a pretexto de commerciar com elle.

O regatão é uma das pragas do Amazonas.

• São os regatões, escrevia o Exm. Sr. bispo do Pará, em data de 21 de Dezembro de 1865 ao Exm. Sr. ministro do imperio, são os regatões negociantes de pequeno trato, que em canôas penetram até aos mais remotos sertões para negociarem com os indios. E' difficil imaginar as extorsões e injustiças, que a mór parte delles commettem, aproveitando-se da fraqueza ou ignorancia desses infelizes. Vendem-lhes os mais somenos objectos por preços fabulosos, tomam-lhes á força ou á falsa-fé os generos ; quando muito compram-nos a vil preço e muitas vezes embriagam os chefes das casas para mais facilmente deshonnar-lhes as familias. Emsim, não ha

immoralidade que não pratiquem esses cupidos aventureiros. »

No relatório que em 1862 apresentou á assembléa legislativa do Pará, exclamava cheio de indignação o Sr. conselheiro Brusque:

« Dó do indio, senhores ; entregue a si mesmo, não encontra sempre nos laços da nossa sociedade a fraternidade que a civilização lhe promete ; mas a dissimulação, o engano e muitas vezes o rigoroso trato, que o repelle e o força a embrenhar-se de novo no silencio das matas

« Doceis ao contacto de intelligencia mais cultivada do que a sua, o indio acolhe benigno em sua maloca aquelles que o procuram. Certos disso não faltam aventureiros, que, transpondo enormes distancias, penetrem até o lugar de sua residencia, e mediante o adiantamento de alguns objectos, que o indio reputa de subido apreço, dentro em pouco ganha imperio sobre a tribo, a qual governa a seu bel prazer. De então em diante ninguem mais alli entra e a vontade do regatão é a lei que rege, em quanto elle ahi permanecer pelo tempo necessario a seus negocios. E o pobre indio lhe obedece cegamente !...

« Para logo os destina á colheita do oleo de castanha, á extracção da salsa e de outros productos naturaes ; e quando passados tres ou quatro mezes de arduo trabalho, regressa ao gremio da aldêa, elle lhe faz a conta de modo que o misero indio lhe fica devendo ainda.

« Para que possais aquilatar, continúa o Sr. conselheiro Brusque, o gráo de usura e immoralidade deste commercio execrando, eu vos darei a taxa do preço de algumas mercadorias vendidas ao pobre indio no alto Gurupy e no Capim, conforme ouvi de alguns indios que a instancias minhas tive commigo nesta cidade.

« No Gurupy um córte de calças de algodão ordinario, que custa nesta cidade 1\$000, é dado ao indio em troca de um pote de oleo de copahyba, que contém de uma canada e meia a duas canadas, e que vale por conseguinte neste mercado 20\$000.

« Uma arma de fogo ordinaria no valor de 5\$000 é dada em troco de tres potes de oleo

« Um barril de polvora que custa 17\$000 é o equivalente de 8 potes.

« Outro tanto succede no Capim, e em qualquer outro lugar nesta provincia, onde o regatão commercia com o misero indio.

« Agora mesmo trilha as matas do Candirú a população inteira da aldêa dos Turys do rio Capim em busca de oleo e na caça de jabutys para certo regatão, que imperiosamente os distribuiu para estes serviços ; entretanto que deixaram algumas roças de mandioca, que plantaram, e as pobres choupanas da sua aldêa no mais completo abandono.

« Ainda não é tudo. Rude embora, o indio ama a familia e preza os tenros filhos. Pois bem, é o santuario da familia, é

o regaço do amor paternal o terreno em que o regatão exerce ás vezes sua mais brutal ferocidade.

« Quando não seduz a esposa, rapta a filha e quasi sempre arranca do gremio da familia tenras crianças, que em seu regresso aos povoados reparte entre seus comparsas ! . . .

« E o pobre indio soffre humilde este duro tratamento e acolhe de novo no anno seguinte o regatão, que continúa seu credor e regulo da mesma aldêa !

« A' estas causas se devem attribuir as desavenças, que tiveram lugar na aldêa *Taquateua* no alto Gurupy, no mez de Outubro do anno findo entre os indios da tribu *Tembés* e alguns regatões, das quaes resultaram a morte de nove individuos.

« Segundo as informações que cuidadosamente colligi, Polycarpo José Tavares, negociante no Alto Gurupy, maltratava com palavras e corporalmente os indigenas que negociavam com elle, pertencentes á maloca *Taquateua*, e ahí chegando Francisco Pachola, José Clemente e outros, tambem negociantes, começaram a ter o mesmo procedimento, em virtude dos exemplos de Polycarpo.

« Rafael Antonio da Silva seduziu e levou para sua companhia a mulher do indio *Tocoroy*.

« Francisco Pachola não quiz entregar a mulher de Joaquim Pocú, que estava trabalhando com elle.

« A estes factos seguiram-se imprudentes demonstrações de desprezo, provocações, ameaças e alguns espancamentos feitos nas pessoas dos indios, que mais se distinguiam nas queixas contra os autores daquelles factos, que não foram senão mais um élo da longa cadêa de vexações por que os regatões faziam passar aquella pobre tribu.

« Então sete mancebos mais destemidos executaram o plano de vingança, assassinando barbaramente alguns regatões e seus dependentes.

« A essas scenas de horror praticadas por homens selvagens sem a menor idéa da moralidade das suas acções e sem imputação, seguiram-se outras dignas de severa repressão, por terem sido executadas por aquelle mesmo, que fôra incumbido pelo delegado de policia do termo de comparecer naquella localidade, com o fim de restabelecer a segurança individual e proteger outros regatões, que lá se achavam.

« O encarregado desta diligencia prendeu os indios que encontrou e os espancou barbaramente até revelarem os nomes de todos os que tiveram parte nos assassinatos referidos.

« Não achando ainda bastante o rigor deste trato abusivo e criminoso, arrancou do seio de algumas familias indigenas nove crianças, que remetteu para Viséu ! . . .

« Em resultado desta infeliz commissão a aldêa desapareceu e a choça do indio foi reduzida a cinzas ! »

Em 1864 referia o Sr. Dr. Adolfo de Barros os seguintes factos á assembléa legislativa da provincia do Amazonas:

« Pouco depois de minha chegada á provincia, vieram a esta capital o chefe ou tuchaua e alguns indios da tribu Maués.

«Trajava aquelle, camisa de ordinario riscado de algodão e calça de zuarte azul, parecendo intimamente penetrado da belleza de semelhante vestidura, porque o indio é por natureza propenso a certa instinctiva vaidade, d'onde lhe vem a predilecção aos adornos e atavios.

« Entre outras cousas, procurei informar-me do preço daquellas peças de roupa.

« Cada uma custára ao pobre *tuchaua* a baratella de uma arroba de *guaraná*, isto é, o valor de 25,5000 a 30,5000. »

Um outro facto:

« No rio Purús estava fundeada em certa altura a coberta de um regatão portuguez de nome A. . .

« Passa um indio já meio civilizado com algumas arrobas de seringa, fructo do seu trabalho durante o anno, e destinadas ao pagamento de um seu credor.

« Propõe-lhe o regatão a compra do genero e como não fosse aceita, attrahe o indio á coberta e facilmente o embriaga.

« Nesse estado transporta-o para a sua canôa, amarrado então á pôpa da embarcação; deixa-lhe um ou dous objectos de nenhum valor e um garrafão de aguardente; apossa-se da seringa; e, o que dá a esta scena de torpe espoliação um cunho de cynica perversidade, corta a amarra da canôa e deixa-a ir, leva-la pela forte corrente do rio, com o misero tomado do somno profundo da embriaguez!

« Quando no dia seguinte acordou, conheceu-se o indio roubado e na distancia de tres dias do lugar em que adormecêra! Voltou a reclamar a borracha; mas nada conseguiu senão trabalhar por espaço de tres mezes para quem tão vilmente o despojára, sem outra recompensa mais do que promessas que nunca foram realizadas. »

Desta vez, felizmente, não ficou o crime de todo impune, porque, chegando o facto ao conhecimento do digno presidente da provincia, mandou este colligir as necessarias provas e instaurar processo ao seu autor

Constantemente illudidos em sua boa fé, perseguidos e atormentados por esses homens sem consciencia, sem religião e apenas incitados pela mais cynica e criminosa ganancia, victimas de mil espoliações, vendo arrancados de seus braços o filho, a mulher, os parentes, não se limitam muitas vezes os indios a se embrenharem no mais espesso das matas como feras accuadas e a evitarem todo e qualquer contacto com essa *civilisação*, que de tão funestas consequencias lhes foi. Filhos da natureza, sentem a indignação queimar-lhes o sangue e procuram na vingança, não o esquecimento, mas o desabafo, mas a expansão da dôr e da raiva; e as represalias começam.

Os annaes das duas provincias do Pará e do Amazonas acham-se cheios dessas scenas de violencia e de sangue, a maior parte das vezes provocadas pelas violencias clamorosas, pelas extorsões sem nome de que são victimas os pobres indigenas.

Nem sempre a vindicta dos indios recahe contra aquelles que a provocaram; muitas vezes a frecha hervada erra o alvo

e vai ferir de morte a quem nenhuma offensa havia commettido. E' que o regatão deixou de si tão execranda memoria, que o indio desconfia de tudo e de todos quantos não pertencem á sua raça. Em todos os brancos, em todos os que lhe procuram as matas elle julga ver um *regatão*, isto é, um homem que não hesitaria um momento em deshonorar-lhe o lar, em raptar-lhe os filhos e em abusar vilmente da sua boa fé.

E a desconfiança é cega e não raciocina.

« Creio firmemente, disse o Sr. José de Miranda da Silva Reis (52), que grande parte dos actos de brutal e feroz barbaridade por indigenas selvagens perpetrados contra individuos ou pequenas povoações civilizadas, são menos devidos a máos instintos entretidos pela ignorancia, do que á represalia ou desforço das violencias que alguns ambiciosos para com elles muitas vezes praticam, apoderando-se delles ou dos entes a elles mais caros e forçando-os a permanecerem, como que escravizados, sem retribuição alguma em seus arduos trabalhos e talvez hem deshumanamente tratados; o que os leva a crer que geralmente os homens civilizados os perseguem como inimigos. »

Ahi transcrevo alguns dos factos mais tristemente notaveis, algumas das scenas mais lamentaveis que têm enlutado os annos das duas provincias nestes ultimos annos:

A 22 de Outubro de 1855 os *Waupés* da aldêa do Coração de Jesus as-assinaram a Serafim e Miguel, que acompanhavam o mesmo director, o qual conseguiu escapar, posto que gravemente ferido.

Estes mesmos indios já anteriormente haviam assassinado os *regatões* João da Silva, José Perequeté, José Theodoro, Miguel Wilkens e Sebastião Nogueira.

Em Novembro de 1858 os *Parintintins* assassinaram a Antonio Primo de Góes e Manoel José e feriram gravemente a Bartholomeu Francisco de Góes.

Em 1860, no Crato, rio Madeira, perpetraram os *Parintintins* cinco mortes.

Em Setembro do mesmo anno, no rio Juruá, os *Colinos* assaltaram o *regatão* Innocencio Alves de Faria e seus companheiros, assassinaram a um destes e feriram a quatro.

Em 1863 os *Mameris*, do rio Jauapery, appareceram no districto de Tauapessassú e derramaram o terror na população.

Em 3 de Junho do mesmo anno foi a casa do commerciante José Francisco Monteiro, estabelecido em Baêtas, no rio Madeira, assaltada pelos *Parintintins*, que assassinaram Anna Thereza de Almeida, de 60 annos de idade, e feriram a Suzana Francisca do Rozario, José Gonçalves Ferreira, Bazilio Antonio Rodrigues e outros.

(52) Relatorio apresentado á assembléa legis'ativa do Amazonas em 1871.

Em 1863 os *Ipurinãs*, no Purús, assassinaram o italiano Carlos, companheiro do Sr. W. Chandless.

Em Dezembro do mesmo anno os *Jauaperys* assassinaram a Joaquim Galvão e a um seu escravo.

Em 1865 um grupo de indios selvagens assaltou no rio Wariaú a dous filhos de João Galvão.

Em Março do mesmo anno tentaram os indios *Unimiris* assaltar a população de Ayrão.

A 10 de Outubro de 1866, os *Mageronas*, no Alto Javary, atacaram as duas canoas, que conduziãam os membros da commissão mixta, que por parte do Brazil e do Perú exploravam esse rio para a fixação dos limites, resultando a morte do distincto capitão tenente João Soares Pinto, o ferimento grave em uma perna do secretario da commissão peruana D. Manoel Raude y Paz Soldan e o ferimento leve de mais oito pessoas.

Em 1868, no rio Jauapery, assassinaram os *Haimirys* a Manoel João e a sua familia composta de doze pessoas.

Em 1869, na foz do rio Machado, assaltaram os *Parintintins* a uma canoa e mataram a flechadas dous dos tripolantes, conduzindo os cadaveres para suas malocas.

Em Setembro do mesmo anno, os *Jumas*, no Alto Purús, assassinaram a Cesario José de Mesquita e a Emiliana, sua companheira, roubando diversos objectos, que encontraram na barraca das victimas.

Este lamentavel acontecimento é attribuido á imprudencia de um velho chamado Caridade, que encontrando-se com um grupo de *Ximanirys*, que lhe acenaram com gestos amistosos, teve a triste lembrança de sobre elles disparar um tiro de espingarda.

Os indios, que até então não tinham hostilizado a ninguem, prometteram vingar-se.

O facto havia-se da to em 1866. Os *Ximanirys* espreitavam occasião azafã para vingarem a offensa que tinham recebido do velho Caridade, e o infeliz Mesquita e sua companheira foram as victimas dos instinctos desses selvagens.

O assassinato do italiano Carlos é attribuido á ousa lia que elle, tendo sido recebido com to la a hospitalidade pelos *Ipurinãs*, teve para com uma india, mui joven, e mulher de um dos principaes dessa tribu.

Os actos de barbaridade dos indios têm quasi sempre uma causa, filha da imprudencia ou perversidade daquelles que se têm em conta de civilizados e christãos.

Mesquita e sua companheira expiaram a imprudencia do velho Caridade, que tão selvaticamente procedeu para com os *Ximanirys*, denominados talvez erroneamente *Jumas*.

Eis como o Exm. Sr. Wilkens de Mattos refere este facto :

• No dia 2 de Setembro (1869) uma horda de indios selvagens, denominados *Jumas*, atacaram a feitoria do subdito portuguez Cesario José de Mesquita e o assassinaram e a uma mulher de nome Emiliana, que em companhia do mesmo vivia, roubaram muitos objectos que alli encontraram, e, decapitando os cadaveres das duas victimas, levaram as

cabeças, que quinze dias depois foram encontradas na maloca dos mesmos antropophagos, pelo valente e humanitario subdelegado do Alto-Purús, Manoel Francisco da Rocha, que, abandonando os seus mais graves interesses, reuniu todos os cidadãos que pôde encontrar, nacionaes e estrangeiros, e com imminente risco da propria existencia, atravessou densas matas e largos igapós, até descobrir a maloca dos selvagens, a quem procurou attrahir; mas sendo recebido a flechadas e successivos ataques, teve de os repellir, tomando de assalto a casa delles, onde não só encontrou as mercadorias roubadas, como os craneos, já dessecados, das duas victimas, e mais um terceiro, que denotava ser de mulher e antigo.

« Acontecimento tão selvatico e inesperado, derramou o terror na laboriosa população desse vastissimo districto, e trouxe não pequenos prejuizos á industria extractiva, e, consequentemente, ao commercio, que se alimenta dos productos daquella; e maiores seriam sem duvida esses prejuizos, se ao serem aqui recebidas no dia 10 de Outubro tão lamentaveis noticias, que o referido subdelegado Rocha veiu pessoalmente communicar, não tivesse eu, de accôrdo com o Dr. chefe de policia, feito partir no dia 14 desse mez para o lugar do acontecimento, o vapor *Pará*, levando armamento, um official e praças do corpo provisorio, que chegaram ainda a tempo de evitar que o susto e o desanimo, de que se achava dominada a população laboriosa, não causassem uma total interrupção nos trabalhos extractivos, o que, se tivesse acontecido, produziria um desfalque de mais de duzentos contos nas transacções commerciaes daquelle famoso rio. »

Os *Parintintins*, ainda no anno findo, repetiram os ataques, que tornam, por assim dizer, inhabitavel parte da região do Madeira.

Os *Uaymirys* puzeram em sobresalto ha poucos mezes a povoação de Ayrão e as freguezias de Tauapessassú e Moura, praticando nesta ultima scenas verdadeiramente deploraveis.

Communicando á assembléa legislativa do Amazonas estes tristes acontecimentos, assim se exprime o Exm. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto:

« Occupando as margens do Rio Negro, por occasião da sua vasante, como o fazem ha alguns annos, começaram por assaltar as canoas que transitavam e por ultimo atacaram a freguezia de Moura, obrigando seus habitantes a se refugiarem em uma ilha vizinha. De posse da povoação, roubaram e destruíram todos os objectos encontrados nas habitações, e frecharam uma criança por seus pais esquecida em uma rede.

« Tambem um cidadão, que já tinha servido no corpo provisorio, cahiu victima de uma setta arremessada pelos selvagens.

« A falta de força nesta guarnição, me impediu de enviar para a localidade um destacamento de linha, logo que cor-

reram os primeiros rumores a este respeito ; mas ordenei ás autoridades da guarda nacional, que destacassem uma força sufficiente a garantir as povoações e activei a vinda de praças para completar o corpo provisório e habilitar-me a tomar providencias mais energicas, se as circumstancias o exigissem.

«Mandei um official ao rio Madeira promover a reunião de guardas nacionaes e o recrutamento, e quando d'alli tinham vindo alguns reforços, como de Villa Bella, Serpa e diversos pontos do Solimões, chegaram as communicações dos tristes acontecimentos referidos.»

O Sr. Dr. Peixoto fez seguir immediatamente para Moura uma força commandada pelo Sr. brigadeiro Barros Falcão.

A ida da força produziu os beneficos effeitos, que eram de esperar, restabelecendo a segurança na freguezia e garantindo os seus habitantes, que haviam abandonado casas e haveres.

Foi necessario bater as matas proximas para dispersar os indios, que, apenas retirados da freguezia, eram motivo de continuo sobresalto.

Nessa occasião houve alguns encontros entre elles e a força sem que entretanto houvesse nella alguma desgraça a lamentar.

Essas scenas, pois, de horror, esses actos de selvageria e de canibalismo são a maior parte das vezes provocados pelas violencias e extorsões que soffrem os pobres indigenas da parte dos regatões.

Bons e humildes como são os indios, supportam-n'os por muito tempo, soffrem-n'os por muito tempo, depois commecam a queixar-se e como nem sempre ou quasi nunca lhes fazem justiça, ou porque muito distante e por consequencia muito traca é a acção da autoridade, ou então porque coniventes são as proprias autoridades, — commecam as represalias e apparece violento e selvagem o instincto da vingança.

Mas não é sómente o indio, que vive no fundo das malocas, que se queixa dos regatões.

Nas duas provincias do Pará e Amazonas ha contra elles geral indisposição.

Muitos factos me têm si lo referidos de familias honestas e que viviam com certa abastança, hoje desgraçadas por esses homens, por essas sanguessugas sedentas, que se introduzem sornateiramente na choupana do agricultor, do pescador, do indio já civilisado, e ahi levam a hediondez do vicio, a miseria e a deshonra.

Chega a um sitio a canôa de um regatão, se o dono do sitio o não procura, se lhe não offerece a casa... Não importa. O regatão já está habituado a isso, invade a choupana, embriaga os moradores, offerece-lhes as mercadorias que leva por preços fabulosos, inventa umas celebres *tadainhas*, que não são mais do que scenas de orgia, com o fim de attrahir a concorrência, e especulando com a boa fé e com a religião dessa pobre gente e no meio da aguardente que prodigaliza, rouba desapiada lamente o resultado do trabalho de um anno

inteiro do pobre chefe de familia, roubando-lhe igualmente a honra da esposa e das filhas. (53)

E no dia seguinte, sem que lhe dôa a consciencia, sem sentir o pungir do remorso, embarca o regatão, deixando após si a miseria e a deshonra.

Outra vez aporta em um sitio, onde se ostenta um bello e estenso cacçal.

A troca de alguns copos de pessima aguardente e de um ou outro objecto de infimo preço, o regatão allicia e seduz os escravos e os famulos e volta com a canôa pejada de cacáo que mandára roubar.

Bem que o regatão seja uma verdadeira calamidade no Amazonas, vampiro que suga o sangue, semeando por onde passa a desolação e a morte, não insistirei entretanto pela sua abolição. Não seria possivel fazel-o á vista das livres instituições que nos regem. Direi trais, a canôa do regatão me parece uma necessidade indispensavel naquelles desertos immensos, naquellas remotissimas paragens.

« Pretender, diz o Sr. Dr. Tavares Bastos (54), que cada productor venda aos povoa los na sua canôa trazer a sua borraça ou os seus generos, e comprar os artigos de que careça; pretender que cada indio ou cada familia faça isso periodicamente, atravessando enormes distancias, gastando muitos dias, interrompendo o seu trabalho; preferir isto ao movimento natural das transacções, segundo o qual, pela lei da divisão do trabalho, o regatão é o intermediario que economisa tempo e despeza de producção, fazendo o transporte em proveito de todos; pretender que em uma região, cujas industrias extractivas determinam e provocam a disseminação dos habitantes, a população se concentre á ro la dos seus raros povoados, não me parece sensato, nem medida economica. O tempo, o abandono das actuaes industrias, os processos agricolas, a moralidade que se diffundirá como o progresso da civilisação, é que hão de alterar as praticas do pequeno commercio, e supprimir os usos que hoje excitam justa indignação. »

Entretanto, em bem da moralidade, em bem do socego publico e da tranquillidade das familias, e para evitar, senão de todo, mas pelo menos diminuir essas scenas de violencia e de sangue, essas represalias de que lançam mão os indios, vendo-se feridos no que têm de mais caro, roubados na honra e na fazenda, maltratados e ludibriados por esses homens sem fé e sem consciencia;—é necessario armar a autoridade de poderes discricionarios, e fazer pesar sobre esses

(53) E' raro, muito raro, dizia-me um dos caracteres mais sisudos e intelligentes do Amazonas, que não terminem essas *ladainhas* por um ou mais assassinatos.

(54) Vid. a importantissima obra *O Valle do Amazonas*, pag. 286.

individuos to lo o rigor, toda a severidade da lei. Vigie-os a justiça e faça-lhes sentir to lo o seu peso, o seu maximo rigor na repressão das menores de suas faltas. Não haja tolerancia para com elles e puna-os a lei com severa inflexibilidade na perpetração dos abusos e violencias. (55)

Sem essas medidas coercitivas, que sem duvida serão muitas vezes illudidas, sem grandes exemplos de que a lei e as autoridades não transigem com os regatões, quaesquer que sejam, e por maiores e mais altas posições officiaes que occupem, a catechese continuará a ser uma utopia, porque não quere-rão os indios entrar para o gremio de uma civilização e de uma sociedade de onde sahem os seus mais crueis e perigosos inimigos.

« A consequencia desse estado de cousas, dizia o Sr. Dr. Adolpho de Barros, é que longe de progredir, a conquista pacifica dos indigenas se difficulta de dia para dia; e não só se difficulta, como até se perde a olhos vistos.

« Um numero crescido de tribus, que já haviam descido das cabeceiras de alguns rios e outros lugares igualmente remotos, estabelecendo-se aldeados nas vizinhanças de certos povoados, tem gradualmente desaparecido, regressando ás suas solidões, e aos habitos da vida primitiva, que iam trocando pouco e pouco por costumes mais brandos e civilizados.

« Entre tantos outros exemplos, citarei o dos *Catuqueiras*, estabelecidos em differentes malocas nas vizinhanças da foz do Jutahy, proximo ao Solimões.

« Dispersaram-se todos, não ha muito tempo, e voltaram de novo ás cabeceiras daquelle rio, perto do Mutum-paraná.

« De mais de trezentos que eram, restam apenas seis em uma das malocas mais distantes!

« Este facto, que se reproduz em muitos outros pontos da provincia, merece ser tomado em grande consideração.

« O receio das populações indigenas, não diante dos passos da civilização, mas diante da cobiça torpe dos aventureiros e do despotismo criminoso de certas autoridades (56),

(55) Quem compulsar os annaes judicarios do Pará e Amazonas, verá que a maior parte dos crimes ahi commettidos, tem por protogonista um regatão ou pelo menos é elle a causa proxima ou remota. Na casa do Sr. tenente coronel J. J. da Silva Meirelles, onde me acho hospedado, ha uma viuva e um orphão, que ahi foram pedir abrigo, e cujo marido e pai cahiu victima do punhal do assassino em uma dessas celebres *ladainhas*, organizadas pelos regatões.

(56) Referindo-se aos directores de indios, escrevia ao Sr. ministro do imperio, em Dezembro de 1865, o Sr. Dr. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará:

transpõe o limite das nossas fronteiras. Foi assim que uma parte notavel das tribus *Pacé*, *Hyury* e *Hamana* em vista da perseguição desenvolvida contra os *Mirankas*, que tinham avançado mais para as margens do Japurá, concentrou-se temerosa além do nosso territorio, nos desertos ainda não trilhados nem pelos regatões, nem pelos directores.

Como estes, temos perdido e iremos perdendo outros habitantes, que educados convenientemente, seriam de grandissimo prestimo na nossa extensa linha de fronteira.

Cumpre e urge prover de remedio a males de tamanha gravidade. Cumpre reter esta população que se afasta, assim como aproveitar a que se concentra nos desertos, perdida para a religião, inutil para a sociedade. Cumpre ir ao encontro desses restos dispersos de tribus, que mutuamente se combatem e destroem em uma luta selvagem, reunil-os em missões, que tenham por base o ensino e o trabalho, que sejam colo-

« Os melhores directores parciaes (rarissimos se contam destes) são os que negligenciam as obrigações do seu cargo e não se importam absolutamente com os indios. Os demais não se hão de chamar directores, Sr. ministro, senão senhores de indios, e que senhores! Não quero contristar o animo de V. Ex. com relatar-lhe as atrocidades, os despotismos, as injustiças clamorosas praticadas por esses funcionarios em nome e sob a egide do governo. . . . Anda o triste indio afugentado, oprimido, despojado, escravizado, como nos tempos da conquista, e até em certos lugares vendido meio ás escondidas, como mercadoria de contrabando. Tenho testemunhado eu mesmo estes factos e, ainda mal, que se explicam mui naturalmente! Não offerecem em geral os pretensos directores garantias sufficientes para cargo de tal porte. As simples honras de tenente coronel com que os galardôa o governo, não são sufficientes para decidir homens sisudos, intelligentes, de abonada reputação e probidade a renunciarem aos commodos da civilização para irem por aquelles immensos desertos viver com indios boçaes.»

O finado Sr. conselheiro Furtado escrevia estas palavras, não menos energicas e eloquentes:

« Assim os encarregados de taes funcções (os directores de indios) com rarissimas excepções, ou não se importam com os indios e são os melhores, ou buscam o emprego para se locupletarem com os serviços desses desgraçados, dando-lhes em paga os tratos, que deshumanos senhores applicam a escravos desobedientes e remissos.

« Força é confessar uma triste e pungente verdade. A historia dos indios é o opprobrio da nossa civilização. Apesar de tantas leis proclamando a sua liberdade e proscrevendo a escravidão dellas, ella subsiste quasi de facto! Opiniões er-

nias-missões, se me posso exprimir assim; cumpre finalmente, cuidando da sorte de tantos infelizes, estabelecer nesta parte remota do paiz postos avançados do progresso e da segurança do nosso territorio.

Não vai nisso sómente os interesses da humanidade e da moralidade publica, porém os mais positivos e immediatos do paiz.

Os unicos braços com que conta a provincia do Pará e sobretudo a do Amazonas, são esses selvagens acoimados de preguiçosos e incapazes ou seus proximos descendentes.

Em 1864 existiam na provincia do Amazonas 39 directorias de indios.

O algarismo dos indigenas sujeitos a todas ellas era de 17.480: sendo 8.102 homens e 9.072 mulheres, habitando 755 fogos e possuindo 21 capellas.

roneas, interesses illegitimos sustentados por abusos inveterados, frustram a sabedoria dessas leis. Os selvagens eram e são havidos em conta de brutos e estranhos ao gremio da humanidade, e foram sempre victimas da avidez e maldade de seculares e ecclesiasticos....

« E porque ao erro e ao crime não faltam advogados, a immolação e o exterminio das tribus selvagens, são apadriñados com os mais estranhos systemas. Ora se inventa uma pretendida lei fatal da civilização, que os condemna á inevitavel destruição, como se a civilização, que é o livre desenvolvimento de todas as faculdades phisicas e moraes do homem, sem outros limites, que os do direito e da justiça, que proclama a inviolabilidade da vida humana, pudesse aceitar como lei sua a negação da personalidade, a destruição do homem em proveito de ignobil cobiça. Ora que o selvagem é incapaz de trabalho e de civilização senão por meio da escravidão, como se a mais superficial observação e os factos mais incontestaveis não demonstrassem a aptidão do selvagem; como finalmente si a Providencia pudesse condemnar uma raça inteira á destruição ou á escravidão em beneficio da outra.

« Felizmente talentos vigorosos têm profligado tão monstruosos paradoxos e seja dito em honra do governo do Imperio, este nunca aceitou tão odiosos alvitres.

« A civilização dos indigenas nada tem de impossivel para todos os que examinarem os factos com animo limpo de prevenções e dos prejuizos creados pela ignorancia e paixões interesseiras. »

(Relatorio apresentado á assembléa provincial do Amazonas.)

Eis o quadro das differentes directorias e das tribus, que as compunham :

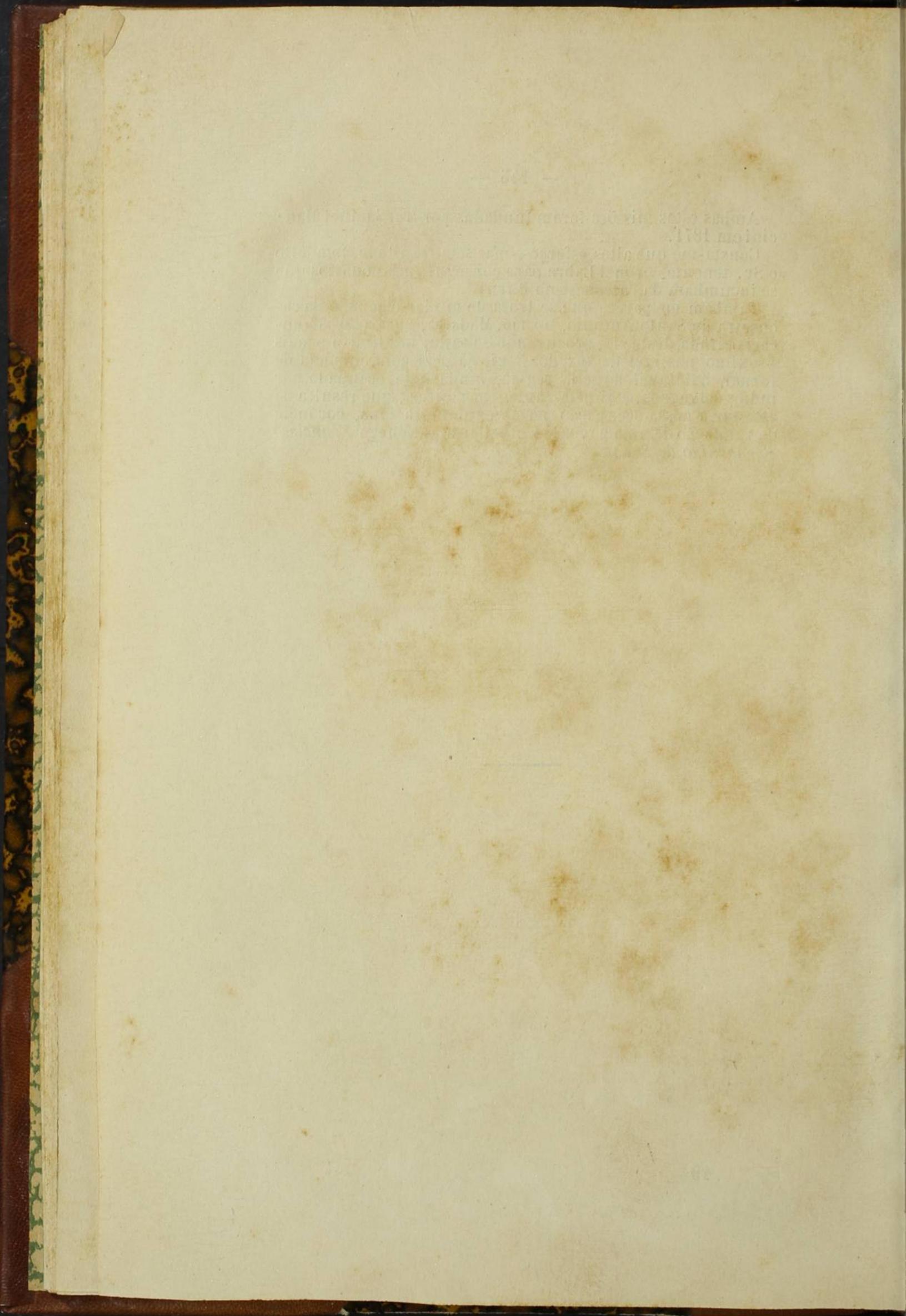
	<i>Directorias.</i>	<i>Nações.</i>
Rio Amazonas.	Manacapurú. Acará. Manacá e Juçurá. Aibú. Amatary. Içá. Jundiatuba. Catuá. Japurá. Teffé. Juruhá. Tonantins. Jutahy. Tabatinga. Fonte-Boa. Anamá. S. Paulo. Caldeirão. Maniquiry.	Mura. Idem. Idem. Idem. Idem. Pacé, Hyuri. Mura, Tucuma. Pacé, Hyuri. Idem. Idem. Maraná, Araus. Cayaxana. Mangerona. Tucuna. Mura. Idem. Idem. Cucama. Idem.
Rio Madeira.	Manicoré. Auta-assú. Abacaxis. Murumurutuba. Canumã. Maués. Andirá. Sapucaia-oroca. Crato. S. Paio. Mamurú.	Mura. Idem. Mundurucú. Idem. Idem. Mundurucú, Macú. Mura, Maué. Idem. Mura, Tará. Mura. Maué.
Rio Negro	Acará. Marançã. Uapés e Içana.	Xiriana, Bapianá. Jabana, Madacaná. Diversas.
Rio Branco.	Porto Alegre.	Saparã, Macuxi e outras.
Purús.	Alto Purús. Ituxy. Papaan. Arumã. Ayapuá.	Diversas. Idem. Idem. Idem. Mura.

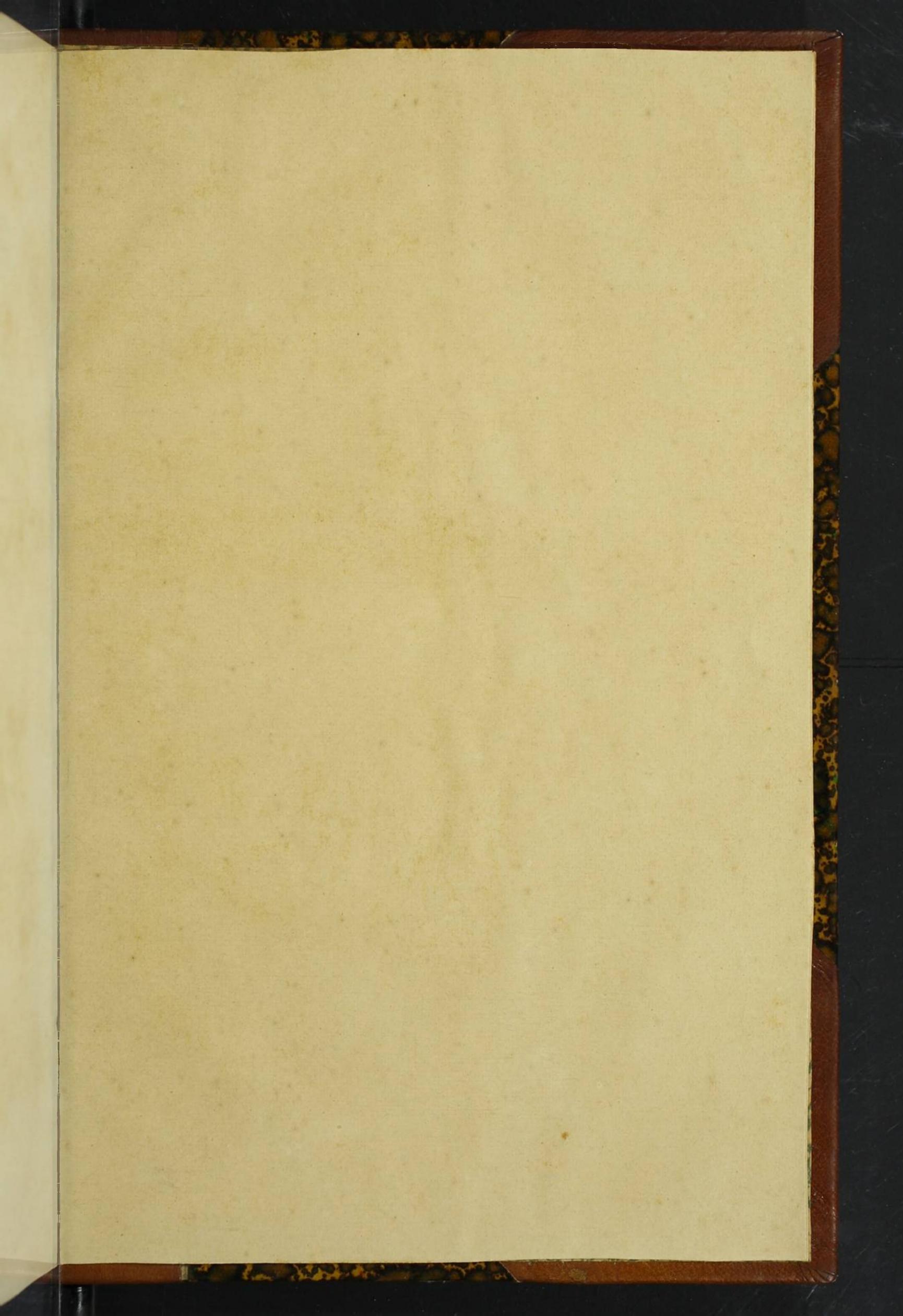
Actualmente só em dous pontos da provincia do Amazonas é que existem missionarios incumbidos dessa grande obra da civilização e da humanidade : um é no Caldeirão, pouco abaixo de Tabatinga, na margem esquerda do Solimões ; e outro no rio Madeira, abaixo da cachoeira de Santo Antonio.

Ambas estas missões foram fundadas por frei Samuel Mancini em 1871.

Consta-me que altos esforços, mas sem resultado, tem feito o Sr. tenente coronel Labre para conseguir missionarios que se incumbam da catechese no Purús.

Tambem me parece que se trata de mudar a missão da cachoeira de Santo Antonio, no rio Madeira, para a secção en-rachoeirada deste rio, procurando-se assim localizal-a o mais proximo possivel da foz do Beni, já pela conveniencia de tornar habitavel aquella região, ainda hoje occupada por indios selvagens, e já pela vantagem politica, que resulta de attestar a nossa occupação permanente nessa zona, por meio da fundação de uma povoação brasileira.—Conego *Francisco Bernardino de Souza*.





011926

JM





